

ANNO XX. FASC. 40

IUL. - DEC. 1951

ARCHIVUM HISTORICUM SOCIETATIS IESU

PERIODICUM SEMESTRE
AB INSTITUTO HISTORICO S. I.
IN URBE EDITUM



ROMAE
BORG S. SPIRITO 5

INDEX RERUM

	PAG.
I. Commentarii historici.	
SERAFIM LEITE S. I. - Pintores Jesuitas do Brasil (1549-1760).	209-230
PIETRO PIRRI S. I. - Il « Breve compendio » di Achille Gagliardi al vaglio di teologi gesuiti.	231-253
II. Textus inediti.	
JOSEF TESCHITEL S. I. - Der Nekrolog für P. Martin Gottseer S. I., Gründer des Collegium Nordicum zu Linz (1648-1731).	254-268
ERNEST J. BURRUS S. I. A Diary of Exiled Philippine Jesuits (1769-1770)	269-299
III. Commentarii breviores.	
EDMOND LAMALLE S. I. - Cornelis Cort a-t-il gravé un portrait de Saint Ignace de Loyola?	300-305
JOHN BERNARD McGLOIN S. I. - Michael Accolti Gold Rush Padre and Founder of the California Jesuits	306-315
IV. Operum iudicia.	
Jedin. - Brodrick-Boulangé. - Rodrigues. - Nicolau. - Razón y Fe. - Estudios Eclesiásticos. - Pensamiento. - Kohlbach. - Welch. - Tucci. - Schütte. - Sierra. - Memoria del primer Congreso de historiadores de México y los Estados Unidos. - Cody. - Simon. - Ruggles. - Cattau. - Delp-Bolkovac	316-351
V. Bibliographia de Historia S. I.	
auctore Edmundo Lamalle S. I.	352-406
VI. Selectiores nuntii de historiographia S. I.	407-413
Index voluminis XX	414-416

ARCHIVUM HISTORICUM SOCIETATIS IESU

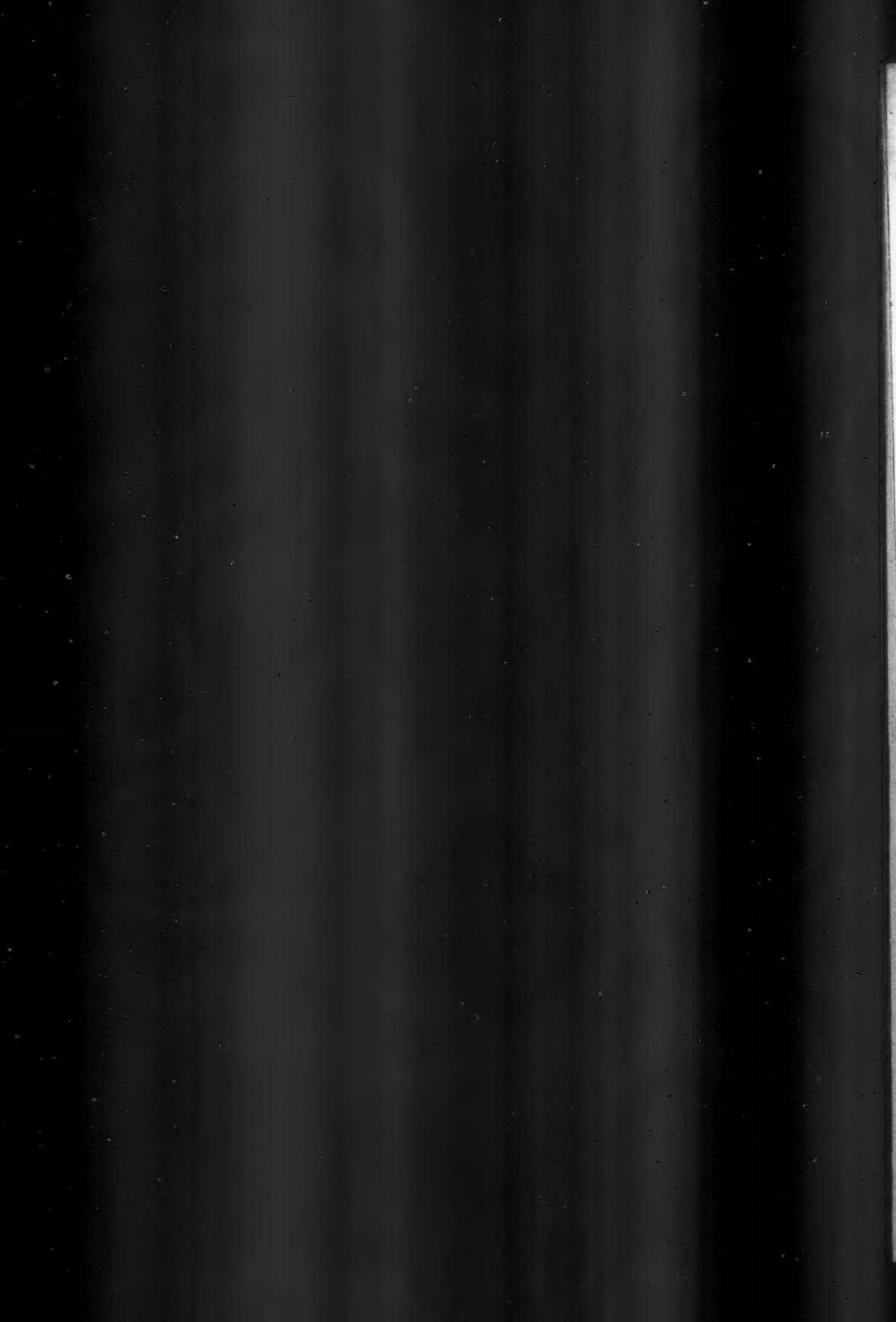
Annuae subscriptionis pretium: pro Italia Lirae 1500
extra Italiam » 2000

Inscriptio litterarum tam pro administratione quam pro redactione:

- Sig. Direttore Archiv. Hist. S. I. - Borgo S. Spirito 5, Roma.

Computus Postalis (conto corrente postale): ROMA 1-14709.

Subscriptio censetur continuata, quoad contrarium non significatur.



I. - COMMENTARI HISTORICI

PINTORES JESUÍTAS DO BRASIL (1549 - 1760)

pelo P. SERAFIM LEITE S. I. - Roma.

SUMMARIUM. - Praemissis quibusdam generalioribus de operibus artis a Lusitanis in Brasiliam invectis atque de influxu indigenarum in artium progressum, tres Patres S. I. arti pictoriae dediti recensentur ac veteres effigies praecipuorum missionariorum numerantur. Demum vitae et operum cursus minutatim profertur septemdecim Fratrum coadiutorum, qui tempa domosque Brasiliæ provinciae ac Maragnonensis viceprovinciae pictis operibus ornarunt.

A Companhia de Jesus não cultivou a pintura e demais artes plásticas por vocação, isto é, como elemento específico da sua actividade. Não se fundou para Escola de Belas-Artes, mas Instituto Religioso de Ensino e de Missões; e, segundo isto, cultivou-as como elemento subsidiário à sua função de Educadora e Evangelizadora. E, também, para esplendor do culto.

Na Europa, os Padres recorriam geralmente aos artistas das cidades onde residiam, ou os próprios artistas se ofereciam. A S. Inácio se ofereceu Miguel Angelo para o desenho da Igreja do Gesù, que depois fez Vignola¹. E os mais ilustres pintores estavam à disposição dos Jesuítas, como Sanches Coelho, Rubens e outros, entre os quais Van Dyck, de quem não há muito se descobriram no Vaticano dois quadros, um de S. Inácio, outro de S. Francisco Xavier².

No Brasil, no imenso sertão que era a nova terra, à chegada dos Portugueses, sem cidades nem vilas, os primeiros Padres, com as suas próprias mãos, fizeram de Miguel Angelo e de Vignola, em casas de taipa que duraram três anos, um pouco à maneira dos

¹ « La yglesia yra aora más adelante, aunque ha tenido grandes contrariedades (por lo mucho que Dios se ha de servir della, como creo), tomando cargo de la obra el más célebre hombre que por acá se sabe, que es Michael Angelo (que también tiene la de san Pedro), y por devotión sola, sin enterese alguno, se emplea en ella »: carta de S. Inácio, de 21 de Julho de 1554, MHSI, *Mon. Ign.*, 1a s., VII (1908) 257; cf. P. PIRRI, *La topografia del Gesù di Roma e le vertenze tra Muzio Muti e S. Ignazio secondo nuovi documenti*, AHSI, 10 (1941) 291.

² Cf. REDIG DE CAMPOS, *Intorno a due quadri d'altare del Van Dyck per il Gesù di Roma ritrovati in Vaticano*, em « Bollettino d'arte » 30 (Roma 1936-1937) 150-165.

Índios; e as pinturas seriam algum tosco ornamento a condizer com as casas. Os primeiros Irmãos e até Padres tiveram de exercitar ofícios, mas a catequese exigia a sua presença. Era urgente que viesssem oficiais já feitos. E foi este um dos primeiros pedidos de Nóbrega para Portugal: e começaram a ir à proporção do possível³.

Pelo que toca à pintura, as primeiras imagens, estampas e painéis, que houve no Brasil, foram de Lisboa, não só quadros pintados, mas os que em Portugal se chamam « registros » e popularmente « santinhos ». A difusão destas estampas ou painéis foi rápida por todo o Brasil, até onde quer que chegassem Portugueses e os seus Missionários, às vezes a regiões bem remotas dos núcleos povoados, como ainda eram em 1613 as Aldeias do Rio Grande do Norte, onde Pero de Castilho as viu: « Em chegando a qualquer destas Aldeias, nós fámos logo à Igreja, porque em todas as há, e algumas mui bem acabadas com seus sinos e soma de painéis de santos pelas paredes »⁴.

As gravuras nem todas seriam portuguesas. Sabe-se que pelos meados do século XVI Antuérpia era centro produtor e exportador; e através de Lisboa tomaram o rumo do Oriente, onde circularam por exemplo na corte do Grão-Mogol (fins do século XVI) como elemento de inspiração para os pintores mogóis. Maclagan consagra muitas páginas aos Jesuitas da Assistência de Portugal, e às pinturas que levaram e aos álbuns mogóis, que enriquecem hoje Museus públicos e coleções particulares⁵.

Na Baía não havia pintores locais, à chegada dos Portugueses; mas como também o Brasil nascia então, as primeiras pinturas feitas por eles assumem o carácter de iniciação, e, portanto, de alto valor histórico. Pesquisas mais aprofundadas neste campo irão catalogando os antigos quadros pintados no Brasil, e quais as primeiras fontes de inspiração, portuguesas, flamengas, romanas, indígenas, etc. Trabalho lento e difícil, muito menos estudado do que a Arquitectura e Escultura, porque requere não só o exame directo e confrontos morosos, mas o conhecimento de antigos inventários, nem todos ainda impressos, onde há abundantes referências a quadros e pinturas.

Com as diversas fontes de inspiração europeia, é curiosa a ave-

³ Cf. SERAFIM LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, X (Rio 1950) no título de *Ofícios Mecânicos*; e também nos de *Arquitectura, Artes, Engenharia, Indústria*.

⁴ LEITE, *História*, V, 512.

⁵ EDWARD MACLAGAN, *The Jesuits and the Great Mogul* (Londres 1932) 222-267. Todo o Cap. XV, « The Missions and Mogul painting », com diversas ilustrações. Há uma boa tradução portuguesa, de António Álvaro Dória, *Os Jesuítas e o Grão Mogol* (Porto s/d), mas sem as ilustrações.

riguação histórica de que logo em 1552 se manifestou a influência local, com plumas à maneira dos Índios e quer-nos parecer também com o tacape indígena no decidido esforço de adaptação e captação, que tanto deu que falar ao Bispo recém-chegado. No dia do Anjo Custódio, ordenou-se uma procissão, em que tomaram parte e confraternizaram os meninos portugueses e os meninos índios. E em consonância com tal assistência, fez-se uma « cruz toda pintada de pluma da terra e muito formosa, e com o Menino Jesus no cimo da cruz, com vestido de anjo e uma espada pequena na mão »⁶.

Em Portugal, e em toda a Europa, o Menino Jesus levaria na mão um pequeno cetro, símbolo da realeza; nas Aldeias da Baía, para os Índios compreenderem o símbolo do poder, puseram-lhe na mão um tacape indígena, isto é, uma pequena espada. Na verdade, o tacape era a espada dos Índios e por este termo formal de *espada*, se descrevia⁷.

Algum tempo depois já se faz pintura artística. O P. Manuel Álvares, arribado à Baía em 1560, pintou, a pedido dos Padres do Colégio, um frontispício, que se estreou na quaresma do ano seguinte⁸. Não se trata de curioso, mas de pintor notável, que deixou bons quadros nos Colégios de Coimbra e Goa⁹. Manuel Álvares demorou-se na Baía mês e meio, seguindo depois para o Oriente, onde a nau S. Paulo, em que ia, padeceu famoso naufrágio de que o próprio Padre escreveu pormenorizada descrição entremeada com alguns desenhos à pena¹⁰. Outros Jesuítas pintores terão passado pelo Brasil, quer a caminho do Oriente (missões portuguesas), quer a caminho do Sul da América (missões espanholas), como em 1617 o Ir. Luís Berger, que no Paraguai, entre outros ofícios, foi pintor e músico¹¹.

⁶ Carta dos Meninos Órfãos de Lisboa, Baía, 5 de Agosto de 1552, em LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas* (S. Paulo 1940) 149.

⁷ Cf. FERNÃO CARDIM, *Tratados da Terra e Gente do Brasil* (Rio 1925) 187-189, ao tacape chama espada. E diz que assim como os Índios têm o rosto pintado, « o está também a *espada*, a qual é de pau, ao modo de palmatória, senão que a cabeça não é tão redonda, mas quase triangular e as bordas a acabam quase em gume ». Nas páginas seguintes, Cardim continua a chamar *espada* ao tacape dos Índios. Sobre o tacape e vocábulos similares indígenas, cf. *ib.*, 248.

⁸ LEITE, *História*, II, 334.

⁹ ANTÓNIO FRANCO, *Imagen de Coimbra*, II, 373; e cf. *ib.*, 359.

¹⁰ Cf. LEITE, *História*, II, 334.

¹¹ Cf. « Lettre de Louis Berger peintre de la Compagnie de Jésus envoyée de Saint Salvador du Brazil au R. P. Gilles Chisaire, recteur du Collège de Mons en Janvier 1617 ». Arq. Prov. Port., Pasta 94 [20], publ. em *Histoire du massacre de plusieurs... religieux... (Valenciennes 1620) 2^e part.*, p. 76-80, cit. por P. DELATTRE-E. LAMALLE, *Jésuites Wallons, Flamands, Français Missionnaires au Paraguay 1608-1767*, em AHSI, 16 (Roma 1947) 123.

Mas o que importava realmente ao Brasil eram oficiais artistas com residência estável. O Bem-Aventurado Inácio de Azevedo, depois de ter estudado e conhecido bem o que era necessário, indo como Procurador a Roma, ao voltar ao Brasil em 1570, levava numerosos artistas, e entre eles pelo menos um pintor, o B. João de Maiorga, que não chegou ao seu destino, pelo fim da expedição, trágico e simultaneamente glorioso, porque os 40 Mártires do Brasil estão hoje nos altares. Em Maio de 1574 admitiu-se na Baía um Manuel Sanches, de Vila Nova do Porto, com 20 anos, « pintor »¹², que não deve ter passado do noviciado, porque só aparece no Catálogo desse ano, nem consta o seu nome entre os que faleceram na Companhia. Mas outros se pediam de Europa; e ainda que com dificuldade, por serem poucos e necessários, sempre se foi mandando algum. Fernão Cardim conta que em 1584 na Aldeia do Espírito Santo (Baía) se levaram, numa procissão de Índios, « muitas bandeiras que um Irmão, *bom pintor*, lhes fez para aquele dia em pano, de *boas tintas* »¹³.

Em 1587, chegou a Pernambuco, e logo depois à Baía, o Ir. Belchior Paulo, pintor, e que o iria ser por ofício mais de 30 anos. Exercitou a sua arte em diversos Colégios; e com o aumento do Brasil, construção e reconstrução de Igrejas, o pedido de pintores se renovava de vez em quando. E ainda um século mais tarde o Procurador a Roma, P. António Rangel, levava a incumbência de pedir ao P. Geral (1689) um Irmão pintor que o fosse e ensinasse outros¹⁴.

Estas Escolas de Pintura existiram em diversos Colégios, nomeadamente na Baía, Rio de Janeiro, Maranhão e Pará. Não eram Escolas no sentido moderno, mas onde, sem excluir quadros, se pintavam sobretudo estátuas, nos seus caprichos rendilhados, de tinta e oiro, de que parece se perdeu hoje o segredo; e na aprendizagem da pintura decorativa para que se aproveitavam também as inclinações dos próprios servos, como aquele Lucas Pintor, de Belém do Pará, que mereceu ao autor do *Diário de 1756-1760* a seguinte referência: « Morreu Lucas Pintor, em tantos de Agosto [de 1757], que era nosso escravo, e era do número dos que nos tiraram, e era da nossa Casa de Gibirié; as filhas ficaram parece em casa de Agostinho Rodrigues. O pintor morreu de bexigas. Foi o que pintou o arco da Capela-mor e dourou todos os altares da Igreja [do Pará] e de Iguarari e de Gibirié e Porto Salvo, que foi da sorte que estava »¹⁵.

¹² *Bras.* 5 (1), 12.

¹³ Cf. LEITE, *História*, II, 594.

¹⁴ Fondo Gesuitico, *Assist.* 627.

¹⁵ LEITE, *História*, VIII (*Biobibliografia*, I) 226.

Agostinho Rodrigues, citado nesta referência, é um dos pintores da Companhia de Jesus na América Portuguesa, nos dois Estados, de que constava, e aos quais correspondiam a Província do Brasil e a Vice-Província do Maranhão e Pará. Mas é natural que houvesse mais do que os 17 que se verão. O caso de 1584 deve ter-se repetido, sem ser possível averiguá-lo. Em vão procuramos no Catálogo desse ano (que existe) o nome do Irmão « bom pintor ». De nenhum, porém, se dá o ofício a não ser de Jorge Esteves, « carpinteiro », e Francisco Dias, « arquitecto ». Seria este o « bom pintor »? Se Francisco Dias, arquitecto, fosse também pintor, talvez houvesse explicação local para os *Painéis da Paixão*, que em 1584 guarneциam a Capela dos Irmãos do Colégio da Baía¹⁶, e outras pinturas como o retábulo da Anunciação, de Porto Seguro, na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, a propósito do qual, sem julgar que fosse o mesmo, lebramos o quadro que Pedro da Fonseca dizia estar em Lisboa em Dezembro de 1574¹⁷. Sabe-se que Francisco Dias era grande devoto da Ajuda, onde recuperara a saúde. Mas os quadros poderiam ter ido já feitos de Portugal e doutras partes da Europa, como muitos foram, e um com certeza, a imagem de *Nossa Senhora de S. Lucas*, existente na Igreja do Colégio da Baía, hoje Catedral-Primás.

Sobre esta *Nossa Senhora de S. Lucas*, cuja fotocópia publicamos¹⁸, pouco há que acrescentar. Dissemos que não podia ser a que levava em 1570 o Bem-Aventurado P. Inácio de Azevedo e perguntávamos se não seria alguma das cópias que se dizia ter feito o B. João de Maiorga. E, deixando a questão em aberto, concluímos: « O certo é que no dia 29 de Maio de 1575, Domingo da Santíssima Trindade, chegou à Baía aquela imagem de Nossa Senhora de S. Lucas »¹⁹. Indagando qualquer indício sobre o provável autor, parece-nos fora de dúvida que a imagem anunciada pelo P. Pedro da Fonseca, já em Lisboa em Dezembro de 1574, era a actual da Baía. E aparece um pintor em Roma, José Valeriano que em Março de 1573 seguiu para Espanha, onde entrou na Companhia a 10 de Agosto de 1574. O futuro Visitador do Brasil, Cristóvão de Gouveia, assinala a sua presença em Lisboa em 1579, a chamado de El-Rei D. Henrique, para o qual pintava então um retrato ou imagem²⁰. Que relação poderá haver entre ele e a imagem da Baía? Quando Valeriano ia a caminho de Portugal, escreveu ao P. Geral

¹⁶ Ib., II, 594.

¹⁷ Ib., II, 340.

¹⁸ Ib., II, 480-481.

¹⁹ Ib., II, 595-596.

²⁰ Ib., VIII (*Biobibliografia*, I) 281, letra K.

narrando em pormenor os seus trabalhos de Arquitectura em diversas cidades de Espanha, e diz que deixou uma *Nossa Senhora de S. Lucas* em Sevilha ²¹, e outra em Granada ²². Ainda que ele já estava na Companhia, quando se deve ter feito a imagem da Baía, parece mais óbvio que se pintasse em Roma; e não consta que ele mantivesse em Roma relações com os Padres da Companhia. Mas, sendo já da Companhia, Valeriano foi convidado a pintar quadros para o Brasil e estava disposto a isso em 1575. O Procurador em Lisboa das Missões Portuguesas, P. Alexandre Vallareggio, que havia sido Missionário do Japão, passou por Espanha e achou em Medina del Campo ao Ir. José Valeriano « grandissimo pintore ». Com a morte dos 40 Mártires do Brasil e a falta que ali faziam, e com a falta ainda maior no Oriente, onde falecera pouco antes o pintor P. Manuel Álvares, o Procurador propôs ao Irmão a extrema necessidade da India, onde « estão infinitas igrejas sem imagens, nem haver quem as pinte, e especialmente Japão, Costa de Comorim e Moluco; e poderia, antes de partir para a India, estar 6 ou 7 meses em Portugal fazendo algumas imagens grandes para o Brasil ». Valeriano acedeu, e com firmeza, diz o Procurador, que pede o Irmão ao P. Geral. E se o P. Geral não conceder tão justo pedido, ao menos permita ao Irmão que passe uma temporada em Portugal até prover, « com pouca despesa, aquelas Igrejas; e, porque sei que Sua Reverenda Paternidade deseja, mais do que eu, ajudar a India e o Brasil, não me estendo mais em escrever a sobredita necessidade ». Insiste apenas em que, se o P. Geral conceder o Irmão para as Missões Portuguesas, ordene que em Espanha ninguém possa impedir a sua partida, nem em Lisboa ocupá-lo senão no que ele, Procurador, quiser, que é, antes de partir para a India, « fazer imagens grandes para o pobre Brasil » ²³. O Procurador em Lisboa não alcançou o que queria, porque em Espanha o Irmão era necessário como Arquitecto, em que se ocupou, e cansou, e adoeceu, de tal maneira que quando em 1579 foi realmente a Lisboa, já não se tornou possível demorar mais de cinco meses; e voltou à Itália ²⁴.

²¹ « También se le dexó una Imagen de Nuestra Señora grande, de las de S. Lucas »: carta do Ir. José Valeriano ao P. Geral Everardo Mercuriano, de Medina del Campo, 12 de Março de 1579, *Hisp.* 127, 33r.

²² « También se dexó en este Colegio otra Nuestra Señora como la de Sevilla », *ib.*: 33v.

²³ Carta do P. Alexandre Vallareggio ao P. Mercuriano, de Medina del Campo, 27 Maio de 1575, *Hisp.* 124, p. 72; cf. *Lus.* 67, 103v.

²⁴ Em vez do pintor, obteve-se a promessa de que se enviaria un Irmão, João Bolentino, que em Medina do Campo aprendesse a arte com Valeriano « un sufficiente pittore italiano dei nostri », escreve o P. Geral Mercuriano ao P. Francisco Adorno, que entrara na Companhia em Coimbra, e então era Provincial de Insúbria (de que se originaram depois as duas Províncias de Milão e Veneza). Tinha-

Entretanto, o Brasil continuava a ter necessidade de imagens e também de quem se encarregasse das plantas de Colégios e Igrejas que se projectavam um pouco, por toda a parte, em todas as cidades e vilas principais. E enviando-se o P. Gregório Serrão como Procurador a Roma, concedeu-lhe o P. Geral em 1576 que levasse consigo, quando voltasse ao Brasil, mas por empréstimo, isto é, apenas para fazer as plantas e dar andamento às obras, o Arquitecto, Ir. Francisco Dias, que havia presidido às obras da Igreja de S. Roque em Lisboa. Esta luta pelos artistas de construção andava tão acesa, que José Valeriano, na carta em que dá conta ao P. Geral da sua obra de Arquitectura, repete o dito dum Provincial de Espanha « que estimava tanto um pedreiro, em seu tempo, que daria uma dúzia de teólogos por um deles »²⁵.

Compreende-se que ao chegar o Ir. Francisco Dias, em 1577, e ao apreciarem os Padres do Brasil as suas qualidades e préstimos e a boa vontade com que ficaria, o retivessem, embora os Padres de Lisboa lembressem que não tinha ido para sempre, e o P. Geral ordenasse a sua volta. E ficou, não apenas 2 ou 3 anos, senão toda a longa vida que Deus lhe deu, como arquitecto e inspector das obras dos Colégios e Igrejas e mais tarde como piloto do navio da Companhia²⁶.

Mas teria sido ele também pintor? Seria aquele « bom pintor » de 1584, a que se refere Fernão Cardim? Sem falar de Miguel Angelo e outros, basta o exemplo de José Valeriano: de um pintor se fazia um arquitecto. (E pela sua carta de 1579 ao P. Geral se vê que era tecnicamente bom). Não ousamos, porém asseverá-lo de Francisco Dias, porque em nenhum documento vimos afirmação positiva, senão aquela referência a um Irmão, « bom pintor », presente na Baía, de que se dá notícia sem endereço pessoal expresso. E quanto aos quadros já então existentes no Brasil, tira-se da própria carta de 1575 do Procurador em Lisboa, que em Portugal se

lhe comunicado o Assistente de Portugal P. Pedro da Fonseca, que Adorno oferecera de boa vontade alguns Padres e Irmãos para a Índia. O Geral nomeia quatro, que pode mandar, entre os quais Bolentino: carta do P. Geral ao P. Francisco Adorno, 15 de Outubro de 1575, *Ven. 1, 111r*. Mas já se não trata do Brasil.

²⁵ « Consulté con el P. Provincial desta Provincia, el qual como descargase conmigo las cosas de Architectura, entiendo que ha prevenido a V. Paternidad por cartas al P. Gil Gonzales, el qual estimava tanto un albañil en su tiempo para esta Provincia que solia decir que daria una docena de teólogos por uno destos »: carta de José Valeriano ao P. Geral, de Medina del Campo, 12 de Março de 1579, *Hisp. 127, 36r*. — Sobre o pintor e arquitecto Giuseppe Valeriano tem o P. Pietro Pirri S. I., de Roma, reunido vários documentos inéditos, cuja consulta obsequiosamente nos facultou.

²⁶ S. LEITE, *Francisco Dias, Jesuíta Português, Arquitecto e Piloto no Brasil (1538-1633)* na « Brotéria » 51 (Lisboa 1950) 258-265.

faziam quadros encomendados pelos Padres do Brasil, pelo menos enquanto não houve na terra Irmãos pintores. Pela ida dos quais se continuava a insistir do Brasil até que em 1587 chegou a Pernambuco, e logo depois à Baía, Belchior Paulo, com quem se abre a lista dos Irmãos, que consta com certeza foram pintores no Brasil.

Lista, dizíamos, que não deve estar completa. A notícia de serem pintores só se recolheu, para alguns Irmãos, de documentos históricos diferentes dos Catálogos, que em determinados períodos usam apenas a fórmula genérica, própria dos Coadjutores: « ocupado nos ministérios de Marta ».

Com os nomes, praticamente perdidos em fórmulas assim pouco definidas, aparece, aqui e além, algum que manejou o pincel, Manuel de Sousa, por exemplo, na Baía em 1683, noviço, dourador²⁷, que deixou de pertencer à Companhia sem concluir o noviciado ou pouco depois. Neste caso mal se pode incluir entre os pintores jesuítas.

Também não se incluem alguns Padres, dotados de habilidade para a pintura, sem contudo a exercerem por ofício.

Um destes pintores amadores foi o P. João Filipe Bettendorff: « Fiz um retábulo de murutim, pintando ao meio Nossa Senhora da Conceição, pisando em um globo a cabeça da serpente, enroscada ao redor dele, com Santo Inácio à banda direita, e S. Francisco Xavier à esquerda »²⁸. Era em 1661, no Baixo Amazonas, Aldeia do Tapajós, hoje cidade de Santarém. E mais tarde, numa Aldeia perto de Cametá, grassandra a epidemia da varíola (por 1695) diz que expusera na Igreja « um belo painel de Nossa Senhora do Socorro, e outro de S. Francisco Xavier, ambos pintados com um cípó por minha mão »²⁹.

O P. Alexandre de Gusmão possuía habilidade manual para presépios do Natal e embutidos de casco de tartaruga (1684). Não se mencionaria aqui por isso, porque é outro sector, o da arte decorativa e mobiliária. Mas lê-se às vezes que também « pintou uma Natividade »³⁰. Embora se não conheça fonte de primeira mão, não se omite a referência, por não desdizer da sua curiosidade artística.

Do P. Eusébio de Matos, falecido em 1692, conta Barbosa Machado que entre as suas variadas preendas, uma era ser « pintor engenhoso do qual se conservão com estimação particular muitos dibuxos »³¹. Informação, de que se não pode duvidar, ao menos no que se refere a

²⁷ Bras. 5 (2), 61r.

²⁸ J. F. BETTENDORFF, *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão* (Rio de Janeiro 1909) 169.

²⁹ Ib., 592.

³⁰ ARGEU GUIMARÃES, *Notícia Histórica das Belas Artes, « Die. Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brasil »* I, 1595.

³¹ BARBOSA MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, 2^a ed., I, 745.

« debuxos », dada a autoridade de Barbosa Machado que, neste assunto, é de peso. Mas não é o autor dos preciosos quadros da sacristia dos Jesuítas da Baía, que lhe atribui Querino ³², porque foram pintados em Roma ³³.

* * *

De três Padres do Brasil se tiraram os retratos, quando faleceram e havia pintores que os fizessem. Tiraram-se de André de Almeida (1649), João de Almeida (1653) e António Vieira (1697); e pouco depois de falecer (1724), de Alexandre de Gusmão. De José de Anchieta, falecido antes destes, não há notícias concretas, mas convém fazer-lhe, depois, uma referência. E parece que se tirou o retrato de mais algum, sem contudo ficarem notícias positivas que habilitem a demarcar época e autor. De Nóbrega não se tirou, porque naqueles tempos heróicos não havia no Brasil tais preocupações; nem pintores no Rio de Janeiro em 1570.

Retrato do P. André de Almeida. Faleceu no Rio de Janeiro, a 22 de Janeiro de 1649, e o P. Reitor mandou que se lhe tivesse o retrato ³⁴. Não consta quem fosse o pintor. Talvez algum Padre ou Ir. Estudante « pintor amador » como os acima referidos. Não há Catálogo de 1649. Mas estava no Rio Eusébio de Matos em 1646 ³⁵ e era um dos 21 da Companhia que em 1649 cursavam Filosofia no mesmo Colégio ³⁶.

Retrato do P. João de Almeida. Faleceu no Rio de Janeiro a 24 de Setembro de 1653. Também se lhe tirou o retrato ³⁷. Residia no Colégio o insigne escultor e estatuário Ir. João Correia, que aliás já estava quatro anos antes, à morte do P. André de Almeida e podia ser ele o autor do seu retrato. Mas parece existir diferença de expressão do mesmo narrador, António Pinto, o qual, referindo-se a André de Almeida, fala em « penicillo », e aqui usa o termo mais apropriado ao buril do estatuário, « incisa ». Pelo retrato do Rio de Janeiro se fez o que anda na « Vida do Padre João de Almeida », 1656, que desenhou Erasmus Quellinus, gravou Richardus Collin, e se reproduz na « História da Companhia de Jesus no Brasil », V, 8/9.

Retrato do P. António Vieira. Faleceu na Baía, a 18 de Julho de 1697. Levaram-no para a Capela interior do Colégio e « se ordenou fi-

³² MANUEL RAIMUNDO QUERINO, *Artistas Bahianos* (Baía 1911) 45.

³³ Cf. LEITE, *História*, V, 122.

³⁴ « Ut tanti viri desiderium levaretur, Rectoris iussu penicillo fuit ipsius exhibita effigies, quae praesentibus solatio, posteris admirationi, omnibus erit incitamento »: *Sexennium Litterarum* do P. António Pinto, *Bras. 9, 20v*; cf. LEITE, *História*, VIII, 6.

³⁵ *Bras. 5 (1), 171v.*

³⁶ Cf. LEITE, *História*, VI, 4.

³⁷ « Incisa ipsius effigie »: *Sexennium Litterarum*, do P. António Pinto, *Bras. 9, 19v*.

casse em pintura o seu retrato »³⁸. Era pintor do Colégio da Baía o Ir. Domingos Rodrigues. De Vieira se reproduziram na *História*, três retratos e duas alegorias. Retratos: Como « Protector dos Índios », de Carlos Grandi (III, 20/21); como « Escritor », de Arnoldo Van Westerhout (IV, 4/5); como « Tribuno da Restauração », de Columbano Bordalo Pinheiro (IX, 4/5). Alegorias: « Vieira e as três Virtudes Teologais » (IV, 38/39); « Expulsão do Maranhão por defender os Índios » (IV, 54/55). —Os retratos de Grandi e Westerhout tiveram fonte comum.

Retrato do P. Alexandre de Gusmão. Faleceu em 1724 em Belém da Cachoeira. Em 1733, o P. João Honorato mandou « pintar a sua efígie » na Baía, pela qual se gravou a de Gotlieb Heüss em Augsburgo. Neste ano de 1733 era pintor do Colégio da Baía o Ir. Francisco Coelho³⁹. A gravura de Heüss é de traços mais vincados do que a que publicamos, todavia a composição é a mesma.

Sobre o retrato do P. José de Anchieta não há notícias coevas. Anchieta faleceu na Capitania do Espírito Santo a 9 de Junho de 1597. Se o retrato em que se pintou com um bastão na mão, que parece o mais antigo, foi feito depois da sua morte, o pintor seria Belchior Paulo, que estava no Espírito Santo em 1598, e talvez já ali residisse há alguns anos, e conhecesse pessoalmente Anchieta, porque o Catálogo anterior era de 1589 e não há notícias positivas sobre o lugar em que esteve esses 9 anos intermédios. Se não foi esta a fonte primitiva, o retrato tem que se considerar supositório. Do P. José de Anchieta reproduzimos dois retratos, um anônimo, representando-o já de idade, com um livro na mão⁴⁰, outro, rodeado de animais, ainda novo, de Carlos Grandi⁴¹.

Quer para este, na hipótese de ser supositório e feito mais tarde no século XVII, quer para os quatro retratos, três dos quais feitos em câmara mortuária, bem podia ser que se chamassem algum pintor de fora, que a esse tempo já existiam no Brasil; e, não havendo nenhuma designação concreta, tanto se pode afirmar uma coisa como outra. Mas a possibilidade de os pintores terem sido Irmãos de Companhia é evidente.

* * *

Os Irmãos pintores da Companhia, —pela ordem cronológica em que chegaram ou começaram a trabalhar no Brasil— desde o século XVI ao século XVIII, são: Belchior Paulo (português), João

³⁸ ANDRÉ DE BARROS, *Vida do Apostólico Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus chamado por antonomasia o Grande* (Lisboa 1746) 495; LEITE, *História*, IX, 411.

³⁹ Cf. LEITE, *História*, V, 197; ib., V, 4-5 (retrato).

⁴⁰ Ib., II, 3-4.

⁴¹ Ib., VIII (*Bibliografia*, I) 36-37.

Baptista (flamengo), Remacle Le Gott (belga), Domingos Rodrigues (português), João de Almeida (francês), Baltasar de Campos (holandês), Paulo Camilo (italiano), Francisco Freire (lusobrasileiro), Domingos Monteiro (português), Carlos Belleville (francês), João de Moura (português), António Alberto (português), João Xavier Traer (austriaco), Francisco Coelho (português), Luís Correia (português), Agostinho Rodrigues (português), Pedro Mazzi (italiano).

1. - BELCHIOR PAULO. Natural de Sernande (Felgueiras), onde nasceu por 1554⁴². Entrou em Coimbra em 1572 e exercitou-se algum tempo na Botica do Colégio, e em 1576 aparece com esta ocupação: «ensina a escrever» na 11^a classe do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra⁴³. Deve datar daí a sua vocação de pintor. O ser calígrafo do Colégio das Artes introduziu-o ao estudo do desenho e com isto ao da pintura. Pedido pelo Brasil, chegou a Pernambuco a 7 de Maio de 1587 e nos princípios de 1588, à Baía⁴⁴. Começou a ensinar meninos como em Coimbra. E era pintor. E assim continuou por muitos anos até que ficou pintor, sem mais. Por ocasião da sua morte, no Rio de Janeiro a 15 de Julho de 1619⁴⁵, recordou-se a obra com que aformoseara as Igrejas e Colégios da Companhia, da costa do Brasil nos 30 anos em que exerceu a arte e se diz que eram numerosos os seus quadros e apurado o seu pincel: «*Collegia simulacribus nec paucis nec rudi penicillo depictis exornavit*»⁴⁶. Para o inventário histórico do património artístico do Brasil é útil conhecer-se a estada de Belchior Paulo nos diversos Colégios, com margens de residência —antes ou depois— maiores do que as simples datas dos Catálogos:

Baía, 1589 (*Bras.* 5, 32r); Espírito Santo, 1598 (*Bras.* 5, 40v); Rio de Janeiro, 1600 (Leite, *História*, I, 582); Rio de Janeiro, 1601 (*Bras.* 5, 49v); Santos, 1606 (*Bras.* 5, 62v); Santos, 1607 (*Bras.* 5, 65v); Santos, 1610 (*Bras.* 5, 84v); Baía, 1613 (*Bras.* 5, 98r); Baía, 1614 (*Bras.* 5, 111r); S. Paulo de Piratininga, 1616 (*Bras.* 5, 116r); Rio de Janeiro, 1617 (*Bras.* 5, 117v).

Observa-se que entre as datas há longos períodos intermédios e é natural que o Ir. Belchior Paulo trabalhasse noutros Colégios vizinhos, como são os do Rio de Janeiro, Santos e S. Paulo. Mas as datas são expressas para o Rio de Janeiro no fim do século XVI e começo do século XVII (...1600...), a coincidir exactamente com a idade dos três altares da antiga igreja do Morro do Castelo, salvos da demolição, e que se conservam na Santa Casa da Misericórdia, e a cuja importância e beleza se refere Lúcio Costa⁴⁷. De um, o de Nossa Senhora, com um

⁴² Tinha 20 anos em 1574, *Lus.* 43, 469r.

⁴³ *Lus.* 43, 509r.

⁴⁴ LEITE, *História*, I, 569.

⁴⁵ *Hist. Soc.* 43, 66r.

⁴⁶ *Bras.* 8, 278r.

⁴⁷ Cf. LEITE, *História*, VI, 24.

grande painel em que ela se representa abrigando sob o seu manto os seus filhos (já havia no Colégio Congregação mariana), se pode ver a gravura em *História*, VI, 104/105.

A Ânua de 1619, ao narrar o falecimento de Belchior Paulo, o seu talento de pintor e também o seu magistério e o seu fervor e piedade, tem que nasceu em S. Pedro de Torrados⁴⁸. Antes, os Catálogos sempre diziam Sernande, e ambas são povoações limítrofes do Distrito do Porto.

2. - JOÃO BAPTISTA. De Horne, Flandres. Nasceu por volta de 1557, pois em 1607 tinha 50 anos. Entrou na Companhia em Pernambuco a 5 de Junho de 1606. Era convertido do protestantismo ao catolicismo, e pintor de profissão, arte que continuou a exercer como Jesuíta⁴⁹. Da obra deste pintor flamengo fala Fernão Cardim: Diz que se aumentou muito o Colégio de Olinda e que João Baptista o ornara de « quadros pintados em madeira »: « Pictis insuper nobilitatur tabulis, commodius id quidem, quod a nostro pictore, qui non multum ante tempus ad nos-tros est cooptatus »⁵⁰. Passando para o Colégio da Baía, o Ir. João Baptista continuou a vida de pintor, repartida entre o trabalho e a oração. Faleceu no mesmo Colégio da Baía, com 55 anos de idade, a 3 de Setembro de 1609. E diz a Ânua que sabia bem a arte: « graphicus admodum peritus »⁵¹.

3. - REMACLE LE GOT. Natural de Marche-en-Famenne (Bélgica), onde nasceu em 1598. Entrou na Província Galo-Belga a 14 de Janeiro de 1619. Era bordador de profissão (« acupictor »), antes de entrar na Companhia⁵². Foi pedido pelos primeiros Padres cativos dos Holandeses, quando depois de libertados, passaram pela Bélgica de volta ao Brasil, para onde com eles embarcou de Lisboa, em 1628, com o nome de Inácio Lagott⁵³. A profissão, que tinha, implicava o conhecimento do desenho que no Brasil se aplicou à pintura. O Catálogo de 1631 dá-o como « pintor e bordador », e « habet talentum bonum ad picturam et caelatoriam artem »⁵⁴. Em breve foi nomeado Soto-ministro, mas a invasão holandesa, que sobreveio e se arrastou em Pernambuco, deve ter criado dificuldades à sua permanência no Brasil; e pediu ao P. Geral que houvesse por bem aliviá-lo do ofício. O seu nome corrente era então Ir. Largo. O P. Múcio Vitelleschi recomenda, em 1634, ao Provincial do Brasil que, se a causa for justa, lhe conceda o que pede, conforme à caridade da Companhia e ao estilo do seu bom governo⁵⁵. Voltou à

⁴⁸ *Bras.* 8, 278r.

⁴⁹ *Bras.* 5 (1), 72r.

⁵⁰ Carta de Fernão Cardim, da Baía, 11 de Abril de 1607, *Bras.* 8, 62r; LEITE, *História*, V, 416.

⁵¹ « Annuae Litterae Provinciae Brasiliæ 1609 et 1610 », *Bras.* 8, 103r; Bibl. Vitt. Em., Fondo Gesuitico 3492/1363, nº 6.

⁵² Cat. da Prov. Gallo-Belg. dos anos de 1622 e 1625.

⁵³ LEITE, *História*, VI, 592.

⁵⁴ *Bras.* 5 (1), 129r.

⁵⁵ *Bras.* 8, 431v, 432ar.

sua Província Galo-Belga; e o Catálogo de 1636 dá-o no Colégio de Douai (França) com o nome de Inácio Goth. Nos Catálogos da mesma Província, de 1628 e 1633, não está nem Remacle Le Gott nem Inácio Goth, o que identifica o nome e a sua ausência no Brasil.

4. - DOMINGOS RODRIGUES. Natural de Arruda dos Vinhos. Nasceu por 1632, porque entrou na Companhia a 24 de Dezembro de 1657, com 25 anos de idade ⁵⁴. Foi para o Brasil em fins de 1659 ou começos de 1660 e ficou algum tempo no Camamu a ajudar nas pescarias, mas declara-se que é pintor e que para isso tem talento ⁵⁵. Residia na Baía em 1663, e se dizia em 1667 que era escultor ⁵⁶; e em 1670, dourador das esculturas e talha da igreja nova (a que é hoje Catedral-Primás) ⁵⁷. E assim se ocupou vários anos, incluindo o de 1679, a cujo tempo pertencem as duas imagens de S. Inácio e S. Francisco Xavier, pintadas em madeira a que se refere Ferdinand Denis: « Les peintures du maître-autel, représentant Ignace de Loyola ainsi que S. Francois-Xavier, sont peut-être les seules œuvres d'art remarquables qu'on trouve aujourd'hui à Bahia » ⁵⁸. Conviria averiguar se não houve restaurações ulteriores, como há indícios em diversos quadros da Igreja do Colégio da Companhia depois que passou a outras mãos. Nem o facto de ser Domingos Rodrigues o pintor do Colégio à data daquelas imagens, é garantia absoluta de ser ele o autor. Mas lógicamente assim parece. Da Baía, o pintor foi passar uma temporada em Santos no exercício da sua arte e aí residia em 1683 ⁵⁹, o que levava consigo a estada em S. Paulo, não se sabe quantos anos. E torna a achar-se na Baía, sempre no mesmo ofício em 1692 ⁶⁰. Em 1694 declara-se « dourador e pintor », e que o fora em diversos lugares ⁶¹, e qualifica-se a sua arte: « pintor, regular; dourador, insigne », classificação que se mantém. Faleceu na Baía a 23 de Agosto de 1706 ⁶².

5. - JOÃO DE ALMEIDA. Do Hâvre de Grace (França), onde nascceu por 1635. Entrou na Companhia em 1656, na Baía, e aí estava em 1660 com

⁵⁴ *Lus.* 45, 222v. Este Catálogo de 1658, trá-lo, *neste ano*, com 26 anos, e que por ser o primeiro parece o mais seguro. O Cat. de 1660 dá-o com 22 anos e diz que foi admitido em Lisboa em 1657 (*Bras.* 5, 233v), e, depois, entre os admitidos nesse quadriénio com a data de 24 de Dezembro de 1658 (*Bras.* 5, 249r). O Catálogo de 1701 (*Bras.* 6 (1), 7v) diz que entrou a 22 de Dezembro de 1657 com 20 anos de idade (LEITE, *História*, V, 585). O Cat. de Portugal de 1658 deixou em branco o lugar da naturalidade; os do Brasil, depois de alguma hesitação, fixaram-se em Torres Vedras e « Araundisensis » (Arruda) no « Arcebispado de Lisboa ». Arruda dos Vinhos pertencia naquele tempo à Comarca de Torres Vedras.

⁵⁵ *Bras.* 5 (1), 233v.

⁵⁶ *Bras.* 5 (2), 30v.

⁵⁷ *Ib.*, 33v.

⁵⁸ FERDINAND DENIS, *Brésil* (Paris 1839) 235.

⁵⁹ *Bras.* 5 (2), 66v.

⁶⁰ *Ib.*, 85r.

⁶¹ *Ib.*, 110r.

⁶² *Hist. Soc.* 51, 74r; LEITE, *História*, V, 139.

a idade, que se diz, de 25 anos⁶⁵. No ano seguinte, com o P. Ricardo Carew (irlandês) partiu para a Missão do Maranhão⁶⁶, e foi destinado ao Pará⁶⁷. Mas em breve voltou ao Maranhão, onde o P. António Vieira o encarregou da planta para a reconstrução do Colégio de Nossa Senhora da Luz, com « eirado sem tecto para se poder espairecer »⁶⁸. A planta era um « belo debuxo feito pelo Ir. João de Almeida, francês de nação, que tinha vindo do Brasil, e era engenheiro, ao menos bem principiante, de sua profissão »⁶⁹. Sobrevidno em 1661 o Motim do Maranhão contra os Padres por defenderm a liberdade dos Índios, recusando o Ir. João de Almeida sair do Colégio, « um certo Arnau Pequeno o abraçou como um menino e o pôs da portaria para fora »⁷⁰. Embarcado para Lisboa, ficou em Portugal até voltar à Missão em 1663⁷¹. Em 1668 fez uma entrada aos Poquis do Rio Tocantins, donde trouxe uma « grossa pedra de cristal »⁷²; e à volta pintou, antes da festa de S. Francisco Xavier, os altares colaterais da Igreja do mesmo Santo, no Pará⁷³. Porque, explica outra vez Bettendorff, « por ter sido companheiro de um engenheiro, sabia debuxar e pintar mui bem »⁷⁴. Depois passou a Cametá e ao Xingu⁷⁵. Em Abril de 1678, o P. Superior Pier Luigi Consalvi, que acompanhou o Capitão-mor Vital Maciel Parente à Guerra dos Tremembés, levou consigo o Ir. João de Almeida. Nesta expedição exploraram o Rio Parnaíba. A derrota dos Tremembés foi no dia 6 de Junho, consagrado a S. Norberto, « cuius vitam eadem die per imagines descriptam elegantissimas lustraveramus »⁷⁶. Consalvi dá esta notícia e não cita o Irmão pintor da vida de S. Norberto, com o qual não ficou bem disposto e o mandou a seguir para a Província do Brasil⁷⁷. Não podendo passar a Pernambuco, João de Almeida voltava ao Brasil, via Portugal como se fazia com frequência. Mas faleceu na Ilha Terceira (Açores) antes de 1 de Fevereiro de 1679, data em que Vieira já se refere à morte do seu antigo companheiro, a quem muito apreciava por suas qualidades e talentos⁷⁸.

⁶⁵ *Bras. 5 (1)*, 235v.

⁶⁶ LEITE, *História*, IV, 338.

⁶⁷ BETTENDORFF, *Chronica*, 79.

⁶⁸ LEITE, *História*, III, 118.

⁶⁹ BETTENDORFF, *Chronica*, 144.

⁷⁰ Ib., 166, 241.

⁷¹ *Bras. 5 (2)*, 12; LEITE, *História*, IV, 340.

⁷² BETTENDORFF, *Chronica*, 257.

⁷³ LEITE, *História*, III, 216, 340.

⁷⁴ BETTENDORFF, *Chronica*, 254.

⁷⁵ Ib., 257, 262.

⁷⁶ *Bras. 26*, 74v-76r.

⁷⁷ LEITE, *História*, III, 164-165.

⁷⁸ Carta de Vieira ao P. Pier Luigi Consalvi, Lisboa, 1 de Fevereiro de 1679, publicada por C. R. Boxer na « Brotéria » 45 (1947) 470. Bettendorff diz que lhe assistiu à morte edilicante o P. Bento de Oliveira; e acrescenta que o P. João de Almeida (o de Londres) predissera a sua morte na Companhia (*Chronica*, 394). Mas o Padre faleceu em 1653, e o Irmão entrou na Companhia em 1656.

6. - BALTASAR DE CAMPOS. Da Diocese de Bois-le-Duc (Holanda), onde nasceu por 1614. Entrou na Companhia por 1639. Estava no Colégio de Évora em 1655, como Mestre de Meninos ⁷⁹. Era homem de boas forças, fleumático e bom talento ⁸⁰. Em 1661 achava-se na Casa Professa de Lisboa ⁸¹, esperando embarque para o Maranhão, onde chegou por Outubro do mesmo ano ⁸². Baltasar de Campos era pintor e como muitos mais Irmãos na Companhia tinha outro ofício de Catálogo, que no Brasil foi, como em Évora, o de Mestre de Meninos e o era no Colégio do Pará por 1681: « Estavam os nossos Irmãos Coadjutores ensinando os Meninos da Escola a ler, escrever e contar, pois nisto eram destros o Ir. Marcos Vieira, e sobre todos o Ir. Baltasar Campos » ⁸³. Da sua obra artística informa-se, em 1671, que pintou os quadros da Vida de Cristo na sacristia da Igreja de S. Francisco Xavier do Colégio do Pará: « Inveni templum Divi Xaverii iam perfectum. Sacristiam etiam belle calce incrustatam, et tabellis vitae Christi a fratre nostro Balthasare a Campus utquaque ornatam » ⁸⁴. Faleceu a 29 de Março de 1687, não se diz onde, supomos que no Pará ⁸⁵.

7. - PAULO CAMILO. Natural de Cremona, onde nasceu por 1638. Tinha 24 anos de idade, quando foi admitido na Companhia em Lisboa no dia 4 de Novembro de 1662, pelo Visitador Geral do Brasil, Jacinto de Magistris, o qual o levou consigo no ano seguinte para a Baía. Era pintor destinado ao Maranhão, para onde não chegou a ir ⁸⁶. Da Baía passou ao Rio de Janeiro, onde estava em 1667 no exercício da sua arte ⁸⁷. Faleceu, na mesma cidade, a 8 de Março de 1669 ⁸⁸.

8. - FRANCISCO FREIRE. De Pernambuco (Olinda), onde nasceu por 1633. Era pintor de profissão, e casado. Morrendo a mulher, deixou Pernambuco e foi à Baía para entrar na Companhia de Jesus; e não achando afi o Provincial navegou para o Rio de Janeiro, onde foi admitido em Junho de 1663, com 30 anos de idade. Era homem de vida in-

⁷⁹ O Catálogo português de 1655 diz que é do Brabante, diocese de « Beldue », tem 41 anos de idade, 16 de Companhia e havia sido porteiro 5 anos e companheiro do Procurador 3 (*Lus.* 45, 125v). No Brasil aparece como « flamengo », sem mais indicação de naturalidade. Quanto ao nome: Campen ou Velde?

⁸⁰ *Lus.* 45, 240r.

⁸¹ *Lus.* 45, 284v.

⁸² LEITE, *História*, IV, 339; BETTENDORFF, *Chronica*, 179, 190.

⁸³ BETTENDORFF, *Chronica*, 280; LEITE, *História*, IV, 271.

⁸⁴ Carta de Bettendorff, do Maranhão, 21 de Julho de 1671: *Bras.* 9, 265v; LEITE, *História*, III, 216.

⁸⁵ Livro dos Óbitos do Colégio de S. Alexandre do Pará: Bibl. Nac. de Lisboa, Col. Pomb. 4, f. 3r.

⁸⁶ *Bras.* 5 (2), 12v, 25v.

⁸⁷ Ib., 31v.

⁸⁸ Bibl. Vitt. Em., ges. 3492-1363, n^o 6.

terior e pintor « exímio » ²⁹. Mas viveu pouco, falecendo com apenas 33 anos de idade no Colégio do Rio de Janeiro, a 7 de Abril de 1666 ³⁰.

9. - DOMINGOS MONTEIRO. Natural do Porto, onde nasceu por 1665. Entrou na Companhia com 26 anos a 5 de Julho de 1691. Era dourador na Baía em 1692 ³¹. Em 1694 trabalhava nas Fazendas do Colégio. O seu nome não está no Catálogo de 1707, mas ainda no de 1701 ³².

10. - CARLOS BELLEVILLE. Natural de Ruão, onde nasceu a 5 de Janeiro de 1657, entrou na Companhia com 23 anos de idade, em Bordeus, no dia 25 de Novembro de 1680 ³³.

Concluído o noviciado, esteve porteiro um ano na Rochela, donde foi enviado com o cargo oficial de sacristão a Poitiers e aí residiu 5 a 6 anos (1683-1688 ou 1689). Durante a sua estada em Poitiers dá-se no Catálogo como « faber lignarius », mas há referências em que se qualifica de « sculptor », e em Poitiers, « sculptor egregius ». Atribuem-se-lhe obras em Périgueux e Poitiers: « elles sont discutées », diz Delattre, que deixa a questão em aberto ³⁴. Como o Imperador da China pedia aos Padres da sua Corte que lhe mandassem artistas europeus, Carlos Belleville partiu da Rochela a 6 de Março e chegou a Cantão a 2 de Novembro de 1698. E logo, como todos os missionários da China, recebeu o Ir. Belleville o nome chinês de Wei Kia-Lou ³⁵. Em China, diz Delattre que executou obras de arquitectura, escultura e pintura, mencionando em concreto a Igreja da Missão Francesa ³⁶. Deve ser a igreja a que se refere o P. Pedro Vicente de Tartre em 1701. Conta ele que a Igreja dos Jesuítas de Cantão era o mais importante edifício da grande cidade. E querendo-a os pagãos derrubar, lhes contestou o Vice-Rei chinês que a não podia destruir, porque o Imperador construiria outra ainda mais bela em Pequim nos terrenos do seu próprio Palácio; e que um Irmão da Companhia « qui est très habile architecte, a conduit tout l'ouvrage » ³⁷.

Belleville, depois de estar 10 anos na China, voltava à Europa, quando arribando o navio à Baía em fins de 1708 ou começos de 1709, ficou doente em terra, e gostaria de ficar para sempre se o P. Geral consentisse.

²⁹ Bras. 9, 214r.

³⁰ Hist. Soc. 48, 48r.

³¹ LEITE, *História*, V, 586.

³² Bras. 6, 66.

³³ P. DELATTRE, *Frères Archivistes, Architectes et Artistes dans la Province d'Aquitaine*, em AHSI, 14 (1945) 148. Os Catálogos do Brasil, que em geral lhe chamam Belleville, dão o mesmo dia e mês de entrada, mas em 1678, Bras. 6, 81v.

³⁴ Loc. cit., 149.

³⁵ LOUIS PFISTER, *Notices Biographiques et Bibliographiques sur les Jésuites de l'Ancienne Mission de Chine 1552-1773*, I (Chang-Hai 1932) 536.

³⁶ DELATTRE, *loc. cit.*

³⁷ Lettre du Père de Tartre à Mr. de Tartre, son père, à Canton, le 17 Décembre 1701: *Lettres Édifiantes et Curieuses*, XVII (Paris 1781) 75. — Una nota do editor diz que se trata do Ir. Belleville.

tisse ⁹⁸. Deve ter permitido porque não voltou à Europa. Faleceu no Colégio da Baía a 29 de Setembro de 1730. Diz a Ánua que era exemplo de humildade em desviar de si os louvores que lhe davam, pela sua obra de arquitectura em que se notabilizara ⁹⁹. No Brasil, a pintura parece ter sido a sua principal ocupação, junto com a de companheiro dos Padres quando saíam fora (« associator »), qualidade que se nomeia em todos os Catálogos existentes do período em que viveu na América Portuguesa, 1716, 1719, 1720, 1722; no de 1719 também se diz « pintor e estatuário » ¹⁰⁰; e em 1720 e 1722, só « pintor » ¹⁰¹. Todos os Catálogos o trazem residente no Colégio da Baía, mas há dois saltos de oito anos cada um, quer antes de 1716, quer depois de 1722.

Sobre a sua obra artística no Brasil, averiguamos dois factos, um certo, outro presumível. Certo, que reviu e emendou o plano do Noviciado da Baía, na Jiquitaia, a cujo lançamento da 1^a pedra assistiu no dia 9 de Março de 1709: e é o actual Recolhimento de S. Joaquim ¹⁰²; presumível, a pintura do tecto da Igreja de Belém da Cachoeira no Recôncavo da Baía: porque se trata de arte florida de carácter chinês ¹⁰³.

11. - JOSÉ DE MOURA. Natural de Oliveira do Conde (Beira Alta), onde nasceu em 1674. Embarcou na expedição missionária, saída de Lisboa a 12 de Fevereiro, chegada ao Maranhão a 21 de Março de 1695 ¹⁰⁴; e foi recebido na Companhia dois dias depois ¹⁰⁵. Era « pintor ou desbuxador » ¹⁰⁶. Por esta referência de Bettendorff se sabe da profissão do Ir. José de Moura, sobre a qual não há mais notícias, a não ser que surgindo dificuldades, tratando-se, 18 anos mais tarde, de o despedir, escreveu o P. Geral que esperava se conservasse na Companhia « por ser benemérito » ¹⁰⁷. Não se conservou. Já não pertencia à Companhia em 1715 ¹⁰⁸. Que obras fizera nessa dúzia e meia de anos, para merecer o título de benemérito, não o conseguimos ver em documentos conhecidos.

12. - ANTÓNIO ALBERTO. De Lisboa, onde nasceu por 1686, pois ao entrar na Companhia, na Baía, em 23 de Maio de 1701, tinha 15 anos

⁹⁸ Bras. 4, 153r.

⁹⁹ Bras. 10 (2), 326r.

¹⁰⁰ Bras. 6 (1), 102r.

¹⁰¹ Ib., 107v, 111v.

¹⁰² LEITE, *História*, V, 142-143, 150.

¹⁰³ Ib., 196.

¹⁰⁴ Ib., IV, 345.

¹⁰⁵ Bras. 27, 13v, 28r.

¹⁰⁶ BETTENDORFF, *Chronica*, 576.

¹⁰⁷ Carta do P. Geral Tamburini, de 29 de Julho de 1713, em LÚCIO DE AZEVEDO, *Os Jesuítas no Grão Pard* (Lisboa 1930) 400.

¹⁰⁸ Bras. 25, 8v.

de idade ¹⁰⁹. « Pintor e dourador », diz o Catálogo de 1707 ¹¹⁰. No seguinte, que é o de 1716, não consta o seu nome.

13. - João XAVIER TRAER. Natural de Brixen, Tirol, onde nasceu a 23 de Outubro de 1668. Entrou na Companhia em Viena de Áustria a 27 de Outubro de 1696 ¹¹¹. Embarcou de Lisboa para as Missões do Maranhão e Pará em 1703. Tinha talento de pintor e escultor, e em 1723 era escultor em exercício ¹¹². Deixou os púlpitos da Igreja de S. Francisco Xavier (hoje mais conhecida por S. Alexandre) de Belém do Pará, cujos dosséis são no estilo barroco da Europa Central, sua pátria, e em que os Índios da terra colaboraram como discípulos seus ¹¹³. Homem não só de senso artístico, mas também de notável aptidão e capacidade para dirigir homens e ministérios temporais. Nos últimos anos estava à frente de diversas oficinas do Colégio do Pará e era Soto-ministro. Diz o seu necrológio que trabalhou muito nas obras do Colégio, como escultor e pintor, e em quase todas as Fazendas do mesmo Colégio. Utilizavam-se, nestas diversas obras, as boas madeiras do Rio Itapicuru (Maranhão), e Traer dirigia os transportes delas, quando numa das viagens marítimas naufragou na costa do Pará, diante da Aldeia de Maracanã. Tinha 68 anos feitos e ainda o trouxeram com vida para terra, mas faleceu no dia seguinte, 4 de Maio de 1737 ¹¹⁴. O P. Geral, que em 1734 lhe concedera os sufrágios da Província de Áustria, em que havia entrado na Companhia ¹¹⁵, sentiu grandemente a morte do benemérito Irmão ¹¹⁶.

14. - FRANCISCO COELHO. Natural do Porto, onde nasceu a 14 de Novembro de 1699. Entrou na Companhia na Baía, a 23 de Fevereiro de 1720, com a idade de 21 anos. Fez os últimos votos a 15 de Agosto de 1731 ¹¹⁷. « Bonus Pictor » ¹¹⁸. É o ofício permanente. Uma ou outra vez acrescenta-se: « e dourador » ¹¹⁹. Inteligente, e de temperamento, que a princípio se declarava melancólico e com o tempo se interpretou fleumático. Todos os Catalogos assinalam a sua presença na Baía desde 1720 a 1748. Passou depois ao Rio de Janeiro e residia em 1757 na Fazenda de Santa Cruz, como companheiro do P. Pedro Fernandes, que nessa Fazenda construiria a Ponte do Guandu e inciara a edificação

¹⁰⁹ LEITE, *História*, V, 587.

¹¹⁰ Bras. 6 (1), 41r, 58v.

¹¹¹ Austr. 126 (2), 597v: nome, João Treür.

¹¹² Bras. 27, 47v.

¹¹³ LEITE, *História*, V, 600.

¹¹⁴ Id., *História*, IX, 165, onde se dão referências bibliográficas e se nota a diversidade que há sobre o dia (sómente o dia, não mês nem ano) do nascimento. Reproduzem-se duas fotocópias dos púlpitos do Pará, *ib.*, III, 292-293; IX, 152-153.

¹¹⁵ Bras. 25, 61r.

¹¹⁶ Ib., 88.

¹¹⁷ Bras. 6 (1), 140r; LEITE, *História*, VII, 432.

¹¹⁸ Bras. 6 (1), 170.

¹¹⁹ Bras. 6 (2), 432.

duma grande Igreja¹²⁰. Faleceu no Colégio do Rio a 20 de Julho de 1759¹²¹.

Francisco Coelho pintou 16 quadros para o novo Refeitório do Colégio da Baía em 1740. Um representava a Ceia do Senhor e 15 eram retratos de Santos da Companhia e de alguns varões ilustres da Província do Brasil. Quadros grandes, belíssimos, como se dizia, « pintados » por um « Coadjutor Leigo », « por um dos Nossos », « de mão e pincel apurado »; e, como aludindo a ser « Colégio Real das Artes », a obra saiu não só de Religiosos, mas também real¹²². Como já em 1731 era « bom pintor » (e também de retratos), há fundamento para se lhe atribuir o retrato do P. Alexandre de Gusmão, de 1733, reproduzido em gravura na Alemanha¹²³. Outras obras deve ter feito o Ir. Francisco Coelho. Porque o longo tempo, que residiu na Baía, mais de um quarto de século, sempre no exercício da sua arte, assinalou-se por numerosas obras de pintura na Igreja e Colégio da Baía, no Noviciado da Jiquitaia, e noutras casas do distrito baiano.

15. - LUÍS CORREIA. Natural de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira), onde nasceu a 9 de Outubro de 1712. Entrou na Companhia a 25 de Abril de 1731 em Lisboa, destinado à Vice-Província do Maranhão, para onde partiu este mesmo ano¹²⁴. Era pintor, arte que exerceu no Colégio do Pará, entremeada com a de dourador. Em 1738 pediu ao Geral da Companhia para socorrer os pais com pinturas que poderia fazer nos tempos livres. O Geral remeteu-o para o Superior local, a quem recomendou que acedesse ao pedido do Irmão, com tanto que ele não faltasse às obrigações do seu estado religioso¹²⁵. Mas surgiram dificuldades em manter nos justos limites o que pedira o Irmão e concedera o Geral. Os Superiores locais, com reconhecerem que era dotado de talento e perícia na sua arte, ocuparam-no, como aos demais Irmãos, nos ministérios de Marta. E assim era em 1742¹²⁶. Não consta em concreto que obras teria executado nos 10 anos em que foi pintor do Colégio do Pará.

16. - AGOSTINHO RODRIGUES. Natural de Lisboa, onde nasceu a 28 de Outubro de 1721. Entrou na Companhia em 1736. No ano seguinte em-

¹²⁰ LEITE, *História*, VII, 444; cf. VI, 65.

¹²¹ Bibl. Vitt. Em., ges. 3492-1363, nº 6.

¹²² O Reitor « illud [triclinium] sexdecim praegrandibus Cenae Domini, Nostro-rum Caelitum, et aliorum Provinciae nostrae Heroum iconibus, parietibus circum-queaque defixis, et ab Adiutore Laico affabre depictis, pulcherrime adeo exornavit, ut non religiosorum modo hominum domus, verum etiam regale opus evaserit »: *Bras. 10* (2), 407v. A Ánua de 1741 volta a referir-se a estes quadros e retratos, « quos accurata quidem manu ac penicillo tabellis efformavit unus e Nostratisbus »: *Bras. 10* (2), 413v.

¹²³ Cf. LEITE, *História*, V, 147, 600.

¹²⁴ *Bras. 27*, 83; LEITE, *História*, IV, 353.

¹²⁵ Carta do P. Geral, 26 de Fevereiro de 1738: *Bras. 25*, 83r.

¹²⁶ *Bras. 27*, 107v.

barcou para a Vice-Província do Maranhão e em 1740 era pintor no Colégio do Pará¹²⁷. Tinha 19 anos e davam-no com talento para pintor e dourador; e que, se com a idade viesse a virtude, seria para os ministérios. Mas era novo demais para uma terra em que as vocações religiosas são difíceis. Em 1744 deixou de pertencer à Companhia¹²⁸, com a qual ficou em relações de amizade. E parece que se aplicou mais à escultura: « Hoje, 4 de Dezembro [de 1757] Nª. Senhora da Conceição, imagem nova que fez Agostinho Rodrigues (seu feitio custou 70 mil reis), foi da Sé em procissão para S. António, com a comunidade do Carmo, Mercês e Ordem Terceira »¹²⁹.

17. - PEDRO MAZZI. Nasceu em Roma a 13 de Novembro de 1722. Entrou na Companhia a 12 de Abril de 1753¹³⁰. Cremos que foi para o Brasil com o Provincial João Honorato em 1754. Era pintor (« sufficiens pictor »). Trabalhou no Colégio da Baía, e aí o surpreendeu a perseguição geral do século XVIII. Preso e exilado em 1760, saiu com vida do cárcere de S. Julião, em 1777, na restauração geral das liberdades cívicas¹³¹.

Os estudos históricos sobre a Arte no Brasil não atingiram ainda a plenitude de pesquisas, e permanecem muitas obscuridades em relação aos três primeiros séculos. Sobrevivem, felizmente, valiosas telas, tábua e tectos pintados, desde o Pará a S. Paulo. Quem for entendido, sem descurar os motivos pictóricos indígenas, os enquadrará com facilidade no estilo, que a cada qual compete, clássico, renascentista, barroco ou até mudéjar, como deste último se verificaram manifestações em pinturas existentes no México. Manuel Toussaint, todavia, fala mais da arquitectura e alude à influência do mudéjar português na Nova Espanha e das reminiscências do mesmo estilo (ou quase estilo) no Brasil; e pelo que toca à Companhia, refere-se às Igrejas de S. Pedro da Aldeia (Rio de Janeiro) e do Seminário de Belém da Cachoeira (Baía), e ainda à formosa sacristia renascentista do Colégio da Baía (hoje Catedral), onde se revelam ornatos mudéjares. Tira estas conclusões das fotografias

¹²⁷ Ib., 103v.

¹²⁸ Ib., 124v.

¹²⁹ LEITE, *História*, III, 221.

¹³⁰ Bras. 6 (2), 434v; LEITE, *História*, VII, 431.

¹³¹ Além destes 17 pintores há com certeza outros Irmãos ou Padres, que fizeram pinturas pelas inúmeras Aldeias do Brasil e do Maranhão, como dois a que se refere Bettendorff: O Ir. Marcos Vieira, do Porto, que pintou em 1691 uma capela no Maranhão, « por invenção sua » (*Chronica*, 519); e o P. João Ângelo Bonomi, de Roma, que construiu por 1693 uma igreja na sua Aldeia do Pará, « bela por suas pinturas engracadas », que ele pintou « por sua curiosidade e devoção » (*Chronica*, 570). Como nem um nem outro era pintor de ofício, a palavra « curiosidade » diz tudo para estes e outros casos semelhantes.

publicadas na « Revista do Serviço do Património Histórico e Artístico Nacional », única citada nas notas de pé de página ¹³².

Se, com referência ao Brasil, trata só da arquitectura ou arte decorativa é porque prevalecem as fotografias divulgadas sobre elas, o que denota a importância que assume a divulgação fotográfica para sugerir aproximações e confrontos. Sem dúvida sucederá o mesmo um dia com a pintura, que também entra (e já começou) no programa da Directoria do Património Histórico e Artístico Nacional do Brasil, de tão benemérita actividade e competência.

Posto isto: qual será exactamente a parte histórica e artística da Companhia de Jesus neste sector da pintura? Para uma resposta cabal e judiciosa deve-se ter presente, por um lado, que muitos quadros móveis desapareceram das Igrejas e Colégios, e que, por outro lado, nem tudo o que subsiste se pintou *in loco*; e do que se pintou, nem tudo seria obra dos Irmãos pintores, sobretudo no século XVIII, como consta expressamente em 1739 de pinturas feitas na Igreja do Colégio de Olinda. Di-lo a « Anua » respectiva, não só pelo facto em si, mas também para encarecer as boas relações do Reitor P. Sebastião Antunes, com quem o Artista, por amizade, foi generoso nos preços ¹³³. O que se sabe é que, em todo aquele tempo, se trata ainda das primeiras manifestações estéticas do Brasil, e se insistia com ânsia para que houvesse Irmãos hábeis na sua arte, quer portugueses, quer estrangeiros, quer já nascidos na terra, que a pouco e pouco se ia desenvolvendo e cultivando; e que há largos períodos de operosidade artística, sobressaindo os de Belchior Paulo (1587-1617), Domingos Rodrigues (1659-1706), Carlos Belleville (1709-1730) e Francisco Coelho (1721-1759) ¹³⁴.

¹³² MANUEL TOUSSAINT, *Arte Mudéjar en América* (México 1946) 9, 44-45, 113-115.

¹³³ « Praeter duo minora sacella decentiori cultu superiori anno constructa, majus sacellum cedrinis pictisque tabellis affabre elaboratis decoratur. Huie Ecclesiae splendori conciliando, exiguisque sumptibus in opere factis, plurimum attulit Rectoris auctoritas, qui pro ea, quam cum Artifice inierat, amicitia, opus aliunde quattuor mille cruciatis aëstimatuum, quadringentis supra quinquaginta romanis scutis absolvit »: « Annuae Litterae Provinciae Brasiliae ab anno 1739 usque ad 1740 », *Bras. 10* (2), 395v. Tradução literal da frase grifada: « O altar (ou capela) mor ornou-se de pequenas tâbuas de cedro e pintadas, feitas com arte ». Frase susceptível de mais de uma interpretação. Não parece tratar-se de estátuas de cedro, pintadas, mas de tâbuas feitas (esculpidas) com arte, e pintadas. Ou belos quadros de cedro pintados. Tratar-se-á de quadros de ex-votos? Em todas as hipóteses, pintura. Os Calálogos de 1738-1739 não assinalam em Pernambuco nenhum Irmão pintor. Residia o Ir. Luis da Costa, insigne escultor, mas já velho. E trata-se de artista que não fazia parte da Companhia, pois se lhe pagava.

¹³⁴ Cf. LEITE, *História*, V, 139. As gravuras de interesse para a pintura dos Jesuítas do Brasil publicadas nesta obra (além de alguns retratos mencionados supra) são: — III, Igreja da Aldeia de Ibiapaba, 52-53; Sacrário de Ibiapaba, 68-69; interior da Igreja do Maranhão, 180-181; interior da Igreja do Pará, 244-245; Sa-

Quanto ao merecimento, a classificação que aqui e além se lê —pintor, pintor suficiente, bom pintor, pintor insigne— procede em geral de apreciações dos Padres; e é claro que eles não eram críticos de arte e o reconhecem. A classificação atende mais ao « assunto » do que à « arte » com que era tratado¹³⁵; e talvez também à aplicação do Irmão e ao gosto público que se utilizava para estes juízos de valor. E pode suceder que o gosto moderno tenha critério diferente, e o que se dava por insigne se não aceite hoje como tal, enquanto o que se tinha em menos consideração, seja melhor.

eristia da Igreja do Pará, 276-277; Sacristia da Igreja da Vigia, 340-341; — IV, A Imaculada, uma das grandes telas da Sacristia da Vigia, 118-119; tecto interior do Colégio do Pará, 294-295; — V, tecto da Biblioteca do Colégio da Baía, 82-83; Capela interior do Colégio da Baía, 194-195; Sacristia da Igreja da Baía, hoje Catedral, 210-211; painel de S. Estanislau no tecto da Sacristia da Baía, 217-218; tecto da Igreja do Colégio da Baía, 258-259; tecto da mesma Igreja (outra secção), 274-275; — VI, painel de S. Inácio na Sacristia da Baía, IV-V; quadro de Nossa Senhora do Colégio do Rio de Janeiro, altar hoje conservado na Misericórdia da mesma cidade, 104-105; quadro da Adoração dos Reis, na Aldeia dos Reis Magos, Espírito Santo, 232-233; altar da Aldeia de S. Lourenço, Niterói, Rio de Janeiro, 312-313; capela-mor da Aldeia de Embu, São Paulo, 376-377; — VII, « Sedes Sapientiae », figura central no tecto da Biblioteca da Baía, 188-189; — VIII, painel de Pero Correia, no tecto da Sacristia da Baía (Catedral), 176-177.

¹³⁵ «The Jesuits were not art critics. They themeselves admitted that they valued a picture according to its subject rather than in consideration of its artistic merits», MACLAGAN, o. c., 246.

IL "BREVE COMPENDIO" DI ACHILLE GAGLIARDI AL VAGLIO DI TEOLOGI GESUITI

del P. PIETRO PIRRI S. I. - Roma.

SUMMARIUM. - Cl. Maximus Petrocchi in opere *Il quietismo in Italia* nuper exposuit quietismum orthodoxum aliquorum Patrum Societatis Iesu saec. XVI, praecipue P. Achillis Gagliardi. Auctor huius commentarii nova monumenta profert, quibus et Superiorum prudentia et theologorum doctrina hac super re, perdifficili quidem, clarescant. P. Stephanus Tucci, insignis professor theologiae in Collegio Romano, opus Patris Gagliardi *Breve compendio* accurato examini subiecit contraque opinionem adversam Patris I. B. Vanino apte explicuit. Monumenta praecipua ad modum appendicis in lucem eduntur.

Finora l'attenzione degli studiosi della spiritualità quietistica in Italia si era portata, per così esprimerci, soltanto alle alte vette, ossia a quelle figure che eccellono sulle altre per una eminente personalità o per opere famose tramandate ai posteri. Per primo il Petrocchi ha avuto il coraggio di addentrarsi nella selva selvaggia della dimenticata letteratura quietistica, edita ed inedita, abbondante in quantità, sebbene non sempre ricca di alto valore intrinseco, che giace sepolta in archivi e biblioteche sotto uno spesso strato di polvere secolare¹. Il coraggio, unito alla dottrina, pene-

¹ MASSINO PETROCCHI, *Il quietismo italiano del Seicento*, Roma 1948 (= « Storia e Letteratura », 20), 8^o, 216 pp. Il Petrocchi, fedele al programma che si è prefisso, lascia il lettore al traguardo dal XVII al XVIII secolo, cioè al punto in cui l'affare del quietismo va prendendo proporzioni si vaste e si allarmanti da esigere da parte della Santa Sede radicali rimedi. Il lettore pertanto dovrà chiudere il libro con un vivo desiderio insoddisfatto di vederne le ulteriori fasi e l'epilogo, e s'augura che la presente monografia sia piuttosto una promessa che un dono definitivo. Essa ha già servito di stimolante a più d'uno studioso per ulteriori fruttuose indagini originali; il che va inteso come un invito al Petrocchi di tornare sull'argomento e di darci uno studio completo. In vista di ciò vogliamo segnalare un cospicuo fondo di atti e sentenze, proveniente dall'Archivio della S. C. del S. Offizio, che ora si conserva nella biblioteca del *Trinity College* di Dublino (cf. T. K. ABBOTT, *Catalogue of the MSS. in the Library of Trinity College*, Dublin-London 1900, pp. 242 ss.). Alcuni di detti documenti come il ms. 1250, num. 8 (fr. Anton Francesco de Candelari di Ancona, 1672-90), ms. 1251, num. 9 (parimenti di Ancona, 1696-1710), ms. 1256, num. 14 (fr. Giovanni della Croce e fr. Giovanni di S. M., Alcantarini, Napoli, 1687), ms. 1263, num. 2 (sr. Isabella Tocca del convento di S. Chiara in Nardò, 1691), risultano dal catalogo di materia quietistica, ma il fondo, sommariamente descritto, offrirà, certo, messi più abbondanti.

Di una cellula quietistica assai numerosa creatasi a Milano da devoti di Giacomo Filippo Casoli, e delle molte molestie ch'ebbero perciò a subire dalla S. C. dell'Inquisizione i gesuiti padri Alberto Alberti, confessore del Casoli, e Gregorio Ferrario, ci proponiamo di trattare in altra occasione.

trazione ed eccellenza critica del nostro esimio studioso, sono stati largamente premiati. Egli è riuscito così a scoprire un vero filone di spiritualità quanto mai allettante e a ridar vita ad un mondo sconosciuto di un interesse che non si sarebbe sospettato. L'opera del Petrocchi è stata salutata dagli studiosi con liete accoglienze e conta ormai fra quelle che hanno aperto un nuovo solco e indicato nuovi orizzonti alle indagini dei dotti.

Le conclusioni principali a cui è giunto, limitatamente al Seicento, sono da lui stesso condensate sinteticamente in poche parole della *Premessa*: « Da Achille Gagliardi, Angelo Elli, Sisto de Cucchi e Paolo Manassei, attraverso la *setta* del Recaldini, gli abbandoni del Malfi e del Lambardi, il quietismo piemontese del gruppo Scarampi, si perviene all'impeccabilità e all'attesa escatologica dei fratelli Leoni, all'indiamento del Gramaldi e di Pietro Battista da Perugia. Pier Matteo Petrucci compendia il precedente quietismo italiano ed europeo; Mons. Ripa, Vescovo di Vercelli, è una catena tra quietismo pre-féneloniano e quietismo féneloniano » (p. 9).

Il quietismo italiano, come dimostra il Petrocchi, prima del Petrucci e del Molinos si svolge in una tradizione mistica ortodossa. Nella sua molteplice fioritura, accanto ad un « filone contemplativo » della tradizione filippina, se ne nota un'altro ancor più singolare in connessione con la mistica gesuitica. L'autore del *Tesoro dell'anima* (Venezia 1673), il minore osservante Giovan M. Gramaldi, una delle personalità più significanti di quest'ultima corrente, « si rifà assai spesso alla teoria mistica del p. Gesuita Giacomo Alvarez [Diego Alvarez de Paz], e inoltre — particolare di estrema importanza, nota qui il Petrocchi — a quel *Compendio* del Gesuita p. Achille Gagliardi, Gesuita che già vedemmo a suo luogo (insieme con la Berinzaga) come uno dei più fervidi propulsori del pre-quietismo italiano » (pp. 52-53). Proprio dal Gagliardi il Gramaldi aveva succhiato quella forma di dottrina mistica, che doveva condurlo a certe posizioni avanzate alquanto sospette; il che, come ben rileva ancora l'Autore, dimostra una sorta di catena d'interdipendenza fra i quietisti italiani secentisti della prima generazione e quelli della seconda, nonché « l'esistenza, presso gesuiti e simpatizzanti, di vaste sotterranee correnti mistiche ortodosse ed eterodosse » (ivi).

Vero è che le idee più ardite del Gramaldi non avanzano di molto le posizioni raggiunte già dal Gagliardi, viste di buon occhio anche da qualche altro gesuita, quali Alberto Alberti e Giovanni Andrea Alberti, i quali, non meno del Gagliardi, nutrirono simpatie per quel genere di sublimazioni mistiche, mantenendosi però nei limiti di una incensurabile ortodossia. Ciò che abbiamo illustrato in altra occasione intorno ad un movimento per la « riforma dello spirito », dimostra che le idee e i propositi del Gagliardi dovevano

avere un seguito notevole anche in seno alla Compagnia, parallelo a quello che faceva capo al P. Baltasar Alvarez in Spagna².

Gli stessi gesuiti oppositori del quietismo, del resto, (ed è noto che i gesuiti ne furono i primi e più efficaci avversari) Gottardo Belluomo, Paolo Segneri sr. e Daniele Bartoli, i quali occupano un breve ma succoso capitolo nel libro del Petrocchi (il IV), mentre contrappongono all'astrattismo contemplativo quietistico un sano realismo operativo, naturalmente sono ben lunghi dal negare la legittima cittadinanza che spetta, fra le svariate manifestazioni della vita contemplativa, anche ai più elevati gradi di spiritualità, quali estasi, visioni, rapimenti ed altri stati mistici.

Sarebbe assai interessante seguire passo passo il Petrocchi nello sviluppo del suo argomento, assai ben divisato nella duplice fase di rievocazione storica (il pietismo italiano, il card. Petrucci e suoi successori, opposizioni ideali) e di ricostruzione ambientale (organizzazione e vita quotidiana, riflessi sociali, eredità quietista). Ma crediamo che riuscirà se non più interessante, almeno più utile per coloro che si dedicano ad indagini originali sull'importante argomento, una conoscenza un po' più documentata e precisa su quanto ci sia di vero nella parte preminente che già il Bremond, ed ora il Petrocchi, attribuiscono al Gagliardi e al suo *Breve compendio della perfezione cristiana* nell'avviamento della spiritualità moderna verso queste nuove vie.

I documenti che pubblichiamo dimostrano che il problema che tanto appassionava il Bremond e il Loisy, secondo i quali la condanna delle dottrine gagliardiane in Fénelon e in Mad. Guyon avrebbe inferto un terribile colpo a « le haut mysticisme » francese, richiamò subito, fin dal primo apparire di quel libriccino, un vivissimo interesse, da parte così dei Superiori come dei teologi della Compagnia, e diede occasione a indagini serie ed approfondite.

* * *

Abbiamo, in un precedente studio sopra accennato, dimostrato come in occasione di una Congregazione provinciale che i Gesuiti della Mediolanense tennero a Milano nel 1590, il P. Giovan Battista Vanino, uno dei padri congregati, sollevò gravi osservazioni sulle dottrine esposte nel *Breve Compendio*, suscitando profondi contrasti tra ammiratori e dissenzienti, i cui echi giunsero fino a Roma³.

² P. PIRRI, *Il P. Achille Gagliardi, la Dama Milanese, la riforma dello spirito e il movimento degli « Zelatori »*, in AHSI, 14 (1945) 1-72. Ivi la letteratura dell'argomento.

³ P. PIRRI, o. c., 20. Ancor vivente il P. Everardo, il *Breve Compendio* era già stato sottoposto ad esame da parte di alcuni teologi romani, quali Agostino

Il P. Generale, Claudio Acquaviva, non ingorava le profonde divergenze di opinioni che da parecchi anni esistevano fra padri di quella provincia, intorno alle relazioni che il P. Gagliardi ed altri gesuiti tenevano con la mistica milanese Isabella Berinzaga, le quali avevano dato occasione alla compilazione dell'opuscolo, che andava circolando in molte copie manoscritte. Egli pertanto, ordinò che il P. Vanino mettesse in carta e mandasse a lui ciò che nel *Breve Compendio* gli pareva degno di censura.

Abbiamo avuto la sorte di rinvenire fra alcune censure relative ad altre opere del Gagliardi, gli appunti del Vanino, e la dotta e importante recensione critica che, senza dubbio per ordine del P. Acquaviva, ebbe a farne il P. Stefano Tucci (1540-1597), insigne professore di teologia scolastica al Collegio Romano⁴.

Le osservazione del Vanino cadono, dove più dove meno, su tutte e tre le parti in cui è diviso il *Breve Compendio*, ma specialmente su l'ultima, dov'è esposta la dottrina intorno al terzo Stato, in cui si fa consistere il più alto e sublime grado di perfezione e di unione con Dio, a cui l'anima può elevarsi. Il Vanino condensa in 12 proposizioni le dottrine dell'opuscolo che giudicava erronee o sospette.

Il Tucci, nell'accingersi all'esame delle proposizioni denunciate dal Vanino, ebbe sott'occhio un esemplare completo dell'opuscolo, diligentemente trascritto e collazionato, giunto fortunatamente fino a noi, come appresso si vedrà, al quale si richiama continuamente nel suo Voto. Da censore oggettivo e diligente, egli confronta volta per volta le proposizioni denunciate dal Vanino col testo autentico; così può talvolta rettificare il senso genuino dell'autore, che dal Vanino veniva riprodotto poco fedelmente, e chiarirne il significato, confrontando le proposizioni denunziate con altri passi dove il Gagliardi esprime più chiaramente il suo pensiero. La critica del Tucci è condotta con profondo acume e con scrupolosa diligenza, sulla scorta delle dottrine di S. Tommaso. Insieme egli dimostra una rara

Giustiniani, Stefano Tucci, Francesco Toledo e Giacomo Tyrio, e trovato, allora, immune da errori (ivi, p. 70).

⁴ Stefano Tucci (1540 - 27 genn. 1597), di Monforte (Messina), tenne per lunghi anni la cattedra di teologia scolastica del Collegio Romano, ove insegnò assieme al P. Francesco Suarez. Il P. Aquaviva lo depùtò a presiedere la commissione incaricata di redigere la *Ratio Studiorum*; il Tucci, dopo avervi profusi gli inesauribili tesori della sua dottrina ed esperienza, ne curò il testo definitivo, sicchè l'opera viene ascritta a merito precipuo di quest'uomo insigni: « quem, dice l'Aguilera, non a scriptoribus modo domesticis, sed ab externis etiam tanquam saeculi sui sidus clarissimum praedicatum reperio ». EMM. AGUILERA, *Prov. Siculae S. I. ortus et res gestae*, I (Panormi 1737) pp. 352-362. Lasciò opere teologiche e letterarie. CH. SOMMERVOGEL, *Bibl. des écrivains de la Comp. de Jésus*, VII, 263-265.

comprensione, un animo scevro di passione, disposto ad interpretare in senso più benigno anche talune espressioni, le quali potrebbero prestare il fianco a critiche più rigorose e severe. Il Tucci rifugge dal tacciare di erronea una dottrina se l'errore non è chiaramente manifesto; il suo Voto, rispetto alla denunzia del Vanino, si direbbe piuttosto una rivendicazione che una condanna. Ma ciò nonostante non esita ad esprimere giudizi severi, a suggerire talune correzione e vari emendamenti e chiarimenti che ritiene necessari od opportuni.

Gli appunti che il Vanino muove alle dottrine del *Breve Compendio* convergono principalmente sulla funzione che ivi si attribuisce alla libera volontà umana nel progressivo avanzamento dell'unione dell'anima con Dio. Evidentemente egli teme che in quello spogliamento totale di sè, che ivi si propone come il supremo grado di perfezione, l'azione della volontà umana venga talmente estenuata e annichilita, da non sapersi concepire come essa si possa conciliare con una libertà attiva, e quindi come l'azione possa dirsi suscettibile di merito.

Il Tucci fin dal principio mette in chiaro il punto debole del metodo adottato dal Vanino: che consiste in pigliare qua e là delle proposizioni staccate e in dare ad esse un valore assoluto, separatamente dal contesto e da altri passi paralleli, dai quali è dato ricavare il vero e genuino significato inteso dall'autore. Così egli, se non in tutti i casi, almeno quasi sempre, riesce a giustificare le proposizioni denunziate, e a dimostrare che le dottrine dell'opuscolo in generale sono suffragate dal consenso dei migliori teologi, e soprattutto dell'Angelico Dottore.

Sulle due prime proposizioni non crede doversi soffermare, essendo evidente il senso perfettamente ortodosso delle medesime. Non crede che si debbano ritenere come maggiormente fondati i dubbi o sospetti portati contro la terza proposizione, dove si afferma che N. S. Gesù Cristo al tempo della passione patì la sottrazione di quella cognizione interna di Dio che soffrono le anime giunte al grado quarto del secondo stato di perfezione. I dubbi sollevati dal Vanino avrebbero fondamento qualora risultasse chiaramente che l'autore intendeva parlare della parte superiore e non della parte sensibile: ma che a quest'ultima intendesse questi riferirsi non par dubbio, dato che egli, espressamente dice che vennegli sottratto « il concorso della fortezza ecc. quanto al sentirli ». Ritiene però opportuno che tale oscurità venisse eliminata con qualche espressione più chiara. Come infatti si vede esser stato eseguito nei codici *A* e *B*, dei quali si dirà.

La proposizione sulla quale il Tucci s'intrattiene più di proposito è la 4^a, dove il Gagliardi sostiene che Iddio nel secondo stato

di unione spoglia l'anima « di tutto l'attivo », al punto da renderla impotente di qualsiasi operazione intellettuva o volitiva di qualsiasi sorta, sottraendole « a poco a poco il poter far tali atti, levandone hor l'uno or l'altro », finchè « glieli leva affatto tutti, eccetto il conformarsi al suo divin volere », e ciò così nell'intelletto come nella volontà, in guisa di rimanere totalmente incapace di qualsiasi atto interno « di volitione, intentione, fruitione, elettione, godimento, sodisfattione et simile ».

Ammesso che una tale sottrazione non può dirsi in sè impossibile, in quanto, secondo una comune sentenza dei teologi, a Dio non è vietato di sottrarre all'uomo anche gli atti più essenziali e vitali; il Tucci muove dubbi sulla opportunità di tale sottrazione: sul qual problema le sentenze dei teologi sono in disaccordo, sembrando a taluni non conforme a ragioni che Iddio metta un obice fra le cause prime e le seconde, in guisa che queste non conseguano l'effetto al quale sono ordinate. A questa sentenza mostra d'inclinare anche il Tucci, per varie ragioni. Riconosce però che altro è affermare che tale azione non sia conveniente, e altro che ripugni alla comune opinione dei teologi, secondo la quale non può darsi atto virtuoso in cui il soggetto si tenga *mere passive*. La ragione con cui il Gagliardi vorrebbe giustificare quella totale sottrazione delle facoltà volitive, cioè il conseguimento di un bene migliore, che secondo lui deriverebbe da siffatta espropriazione ed umiliazione del soggetto, al Tucci non pare perentoria. Egli non osa di riprovarla risolutamente; tuttavia in tal modo di opinare crede di vedere alcunchè di *novum et obnoxium calumniae*. Per renderlo accettabile bisognerebbe che il divino impulso sul soggetto agente fosse tale da non precludere affatto il libero concorso di questi; ovvero mettere bene in chiaro che quella sospensione viene da Dio permessa per maggiormente esercitarlo nell'umiltà, affinchè sempre più riconosca che senza di lui non può nulla. Così *fortasse non repugnabit verae doctrinae*.

Nell'opuscolo il Tucci trovò non poche imprecisioni, apparenti contraddizioni ed espressioni arrischiata, le quali potrebbero essere falsamente intese, *praesertim a studioso calumniandi*. Soggiunge però non esser difficile dare ad esse una retta e benigna interpretazione, se si tiene conto di altri passi più chiari ed esplicativi, donde risulta evidente *longe aliam fuisse mentem illius, quamvis obscure positam*. Ripetute volte egli inculca il dovere di chiarire tutti questi punti oscuri, come pure di toglier di mezzo certe sottilità del tutto inopportune, dato soprattutto lo scopo formativo ed edificativo dello scritto.

Dove, secondo il Tucci, la dottrina ivi esposta è assolutamente insostenibile, è là dove, tirando le ultime conclusioni delle sue pre-

messe, l'autore afferma che la volontà, in quel supremo e totale spogliamento e rinuncia che si raggiunge nel terzo stato, « si lega, assorbe et abissa in Dio, et del tutto perduta resta in quella di Dio sommamente deificata per total identità in quella: et questo con modo pratico et reale già detto ». Ciò, egli esplicitamente dice, *repugnat simpliciter*, giacchè le espressioni energiche e assolute qui adoperate indurrebbero a credere che l'anima e Dio diverrebbero un *unum realiter*, errore che sorpassa quello di Eutiche e dei Montanisti. La cosa potrebbe passare qualora la frase si moderasse nel senso di una unione *mere affectiva*, od anche *objectiva*; la quale unione in qualche modo può dirsi *reale*, ma non nel senso filosofico, per cui *duo diconsi esse realiter idem, et differre formaliter*. Anche qui nei codici *A* e *B* s'inseriscono dei mutamenti di forma, mediante i quali, limitando l'identità alla sola *proprietà*, non all'*essere*, viene eliminato ogni equivoco.

Del resto, quanto all'essenza delle dottrine circa i rapporti tra la volontà agente e Dio operante in essa nello stato di elevazione mistica, il *Breve Compendio* non sembra essere stato trovato in fallo. Lo stato che ivi si dice *passivo*, debitamente inteso, al lume di altri passi che chiariscono meglio la mente dell'Autore, non importa *omnem privationem actus*, ma, insieme con la privazione, comprende un atto passivo, un *quiete et passive acceptare*, nel quale non può mancare almeno una cooperazione di compiacimento, di consenso ecc., in quanto il soggetto accetta i moti *in se productos a Deo quiete et patienter*. Il che, secondo il Tucci, importa che l'anima, potendo resistere, non lo fa, e così presta una cooperazione passiva non priva di merito.

* * *

Fin qui non ci siamo occupati che delle polemiche dottrinali suscite dal *Breve Compendio* fin dal suo primo apparire. Ma da quanto siamo per dire il lettore vedrà che non il solo contenuto, ma il testo medesimo dell'opuscolo presenta aspetti e problemi molto interessanti. Di questi non si sono occupati ancora gli studiosi, perchè non si conoscevano dell'opuscolo codici manoscritti antichi; ma ora che ne conosciamo un gruppo ben rilevante, vedremo a quali nuove ipotesi e nuove soluzioni essi aprano la via.

Nell'Archivio della Pontificia Università Gregoriana si conservano sette codici dell'opuscolo — i cinque primi segnati col numero 409; i due ultimi, di recente accessione, con le segnature provvisorie 1463 e 973 — dai titoli alquanto diversi. Ne daremo una breve descrizione, classificando per maggior chiarezza ciascun codice con una lettera maiuscola.

A. - *Breve Compendio dell'altissima perfettione christiana. Alla quale ogni buon Religioso deve incaminarsi. Approvato dal dottissimo Cardinal Toledo della Religione della Compagnia di Gesù.*

Sec. XVI-XVII, formato cc. 14×10, ff. 23, con margini laterali staccati, per effetto di corrosione dell'inchiostro con cui i fogli erano stati ri quadrati, diviso in 11 capitoli. In fine: *Finis. Explicit De Christiana Perfectione libellus. Qui biberit ex hac aqua flet in eo fons aquae vivae salientis in vitam aeternam.*

Si trova involto in un foglio di lettera indirizzata al P. *Fabio de Fabij Provinciale a Napoli*. Il De Fabii rivestì tal carica dal 1600 al 1606.

Nell'interno del qual foglio è notato: *D. Felice Sabulinj 8 Genn'ro 1601*, e fuori *De Mada. Isabella del P. Alessro. Palma* (il Palma n. a Nola nel 1575, entrato nella Compagnia nel 1593, insegnò qualche anno grammatica e filosofia, e morì consunto da lenta tisi a Nola il 1º gennaio 1611. Cfr. *Litterae annuae 1611* pp. 30-31 e S. *SANTAGATA Istor. d. Comp. di G. nel Regno di Napoli* II 439, dove il Palma è segnalato come un modello di perfezione religiosa e di alta spiritualità).

B. - *Breve Compendio di quanto si è raccolto intorno all'eminentsima perfectione Christiana, alla quale ogn'uno della Compagnia deve procurare d'arrivare conforme al suo santo instituto.*

Sec. XVI-XVII, formato cc. 14×10, ff. 18 e 4 in bianco, con un foglietto di copertura nel cui interno è scritto: « *Del P. Giov. Giac. di Alessri. adi 11 Febrro. 1611/ restituen(dus) si N(ostro) P(atri) placuerit* » (?). Come il codice precedente, è diviso in 11 capitoli, senza distinzione delle tre Parti secondo i Tre stati, come è nel testo a stampa. Il P. Giovan Giacomo de Alessandro, di Napoli, nato nel 1570, ricevuto nella Compagnia nel 1586 e ammesso alla professione solenne il 1º novembre 1605, rivestì le più elevate cariche della Provincia Napoletana, cioè di rettore, preposito della casa professa del Gesù e provinciale. Morì a Napoli il 12 gennaio 1651.

C. - *Breve compendio di quanto si è raccolto intorno alla perfettione christiana.*

Della fine del XVI sec., formato cc. 13×10, fascicolo di 8 fogli di un codice frammentario, che conserva i primi 6 capitoli e parte del 7, numerati, con titoli che precedono il numero.

D. - *Breve compendio intorno alla perfettione christiana.*

Della fine del XVI sec., formato cc. 19×14, carta a mano vergata, ff. 20 in due fascicoli cuciti insieme.

E. - *Breve Compendio di quanto si è raccolto intorno all'eminentsima perfettione Christiana.*

Della fine del XVI secolo, formato cc. 19×14, carta a mano con filigrana (colonna recinta da un nastro), 4 fascicoli di 57 pp. numerate e due in bianco. La seconda parte conserva tracce della collazione con altro codice, e di alcuni emendamenti fatti dallo stesso copista.

E' il codice che presenta le maggiori garanzie di autenticità, essendo stato condotto con molta accuratezza. Vi si notano segnalazioni a penna dei passi che il P. Vanino aveva denunziati come sospetti; di più le citazioni del P. Stefano Tucci corrispondono esattamente con le pagine del codice. Ciò dimostra che il codice servì di base al P. Tucci nell'esame critico dell'opuscolo.

F. - Arch. Un. Greg. 1463. - TRATTATO DI PERFESSIONE (sul dorso) - CHE COSA PRESUPONE/ IN UN'ANIMA/ QUESTA/ PERFETTE PRI/MA COMINCI AD ENTRARVI (nel frontespizio, in elegante maiscoletto).

Codice del sec. XVI, dovuto allo stesso copista del cod. E, di ff. 30, segnati recentemente a macchina (nel cod. E la numerazione originale è per pagine), formato cc. 19×15, rilegato in tutta pergamena. In margine al frontespizio, di scrittura del tempo, si legge: *Composto dal P. Achille Gagliardi della Comp. di Giesù e stampato*. Presenta le medesime caratteristiche del cod. E ed ha comuni con questo varie notevoli correzioni e modificazioni, e non di sola forma, particolarmente nei capitoli riguardanti il 3° e il 5° grado, le quali danno forti indizi che la trascrizione e collazione dei codd. E e F avvenisse, contemporaneamente, sotto gli occhi dell'autore. Vi sono altresì brevi tratti che non si rinvengono né negli altri codici mss., né nel testo divulgato a stampa.

G. - Arch. Univ. Gregor. 973. - *Breve Compendio/ Intorno alla Perfezione Christiana/ Dove si vede una pratica mirabile per unire l'Anima con / Dio. Composta dal M. R. P. Achille/ Gagliardi, Teologo della Compagnia di Giesù.*

Cod. miscellaneo, del XVII sec., formato cc. 16×11, rilegato in pergamena. L'opuscolo oltre all'emblema della Compagnia fatto a penna, reca l'ex libris: *Est con(ven)tus Jesu Mae. de Urbe/ Fratrum Excal. S. Augustini*. Nello stesso codice è contenuta copia ms. dell'opuscolo: *L'orazione di quiete Compendiata, breve, chiara, e praticamente in una lettera del P. D. Carlo Tomasi Ch. Regol. Stampata da lui sul fine del suo libro degli Aforismi del Amor Divino etc. nel 1665 ... Ad instanza di D. Giov. Solazzi Confessore del Monastero della SS. Incarnazione a beneficio dell'Anime. In Roma per Ignatio de' Lazzari 1670. Con lic. de Supri* (Sul Teatino C. Tomasi, di Ragusa, 1614-1675, autore di varie opere teologiche, cfr. H. HURTER S. I., *Nomenclator lit.*, Oenipotente 1893, II, 17-18; del quietista G. Solazzi parla a lungo il PETROCCHI, o. c., 57-58, 121-122). Tranne questa contiguità del *Breve compendio* con autori quietisti nel medesimo codice, la presente copia non offre altro speciale interesse. Il difetto che vi si nota di una regolare interpunzione, ci sembra un indizio che la copia deriva non da una edizione a stampa, ma da altra copia manoscritta del gruppo C, D, E, F.

Il raffronto dei vari codici sopra elencati ci porta ad alcune conclusioni generali di notevole importanza per la storia del testo del *Breve Compendio*.

Salta agli occhi al primo sguardo il fatto, che tutti i detti esem-

plari che abbiamo elencati, benchè di epoche alquanto diverse, comprendono soltanto quella parte dell'opuscolo a stampa che va indicata come *Parte prima*, cioè la descrizione dei tre stati o stadii di perfezione. Le denunzie e gli esami critici ai quali esso venne sottoposto, si riferiscono pure unicamente a questa prima parte del testo, la quale invero nella sua brevità comprende un sistema di dottrine armonicamente e compitamente sviluppato. La parte seconda, relativa alla *Pratica della perfezione*, e che in parte ripete o diluisce cose già trattate nella prima, sembra esser rimasta del tutto sconosciuta così ai censori come ai copisti. E' già stato osservato che questa per una non piccola parte deriva dalla *Vita di Madonna Isabella Berinzaga* scritta dal medesimo P. Gagliardi; le altre fonti non sono ancora identificate. Non risulta se fin da principio sia stata inclusa nelle stampe con cui è stato divulgato il *Breve compendio*, non essendo ancora ben chiarito come e quando precisamente queste prime stampe siano avvenute. Nell'ediz. di Siena 1644 c'è.

I sette codici da noi descritti vanno distinti in due gruppi, che presentano caratteristiche speciali degne della maggiore considerazione.

Un gruppo, rappresentato dai codici *C, D, E, F, G* riproduce — con talune peculiarità accidentali, di carattere ortografico o fonico, e le varianti che abbiamo notate in *E* e *F* — il testo che servì di base alle edizioni a stampa. Fra essi i codici *E* e *F* sono quelli di maggiore importanza, perchè, come già si è osservato, scorgesi essere stati collazionati con molta cura, corretti qua e là probabilmente sotto gli occhi dello stesso P. Gagliardi, e infine perchè del primo si è servito il P. Tucci nel suo esame critico, come risulta dai segni lasciativi nei passi incriminati e dai rimandi assai precisi, ch'egli fa ai fogli di esso codice.

I dati stabiliti fin qui inducono a talune notevoli costatazioni.

1º Poichè i codici sopra elencati, alcuni dei quali devono rimontare al 1590 almeno, contengono un testo del *Breve Compendio* simile a quello a stampa, tranne dette varianti e le particolarità ortografiche da attribuirsi ai copisti, si dovrà concludere che il testo a stampa deriva da una copia anteriore a quella data. Sembra ciò confermato dalla nota scritta presso il frontespizio del cod. *F*.

2º A ciò si deve se nel testo a stampa si trovano ancora le varie proposizioni denunziate dal Vanino come erronee o sospette, come quelle riconosciute per tali dal Tucci, senza gli emendamenti suggeriti da lui.

3º Donde si fa manifesto quanto sarebbe utile ed opportuno uno studio approfondito del testo a stampa, delle sue origini e della sua varia fortuna.

Il secondo gruppo comprende i codici *A* e *B*, la cui importanza deriva dal fatto che in essi si tiene conto dei suggerimenti ed emendamenti che il Tucci propone nel suo Voto. Ciò risulta dai luoghi sottoposti a revisione. (Se ne può vedere un saggio nel capitolo che riproduciamo in appendice, dove sono distinti in corsivo gli emendamenti che ne risultano.) Di più nei due codici, oltre alle varianti predette, vi sono parecchie altre aggiunte a maggior chiarimento del testo, le quali non si trovano negli altri codici. Essi — particolarmente il *B*, dal quale sembra che *A* derivi, ed è più corretto di questo — sarebbero da tenersi presenti per una edizione critica del *Breve Compendio*.

Si presenta ora spontanea la domanda, a chi debbano attribuirsi le rettificazioni e gli emendamenti che si trovano nei codici *A* e *B*. Dato che il P. Acquaviva comunicò al P. Gagliardi le osservazioni e i suggerimenti dei teologi censori romani, parrebbe a prima giunta che le correzioni siano da attribuirsi al Gagliardi medesimo⁵. Ma siccome il P. Acquaviva, inviando le osservazioni, dava ordini tassativi affinchè l'opuscolo fosse ritirato dalla circolazione e non venisse comunicato a nessuno, un simile lavoro di revisione da parte del P. Achille potrebbe sembrare inutile. Non è però inverosimile che questi, a giustificazione propria e della Dama Milanese, abbia voluto dimostrare come sarebbe stato facile, con qualche opportuno ritocco, chiarire i punti oscuri e rettificare quelle frasi che avevano dato ombra ai censori.

D'altra parte non è da escludere l'ipotesi che le varianti e gli emendamenti dei codici *A* e *B* si debbano attribuire a qualcuno dei censori romani. In questo caso però, si renderebbe ancor più difficile spiegare come l'opuscolo dalle mani dei censori fosse tornato in circolazione, e si fosse fatta tanta strada da venire in possesso perfino di gesuiti napoletani, non ostanti i severi ordini del P. Generale.

* * *

Ricapitolando in poche parole le cause molteplici e complesse che richiamarono tanto interesse intorno all'opuscolino del *Breve Compendio*, crediamo potersi ridurre alle seguenti.

V'influi anzitutto la somma cautela che la Compagnia di Gesù s'era imposta di fronte a certe forme straordinarie e nuove di spiritualità, che non di raro sconfinavano in aberrazioni dottrinali e morali.

Si aggiungevano ragioni particolari di ordine interno, quali le dicerie cui davano pretesto le relazioni dei Gesuiti milanesi, e del

* P. PIRRI, o. c., p. 22.

P. Gagliardi in particolare, con la mistica Isabella Berinzaga, come lucidamente espone il P. Giovan Battista Bertezzollo in una relazione che pubblichiamo in nota ⁶. Ciò viepiù allorquando la Dama Milanese divenne quasi il richiamo ed il convegno di quel movimento di scontenti che diedero tanto filo da torcere al P. Acquaviva.

Ma alle ragioni estrinseche s'univano altresì ragioni intrinseche veramente gravi, derivanti dalle molte imprecisioni, e qualche errore teologico, che infloravano le pagine del *Breve Compendio*, come risulta dall'esame coscienzioso e dotto del P. Stefano Tucci.

Però in fondo a queste sottili disquisizioni non si può non vedere far capolino un'altra questione di più scottante attualità, che già in Spagna aveva messo a rumore le varie scuole teologiche,

⁶ La relazione del P. Giovan Battista Bertezzollo, scritta da Milano al P. Acquaviva il 5 settembre 1586 (Curia della C. di G., *Fondo al Gesù*, N. 703, fasc. 3) tratta in modo molto caratteristico la situazione, che le relazioni della Dama Milanese col P. Gagliardi e con altri Gesuiti avevano creato fra le pareti domestiche e fuori. Un tale stato di cose non poteva non richiamare l'attenzione dei superiori, e non essere origine di timori e di sospetti, e quindi di inchieste e di un minuzioso esame del *Breve Compendio* e degli altri scritti che si attribuivano alla Berinzaga. Alla lettera del Bertezzollo giova premettere qualche schiarimento.

Il P. Sebastiano Morales, o Morais, ricordato nella lettera, fu incaricato nel 1579 di visitare la provincia milanese e sottopose la donna ad una prima inchiesta, ch'ebbe esito a lei favorevole. Il Morais, consacrato vescovo di Funay nel 1588, morì nel viaggio per il Giappone. I superiori di S. Fedele e di Brera, dei quali fa cenno il Bertezzollo, erano rispettivamente Achille Gagliardi e Luigi Mansone (1546-1610). Quest'ultimo fu rettore del Collegio Romano e provinciale di Napoli; nominato nunzio in Irlanda da Clemente VIII, morì prima di raggiungere la sede. Su ciò conf. PIRRI, o. c., p. 3 ss. Il P. Lorenzo Maggio era assistente del P. Generale per l'Italia. Ecco ora il documento: «Dirò dunque come è stato scritto a V. P. et parlato a bocca, di una Madonna Isabella Berinzagha Milanese, qual è donna vergine, di età di trenta quattro anni incirca, et che s'è confessato già dieciotto anni con la Compagnia, et persevera tuttavia. Questa per esser stata et di presente trovarsi donna di bona et santa vita et quasi continuamente ammalata, ha havuto grandissimo bisogno de aiuti spirituali, come so che n'è molto bene informata dal P. Achille Gagliardi, et ne fu ancho informato la bona memoria del P. Everardo dal P. Sebastiano Morales, come Visitator, venne a Milano, al qual fu dato particolar caricho di essaminar la sudetta Madonna Isabella, et la trovò, per gratia di Dio, di bona et santa mente, et sempre ha perservato di bene in meglio. Nondimeno perchè fra le donne alcune sono più invidiose delle altre, et vedendosi attender a una più che ad un'altra, o trattar con superiori, si mordeno con dir male, et il più delle volte con false suspicioni et rabiose invidie, parendoli esser anchora loro da tanto, quanto quella, ch' a loro pare che sia più aiutata et tenuto conto: et così accade a questa povera dona, che da alcuni mesi in qua li sono state levate falsissime calunie, etiam contra l'honor suo virginale, da simili sorte di gente: et il peggio, che si va spargendo poi fra li nostri confessori, quali poi fanno dell'i concetti che sono falsi, con pregiudicio delle anime loro et disedificatione de nostri: al qual errore ho procurato, et procuro quanto posso di desinganar quelli che cappaci sono de la verità, si in casa, come fuori: ben è vero che questi romori non sono sparsi contra persone della Compagnia, ma contra persone

cioè quella *De auxiliis*, intorno alla quale, come sappiamo, il Gagliardi teneva una sentenza propria, media tra quella dei molinisti e dei bañesiani. Nè potrà recar meraviglia, se mentre Clemente VIII si allarmava dell'eccessivo calore di quelle dispute al punto d'imporre silenzio alle parti e di avocare la questione a Roma, i superiori della Compagnia sottoponevano il *Breve Compendio* ad esami così rigorosi.

parenti proprii di quelli che la imputavano di haver fatto tal male, il che era falsissimo, et per vendetta et colera detto; ma perchè a noi tocca non solo *carere a malo*, ma anchora dalla suspitione del male, m'è parso di avisar V. P., come dovendosi andar frequentemente in quella casa, superiori di S. Fedele, di Brera et altri, se gli manda anche spesse volte alla settimana, per non dir al giorno, il compagno solo, ch'ordinariamente suol accompagnar li padri che là vano, così anchora vi vano li sachrestani soli, et altri fratelli anchora in casa di donne, senza nisun huomo, salvo ch' un suo barba della sudetta, che sono già quattro anni che resta paralitico in letto, senza moversi di quello. Si aggiunge anchora, ch'essendo la sudetta nata gentildonna, con un'altra sua sorella, si, ma venute in povertà, che il suo barba, qual haverà da trecento scudi di entrata l'anno, li da il pane, et vino, et legno, poco più possono cavarli, et così con la loro industria et fatica, et tener figliole a maestra, in farli insegnar a far lavori d'oro, ad osso, da una sua dona qual tengono in casa, dal qual guadagno il soprapiù che gli manca per il necessario del vitto et vestito provedono, essendosi impegnate anchora di pigliar figliole a doxena per guadagnar qualche cosa per il mantenimento loro, di una sua povera nepote, et due altre serve cho tengono, oltra quella che lavora nelli sudetti lavori di oro. Stando le sudette in questa strettezza che ho detto, sempre mandano elemosina alla porta, et di più la quadragesima passata provederno di qualche cosa, ogni di, la matina al predicatore, et fra l'anno anche spesso per udir messe, et settimanalmente fanno delle altre gentilezze, al spesso, di minestre, companatico, postpasti, insalate etiam aconze, et quando se gli manda robbe da far cuocere per alchun padre, o se gli da l'ordine; et così si va facendo sotto pretesto di devotione per quanto intendo ei [sono] informato: et se bene non si sa pubblicamente da tutti, molti però si maravigliano, massime essendo quella casa aperta, et sei flatvoli dentro vi stano, quali vedono l'entrar et uscir de nostri, et alchuni de' quali poco bene ci vogliono, sapendo che ci fano il pane, et molte altre spesse per la sachristia. La charità di quelle bone sorelle è grande et vorrebbono poterci dare questo mondo et l'altro se fusi in poter loro, ma temo dellli nostri, quali non interpretano le cose poi conforme alla verità: però l'ho voluto rappresentar a V.R.P. acciò con il suo santo giudicio informata della verità avisi come da se quanto intorno a questo gli parerà, desiderando se così gli piace che letta questa la strazzi, acciochè nè il P. Maggio. nè altro sappi niente... ».

DOCUMENTI

1.

COSE NOTATE DAL P. VANINO NEL COMPENDIO DELLA PERFEZIONE.

Fondo gesuitico già al Gesù, 653, ff. 138-139.

Circa il 4º grado.

1. Che ogni perfezione ha chi si contenta di quello, che vuole Iddio, e fa cambio della virtù creata nel suo volere in creato, il quale in infinito eccede ¹.

2. Che all'anima, la quale è giunta a questo grado, Iddio sottrae il conoscere gl'atti suoi interni diretti talmente, che non li avertisce, et non giudica che li fa ².

3. Che il Padre fece a N. S. Gesù Christo la medesima sottrazione già detta, che si fa in questo stato ³.

Circa il 2º stato.

4. Che Iddio all'anima sottrae tutto l'attivo talmente, che volendo forzarsi non può fare atto niuno, e che questa sottrazione di tutto l'attivo s'intende ne l'intelletto et volontà, quanto alli proprii atti interni di volitione, intentione, elezione, fruitione, sodisfattione, et simili ⁴.

5. Che non può fare atti de ringratiare Iddio, nè di conformarsi a Dio ⁵.

6. Che Iddio sottrae in modo il suo concorso, ch'ella non può nella parte superiore fare attiva operatione alcuna per alta et santa che sia, ma solc può stare patendo voluntieri ciò, che Dio gli permette ⁶.

7. Che l'intelletto astratto dai sensi in estasi non può intendere colle forze naturali et virtù sue attive di prima, ma riceve lume divino, che opera in lui lumi et intendimenti altissimi. Et da qui inferisce l'autore, che la volontà non opera con le sue forze di prima, quando gl'è fatta detta sottrazione ⁷.

¹ Breve Compendio p. 45. Per comodità dei lettori indichiamo i luoghi corrispondenti del Breve Compendio secondo una delle edizioni moderne più usuali (Vienna, M. A. Schmidt, 1802).

² Ivi 72-73.

³ Ivi 56.

⁴ Ivi 89, 90, 94.

⁵ Ivi 90.

⁶ Ivi 90.

⁷ Ivi 97.

Circa il 3º stato.

8. Che la volontà rinontiando a tutto il suo volere et a tutta la sua libertà se ne spoglia a fatto come se non l'havesse, et ciò *sponte et libere*, et si fa non volontà nel modo che S. Paulino si fece schiavo per liberare un altro ⁸.

9. Che detta volontà se spoglia di se, et di tutto l'attivo et passivo già detto ⁹.

10. Che all' hora il Signore leva a detta volontà tutto l'attivo et passivo sopradetto con restare detta volontà in tutto et per tutto nuda, et a tutto impotente solo non resistendo, nè opponendosi a questo, ma lasciandosi spogliare del tutto, et che diventa non volontà *prattice*, cioè che fa tutte quelle opere, che fa, come volute dal divino volere immediatamente senza niuno concorso del suo, collocando quello de Dio in luogo del suo, et quello, che si fa, si fa all'imperio de Dio, et non suo ¹⁰.

11. Che Iddio sottrae ogni atto a detta volontà, et se pure lascia anco simili atti, all' hora li vole et fa non per volere che detta volontà habbia, ma perchè vede che Dio vuole che li faccia, et che qui non vi è conformità con la volontà de Dio, ma molto più. Perchè la volontà con tale renontia si lega, assorbe, et abissa in Dio, et del tutto persa resta in quella di Dio sommamente deificata per totale identità in quella, et questo con modo pratico et reale sopradetto ¹¹.

12. Che tali sottrazioni forno fatte a Christo Nostro Signore ¹².

2.

STEPHANI TUCCI

IHS. CIRCA MEDOLANENSES PROPOSITIONES

Ibid., ff. 130r-134v.

[130r]

Propositio 1^a.

Transumpta fuit ad verbum ex pag. 24 verso ultimo. In his verbis duo possunt offendere. Primum quia in volente quod vult Deus, ponit omnem perfectionem, nec addit: dummodo faciat quod in se est ad cooperandum Deo. Sed hoc nihil est, quoniam ibidem, pag. 23, admonitione 2^a et 6^a, expresse ponit necessitatem nostrae cooperationis. - Secundum, quia dicitur, habere omnem perfectionem qui est contentus Dei voluntate, neque

⁸ Ivi 100.

⁹ Ivi 99.

¹⁰ Ivi 102-103.

¹¹ Ivi 102-103, 104.

¹² Ivi 103.

distinguit quomodo habeat omnem perfectionem: nam si intelligat habere omnem perfectionem obiective, recte est: quoniam manu Dei voluntatem, quam suam virtutem; sin formaliter, falsum est, quoniam actus quo volumus quod Deus vult, non est omnis perfectio formalis, quia deesse illi potest perfectio tum habitualium donorum, tum intentionis fervoris in actu, ut si actu remisso id velit, tum extensionis et continuationis in eo actu. Tametsi author videtur accepisse obiective, ut in sequentibus declarat dicendo istum commutare virtutem creatam in Dei voluntatem, quae infinite excedit: quod est magis velle unum obiectum quam alterum; et per haec verba sublata est aequivocatio in verbo habendi perfectionem: qui loquendi modus magis proprie sonare et sumi solet formaliter quam obiective. Laudarem tamen et consulerem ut huic propositioni addatur, intelligendam esse de habendo obiective, non formaliter.

2^a Propositio.

Non habetur in 4^o gradu, qui citatur, sed in 6^o, Adnotatione 2^a, pag. 41. In hac propositione duo displicere possunt. Primum quod haec reflexorum actuum, quibus directi cognoscuntur, subtractio non videtur posse aut solere fieri a Deo: et hoc est falsum, quoniam S. Thomas, 2. 2, q. 183, art. 4, ponit hoc genus subtractionis etiam in prophetis, qui non semper cognoscebant quae prophetabant. Secundum, quod significare videtur author, pag. 47, esse meliorem hanc subtractionem, quam reflexam suorum actuum cognitionem. Neque hoc aliquid est; non enim illam ex suo genere et ex se meliorem esse affirmit, sicut nec affirmari debet: cum S. Thomas loco praetulito doceat [130v] esse imperfectum prophetiae genus cum propheta non cognoscit ea quae prophetat; sed solum ex intentione agentis, hoc est Dei, qui huius cognitionis reflexae subtractionem compensat meliori bono, qualis est perfecta et sui humiliatio, non cognoscente homine bonum quod habet; et sui resignatio in Dei voluntatem, non quaerendo quae sua sunt, sed quae Dei, ut author bene explicat pag. 47 et 48, Admonitione 5^a. Quare haec propositio nihil habet, quod merito displicere possit.

3^a Propositio.

Fideliter transumpta fuit non ex 4^o, qui hic allegatur, sed ex 6^o¹³ gradu, Admonitione 5^a, pag. 45 et 46. Et quidem prima facie videtur male sonans propositio; cum enim in huius 6^o gradus principio et in Admonitione 2^a dicat author hanc subtractionem in nobis fieri circa partem superiore rationis, quando postea ponit eandem in Christo subtractionem videtur significare consequenter in Christi parte superiore fuisse talem subtractionem: quod pessime sonat: quoniam subtractio

¹³ La cifra è coperta da una macchia di inchiostro, ma poi è ripetuta: sicchè non c'è dubbio che si debba leggere: 6.

reflexae cognitionis, vel habitualis vel actualis, est ignorantia quaedam ad quam reducitur actualis inconsideratio seu inadvertentia, iuxta S. Thomam, 1. 2, q. 6, art. 8, et q. 76. At in Christi ratione superiore ponere aliquam ignorantiam abhorret a Patribus et Theologis. - Verum author forte hoc noluit dicere: nam in Admonitione 5^a, pag. 45, docet Christo patienti fuisse subtractum concursum actualē fortitudinis, patientiae, magnanimitatis et similium, et hoc quantum ad ea sentienda modo supradicto. Haec ille. Quibus verbis subinuit, Christum non fuisse passum eam subtractionem in parte superiore, sed in sensu, seu in parte sensitiva et inferiori, quae non sentiebat et experiebatur actus non modo suos sed neque rationis, quoniam non fovebatur redundantia et influxu ex actibus rationis, ut antea. Hoc forte dicere voluit; necessarium tamen videtur, ut se clarius explicet.

[131r]

4^a Propositio.

Transumpta fideliter fuit ex 2^o statu pag. 51 et 52. In hac propositione displicere potest vel rei impossibilitas, vel indecentia. Et quidem impossibilitas non constat, etiam si interiores illi actus sint maxime vitales: quoniam ad visionem beatificam non concurrere animam active, sed passive tantum, sentiunt Nominales: quod etiam problematice disputant Richardus, 3, dist. 14, art. I, q. 3; Scotus, ibidem, q. 2, sub finem; Durandus, 4, d. 49, q. 2. Imo Capreolus in statu vitae putat intentionem ultimi finis in nobis a Deo, non a nobis elici et produci.

De indecentia maior est difficultas; non enim videtur decere, ut Deus subtrahat secundis causis ne active concurrant cum prima. Nam si deceret, ob unam ex tribus causis deceret: 1^a quia aliquis actus tam excellens est, ut a solo Deo possit in nobis effici, nec noster concursus sit possibilis. At hoc falsum est, non enim excellentior est, quam visio beatifica, ad quam tamen active nos etiam concurrimus, iuxta veriorem et communiores S. Thomae doctrinam. — 2^a quia etiamsi talis concursus nobis impossibilis non sit, tamen nobis perfectius esset aliquem actum a Deo recipere, quam cum Deo producere. Neque hoc verum est, quoniam perfectionum, quas nondum habemus, melius est nos esse causam per nostram cooperationem, quam per solam receptionem ab alio, ut probat S. Thomas, 3 part., q. 19, art. 3. — 3^a quia videtur id magis meritorium. Sed neque hoc, quoniam meritum est opus nostrum et liberum: at magis nostrum et liberum est, si efficienter a nobis est.

Tametsi quod pertinet ad libertatem, non sit magnopere urgendum, quoniam dum in homine Deus solus aliquid agit, vel homo tunc est sui compos et dominus, et sic libere resistere posset: non enim resistere est agere, iuxta philosophos: quare cum resistere possit, et non resistat Deo imprimenti, meretur; vel non est sui [131v] compos et dominus, et tunc posset mereri ex libera sui oblatione, qua antea se obtulit in omnem Dei voluntatem, sicut accidit in raptum, qui ex electione praecedente esse potest, non autem ex praesenti, cum in eo anima vim quandam praeter suam naturam patiatur, iuxta S. Thomam, 2. 2, q. 175, art. 1 et 2. Quidquid itaque sit de libertate, certe ob alias causas id

decere non videtur, cum praesertim nullum legerim Doctorem, qui in actibus virtutum dicat hominem se habere mere passive: nam quamvis Dionysius Areopagita, de divinis nominibus, cap. 2, dicat de Hierotheo, divina fuisse passum¹⁴, illud tamen S. Thomas exponit, non quod nihil ageret, sed quod, ex vehementi impressione obiecti, ad illud afficiebatur ac movebatur maxima quadam inclinatione. Immo id videtur repugnare Tridentino Concilio, Sess. 6, can. 4, determinanti in nostra Iustificazione nos cooperari Deo per nostros actus et liberum arbitrium, quod cum movet a Deo, non est sicut aliquid inanime et nihil agens. Quare si unumquodque crescit et perficitur iisdem causis quibus generatur, sicut prima Iustificatio fit nobis cooperantibus, eodem quoque modo videtur debere proficere et perfici.

Una defensio posset adduci, quam insinuat author pag. 51 et 52, nempe hanc subtractionem activi non fieri a Deo quia est perfectior ex se et ex suo genere, sed quia compensatur meliori bono, hoc est perfecta sui expropriatione et humiliatione, cum homo experiatur se nihil posse, cum Deus non concurrat, et sua bona esse a Deo; et in ea afficiatur non ut res suas, sed Dei solius. Hoc si dicatur, fortasse non repugnabit verae doctrinae, novum tamen erit et obnoxium calumniae: quare satius ut exponatur haec subtractio activi duobus fere modis: primo, non quod nihil omnino agat homo, sed quia excellenter a Deo praevenitur ut non ex electione se se ad id agat et moveat, tametsi motus a Deo et libere consentiat et simul cum eo aliquid agat erga id quod a Deo recipit: secundo modo, si nihil operationis [132r] divinae recipit, nec aliquis actus in eo fit, non est absurdum dicere Deum aliquando ad maiorem hominis humiliationem non concurrere cum eo ad ullum actum, ita ut nihil agendo aut patiendo, agnoscat quam nihil possit, cum a Deo relinquatur. Nam sicut ad maiorem suorum electorum probationem et humiliationem solet Deus ad tempus subtrahere magnam partem vigoris et efficacie in operando: unde illae voces: *Dormitavit anima mea pae tedium: aruit tanquam testa virtus mea: avertisti faciem tuam et factus sum conturbatus* etc., ita eadem de causa fere totum vigorem auferre potest ad tempus, ut sibi videatur pene nihil posse.

Propositio 5^a, 6^a, 7^a

Quae bene sunt transumptae ex pag. 51 et sequentibus. Idem iudicium, quod de 4^a. Quamquam in 7^a videatur author dicere voluntatem in raptu nihil agere per naturalem suam facultatem, sed per lumen infusum dumtaxat, quod aliqui etiam dixerunt de lumine gloriae in visione beatifica. Quod vix intelligi potest, si debet esse actio vitalis. A Deo quidem posset illa nobis imprimi, ut quidam putant; sed quomodo possit effici ab aliqua infusa qualitate sine concursu nostrae potentiae, vix cogitari potest: tamen quia dicitur id a nonnullis de lumine gloriae, damnari non potest, quamvis mihi nullo modo placeat.

¹⁴ Al *pati divina* il Gagliardi si richiama anche in altro luogo del *Breve Compendio*, ma in senso un po' diverso.

Propositio 8^a.

Fideliter transumpta est ex 3^o Statu, pag. 55 et 56. Sed qualis fuerit authoris mens indicat exemplum S. Paulini, qui privavit se libertate, ut ea careret de iure, non de facto: quia si voluisset, potuisset libere agere contra domini sui iussum, remanente in eo natura et substantia liberi arbitrii, sed contra ius id fecisset: quare fuit privatio libertatis non secundum esse naturale, sed secundum esse morale. In quo sensu bene potest anima privare se libero arbitrio et voluntate, tradendo illam Deo, ut iam non sit res sua, sed Dei, quamvis remaneat semper hominis natura et substantia liberi arbitrii, per quod potest, quando vult, repugnare Deo de facto, non de iure. Expedit tamen hunc verum sensum propositio-
nis clarius explicari.

[132v]

Propositio 9^a, 10^a et 11^a.

Fideliter transumptae ex 3^o Statu, pag. 55, 56 et 57. Sed in his vi-
dentur esse quaedam contradictiones.

Prima, quod in 2^o Statu, pag. 52, dicitur, subtrahi omne activum, etiam actum quo homo divinae voluntati conformatur, et tamen infra, pag. 53, dicitur, in hoc homine esse non modo passivam conformitatem cum Dei voluntate, sed etiam actum quandam passivum. Quid est actus passivus? an ipsum agere est pati? — *Secunda*, quod pag. 52 dicitur, in hoc secundo Statu subtrahi omne activum, et remanere solum quietem quandam passivam, et quasi agnum coram tondente se sinere Deum facere quidquid vult; et tamen infra, pag. 55, dicitur istam quietem, per quam non resistitur Deo spoliandi hominem, esse propriam 3^u Status, qui subtrahit homini omne activum et passivum. Nam, vel quiete sinere Deum facere et auferre quidquid vult, est quoddam pati: et tunc, cum hoc inveniatur etiam in 3^o Statu, sequitur in 3^o Statu non tolli omne passi-
vum; vel non est pati, sed subtractio passivi: et tunc illud quiete sinere non potest esse in 2^o Statu, qui ablato activo retinet passivum. — *Tertia*, quod in explicando 3^o Statu, pag. 56, dicitur in illo tolli omne activum et passivum, et tamen additur omnia opera, quae facit, non facere ea quia vult, sed quia videt Deum velle ut fiant. Quomodo facit opera, si nihil habet activi et passivi? — *Quarta*, quod dicitur, pag. 56, omnia opera quae facit homo in 3^o Statu non fieri ad ullum imperium suae voluntatis, sed divinae immediate: quo significatur, si v.g. homo tunc movet ma-
num, Deum id immediate imperare, non hominis voluntatem: quare non esset operatio vitae et naturae, quia non ab intrinseco; nec actus liber, quia non imperatur ab agente, sed ab extrinseco movente; quare tunc esset ut instrumentum inanime. — *Quinta*, quod dicitur hominem in 3^o Statu sinere Deum facere quod vult, non tamen per conformitatem suae voluntatis cum divina, sed quia videt Deum velle fieri haec et haec. At haec verba quid aliud significant, quam illam conformitatem quam negaverat? — *Sexta*, quod [133r], pag. 57, ponit identitatem realem inter humanam voluntatem cum divina. Quod repugnat simpliciter.

Hae sex contradictiones sunt valde apparentes et ex verbis Authoris colligi possent, praesertim a studioso calumniandi. Tamen si bene ante-

cedentia et consequentia attendantur, videtur longe alia fuisse mens illius, quamvis obscure posita. Nam circa *primam* contradictionem ipse met Author, pag. 54, explicat quomodo intelligat passivum: non enim per hoc intelligit omnem privationem actus, sed illius tantum, quo anima se movet in Deum, vel gratias agendo, vel desiderando, vel amando, vel se offerendo divinae voluntati, etc. Sed praeter hunc actum, qui est animae motus in Deum, ponit actum alium quem vocat passivum, qui consistit non in tendendo et se movendo in Deum, sed in eo, quod quiete et tranquillo animo acceptat tum taedia et afflictiones, quae sibi infliguntur a Deo in spiritu, tum Dei operationem secretam, qua in anima producuntur altissimae operationes, ipsa non active ad eas coepiente, sed acceptante tantum, sed per suum actum complacentiae et consensus: qui actus ideo dicitur passivus, quoniam non active coagit ad illas operationes, sed in se productas a Deo quiete et patienter acceptat. Quod an sit verum, supra discussum est: nunc sufficit non repugnare quod dicitur esse aliquem actum passivum, si intelligatur ad sensum Authoris.

Circa *secundam* contradictionem, patet explicatio ex prima. Quoniam, tam in 2º quam in 3º Statu, anima quiete sinit Deum facere et auferre quod vult; sed in 2º Statu id sinit per actum passivum, hoc est per consensum et acceptationem; in 3º autem neque istum actum habet, sed solum non resistere, nec repugnare: quod cum non dicat ullum actum, merito in 3º Statu etiam passivum tolli dicitur, praesertim cum in illo nec Deus operetur suas illas secretiores operationes, in quibus acceptandis dicebatur homo passive se habere in 2º Statu.

Circa *tertiam*, patet explicatio ex pag. 53, ubi Author dicit, per subtractionem activi tolli solum actus elicitos intellectus et voluntatis, et manere imperatos, qui flunt ex voluntatis imperio [133v] utentis alii potentiis. Quare cum dicitur, sublatu activo et passivo, adhuc fieri quaedam opera ab homine, intelliguntur opera imperata.

Circa *quartam* et *quintam*. Aliquis potest sequi divinam voluntatem duplicitate, primo ita ut remaneat dominus suae voluntatis, et ex hoc dominio libere id velit quod Deus vult: quod est suam voluntatem conformare divinae: quo modo amicus vult quod vult alter amicus libere, retinendo tamen dominium suae voluntatis: et quamvis faciat opus volitum ab amico, tamen facit illud etiam, quia volitum est a sua voluntate, quam vult esse conformem amici voluntati. Et ista conformitas humanae voluntatis cum divina ad 1º et 2º Statum pertinet, ut ex eorum explicatione patet apud Authorem. — Secundo modo, ita ut non remaneat dominus suae voluntatis de iure et secundum esse morale, quicquid sit de facto et secundum esse naturale: sed omne dominium sui renuntiet in manu Dei, privando se omni potestate imperandi sibi, sed omne imperium sui tradendo divinae voluntati. Unde si utitur sua voluntate aliisque potentiis, id non facit ex suo imperio et beneplacito, sed ex divino: et quamvis velit facere quod Deus fieri vult, non tamen facit quia ipsem vult, cum suam voluntatem privavit dominio et imperio ut iam voluntas non sit voluntas, hoc est, ut iam non sit cum dominio sui, quod est proprium voluntatis, ut est appetitus

naturalis et liber; sed quia vult Deus, in cuius voluntate fuit repositum omne dominium humanae voluntatis. Et hunc secundum modum dicit esse proprium 3º Statui, ut ipsem, pag. 54, explicat, quamquam aliquantulum obscure. Ideo ad tollendam aequivocationem deberet clarius explicari.

Circa sextam, maior est difficultas. Nam si dixisset esse realem unionem humanae cum divina voluntate, posset exponi commode: quoniam iuxta S. Thomam, 1. 2, q. 28, art. 1 et 2, amor est affectiva unio amantis cum amato; sed illa affectiva movetur ad realem unionem et inhaesione: sed *identitas* non dicit unionem quamlibet, sed eam qua unum et idem fiant, quae[134r] erant duo. Et si dixisset esse quidem identitatem, sed non addidisset *realem*, tolerari posset, quoniam posset exponi de unitate et identitate tum obiectiva, quia idem volunt et nolunt, tum affectiva, per quam unus alteri est alter ego, iuxta illud: *Credentium autem erat cor unum et anima una*; et: *Rogo, Pater, ut sint unum*. Sed cum dicat, esse *totalem et realem identitatem*, significat fieri unum realiter; quod non minus repugnat, quam imaginatio vel Eutychetis, qui ex divinitate et humanitate in Christo dicebat resultasse unam naturam, vel Monotelitarum, qui unam eamdemque voluntatem et operationem ponebant in Christo. Necessarium itaque est ut explicet hoc esse intelligendum de identitate affectiva et obiectiva, quae realis quidem dici potest, non tamen eo modo quo dicunt communiter philosophi duo esse realiter idem et differre formaliter: quo modo solet intelligi *realiter*, cum absolute pronuntiatur.

Propositio 12^a.

Non fuit fideliter transumpta, quoniam in 3º Gradu, pag. 57, non loquitur de quavis subtractione in Christo, sed de ea, per quam dixerat Author, voluntatem creatam desinere esse voluntatem per sui dominii traditionem perfectam et absolutam in manu Dei: et docet Author talen renuntiationem fecisse Christum, cum dixit: *Verumtamen non mea, sed tua flat voluntas*. Qua in re nihil absurdum videtur esse.

Tandem in his Propositionibus multae sunt subtilitates, quae, cum nec necessariae videantur, nec multum aedificant ad pietatem, sine magno damno supprimi possent, aut certe non temere vulgari, aut clarius explicari.

Adderem et illud: id quod in 5º Gradu, Remedio 4º, pag. 38, dicitur: tentationes carnis, quae accident viris iam progressis in via Dei, non esse repellendas magnis paenitentiis et mortificationibus naturae, sicut facere solent Novitii: posse bene et male accipi. Bene, si excludatur ea paenitentiarum magnitudo, quae valetudinem et vires [134v] forte extenuatas excedat. Male, si ea etiam magnitudo interdicatur, quae valetudini et viribus optime aptissimeque conveniat, cum sit doctrina omnium Patrum corporis castigationem esse proprium lascivientis carnis remedium. Quin et Ecclesia de ieunio canit: *Vitia comprimis*; et in hymno ad Primam: *Carnis terat superbiam Potus cibique parcitas*; et David,

psal. 34: *Ego autem cum mihi molesti essent, in duebar cilicio, humiliabam in ieiunio animam meam.* Ubi Hieronimus: *Haec sunt, inquit, arma sanctorum*, etc. Nec valet quod illic dicitur: *Viris iam proficientibus has tentationes non ab intrinseco, sed ab extrinseco provenire*; nam S. Hieronimus usque ad senectutem fatetur se passum has tentationes, tamen nunquam cilicium, abstinentiam ac vigilias reliquit. Item S. Benedictus et S. Franciscus, quamvis in via Dei magnopere profecissent, tamen temptationis impetum viribus et spinis extinxere. Nonne Apostolus stimulum carnis patiebatur ab extrinseco, hoc est ab angelo Sathanae, qui eum colophizabat? et tamen castigabat corpus suum et in servitutem redigebat. Et ratio est in promptu, quia a quovis principio, sive extrinseco, sive intrinseco, accendatur ignis, semper est aptus suo contrario extingui. Quod si dicat Author remedium esse hunc, humiliari sub potenti manu Dei: at ieiunare et indui cilicio est humiliare animam, iuxta David: cum interiore humilitatem exteriori etiam protestemur, et excitemus nos magis ut totus homo anima et corpore humilietur. Itaque hoc dictum nullo modo tolerandum puto, quia repugnat doctrinae et praxi Sanctorum; praesertim his temporibus, cum hae paenitentiae usque adeo ab haereticis impugnantur, ut merito dixerit S. Ignatius in libro Exercitiorum, prope finem, Regula 7^a: *Signum fidei catholicae esse extollere asperitates, afflictiones et mortificationes non solum internas, sed etiam externas.*

Salvo meliori iudicio.

3.

[CAPITOLO FINALE DEL « BREVE COMPENDIO »

EMENDATO SECONDO I SUGGERIMENTI DEL P. TUCCI¹⁵]

Arch. Univ. Gregoriana, 1440^a. B, ff. 17v.-18v.

C. 11 et ultimo. Del 3^o et ultimo stato.

[17v] Finalmente sole levare il Signore non solo l'attivo, ma anco il passivo già detto, con restare la volontà in tutto et per tutto nuda et a fatto come impotente *ad operare come da se*, solo non resistendo, nè opponendosi a questo, ma lasciandosi spogliare del tutto suo *moversi da sè*. Et per l'intelligenza di questo ultimo *stato*, e più sublime di tutti, è da avvertire, che è tanto grande la virtù della libertà che ha la volontà, che ella può rinunziare a tutto il suo *proprio* volere, et a tutta la sua libertà, et a fatto spogliarsene *in quanto sono da sè*, come se non l'havesse, et questo sponte et libere; e facendo tal rinuntia, allora la volontà si fa non *propria* volontà, perchè in tutto cede iuri suo e si da in mano d'altra volontà; nel modo che S. Paulino si fece schiavo per liberare un altro, così po' l'anima fare del suo interno libero arbitrio *in quanto dipende da sè*. Allora il Si-

¹⁵ I ritocchi e le aggiunte sono stampate in corsivo. Il cod. A presenta qualche lieve variante, come è indicato in nota.

gnore per sottrattione li leva l'attivo et il passivo, e qualsivoglia atto, quanto a voler da sè, come se prorsus ella non fusse; et da questo ella non resistendo, anzi con piena esibitione di tal rinuntia concorrendo, viene a diventare non *propria* volontà practice, chè tutte le opere che fa e fa fare, non le vole quanto [18r] a sè, nè le fa¹⁶ per volerle lei, nè manco per volontà conformissima alla divina, ma rinuntiando a fatto a tutto questo, e sapendo che la volontà divina vole che le faccia, perciò le fa come volute da divin volere immediate, senza niun concorso del suo *come suo*, collocando quello di Dio in loco del suo.

Nel modo che in palazzo pieno d'ogni grandezza del quale uno è padrone, uscendone egli fora ve lascia dentro un suo amico come assoluto padrone, e si fa tutto quello che prima si faceva in detto palazzo, ma all'imperio solo dell'amico, e non più suo; così la volontà rinuntiando a se in tutto, et all'attivo e passivo puro e santo già detto, risoluta di non operare più perchè lei voglia, etiam che non volesse se non quello che Dio vole, et non volendo a fatto più ne anco havere questa sodisfattione, che rinuntia in tutto; et però fa tutto come prima, ma come voluto et ordinato da Dio, et niente *come* da se, lasciando piena et immediata patronanza al divino Beneplacito di tutto il corpo, anima et attioni sue, come se veramente non havesse più *proprietà della sua volontà*. Et a questo Idio corrisponde come si è detto con la sottrattione di ogni atto; e se pure lascia anco simili atti, allora la volontà li fa non per suo volere che habbia, ma perchè vede che Idio vole che li faccia. *Questo è quello di S. Paolo: vivo ego, iam non ego; vivit vero in me Christus: perchè altra cosa è che l'omo viva in Christo, altra che Christo viva in lui: questo secondo è maggiore.* Questa sottrattione¹⁷ e rinuntia fece Christo nell'horto quando [18v] disse: non mea sed tua voluntas fiat: ciò è il patire croce la mia volontà lo voleva come conforme a te, Padre eterno, con una purità e santità stupenda; ma io rinuntio anco a questa, et nel patire che farò,¹⁸ non lo voglio perchè la mia volontà benchè santissima lo voglia, ma solo perchè la tua lo vole, et alla mia in tutto renuntio. E così diventò non *propria* volontà libere, e però disse: non mea voluntas sed tua, ciò è la mia volontà sia non *mia* volontà, per dare loco *intiero* alla tua. Qui l'annihilatione, spropriatione, sottrattione rilucono altissime: conformità non vi è, ma molto più, perchè la volontà con tal rinuntia si lega, assorbe et abissa in Dio, et del tutto persa la sua *proprietà*, resta in quella di Dio sommamente deificata per perfetta¹⁹ identità in quella *quanto alla proprietà*, e questo con modo pratico e reale già detto.

¹⁶ Cod. A, f. 19v.

¹⁷ Cod. A: « Et a questo Dio corrisponde come si è detto con la sottrattione d'ogni atto, et se pur lascia anco simili atti, all' hora li vole et fa non per suo volere che habbia, ma perchè vede che Dio vole che li faccia. Questa sottrattione... »

¹⁸ Cod. A, f. 20r.

¹⁹ Cod. E per total

II. - TEXTUS INEDITI

DER NEKROLOG FÜR P. MARTIN GOTTSEER S. I. GRÜNDER DES COLLEGIUM NORDICUM ZU LINZ (1648-1781)

von P. JOSEF TESCHITEL S. I. - Rom.

SUMMARIUM. - Occasione proxime transacti tercentesimi anniversarii natalium fundatoris Collegii Nordici in Austria, eius necrologium typis mandatur. Fonte descripto biographiae et elucubrationes enumerantur. Deinde textus ipse cum notis et declarationibus succinctis datur.

I. Die Gründung eines Seminars in der oberösterreichischen Hauptstadt Linz an der Donau, in dem Missionäre für die Bekehrung des protestantischen Norden Europas herangebildet wurden, hat immer wieder die Gemüter von Freund und Feind in Wallung gebracht, die in Schriften für und gegen das « Collegium Nordicum » ihren Niederschlag fand. Gründer und erster Leiter dieses umstrittenen Seminars war P. Martin Gottseer aus der österreichischen Provinz der Gesellschaft Jesu. Zeitweise eifriger Feldkurat in Ungarn und Sachsen, wirkte er besonders als Begleiter des kaiserlichen Gesandten Grafen Starhemberg in Schweden, wo er auch den Plan fasste, in katholischen Landen ein Seminar für die Nordischen Missionen zu gründen.

Der dreihundertste Jahrestag seiner Geburt, der in seiner Heimatpfarre festlich gefeiert wurde, regte den Gedanken an, den noch unveröffentlichten, sehr ausführlichen Nekrolog für P. Gottseer aus dem ARSI. in Druck zu geben.

Der Nekrolog ist enthalten im Kodek *Austr. 188*, einem stattlichen Band, $33 \times 22 \times 6\frac{1}{2}$ cm, in Pergament gebunden, mit Rotschnitt. Der Titel ist: *Historia Provinciae Austriae Societatis Jesu ad annum millesimum septingentesimum trigesimum primum*. Auf 719 handgeschriebenen Seiten wird berichtet über Anzahl der Häuser und der Mitglieder, über Sakramentenspendung, Predigten und Volksmissionen, über Heiligenverehrung, Bekehrungen und ähnliche Seelsorgearbeiten. Im XIV. Kapitel folgen die Elogien oder Necrologia der Verstorbenen dieses Jahres; es sind 38, darunter der Nekrolog des P. Martin Gottseer von Seite 653 bis 690.

Das Latein des Nekrologs ist barock, breitspurig und verwendet gern seltene, gesuchte Wörter; zwei davon scheinen anderweitig nicht belegt: S. 658 *vetroneus sudor*, gläserner Schweiß; es ist

wohl der Todesschweiss damit gemeint und gut gezeichnet; S. 690 schediasmata, Zettel. Die übrigen Wörter werden in den dem Texte folgenden Anmerkungen erklärt.

Der Inhalt des Nekrologs ist auf Erbaulichkeit eingestellt, wobei jedoch Sinn für Humor nicht mangelt. Besonders ausführlich wird Gottseers Wirken in Sachsen und Schweden geschildert. Die vielen Einzelheiten fanden nicht, wie jene von Linz und Graz, Aufnahme in die veröffentlichten Lebensbeschreibungen.

Wer der Verfasser des Nekrologs ist, lässt sich nicht mit Sicherheit feststellen. Die Hausgeschichte von Graz hatte damals P. Johannes Baptista Höffen zu schreiben. Die Schreibfehler weisen darauf hin, dass der Abschreiber des Latein nicht mächtig war. Ob es der Laiengehilfe des Provinzials, Br. Erich Moser, war, ist unsicher.

II. Literatur über P. Martin Gottseer.

1. Die erste Lebensbeschreibung Gottseers verfasste auf lateinisch P. Aegidius Dornigg, durch neun Jahre, bis 1734, Regens des Konviktes zum Heiligen Geist in Graz. Ihm, wie auch dem P. Stöcklein, stand der schriftliche Nachlass des Gottseer « mit urkundlichen Beylagen » und wohl auch unser Nekrolog zur Verfügung; vielleicht ist er selber dessen Verfasser (s. Sommervogel, III, 149, A. *Vita et gesta R. P. Martini Gottscheer S. J. Prov. Austr. Collegii Nordic Lincii Fundatoris*).

2. Ausführlich hat das Leben und Wirken Gottseers P. Joseph Stöcklein in seinem fünfbandigen Sammelwerke *Neuer Welt-Bott* beschrieben und zwar im III. Bande « Drey-und vier und zwanzigster Theil. AUGSBURG, In Verlag Philip/Matins/ und Joh. Veith seel. Erben, Buchhändlern 1735 ». « Numerus 514-520 », Seite 140 bis 187.

Numerus 514: *Nachrichten Aus Schweden. Reiss, Leben, Thaten und Mission R. P. Mart. Gottscheer Der Gesellschaft Jesu Missionarii in Schweden aus der Provintz Oesterreich.* Auf S. 144 wird auf die lateinische Biographie von P. Dornigg hingewiesen.

N. 515: *Kurtzer Begriff dess Lebens R. P. Martini Gottscheer.*

NN. 516 und 517: Briefwechsel zwischen G. und H. Beaumont.

N. 518: *Brief dess Herrn Christoph, Bischoff zu Neustadt An den Herrn Franz Otto Graff von Starhemberg, kaiserlicher Gesandter in Schweden.*

N. 519: *Kirchenversammlung zu Upsal.*

N. 520: *Von Wienn biss Stockholm von ihm selbst in Latein beschrieben.* Dieser Reisebericht wird aber in deutscher Uebersetzung gegeben.

3. Erst 124 Jahre später berichtet ein Chorherr von St. Florian in Oberösterreich, Professor Josef Gaisberger, im 19. Bericht des Museum Francisco-Carolinum in Linz im Jahre 1859 in seiner: *Geschichte milder Stiftungen im Lande ob der Enns*, S. 20 ff., auf S. 154 bis 160 von P. Martin Gottseer. Seine Quellen waren u. a. die *Liitterae annuae in*

der Wiener Hofbibliothek (jetzt Nationalbibliothek), eine gleichzeitige Abschrift unseres Dokumentes.

4. Otto Schmid schreibt von G. in seinem Buche *Das ehemalige Kollegium der Gesellschaft Jesu in Linz. 1881*, auf S. 26 und ff.

5. Auch die Mitbrüder Gottseers aus der wiedererstandenen Gesellschaft Jesu haben das Andenken an ihn erneuert. P. Carl Platzweg S. I., *Lebensbilder deutscher Jesuiten in auswärtigen Missionen* (Paderborn 1882) schildert auf S. 68 bis 110 ausführlich Gottseers Lebenslauf. Platzweg schreibt Gottscheer und gibt als dessen Geburtsort noch Kirchhofen in N. Oe. an, wie der Nekrolog. Einen Ort dieses Namens gibt es aber in Nieder-Oesterreich nicht. Gottseer ist in Kirchau geboren und seine Taufmatriken sind daselbst noch erhalten. Den Namen des Ortes in Ungarn, wo Gottseer fast Märtyrer geworden ist, gibt Platzweg mit Schomoti wieder; nennt dessen Begleiter ungenau einen Franziskaner, er war aber Minorit oder Konventuale. Bei Platzweg finden wir außerdem zwei Eigennamen, die im Nekrolog fehlen: kaiserlicher Gesandte in Dresden im Jahre 1682 sei Gallenstein von Sternfels gewesen (S. 72); der Herzog von Sachsen, den Gottseer 1683 zum Entzatz von Wien begleitete, hieß Johann Georg III. (S. 74).

6. Im Jahre 1907 schrieb P. Georg Kolb S. I. in seinen *Mitteilungen über das Wirken der Jesuiten und der mariannischen Kongregationen in Linz während des 17. und 18. Jahrhunderts* von S. 113 an über das Nordische Kolleg und zunächst über dessen Gründer P. Gottseer.

Ein ungerechtfertigter Angriff in der *Linzer Tagespost* veranlasste ihn zu seinem Artikel: *Das Collegium Nordicum in Linz (Nach authentischen Quellen)*, der in den *Nachrichten der österreichisch-ungarischen Provinz* S. J., 4 (1907) 153-163; 5 (1908) 173-176 erschien. Kolb gibt den Namen des Geburtsortes Gottseers richtig als Kirchau wieder, ebenso den Namen des Paters: Gottseer. In einer Fussnote wird die Taufmatrik mitgeteilt und Prof. Gaisberger öfter zitiert.

7. Ausführlicher behandelt *Das nordische Kolleg in Linz* P. Johannes Metzler S. I. in der *Linzer Theologisch-praktischen Quartalschrift*, 64 (1911) 253-383.

8. Einen gedrängten, aber erschöpfenden Lebensabriß Gottseers gibt P. Bernhard Duhr S. I. im IV. Bande seiner *Geschichte der Jesuiten in den Ländern deutscher Zunge*, Erster Teil (München-Regensburg 1928) 379-381. Duhr hat für sein Werk das Archivum Romanum S. I. ausgeschöpft.

9. Einen kurzen Artikel über Gottseer schrieb Arne T. S., *En Jesuit i Svenge pa Karl XI:s tid.*, in *Foruvännan*, 31 (Stockholm 1936) 361-363.

10. Zur Feier des dreihundertjährigen Jahrestages der Geburt Gottseers veranstaltete der jetzige Pfarrer, H. H. Adolf Zoglauer, eine dreitägige kirchliche Feier und veröffentlichte, ohne seinen Namen, im Pfarrblatt: *Unsere Pfarrnachrichten*, Nr. 6, November-Dezember 1948, S. 5-7, einen nach Duhr verfertigten, guten Lebensabriß Gottseers. Als Einleitung gibt Zoglauer die Taufmatrik Gottseers in ihrer ursprünglichen Rechtschreibung wieder; Kolb hat sie bis auf den Namen: Gotscheher in neuer Rechtschreibung und gekürzt gegeben.

III. Der Text des Nekrologs, der nun folgt, ist im Original wenig gegliedert. Zur leichteren Uebersicht wird der Inhalt in kurzen, deutschen Zwischentiteln im Texte gegeben. Den Teil über das Tugendleben Gottseers geben wir kurz in deutscher Sprache. In Fussnoten folgen erklärende Anmerkungen.

[NECROLOGIA]

P. MARTINI GOTTSSEER.

Arch. Roman. S. I., Austr. 488, pp. 653-690.

[A. Kurze Uebersicht über den Lebenslauf (1648-1731).]

[653] Singularem sui memoriam vendicat quem autumnus anni huius velut maturum caelo fructum quinto loco Graecensium e Contubernio decerpit, Pater Martinus Gottseer¹ quatuor vota professorum in Provincia nostra decanus, vir exantlatis pro Deo, fide orthodoxa animarumque salute laboribus longe clarissimus. Kirchhoffense² Austriae inferioris oppidum natalem illi lucem accedit octavo Idus Decembris anno praeterlapsi saeculi decimi septimi quadragesimo octavo. Viennae humanioribus litteris et Philosophicis discipli [654] nis imbutus Societati animum addixit ac Leobii³ primam probationem exorsus est, septimo Idus Octobris anno a partu Virgineo sexagesimo octavo supra millesimum sexentesimum. Obiit⁴ vir plenus dierum et meritorum, postquam aetatis universae numerasset, annos octoginta duos, menses novem, dies quindecim, e quibus in Societate Dei servitio impendit annos sexaginta duos, menses undecim, dies tres. Multiplicia apostolici viri acta longiorem exi-

¹ Gottseer. So unterschreibt G. seine Professformel (ARSI, *Germ. 24*, ff. 555, 556). Der Name ist urkundlich selten belegt. Ein Hans Gottschewer, auch Gottschewerschich, war um 1562 zweiter evangelischer Prediger in Ratschach a. d. Save (Landesarchiv Graz). Erzherzog Carl lässt in Graz am 21. April 1582 dem Sekretär der Landschaft in Krain, Caspar Gottscheer, ein Hochzeitsgeschenk im Werte von 40 fl. überreichen (Hofcammerregistrator, Graz, 44b). 15. Februar 1587 gegeben zu Prag Verleihung des Adelstandes und Wappenbesserung für Tomas Gottscheer (Reichsakt, Adelsarchiv Wien). Ein David Gottscheer von Zirkhniz, k. Diener und Concipist bei der n. ö. Regierung wird 1589 Domin. quinquages. (12. Februar) getraut (Matrik St. Stephan, Wien, Tom. VII, fol. 58): mitgeteilt von H. Karl Friedrich von Frank.

² Der Dreijahrskatalog von 1669 schreibt richtig: Kirchavensis (ARSI, *Austr. 34*, f. 91, n. 45). Spätere Kataloge haben dann die falsche Angabe: Kirchhoffensis. Entscheidend ist die Taufmatrik. Pfarrer Zoglauer schreibt: « Im ältesten Matrikenbuch der Pfarre Kirchau ist auf Seite 32 mit verblasster Tinte eingetragen: 'Anno 1648 dem 6. Decembris abermall ist des Mathias Gotsheher Crammer allhir in Kirchauer Pfar und seiner Hausfrau Agatha Ehr. Kind namens Martin getaufdt worden. Der gefatter heist Andre Hertz in Kirchauer Pfar' ».

³ Aufgenommen zu Wien, begann er sein Noviziat am 10. Oktober 1668 zu Leoben (Dreijahrskatalog von 1730: ARSI, *Austr. 77*, pag. 129, n. 30).

⁴ Am 21. September 1731 zu Graz (ARSI, *Austr. 125*, Jahreskataloge von 1642-79, f. 247v).

gunt narrationem, cuius principium sit a munis cum laude administratis. Docuit Magister Viennae in Domo professorum⁵ classem elementarem et infimam Grammatices annis singulis, Humanitatem Clagenfurti⁶ anno uno, quam in Graecensi Universitate denuo Sacerdos⁷ repetit. Sub auditâ ibidem theologiae quadriennium studiosis humaniorum litterarum in Convictu präfuit anno uno, reliquo triennio pro laudabili aevi illius more philosophorum correptitoris, ut vocabant, munere functus est⁸. Post firmatum Judenburgi secundum sanctissimas Instituti nostri leges in tertia probatione⁹ spiritum militi Caesareo Sacris ab obsequiis esse iussus, asperrima quaeque in hac Castrensi missione annos tres afflictissimo per Superiorum Hungariam tempore sustinuit¹⁰. Hinc Viennam accitus präter status [655] in Missione ad Sancti Laurentii dictiones¹¹, Ethicam anno uno prälegit,¹² quo exacto in Saxoniam cum Residente Caesareo¹³ missus triennium ea in statione exegit, sub quod tempus Pragam Bohemiae Metropolim excurrit, ut istic quarto Nonas Februarii anno millesimo sexcentesimo octogesimo tertio sollempnia quattuor vota profiteretur¹⁴. Haud multo post tempore Saxonum auxiliares copias, quae ob sessae a Turcis Viennae succurrerant comitatus, tum sub iter militi tum soluta urbis obsidione vulneratis et aegrotis indefesso zelo apostolicam suam operam commodavit. Redux in Saxoniam anno uno illic subsistit¹⁵ et mox Provinciae redditus Aristotelem sexennio expluit, Lincii primum annis tribus¹⁶ totidem subinde Graecii¹⁷, una quoque utroque in loco Matheseos subtilitates insigni cum commendatione dilucidavit. De pulpite Peripatetico tam bene meritus a Provinciae präside submissis litteris admonetur, ut se ad docendam anno proxime ver-

⁵ 1671 und 1672 (*Austr. 77*, Jahreskataloge fehlen).

⁶ 1673 (*Austr. 125*, f. 568).

⁷ Geweiht zu Graz am 19. April 1677 vom Fürstbischof Wenzel Wilhelm Graf von Hofkirchen in dessen Kapelle (*ARSI, Austr. 37*, f. 12).

⁸ 1674-1677 (*Austr. 125*, ff. 595v, 619, 646. Für 1674 fehlt der Jahreskatalog).

⁹ 1678 (*Austr. 125*, f. 670v).

¹⁰ Für 1679 fehlt der Katalog; 1680 und 1681 ist G. im Kaschäuer Kolleg als deutscher Prediger in der Kathedrale, Seelsorger, Beichtvater im Kolleg und in der Kirche angegeben (*Austr. 126*, ff. 21, 42).

¹¹ Conciones, Predigten.

¹² 1682 im Wiener Kolleg (*Austr. 126*, f. 79).

¹³ Johann Philipp Graf Lämberg, Kardinal und Fürsterzbischof zu Passau, geboren am 28. November 1651, gestorben zu Regensburg am 20. Oktober 1712. Als Reichshofrat wurde er 1682 zu Kurfürsten Johann Georg von Sachsen gesandt wegen schleuniger Hilfe gegen die Türken (*Biographisches Lexikon des Kaiserthums Oesterreich*, von Dr. Constant. v. Wurzbach, 14. Tl., Wien 1865, S. 31 f. Mitgeteilt von H. Dr. von Frank).

¹⁴ Die Gelübdeformel mit der Unterschrift: Martinus Gottseer ist erhalten im Band *Germ. 24*, «Ass. Germaniae professi 4 votorum 1680-1683», ff. 555 und 556. Die Profess fand in der Kirche St. Nikolaus statt.

¹⁵ 1683-1684 in Missione Saxonica Dresdae cum Legato Caesareo (*Austr. 126*, ff. 106v, 145).

¹⁶ 1685-1687 (*Austr. 126*, ff. 163, 198v, 224).

¹⁷ 1688-1690 (*Austr. 126*, ff. 246v, 277, 312).

tente Viennae theologiam moralem comparet: verum aliud longe non exspectatum de eo, quem in publicum tum ardor apostolicus tum praeclarae animi dotes provocabant, Divina ordinavit Providentia. Quaerebatur eo ipso tempore vir in re subita non tam qui vellet, quam qui muneri arduo idoneus [656] virtute iuxta ac doctrina peritia paeprimis Theologiae polemicae et usui animorum tractandorum spectatus esset. Talem sibi dari destinatus in Sueciam Orator Caesareus Starrhemberg¹⁸ petiit, cuius votis ut satisfaccerent Superiores, dum sollicite Provinciam circumspectiunt, probatum a Saxonica nuper Missione Patrem Martinum deligunt et Excellentissimo legato offerunt. Hunc ergo ille anno superioris saeculi nonagesimo secutus est, tum ut eidem ab obsequiis spiritualibus esset, tum ut rem catholicam in septentrione amplius et adiuvaret et promoveret. Usus hac occasione vir zelo plenus excurrit per Saxoniam, Germaniam inferiorem et Daniam ad eos, quos norat sacerdote catholicis aliquis ad salutem animae necessariis subsidiis destitui. Egit tum multa Hamburgi, et Haffniae in transitu, plurima vero Holmiae in regia Sueciae urbe toto fere novennio¹⁹, quae ad maiorem Dei gloriam et animarum emolumentum cesserunt. In Austriam reversus docuit Lincii Theologiam moralem annis sex, uno ius Pontificium explanavit²⁰. Fuit ibidem biennio Instructor Patrum tertiae probationis, qui tum ex nostra tum ex Superioris Germaniae Provincia ob turbas seditionis Bavaricae istic agentes collecti erant [657]. Rursum post haec Illustrissimum Caesareum recuperatorem (quem vulgo Commissarium vocant)²¹ in Daciam ultimam, dein Serenissimum Ducem Saxo-Seizensem²² in Saxoniam comitari iussus utraque in statione negotium orthodoxae religionis impigro labore tractavit. Remeans ex hac missione Lin-

¹⁸ Franz Ottokar Graf von Starhemberg, geboren am 9. Mai 1662, gestorben am 21. Oktober 1699 zu Stockholm, begraben in der Hl. Geist-Kapelle zu Eferding. Stiefbruder des Befreiers von Wien, Heinrich Ernst Rüdiger Grafen von Starhemberg, geboren am 11. Januar 1637 zu Graz, gestorben am 4. Juni 1701 zu Vösendorf, begraben in der Schottenkirche in Wien; dieser stammte aus der ersten Ehe ihres Vaters Conrad Balthasar (J. SIEBMACHERS *Wappenbuch*, IV. Bd. 4. Abt. *Der Niederöster. Landständische Adel*, 2. Tl. von Dr. Joh. Bapt. Witting, 2. Hälfte, Nürnberg, Bauer und Raspe, 1918, S. 204. Mitgeteilt von H. Dr. von Frank).

¹⁹ 1691-1697; die Kataloge geben den Stand vom Beginn des Kalenderjahres, die Veränderungen werden aber meist schon im vorhergehenden Herbst vorgenommen (*Austr. 126*, ff. 370v, 409v, 456v, 493, 539, 568, 605). In Svecia apud Illustrum D. Comitem Franciscum a Stahrnberg Legatum Caesareum ad Regem Sveciae.

²⁰ 1698-1703 (*Austr. 126*, ff. 690, 674; *Austr. 127*, ff. 37, 82v, 331v, 118). Die Kataloge führen ihn nur 1702 und 1703 als Moralprofessor auf, als Instruktor der Patres in der dritten Probation gar nicht. Es scheint eine Verwechslung mit G. s. zweitem Aufenthalt in Linz vorzu liegen. Siehe 23).

²¹ 1704 in Miss. cum Ser.mo Jaurin. Eppo (*Austr. 127*, f. 162). Christian August von Sachsen, Bischof von Raab (Jaurinum) seit 14. Juni 1695, 1706 Kardinal, 1707 nach Gran (Strigonium) transferiert, Administrator von Raab bis zu seinem Tode am 22. August 1735 (GAMS, *Series epporum*, S. 374).

²² Dieser Herzog von Sachsen-Zeitz, geboren am 9. Oktober 1666, ist der eben genannte Raaber Bischof Christian August.

cium rexit Seminarium Sancti Ignatii triennio ²³, sequentibus annis quindecim ²⁴, quod dudum in bonum Sueciae iuventutis animo conceperat, erectionem Collegii Nordici magna constantia superatis sexcentis quae occurserant difficultatibus, sola in Deum fiduciâ fretus partim moliri coepit partim iam institutum moderatus est. Lincio tandem Graecium ²⁵ delatus ultimas fessae aetatis curas dirigendo Nostrorum spiritui impedit, qua in praefectura decennium et amplius desudavit paucis exceptis mensibus, quibus Patribus Judenburgi in schola affectuum versantibus suoque Instructore demortuo orbatis commodatus fuit. Atque haec Patris Martini apostolica erant munia quibus distentus **magnam** Europae partem peragravit, ubique pro Dei gloria et fidei catholicae incremento non tam multa tulit fecitque, quam ad sanguinis etiam profusionem usque decertavit. Horum pauca referre licet, cum quam plurima tum viri mo [658] destia tam remotior annorum memoria, quae relatu dignissima forent, posteriorum notitia subtraxerit.

[B. *Genauere Darstellung einzelner Abschnitte. (1679-1681.)*]

[a. *Feldkurat bei den kaiserlichen Truppen in Ungarn*].

Cassoviae militibus Caesareis peste laborantibus et phthiriasi ²⁶ infectis indefessa adeo cura diu noctuque subvenit, ut ipse fateretur: se tum non sine praesentissimo numine humanis mediis omnino destitutum precibus miserorum, quibus semper praesto erat, caelum penetrantibus servatum fuisse. Haec inter operosae charitatis officia epidemicō ipse afflatus malo, nullo adhibito medicamine solo Deo ferente opem et naturae benefcio, quae vetroneo sudore internum virus e poris eiecerat, convaluit. Tenebatur tum Cassovia triennio toto a seditionis obsessoribus arctissime cincta et praeter grassantem undique luem contagiosam, atrox bellum ac dira fames, saevissima Divinae iustitiae flagella, mortem undique intentabant. Tot inter discrimina infracto animo Pater Martinus munus oblit zelosi operarii afflictosque praesidiarios consolatus quot diebus Dominicis ad concionem dixit. Cum subinde ei ab urbe migrandum erat, extremum amittendae vitae periculum subiit. Trahebatur iter longissimum per viarum ambages inter varias turbidi caeli iniurias, palantium quaquaversus rebellium [659] excursionibus infestum, conflictabantur morbo viae comites, habitu hungarico vel gregarii militis amicti omnes, curribus impositi et subter stramen reconditi vehebantur. Cum haec dubia sorte spem inter et metum continuum agebantur, adsunt Calvinistae perduelles, qui numero praesidiarium itine-

²³ Nach den Katalogen ist G. von 1705-1719 in Linz. 1706 lehrt er Kirchenrecht (*Austr.* 127, f. 243v); 1705, 1707 und 1708 Moral (*Austr.* 127, ff. 195v, 290v, 372v); 1709 und 1710 ist er Instruktor der dritten Probation (*Austr.* 127, ff. 408v, 411); 1711 beginnt er mit der Gründung des Collegium Nordicum, ist Mathematikprofessor (*Austr.* 127, f. 480).

²⁴ 1712-1719 leitet er das « Seminarium Nordicum 3 Regum », nämlich Erici, Knuti, Olavi (*Austr.* 127, ff. 524, 603v, 674v; *Austr.* 128, ff. 7, 29, 43v, 57v, 71).

²⁵ 1720-1731 in Coll. Graec. Praef. spir., monit., examin. candid. (*Austr.* 128, ff. 83v, 97v, 111v, 125v, 139v, 159v, 167v, 182, 195v, 210, 223v).

²⁶ morbo pediculari.

rantium comitatum longe superantes Patrem Martinum haud procul Szamosio²⁷ cum viae socio sacerdote e divi Francisci familia, ut appellant, minorita intercipiunt: hic furentium quidem rabiem evasit, ex accepto tamen vulnere paulo post occubuit. Pater Martinus, qui se ad certissimam necem postulari et vidit et audiit, dum per militum humi iacentium animasque iamiam exhalantium acervum perreptat et expiatis a conscientiae noxis ultima morientum officia praestat, alto eoque gemino acinacis ictu graviter in capite sauciatur et pro mortuo habitus derelinquitur. Diu sanguini suo innatans inter militum cadavera mortem opperiebatur, verum dilapsis Deo, fidei Regique infidis praedatoribus post obligata, nescio, cuius miseratione? vulnera Cassoviam perducitur et sanatur. Saepe per reliquum vitae decursum de hoc extremo mortis discrimine [660] alta inter suspiria ingeminabat: haud procul se tum abfuisse a beatissima martyrum sorte, quam subivisse minime dubitaret suum itineris comitem Patrem minoritam, utpote fidei odio caesum et ex eo vulnere mortuum. Ceterum vir optimus luculentam a glorioso vulnera cicatricem intra canos latitatem tumulo intulit vere post fumum religionis causa sanguinem plus quam desiderii martyr.

[b. *Missionär in Sachsen (1682-1684).*]

Dresdae, quae Saxoniae Ducum urbs princeps est, cum Pater Martinus ageret in medio nationis heterodoxae, dissimulata primum persona, multa inter obstacula aegre habitationem sacris suis functionibus opportunam nactus perpaucos initio habuit, qui sacerdotem peregrinum nondum satis hoc nomine tutum frequentare auderent. Evidit nihilominus zelotis nostri solertia, ut convenarum saltem catholicorum praetextu collocare aram, coetum habere, verbum Dei praedicare et alia sacra orthodoxa iisdem ministrare privatim liceret. Licuere, sed magna cum cautela et iuxta mandati Electoralis rigorem, quo Luthericolis omnibus aditus ad sacerdotis externi functiones catholicas omnino vetabantur. Trangressoribus dictabantur in multam pendendi decem numi Imperiales qui primo deprehensi fuerint, iis qui se [661] cundo interessent, publica per constitutos apparitores arreptio, tum custodia ac, si opus denique foret, plagarum certus numerus aliaeque praevericantibus iniungendae poenae. Attamen fuere non pauci, qui se ad sacram hunc coetum posthabito omni periculo penetrarunt, qui pecuniariam multam praestare nil pensi habuerunt. Horum unus illustrissimo sanguine ortus ac nuper intimus Serenissimi Electoris Consiliarius saepius ad odeum hoc convenerat, donec in ipso accessu aliquando interceptus publice ad custodiā traheretur. Is ipse, qui cum filiis suis opera Patris Martini ad Romanae Ecclesiae gremium reductus fulcrum deinceps extitit catholicorum, quos inter post biennium pluribus antea ad aulam Caesaream legationibus Viennae spectatus pie e vivis decessit. Paulo post tanto auctius a Catholicis suis frequentari coepit Pater Martinus, quibus ille festis dominicisque diebus singulis post peractam

²⁷ Szamos ist der Name eines Nebenflusses der Theiss. Platzweg schreibt: Schomoti.

liturgiam officia hominis christiani tum fidei orthodoxae doctrinam explicuit, data sub finem dictionis omnibus venia, opponendi palam quae vellent dubia aut ea adducendi, in quibus ipsi tentati vel oppugnati a contubernalibus Lu[662]theranis fuisse, tum vero vel communi concentu aut pia comprecatione rem omnem Divinam conclusit. Sollemnioribus porro anni festis, tamquam in urbe catholica versaretur, praeter complures Eucharisticae mensae convivas omnia instituit peculiari apparatu et devotione. Sacra Salvatoris natalitia erecto ornavit praesepio, festos dies intemeratae Dei Matris, Sanctorum Apostolorum, divisorum Ignatii et Francisci Xaverii praecipuo splendore celebravit. Refert nonnemo, qui Patrem Martinum alterum in annum Dresdae dicentem pro concione constanter audierat eodemque conscientiae arbitrio usus erat, virum hunc tanto confluentium ad Divina hominum numero obsessum fuisse, ut praeter odeum sat amplum, atrium quoque et ascensus ab ostio aedium inferiore adventantibus redundaret. Sed praeterquam quod et consilii et piae instructionis causa quam saepissime Pater Martinus interpellaretur, etiam foras extra Dresdae moenia procurrit, ut iuvandis egenis, aegrotis carcereque detentis zelum suum impenderet, praecipue vero prospiceret reductus sua opera apostatis ac eosdem ad tutiora transferret. Concessit sub id ipsum tempus [663] in finitimam Lusatiam ²⁸. Saxonici quidem iuris, sparsim tamen adhuc catholicam, cui inter consueta missionum munia plurimum solatii et utilitatis attulit. Curarum suarum in Saxonia primariam habuit conatum reducendae unionis orthodoxos inter et protestantes, sine qua ut verissime dicebat, inter tot infectiones exiguus aut paene nullus fructus a rectae fidei zelotibus sperandus foret. Egit idcirco nomine Reverendissimi Episcopi Neostadiensis de Choyas ²⁹ cum Hannoverano ad aulam Saxoniam legato, uti et cum oratore suecico, quem sibi etiam ea de causa, quod filium eiusdem latinitate imbueret, perquam addictum habuit, sed prima inter capita pertinacius haerentibus errorum magistris ac fructu congressionum vix ullo. Depugnavit tum quidem egregia velitatione ³⁰ ac scripto, quo breviter et solide vulgatum recens a theologo Lipsiensi primario sub nomine Anti-Bellarmini opus refutavit. Ad haec ex Lutheri sequacibus, saltem alienigenis, Ecclesiae catholicae reconciliavit non paucos, singulari autem dexteritate praeditus fuit in reducendis apostatis. Horum e numero zelo et industriae Patris Martini salutem suam [664] in acceptis refert vir quidam gradaeus, primis olim in religioso quodam ordine officiis perfunctus, doctus ac insignibus dein belli stipendiis clarissimus, qui in Saxonia post exactos in gemina apostasia undetriginta annos victas apostolico nostro operario et veritati dedit manus ac demum eiusdem ad aulam Caesaream interventu obtinuit, ut extra septa sacri sui Ordinis per specialem Summi Pontificis veniam degeret.

²⁸ Lausitz.

²⁹ Choyas ist Schreibfehler. Bischof von Wiener-Neustadt vom 19. Januar 1686 bis zu seinem Tode am 12. März 1695 war Christophorus II. Rojas von Spinola, O. S. Fr., vorher Bischof von Tinien, Knin (GAMS, Series epporum, S. 322).

³⁰ mutua probrorum obiectio.

[c. *Missionär in Schweden (1690-1698).*]

Ampliorem campum Patri Martino exercendi zelum apostolicum aperuit Suecia, huc ille inter exantata terra marique pericula appulsus id primum curavit, ut a famulitio Excellentissimi Caesarei Oratoris labores suos ordiretur, ex quo secundum omnem pietatem instituto, huius exemplum paeprimis bonum tum etiam curiositas heterodoxos Suecos, ut religione sic moribus a nobis dissidentes, ad Sacra catholica pelliceret. Odeum ergo vastum, ubi Divina peragerentur, in palatio magno, quod Legatus incolebat, sacra supellectili instruxit, suo penso etiam, postremis annis, ex alto aere campano, quo sonante mane et vesperi salutationis An[665] gelicæ Catholici admonerentur. Curam porro sedulam istic Pater Martinus praeter copiosam Oratoris familiam impendere coepit haud paucis advenis orthodoxis, ipsis etiam indigenis Suecis hinc illinc latitantibus et adhuc aliquid avitae veraeque religionis habentibus, qui omnes ab ore Patris Martini, paeconis apostolici, magistri sacrique sui curionis pendebant. Ad hos ille praeter incurruentum sacrificium Deo quotidie oblatum, quot Dominicis festisque diebus, singulis item feriis sextis verba fecit. Erat dictorum fere omnium scopus unicus auditores tum ad pietatis christianaæ officia exhortari tum ad recte credendorum regulam informare, facta semper sub finem Sacri sermonis potestate haereticis qui et ipsi permulti accurrerant, publice opponendi quod vellent iis, quæ audierant. Respondit Pater eruditæ ad obiecta et argutantibus³¹ heterodoxis adeo dextere satisfecit, ut eorum complures eiusmodi velitationibus polemicis ad Romanam religionem adduxerit et vacillantes in ea firmarit. Decesserat sub id tempus sacerdos e Societate nostra, quo Legatus Gallicus ad aulam Suecicam conscientiae arbitrio utebatur³². Huius porro in locum assumptus est Pater Martinus, ut omnem Oratoris Francici [666] familiam curaret, quam utpote vir linguarum praeter patriam et latinam, italicæ, hollandicæ et gallicæ gnarus toto triennio sacris officiis e ritu catholicae Ecclesiae excoluit. Iuventutem praeterea cantionibus sacris, quibus fidei catholicae mysteria exprimebantur, imbuīt eamque in scenam comicam frequentius produxit festis praesertim sollemnioribus. Spectabant ludos huiusmodi theatrales sacros viri nobilissimi, aderat his saepe aula pene tota, ipse aliquando Rex Serenissimus. In celebritate anniversaria nati mundi Salvatoris pae sepe elegans, ultimis Sanctæ hebdomadae diebus sepulchrum Domini splendidum, ad recolendam utriusque mysterii memoriam piumque in spectatorum animis excitandum affectum opera eiusdem excitatum fuit, de utroque item argumento inter concentus musicos in scenam inducti actores personati cum ingenti auditorum accurrentium solatio perorarunt. Nec deerant plures, qui his sacris spectaculis capti et saniora amplexi consilia, catholicis sese addixerunt. Ex apostatis, quos in Suecia Pater Martinus Deo lucratus est, affirmare unus non dubitavit, hanc [667] ludorum, et cantionum sanctitatem pristinas fidei scintillas in

³¹ argutare: loquendo obstrepere,

³² Sein Name ist aus den Katalogen nicht festzustellen.

animo suo resuscitasse redditumque ad Ecclesiae catholicae gremium persuasisse. Multa et magna sunt, quae extra publicum etiam nordicus hic zelotes noster cum viris in Regno doctissimis tum Upsaliae tum Holmiae habitis clam conventibus ac per literas praesertim pro religionis unione conatus est: differentem de rebus fidei summa cum veneratione audiebant et pressi argumentorum pondere veritatem quidem dictorum agnoverunt, aliud tamen quod reponerent, non habuerunt quam dolere sibi plurimum quod per statuta regni aliter palam sentire et vivere non liceat. In id porro magnopere intentus erat Pater Martinus, ut vel parentibus orbatis vel sua benevolentia captos adolescentes trans mare in Germaniam, Belgium, Bohemiam aliquo ritu catholico educandos transmitteret. Holmiae, cum alia animarum messis non suppetteret, per litora late diffusa discurrens nauticae turbae ingerebat sese, plurimi enim de hac hominum sorte ex Europa maritima mercatus causa eo confluxerant horum non paucos catholicos aliosque fidei dubiae in religione firmare, ad omnem pietatem christiano [668] congruam instituere satagebat magno in solatium laboris impendio, si vel uni saniorem mentem indidisset. Medicum etiam aliquando, cum secus per severa regni interdicta non liceret, se simulavit, ut ad occultos catholicos secure penetraret, quos lethaliter decumbentes a peccatorum vinculis absolutos ad ultimum agonem rite comparavit. Denique zelum viri huius litterae a quodam Societatis nostrae sacerdote eiusdem paucis post annis in missione Suecica successore ³². Lincium Holmia datae ad Patrem Martinum luculenter testantur. Scribit is inter alia: *utinam cum epistola sua transfudisset Reverentia vestra quidpiam in me de spiritu suo apostolico, cuius praeconia et laudes in ore omnium feruntur etiam Gallorum*. Et paucis interiectis: *Saepius apud me sunt et quae gloriose Reverentia vestra hic egit, per longum recensent meque ad similia horitantur*. In reliquum quanto conversorum numero tum in regionibus septentrionis tum intra Provinciam nostram Pater Martinus labores suos coronavit vir religionis zelantissimus, etsi solus noverit Deus, credibile est tamen sane magnum fuisse, nam si consilia viri totius septentrionis ad sa[669]cra Romana accessionem animo suo complexi spectantur, primum est cogitare id accepisse a successibus suis, in quos

³² P. Joannes Galdenbladt in Suecia missionarius ab anno 1709 (*Austr. 127*, f. 418v). Die Jahreszahl verbessert der folgende Jahresskatalog: Viennae in Domo Professa P. J. G. in Sveciam destinatus ab 1709 (*Austr. 127*, f. 456). Aus seinem Nekrolog in den Annae des Jahres 1736 entnehmen wir folgendes über ihn: « natione Suecus, anno 1666 lucem vidit », 1686 vom Luthertum bekehrt, 1694 in die Gesellschaft Jesu aufgenommen, studierte er Philosophie in Ingolstadt, lehrte ein Jahr Grammatik in Regensburg, studierte ein Jahr Theologie wieder in Ingolstadt, die andern drei in Rom, wo er zum Priester geweiht wurde. Nachher wurde er nach Oesterreich versetzt, am 2. Februar 1710 legte er zu Wien die feierliche Profess ab. Dann kehrte er nach Schweden zurück, wo er vom König die Erlaubnis erlangte, dort wirken zu dürfen. Nach Oesterreich zurückgekehrt wurde er Minister im Seminarium Nordicum und nach P. Gottseer Regens durch 14 Jahre. Am 1. Januar 1736 starb er zu Linz (*Austr. 193*, f. 114v, t. 115). Nach Kolb war er in Rom Page der Königin Christine.

longe uberrimos prospiciens tanta moliri coepit in Provinciam redux pro erigendo contubernio iuventutis nordicae, quae in levamen heterodoxae patriae adolesceret.

[d. *Gründer des Collegium Nordicum (1712-1719).*]

Initia rei huius haud obiter memoranda dedit Excellentissimus Comes Franciscus Ottocarus de Starrhemberg Augustissimi Caesaris Leopoldi ad aulam Sueciam legatus. Viderat non tam rei politicae tractandae peritissimus quam orthodoxae propagandae religionis studiosissimus Comes in septentrione, utut frigido, messem quidem multam operarios autem paucos dari ideoque, ut tum zelo suo satisfaceret tum votis Patris Martini obsecundaret, consilium coepit erigendi in Austria et quidem Lincii Seminarii peculiariis, in quo iuvenes e Borealibus illis partibus et Saxonia inferiore delecti, in subsidium suorum popularium liberalibus disciplinis iuxta ac bonis moribus imbuerentur. Probavit laudavitque haec pia molimina Innocentius XII Summus Pontifex eiusque successor Clemens XI, ad quem, uti petierat, ipse tanquam primitias futurorum progressum Pater [670] Martinus sex tenerae adhuc aetatis adolescentes in urbem submisit, e quibus duodecim post annis ad se Roma reduces suprema ibidem theologiae laurea condecoratos quinque ingenti animi solatio spectavit. Sextus horum filius regii apud Suecos Scriniorum magistri, aulam primum Caesarei oratoris ad Vaticanam sedem, militiam deinde secutus, fervens semper et constans Romanae fidei assertor. Crevit interea Lincii sub curis Patris Martini inchoatum prospere opus ac continuatum a morte primi fautoris Excellentissimi Comitis Starrhembergi, cum memoratum hoc nordicae iuventutis contubernium praeter beneficentiam plurium illustrissimorum Maezenatum ab inclytis Provinciae Austriae Superioris statibus ex duodecim millium florenorum summa perpetuo censu gaudere inciperet. Accessere his primis annuis redditibus ex liberalitate Caesaris Josephi vicena millia Rhenensium totidemque subinde ab Augustissimo Carolo VI dono data et ad censem collocata. Hoc igitur peculi et adiectis sex millibus florenorum, quae obtulit liberalis Starrhembergiorum manus aliquique beneficiorum donationibus binae aedes comparatae sunt, quarum [671] una perampla, loco extra urbis pomoeria³⁴ peramoeno hortis geminis consisto clausoque. Surrexit post paulo a fundamentis excitata ad normam Bethlehemiticae in Palaestina domus ecclesia, cunabulis nati Servatoris sacrata, tum ut iuventutis istic edicanda³⁵ pietas in hoc sacratissimum mysterium foveretur tum ut in usum Divinorum, quae quotidie pro alumnis celebranda essent, publicae denique omnium devotioni deser- viret. Visuntur in hac sacra aede aerae quatuordecim, omni requisita ad Divina agenda eaque copiosa et nitida supellectili instructae, publicae item venerationi expositae sacrae exuviae Divi Sueciae regis Erici, cuius uti et sanctorum regum Canuti et Olai honoribus dicato Nordicu Collegio, eiusdemque fundationi nomen et inditus est Sancto-

³⁴ pomoerium: locus intra et extra murum urbis.

³⁵ Schreibfehler für: educanda.

rum trium Regum hodieque perseverat. Porro ut iuventus haec cum litteris et optimis artibus pietatem solidam ac sinceram religionem addisceret, peropportunas ei leges Pater Martinus praescripsit, quibus ad finem intentum informaretur. Firmitatem operi huic adiecere tum bulla³⁶ speciali Summus Pontifex tum instrumento itidem publico³⁷ Romanorum Imperator Augustissimus. Has inter tam multiplices quam tae[672]dio saepe plenissimas curas nemo non mirabatur in res tantas ac adeo diversas virum unum suffecisse. Aedificavit domi, rexit iuvenes, rem familiarem curavit, foris in vicinia, tum perpetuo literarum commercio Romae aliisque in locis dissitis Maecenates conquisivit, in scholis casus conscientiae et Mathesim explanavit, defendantibus theses de Cosmographia, edito typis super hoc argumento libro, in aula Academica praesedit, opus de iure Canonico Patris Ferdinandi Krimmer posthumum in quatuor volumina digestum limatumque in lucem publicam dedit, aliud rursus nordicæ suae iuventuti accomodum opusculum doctrinam fidei, preces Ecclesiae cantusque sacros complectens, prelo subiecit, saepius dein recusum. Nec minoris viro zeli laborisque indefessi sollemne erat, quos dominicis et festis in Bethlemo sua, haud secus ac in Suecia adhuc degeret de fidei controversiis publicos ad concionem habere sermones disceptantes de iisdem quaestionibus cum celebritate committere ludos aliquando sacros exhibere, nihil denique eorum omittere, quo athletas suos olim pro religione dimicatueros in omnem doctrinæ et pietatis usum [673] reformaret.

[e. *Kurze Mission in Transsylvania (1704).*]

Recensenda nunc sunt infatigabilis viri sollerter in Transsylvania gesta, in quam ex ipsa Nordica molitione et theologiae moralis cathedra abreptus abeuntem Caesaris Augustissimi arbitrum illustrissimum Comitem a Secau comitari iussus est. Novem in Dacia menses commoratus eo, quod a transactionibus publicis superaverat, tempore omnem pene regionem percurrit, ubicunque aliquid catholici nominis reperit, ad confertos passim de religione et christiana pietate dixit, qui a multis retro annis in id usque tempus nec vocem sinceri praeconis audierant. Zelus iste, uti plurimum solatium animique robur fidelibus attulit, ita stuporem maximum heterodoxis incussit, ad tantam viri haec audentis fiduciam et laborem in medio nationis suaे attonitis. Ceterum ad ea, quae tum in Dacia pro bono fidei catholicae et Societatis nostrae procurata sunt, magnopere industria Patris Martini contulit. Illius strenuo conatui debetur redditia nobis statio Albensis et Collegii Battoriani, Albae Juliae olim domicilium, assignata in stabilem usum Nostrorum Cibinii cum monasterio adiacente ecclesia, media reperta tum alendi in subsidium

³⁶ Clemens PP. XI. Pastoralis Officii Cura vom 12. Juni 1715. Authentische Kopie (Druck) in *Austr. 224*, « Fundationes Collegiorum », ff. 345-348.

³⁷ Nos Carolus Sextus... Praesentium tenore omnibus... Datum in Civitate Nostra Viennae Austriae, Die vigesima prima Mensis Augusti, Anno post Christum natum Millesimo Septingentesimo decimo sexto... Authentische Kopie (Druck), ebendort, ff. 349-352.

religionis Valachorum Episcopi tum iuvandae in gen[674]tis eiusdem commodum iuventutis, vendicatae superiorum annorum catholicis debitae decimae, missiones denique per Daciam opportunis suppetiis revlevatae et stabilitae.

[f. Von Linz nach Graz (1720-1731).]

Redditus iterum suo Lincio Pater Martinus ibidemque decennio fere integro Collegium Nordicum moderatus tempus tandem illud attigit, quo a tot apostolicis functionibus attrito vigore corporis, superioribus visum est, in valentiores aliquem eas curas hunc vero ad nostram utilitatem transferre. Ergo spiritus praefectura superstite vita Graecii functus est, verbo quidem tanquam apostolus, ubi res et officii ratio postulabat: moribus ceu idea et exemplar virtutum omnium. Arduum sane multorum aequo iudicio viro optimo accidit curam Nordicae suae fundationis in undevicesimum fere annum administratam in successorem transmittere et satus laborum suorum maturitati propiores quasi sihi praereptos videre. Acquievit tamen nec, quid dicentes homines, moratus intra Providentiae Divinae nutum se tenuit. Gemina hac magistra, obedientia et patientia fortiter sustulit, quidquid piis eius molitionibus uspiam obiiceretur aut incepta sufflaminaret. Arguebatur a non paucis tamquam nova et insolens Seminarii huius administratio. Sciebat ipse ab amicis etiam multa illis rerum sua[675]rum non probari atque hoc ipsum ceu validam causam praetendi, ut loco et officio amoveretur. Perstitit nihilominus vir magnanimus et absens domui huic benefacere, de illius bonis progressibus semper gaudere, varia eandem librorum praesertim supellecile locupletare est solitus. Ita nimurum recte factorum et sincerissimae voluntatis conscientia tutus, uti ex Dei arbitrio totus pendebat, ita ab aequitate animi, quantumcumque res variarent ac caderent, numquam discedebat.

Die im Nekrolog nun, von Seite 675 bis 689, folgende breite Darstellung über das Tugendleben Gottseers und über die Hochachtung und Verehrung, die er genoss, geben wir kurz auf deutsch wieder.

C. Inneres Leben. Tugenden, die mehr nach aussen hervortreten. a. Apostolischer Eifer trieb ihn an, sich mit aller Kraft ebenso gut der zarten Jugend anzunehmen, wie im hohen Norden die Rechte der Religion vor den Machthabern zu vertreten.—b. Mit besonderer Liebe nahm er sich der Kranken und Betrübten an.—c. Pünktlich erschien er zu allen gemeinsamen Uebungen.—d. Durch seine Freundlichkeit und Güte zog er alle in seinen Bann, auch Andersgläubige und Personen, die dem Orden nicht gut gesinnt waren.—e. Für die Armen erbat er bei reicheren Freunden Kleider, Wäsche und Geld, in der Mildtätigkeit seinem Namenspatron ähnlich.

D. Mehr innerliche Tugenden, die an ihm bemerkt wurden, waren a. seine Demut und Bedürfnislosigkeit. Den kleinsten Dienst belohnte er mit dem schlichten: « Vergelt's Gott! Hab's nicht verdient. Vergelt's Gott! »—b. Seine vielen Reisen machte er, aus Liebe zur Armut, meistens zu Fuss.—c. Willig überliess er sich der Führung durch seine Obern,

bereit auf jeden Wink zu gehorchen.—d. Innige Verbindung mit Gott war sein einziger Schutz, als er viele Jahre fern von jedem Priester in Schweden weilte; aus ihr schlossen aufmerksamere Beobachter, trotzdem er Laienkleidung trug, auf seinen Priester- und Ordensstand.—e. Diese Vereinigung mit Gott war die Frucht seiner tiefen Frömmigkeit. Er konnte von sich sagen, dass er nie in seinem ganzen Ordensleben die tägliche Betrachtungsstunde ausgelassen habe.—f. Besondere Andacht pflegte er zum göttlichen Kindlein von Bethlehem, dem er seine Kirche in Linz weihte und an dessen Altar er in Graz am liebsten zelebrierte. Das Jesukind half ihm auch in seinen hausväterlichen Nöten.

E. Hochachtung und Verehrung, die Gottseer genoss. Päpste, Kardinäle und sehr viele Bischöfe drückten ihre Verwunderung aus über das mühe- und erfolgreiche Wirken dieses einen Mannes. Am Kaiserhofe wurde er freundlich und ehrenvoll aufgenommen und kräftig unterstützt. Sein Priesterjubiläum wurde in Graz mit grosser Feierlichkeit begangen. Nach seinem Tode musste ein fähiger Künstler sein Bild malen, das viel verbreitet wurde. In Stockholm veranlasste der König ungebeten einen Prädikanten, der Gottseer geschmäht hatte, dem Pater Abbitte zu leisten. In des Königs Gegenwart wurde er auf der Universität zu Upsala eingeladen, an einer mathematischen Disputation teilzunehmen, was ihm grosse Ehre einbrachte; in Stockholm umjubelte ihn die akademische Jugend. Auch seine Mitbrüder schätzten ihn so, dass sie sich Reliquien von ihm zu verschaffen suchten.

Der Nekrolog schliesst mit der folgenden Darstellung vom *Tode Gottseers*: [689] *Haec a morte Patris Martini, quam subitaneam quidem minime tamen improvisam oppetiit undecimo Kalendas Octobris* ³⁸, *quo ipso die cum reliquis funus nostri Patri* ³⁹ *coaetanei sui pridie defuncti comitatus esset. Gratulabantur hac occasione domestici optimo semi, quod modo nec parem nec supparem aetate in Provincia* [690] *ullum haberet, precabantur ad haec eum vita longiore valetudinem firmam. Verum haec sincero animo voventibus extemplo reposit: se brevi a Deo evocandum nec invitum se illi occursum, ut qui iam sociis nonnisi oneri esset. Illo ergo dicti diei vespere, cum aliquid de stomachi debilitate se persentiscere diceret et comprecationi communi ad omnes Santos genibus nixus interesset, subsidere identidem vix advertentibus vicinis coepit atque mox loco elatus tantum non inter exportantium brachia a noxis, qua fieri potuit, ante expiatus piissimam animam efflavit. Hoc encomio Patrem Martinum Graecenses condecorarunt, quo tamen nondum contenti scribunt, sperare se adhuc aliquem repertum iri, qui per otium ex relictis eiusdem schediastatis non paucis tum ad dignam viri apostolici venerationem, tum imprimis ad maiorem Dei gloriam in enarrationem egregie ab ipso gestorum pleniorum excurrat.*

³⁸ 21. September 1731.

³⁹ P. Jacobus Romanus, gestorben am 20. September; dessen Nekrolog geht dem des P. G. voran; ff. 649-653.

A DIARY OF EXILED PHILIPPINE JESUITS (1769 - 1770)

by Fr. ERNEST J. BURRUS. - Rome.

SUMMARIUM. - Manuscriptum HM 4101 apud Bibliothecam Huntingtonianam, in California, adseratum narrat unum et viginti Iesu sodales ex Insulis Philippinis expulso et per Mexicanas regiones in Hispaniam an. 1769-1770 vectos. Hi quidem, periculis non parvis in transitu Oceani Pacifici superatis, ad portum S. Lucae in inferiore California situm tandem pervenient. In Acapulcensi portu saevit pestis, at Fr. Michael Marcos, scientia medica insigni praeditus, urbis et praesidii duci graviter laboranti sanitatem restituit. In reliquo itinere Veramcrucem versus, urbes Mexicana et Angelopolitana vitantur, ne populi pro exsulibus seditionem facerent. Documentum hoc ultimos praebet nuntios de missionibus quondam florentibus in Philippina et Mexicana provinciis.

The document edited in these pages is the diary of one of the priests in the contingent of twenty-one Jesuits — eighteen priests and three laybrothers — who were exiled from the Philippine Islands by decree of Charles III and taken in 1769 to Spain via Mexico as prisoners of state. This was the only group to follow the western route, the others going by way of the Cape of Good Hope. The importance of the document lies in its being the last report before the curtain of silence or of calumny descends upon the extensive and fruitful missions of the Philippines, Marianas and Mexico.

The diary opens with a brief paragraph that tells of the death of an aged brother in « our College ». The name of the *Hermano anciano*, as we learn from an almost contemporary account¹, was Olegario Llorensi or better Llorencí (Llorencí in the 1755 catalog and Lorenzo in a list compiled on May 12, 1769)². All entries omit the date of his birth or state specifically that it is not known. The most complete entry tells us that « Hermano Olegario Llorensi, natural de Barcelona (ignórase la fecha de su nacimiento), entró en la Compañía a 23 de Febrero de 1733. Fué formado Coadjutor temporal a 15 de Agosto de 1743. Era Portero y falleció en dicho Colegio de San Ignacio a 8 de Enero de 1769 »³.

This entry shows that *nuestro Colegio* was that of San Ignacio in Manila, the largest of the eight colleges in the Islands and the

¹ *Philipp.* 9, 376r. References without further additions are to the *Archivum Romanum Societatis Iesu*. The section is here given first, that is Provincia Philippina, then the volume, and lastly number of the folio.

² *Philipp.* 4, 236r. and *Philipp.* 9, 390v., respectively.

³ *Philipp.* 9, 376r.

most important Jesuit institution in the Province. Here was the house of studies — philosophy and theology — for the formation of the members of the Order. It had been founded by Father Antonio Sedeño, of Florida Mission fame, and inaugurated its classes in 1596, only fifteen years after the Jesuits first came to the Philippines⁴. At the time of the expulsion of the Order, there were stationed at the Colegio de San Ignacio: ten Fathers, professors and ministers among the Spaniards and Indians (as the native Filipinos were commonly termed) one scholastic, four laybrothers and one novice brother. It is evident from this catalog⁵ that with the threatening storm, the house of philosophical and theological studies had closed down; the 1755 catalog of September 1 had listed twenty-three Fathers, nine students of theology, fourteen of philosophy, one of literature and twenty-four laybrothers⁶.

All but this opening paragraph has to do with the expulsion of the Philippine Jesuits and their Odyssey to Spain, from the beginning of 1769 to April 1, 1770, when the account breaks off abruptly. Their ship, a Philippine galleon, the *San Carlos*, traverses the broad Pacific from Manila, through the straits of San Bernardino and the Marianas, to the southernmost tip of Lower California. After a brief respite here to take on much needed supplies, it continues on to the port of Navidad on the Mexican mainland and finally to Acapulco further south. By overland route the exiles cross Mexico to the port of Veracruz on the Gulf of Mexico.

Although as early as February 27, 1767, Charles III of Spain had decreed the banishment of the Jesuits from all his realms⁷ and on March 1 of the same year Count Aranda had added his instructions⁸ sending two copies of both, one by the eastern, the other by the western route, it was not until May 17, 1768, that the decree reached Manila⁹. Don José Raón, the Governor of the Islands at the time, was later accused by his successor, Simón de Anda y Salazar, of having informed the Jesuits the very next day of the

⁴ ANT. ASTRÁIN S. I., *Historia de la C. de J. en la Asistencia de España*, IV (Madrid 1913) 490; FRANC. COLÍN. S. I., *Labor evangelica... de los obreros de la C. de J... en las islas Filipinas...* nueva edición... por el P. Pablo Pastells S. I., I (Barcelona 1900) 505; FÉLIX ZUBILLAGA S. I., MHSI, *Monumenta Antiquae Floridae* (Rome 1946) p. 540.

⁵ *Philipp.* 3, 373r-387r.

⁶ *Philipp.* 4, 235r-236r.

⁷ L. VON PASTOR, *Geschichte der Päpste*, XVI, part I (Freiburg 1931) 767.

⁸ PASTOR, o. c. XVI 1, 711; EMMA HELEN BLAIR and JAMES ALEXANDER ROBERTSON, *The Philippine Islands, 1493-1898*, 55 vols.; L (Cleveland 1903-1909) 287 ff. gives an English translation of Aranda's instructions with the additional clauses for the Philippines.

⁹ BLAIR-ROBERTSON, L, 297.

import of the decree ¹⁰, although he wrote Charles III, under date of July 23, 1768:

“ Sire: As soon as I read, pressed to my lips and placed on my head the respected royal letter of your Majesty giving orders relative to the expulsion of the Jesuits who were settled in all these domains of your Majesty and the seizure of their goods, I employed the means that occurred to my loyalty and zeal for the accomplishment and fulfilment of this important business. In consequence, there are sailing as passengers on the ship named « San Carlos Borromeo » sixty-four individuals, including the principal Jesuits of the mainland [of Luzón] and the island of Marinduque; and for the removal of a like number of missionaries from the Bisayas Islands four vessels are employed. Meantime I have the aid of the other holy religious orders in occupying temporarily the ministries there — as I fully informed your Majesty in greater detail through Conde de Aranda. May Our Lord preserve the royal Catholic person of your Majesty, as these remote regions need. Manila... » ¹¹.

It is evident from the present diary that the Governor changed his plan for sending the sixty-four Jesuits on the San Carlos Borromeo ¹². According to a contemporary list, there were at the time the decree was made known to the Jesuits, 116 priests, 2 scholastics and 30 brothers or 148 in all in the Philippine Province ¹³. A second list drawn up a few years later enumerates 143; of these 21 sailed on the San Carlos in 1769, 68 on the Santa Rosa in 1770, 21 on the Venus in 1770 and 9 on the Astrea in 1771; 2 died on an earlier voyage (1768) of the San Carlos; the remaining 21, due to the doctor's decision, were judged too ill to attempt the voyage and ordered to remain ¹⁴. Due to a copyist error, the Viennese Father Jerome Ketten was not assigned to any ship, although it is certain that he was among those who returned to Europe ¹⁵. The

¹⁰ BLAIR-ROBERTSON, *ibid.*

¹¹ BLAIR-ROBERTSON, L, 300.

¹² *Diary*, 7-8. The Spanish text of the *Diary* edited in this article will be referred to in this way; the numbers are to the manuscript pages.

¹³ *Philipp.* 3, 388r-391r.

¹⁴ *Philipp.* 3, 373r-387r.

¹⁵ *Philipp.* 3, 385r. The copyist got no further in the entry than « ... se em- »; this is the last line on 385r; instead of finishing this entry, he takes up another on 385v. It is evident that the copyist intended to write « se embarcó », giving the name of the ship and the year as he did for all the others. Cf. Ms. of the archives of « Monumenta hist. S. I. » in Rome, *Catálogo de los Regulares que fueron de la extinguida Orden llamada de la Compañía de Jesús por lo perteneciente a ESPAÑA, contiene el número de los que residían en las cuatro Provincias de Castilla, Toledo, Andalucía, y Aragón al tiempo de la intimación del Real Decreto de expulsión: los que de ellos existían en Italia en primero de Henero*

oldest of all the exiles was the Spaniard, Father Fernando Haro, born May 30, 1678; he had worked in the Islands since 1707; the only novice was the brother, Antonio de Palomera of Burgos diocese who had entered the Order on April 17, 1768, only a few days before the decree of banishment reached the Islands. All were taken to Puerto de Santa María, Spain; 113 were officially recorded as having reached this destination. With the exception of one, they were exiled in Italy.¹⁶

In the opening paragraphs of the diary¹⁷ we learn that Charles the III's decree was not put into effect throughout the Philippines until mid-1769. Attempts to inform the Jesuits about the impending disaster proved unsuccessful, as all letters were intercepted: so those that came from the French Jesuits at Pondicherry and other missions on the Coast of Coromandel; the same fate befell messages coming from their brothers in China, especially from the Portuguese and French Jesuits in Peking, informed of the fatal decree by the merchants who made up the annual Muscovite caravan¹⁸.

Even the efforts of the Provincial, Father Juan Silverio Prieto, proved unavailing; his letters were likewise intercepted¹⁹. The Coromandel Coast — the eastern coast of India — with its principal mission center of Pondicherry had long carried on trade with the Philippines and hence it was an easy matter to send letters there, but quite evidently not so easy to have them reach their intended recipients²⁰. Both the Portuguese and French Jesuits were stationed at Peking; the first since 1601, the second since 1687²¹. Because of their influence at the

de 1774... *Dispuesto de Orden del Consejo* (Don Juan Antonio de Archimbaud y Solano is the Contador who had the catálogo drawn up. It will be cited as *Catálogo de los regulares*). In the section devoted to the exiled Philippine missionaries 673-693, Father Ketten is not listed; this would seem to indicate that he had died before January 1, 1774, or that he had returned to Germany.

¹⁶ *Philipp.* 3, 388r and 391r; *Catálogo de los regulares*, 693, *Resumen*.

¹⁷ *Diary*, 1-4.

¹⁸ *Diary*, ibid.; José Caetano Soares states that the caravan made the journey only every three years: «... Ribeiro Sanches... de S. Petersburgo, onde desempenhava o cargo de médico na Corte da grande Catarina, conseguiu estabelecer ligações com os Padres Jesuítas de Pequim, por via das caravanas que de três em três anos faziam a viagem através da Sibéria»: *Macau e a Assistência* (Lisbon 1950) 437.

¹⁹ *Diary*, 1: *Philipp.* 3, 374r: «Juan Silverio Prieto nació en Alcántara a 20 de Junio de 1714. Entró en la Compañía a 14 de Diciembre de 1728. Se hallaba de Provincial (i. e. at the time of the expulsion of which the catalog is dealing) y, embarcado para la Nueva España, falleció a bordo de San Carlos año de 1768».

²⁰ *Diary*, 2; references to the trade between the Coromandel Coast and the Philippine Islands are found in BLAIR-ROBERTSON, XXVIII, 202; XXXVII, 276.

²¹ LOUIS CARREZ S. I., *Atlas Geographicus* (Paris 1900) Table 24; LUDWIG KOCH S. I., *Jesuitenlexikon* (Paderborn 1934) s. v. *Peking*. A general account is set forth

imperial court through a long and glorious tradition of scientific achievement, both groups were allowed to continue undisturbed after the expulsion of their fellow missionaries from Portuguese and French possessions. The last Portuguese Jesuit at Peking, Father José Bernardo de Almeida, died November 12, 1805, and the last French Jesuit, a renowned musician at the imperial court, Father Louis de Poirot, lived to see the universal restoration of the Order ²². With a vanguard of such renowned mathematicians and astronomers as Ricci, Schall, Verbiest, Hallerstein, Köbler, Gerbillon, d'Incarville, Tomás and André Pereira, João Loureiro, a botanist, and even physicians both priests and brothers, the Jesuits carried on an exchange of scientific investigation with the western world. Thus, the Academy of St. Petersburg corresponded in Latin with the Peking Jesuits and exchanged books, manuscripts, maps and scientific information ²³. The Portuguese Jew, Ribeiro Sanches, physician of Catherine the Great, corresponded by caravan with the Peking Jesuits, requesting from them Chinese medical information and medicines ²⁴. This contribution to Russian science served as a favorable motive for the preservation of the order during the years of general suppression. Loureiro kept up a correspondence with English, Scottish and other European scientists and sent them specimens of oriental plants ²⁵.

The Diarist believes this failure to be informed and hence taken unawares should be sufficient evidence that the members of his Order could not have had any opportunity to hide the fabulous treasures supposed to be in their possession ²⁶. Within his recent memory was the seizure of Manila by the British; on that occasion the enemy giving credence especially to the Spanish reports of the enormous wealth of the Jesuits — nothing less than that accruing from the major part of

in C. W. ALLAN, *Jesuits at the Court of Peking* (Shanghai n. d.); the French contribution is related in GEORGE SOULIÉ DE MORAND, *L'Épopée des jésuites français en Chine* (Paris 1928).

²² FRANC. RODRIGUES S. I., *Jesuitas Portugueses Astrónomos na China 1583-1805* (Porto 1925) 7; KOCH, o. c., s. v. *Peking*. For the individual members see LOUIS PFISTER S. I., *Notices biographiques et bibliographiques sur les jésuites de l'ancienne mission de Chine*, 2 vols. (Shanghai 1932-1934).

²³ RODRIGUES, o. c., 5-81; copies of the original letters are printed pp. 83-125.

²⁴ CAETANO SOARES, o. c., 437-460, where extracts of their correspondence is given.

²⁵ Ib., parte segunda, cap. XV (entire).

²⁶ *Diary*, 2-3. Despite the oppression by the English, the Jesuits were accused before King and the Pope of collaborating with the enemy. BLAIR-ROBERTSON, XLIX, 134: « All the religious orders but the Jesuits proved loyal and assisted with money and actual force. The latter maintained most cordial relations with the enemy. In the summary exposition which was sent to the pope regarding this matter, it was shown that they preached against the government, and that their provincial had illicit (sic) relations with Draper during the occupancy of Manila. This was partly the reason for their expulsion by Carlos III. In the archives at Simancas, leg. 288, of Gracia y Justicia, exists a document charging the Jesuits as traitors for their action during the war with the British ».

the trade between Manila and Acapulco — laid a heavy hand on them during the years of occupation of the Islands²⁷. The English had stripped the Jesuit Church in Manila of all objects of value except its sacred vessels; now, reflects the Diarist, the Spaniards will have themselves to thank for not coming into possession of nearly as much booty²⁸.

England had declared war against Spain on January 2, 1762, in consequence of the so-called « Family Compact » signed at Versailles by France, Spain, Naples and Parma on August 25, 1761. Manila fell to the British on October 5, 1762 (October 6 in British accounts because their calendar in the east was one day in advance of the Spanish). The city was not restored to the Spaniards until March 31, 1764. The British Journals of the day were filled with accounts of the fabulous wealth of the Jesuits accruing from the trade between the Islands and Mexico: « Letters from France advise that his Catholic Majesty will be no great loser by our taking the Manilas, as the whole of that trade was in the hands of the Jesuits ». « They write from Cadiz that the treasure belonging to the Jesuits at Manila, lately confiscated by orders of the court, was said to amount to near 20,000,000 pieces of eight, exclusive of jewels, diamonds, and church-plate ». Nearly four years later the Jesuit treasures have diminished considerably. « According to letters from Madrid, three-eighths of the treasure drawn from the commerce carried on between Manila and Acapulco, had centered among the Spanish Jesuits, amounting annually to eight millions of dollars ».²⁹

In none of the official accounts of Cornish, Riojo, Anda, or others is there any mention of the seizure or finding of any considerable

²⁷ In their own personal letters, they had quite a different story to tell, so Father Eugenio Carrión to Father José de Rueda on July 8, 1765, from the Novitiate of San Pedro Macati: « After our misfortunes which happened at the capture of Manila by the English, we are breathing a bit »: BLAIR-ROBERTSON, XLIX, 333. Never was a shred of evidence adduced to substantiate the calumny that the Jesuits had assisted the enemy.

²⁸ *Diary*, 3; « el autor del Viage del Almirante Anson » is Richard Walter, who published, *A voyage round the world in the years MDCCXL, I, II, III, IV, by George Anson, esq; commander in chief of a squadron of his majesty's ships, sent upon an expedition to the South-Seas* (London 1748). T. H. Pardo de Tavera in his *Biblioteca Filipina* (Washington 1903), no. 85 lists a French translation for the very next year, *Voyage autour du monde, fait dans les années MDCCXL, I, II, III, IV, par George Anson.... tiré des journaux...* par Richard Walter. Traduit de l'anglois (Amsterdam-Leipzig 1749). It is most likely this edition that the Diarist read even as in another part of the world his fellow Jesuit thought it necessary to refute Anson's charges against the Order and the Spaniards — Father Marcos Burriel in his 1757 Madrid edition of the famous California missionary, Father Miguel Venegas S. I., *Noticia de la California y de su conquista temporal y espiritual*, written in 1739; new edition, 3 vols., Mexico City 1944; see Apéndice V, pages 131-146. The Diarist is referring to bk. 2, ch. 10 of the *Voyage*. Brief accounts of Anson are found in *The Dictionary of National Biography* and WILLIAM LYTLE SCHURZ, *The Manila Galleon* (New York 1939) 330-337.

²⁹ BLAIR-ROBERTSON, XLIX, 134, quoting *Scots Magazine* for 1763 (pages 235 and 605) and 1767 (p. 494).

amount belonging to the Jesuits, rather there is a sustained Jeremiad at the failure to locate such treasures³⁰. The enchanted mountains of wealth dwindle to 8,794 pesos in wrought silver (melted down church ornaments) and 40,434 pesos in coined silver (destined for the upkeep of colleges and mission stations)³¹. A few years later, when the Jesuits had been expelled from the Islands (1771), all their property in the Philippines and dependent missions is officially valued at 1,320,865 pesos in a report to the King of "all that was taken possession of from the Jesuits at their expulsion from the Filipinas"³². To make up every last peso must go their printing press (4,035) and medical dispensaries for the poor natives (2,660 pesos)³³. Two hundred years of trading has not proved over profitable. How they could have managed eight colleges, more than a score of churches, several score of mission stations among the most impoverished of natives and distributed free medicines, all on an amount that would scarcely suffice to finance one moderate American college is a miracle of economy, possible only through the generous contribution of their service and a standard of living that not one of their critics would have dared attempt to share.

Before the end of January 1769, the Jesuit missionaries began arriving in Manila from the numerous mission centers in the far-flung islands³⁴. They numbered sixty-four, which does not take into account those Jesuits stationed in the relatively numerous and large establishments in the Manila area. The new arrivals could form some idea of the hardships in store for them from those already endured in reaching their first destination; thus, those coming from Cebú had run into a fierce storm, came near shipwreck and capture by the savage Moros, survived four wintry months of severe rationing in a deserted inlet, only to be imprisoned upon their arrival with their brothers in the Colegio de San Ignacio at Manila.

Everywhere these educators and missionaries succeeded in pacifying the puzzled and outraged natives; they even disposed them to welcome those who would one day, they hoped, replace them. The affection and esteem of these neophytes in the faith for their teachers and spiritual guides is evident from this intimate account. The Diarist reflects on the difference in culture between the Europeans and these simple children of nature and the consequent diversity of their reaction to the news of the expulsion³⁵.

³⁰ BLAIR-ROBERTSON, XLIX, 217-219, 309-310 and *passim* in the same volume.

³¹ Ib., 345 n. 210 (for confiscations during British occupation).

³² Ib., L, 302-306, (for confiscations at expulsion of the Jesuits).

³³ Ib., 308.

³⁴ *Diary*, 3-4.

³⁵ *Diary*, 5; Anda had feared opposition of the natives, as he stated in his instruction; further he ordered other Religious Orders and the Secular Clergy to

It took some eight months for the Philippine Jesuits to be notified and brought to Manila. Governor Raón had first planned to send all the Jesuits to Spain via Mexico on a special frigate and the Manila galleon. A medical check-up revealed that some of the Jesuits were physically unfit to attempt such a long and arduous voyage. The rest prepared themselves for the hardships ahead by a spiritual retreat. In the meantime — on July 8, 1769 — the royal warship, *El Buen Consejo*, long overdue, arrived in Manila from Cadiz via the eastern route. The Governor now decided to divide the exiles into various groups; the Diarist's group to go via Mexico, the rest by way of the Cape of Good Hope ³⁶.

Twenty-one Jesuit prisoners — *reos de estado* — set out from Cavite, port for Manila, on August 4, 1769. The eighteen priests were: Fathers Miguel Aluztiza, Bartolomé Abellán, Salvador Busquets, Richard Callaghan (usually listed as Ricardo Calaphan or Calagan), Juan Miguel Cuesta, Ignatius Frisch (metamorphosed into Frich, Frisch, Frisk, Frisch and in the principal entry into Trisch), Ignatius Gösner (Gosner, Gasner), Fernando Ibáñez, Juan Miguel Lázorda, Luis López, Tomás Montón, Francisco Ortiz, Francisco Puch, (Castilian form for the Catalan Puig) Joaquín Romeo, Luis Secanell (also Sacanell), Juan Antonio Tornos, Antonio Urtesabel and Pedro Zia (also Sia). The three laybrothers were: Juan Dicastillo, Miguel Marcos (the only Jesuit of all twenty-one mentioned by name in the diary) and José Rodríguez. The three brothers were Spaniards as were also fifteen of the priests. Richard Callaghan was a native of Dublin; Ignatius Frisch, a Moravian from the diocese of Olmütz; and Ignatius Gösner, an Austrian from the province of Styria ³⁷.

take over the Jesuit schools, churches and missions (BLAIR-ROBERTSON, L, 287-290); see also Fr. JUAN FERRANDO, *Historia de los PP. Dominicos en las Islas Filipinas*, V (Madrid 1871) 43; « Con harta repugnancia se encargó la Provincia de una administración de que habían sido despojados los PP. Jesuitas de una manera tan indigna... ». The letter of the Archbishop, quoted in full pp. 51-54 of this same volume, is most revealing of the prevailing conditions in the missions of the Islands. The missions taken over by the Recollects (discolced Augustinians) are recorded in BLAIR-ROBERTSON, LI, 50-51. The Report of an Englishman published in Calcutta in 1828 and quoted in BLAIR-ROBERTSON, LI, 125, goes so far as to claim that « from the expulsion of the Jesuits, they (the Philippines) have made no advance ».

³⁶ *Diary*, 8-9; for the *Buen Consejo* see Schurz, o. c., 57 and 410-411; the ship is famous for having inaugurated the eastern route from Spain to the Philippines in 1765 and thus breaking the trade monopoly via the western route.

³⁷ *Philipp. 3*, 373r-387r. Brother Miguel Marcos is mentioned in the *Diary*, 29-37. The entry in the catalog of *Philipp. 3*, 381v states, « Hermano Miguel Marcos nació en Millena, Diócesis de Valencia, a 16 de Octubre de 1723. Entró en la Compañía a 6 de Mayo de 1740. Fue formado Coadjutor temporal a 2 de Febrero de 1760. Era Médico y Enfermero y se embarcó para el puerto de Acapulco en la Fra-

A brief account is given of the provisions taken aboard, in particular those of a generous benefactor ³⁸. A portable altar will allow Mass to be said on board daily ³⁹. As their ship made its way through the Marianas, between the islands of Farallón and Urracas, a violent storm struck them with evident peril to their lives ⁴⁰. Then their ship veered sharply northward from the 20° latitude to reach the 35°, where the keen cold was felt all the more because of the abrupt change. To storm and cold succeeded the almost fatal lack of fresh water. An unexpected downpour furnished them with a supply sufficient to last until the continent was reached ⁴¹. By November 20 they had sighted the well-nigh infallible *señas* that told them that land was now no longer far away. The *señas* were also the signal of general rejoicing on board ship for the travel weary passengers; it must have been with mingled feelings that the exiles participated in these celebrations — for them the goal of their journey will be an intensified exile ⁴².

On November 29, 1769, land was first sighted at Cape San Lázaro, but they were still a hundred leagues from Cape San Lucas, where on December 2 they put in for a much needed rest (although the exiles were not allowed to go ashore) and a fresh supply of provisions ⁴³. Less than two years previously the Jesuit missionaries had been expelled from Lower California, yet so neglected were the once flourishing farms and ranches that now the ship captain must send far inland for a few meager supplies ⁴⁴.

gata San Carlos, año de 1769 ». When in 1752 Father Pedro de San Cristóbal brought his mission band of forty to the Islands, Brother Marcos was one of the nine brothers in that contingent. Before entering the Order he had studied three years of philosophy and four years of medicine which gave him the degree of doctor of medicine (*Philipp.* 3, 364v). On January 1, 1774 we find Brother Marcos in exile at Bagnacavallo, Italy (*Catálogo de los regulares*, f. 680).

³⁸ *Diary*, 9-10; see SCHURZ, o. c., for account of usual provisions and cargoes on the Manila Galleon, p. 43-60; 154-190 and especially 268-270. We are informed in the same work (p. 198) that the *San Carlos* was built shortly after 1762 on the Pangasinan coast at a cost of nearly 100,000 pesos.

³⁹ *Diary*, 28.

⁴⁰ Ib., 13-15.

⁴¹ Ib., 15-17.

⁴² Ib., 17-18; see SCHURZ, o. c., 238-240, 272, for significance of « señas ». The first signs of land were the fungous *aguas malas*, a marine weed of violet color.

⁴³ *Diary*, 19-20.

⁴⁴ *Diary*, 20-22; MANUEL OROZCO Y BERRA, *Historia de la dominación española en México*, IV (Mexico City 1938) 133 ff; GERARD DECORME S. I., *La obra de los jesuitas mexicanos durante la época colonial 1572-1767*, II (Mexico City 1941) ch. xvii. Important for understanding prevailing conditions is OTTO MASS, O. F. M., *Las órdenes religiosas de España y la colonización de América*, II (Barcelona 1929) doc. xv (*Informe general* of Revillagigedo).

Here they learn about two important expeditions carried out recently. The first was that of French and Spanish scientists to Lower California to observe the transit of Venus, most of whom fell victims of the terrible plague that ravaged the coastal towns to the point of almost wiping out the native population ⁴⁵. The second was the expedition to explore and colonize Upper California ⁴⁶.

The Jesuit exiles learn with joy that the Indians of Lower California have been entrusted to the zealous Franciscans of San Fernando College, and those of Sonora and Pimería to the Franciscans of Santa Cruz College ⁴⁷. But the abandonment of the Indians of the Pueblo San José near the Cabo de San Lucas brought tears to the eyes of these compassionate missionaries. When the natives learned that there were brothers of their former spiritual guides on this ship, they wheedled permission from the sailors to let them come aboard in the boat that brought the barrels of fresh water. As soon as the Indians saw some of the Fathers on deck, they gave touching expression to the deep affection that they had for their fellow missionaries who had taught them about God and a better way of life; in the simple yet eloquent language of these children of nature, we learn of their gratitude to their former teachers and fathers in Christ, but we also learn of their present misery and abandonment ⁴⁸.

Here are twenty-one Jesuits who had worked zealously in the distant Philippines, but who are now being expelled as criminals. How explain to these savages of Lower California any more than

⁴⁵ *Diary*, 21; Fr. FRANCISCO PALOU, *Noticias de la Nueva California*, I (San Francisco 1874) ch. xiv, especially p. 68; JEAN DELANGLEZ S. I., *An Astronomical Expedition to Lower California: The Transit of Venus of 1769*, in *Mid-America*, 20 (1938) 284-291. Father Delanglez shows that of the seventeen members of the expedition (thirteen Spaniards and four Frenchmen) only six survived. Of these the only Spanish scientist was Don Vicente Doz; it is to him that the *Diary* refers, but is wrong in stating that he was the only survivor. The internationally famous scientist, Father Roger Joseph Boscovich S. I., was originally to have headed the expedition. On the other side of the world, in the Philippines, Legentil was making observations on the transit of Venus for the French government (BLAIR-ROBERTSON, L, 27-28; 294). Legentil or Le Gentil, whose full name was nothing less than Guillaume Joseph Hyacinthe Jean Baptiste le Gentil de la Galaisière, sojourned in Manila 1766-68. He wrote *Voyage dans les mers de l'Inde, fait par ordre du roi, à l'occasion du passage du Vénus, sur le disque du soleil, le 6 juin 1761, et le 3 du même mois 1769*, 2 vols., Paris 1779-81.

⁴⁶ *Diary*, 21-22; OROZCO Y BERRA, o. c., IV, ch. iv.

⁴⁷ *Diary*, 22-23. As is well known, it was the inspiring leader of San Fernando College, the renowned Junípero Serra who extended the chain of California Missions into Upper (modern) California.

⁴⁸ Ib., 23-26; MAAS, o. c., pp. 109-110, number 33 of the *Informe General*.

to the natives of the Islands why the mighty King of Spain has had them arrested as also their brothers throughout his vast dominions. These are the only Jesuits to behold these Missions shortly after their Mexican brother missionaries were torn from their field of labor. Here we have the last account of that Mission before the suppression of the Order. It will be many years before any Jesuit can again set foot in Lower California.

After the ship had taken on supplies, it continued its journey to reach the Mexican Puerto de Navidad on December 13, where the captain without casting anchor sent a message to the Viceroy notifying him of the arrival of the ship and, no doubt, of the Jesuit exiles on board ⁴⁸. On Christmas day their ship put in at Acapulco, after a journey of slightly less than five months. They would have set out immediately on their journey overland to Veracruz but for the plague that was raging in port ⁵⁰.

Here we find the prisoners of state during fifteen days nursing back to life the stricken military Governor of the port, Don Teodoro de Croix, nephew of Don Carlos Francisco de Croix, Viceroy of Mexico. With rare medical skill and Christian charity, the infirmary of the Jesuit exiles, Brother Miguel Marcos, employs the medicine he has brought from Manila ⁵¹. They not only bring health to his body but also minister to him spiritually.

At Acapulco they learn for the first time of the death of Clement XIII which had occurred more than six months before they set sail from the Islands, and the election of Clement XIV with the Mexican celebrations ordered by Charles III ⁵². They are also informed about the hardships endured by their brothers exiled from Mexico ⁵³. Nor could the failure of the fantastic and costly royal expedition under the direction of the Visitor to locate the non-existent Jesuit treasures in Cerro Prieto, Sonora, be hidden from them ⁵⁴.

The evening of January 2, 1770, with the military Governor safely on the road to full recovery, they set out on their overland

⁴⁸ Ib., 26.

⁴⁹ Ib., 28.

⁵⁰ Ib., 28-37.

⁵¹ Ib., 37; Clement XIII had died on February 2, 1769 (PASTOR, *o. c.*, XVI 1, 955-956) and Clement XIV was elected on May 19, 1769 (Ib., XVI 2, 54).

⁵² *Diary*, 37-38; the decree against the Mexican Jesuits was promulgated on June 25, 1767, affecting 680 members of the Order: José MARIANO DÁVILA Y ARRILLAGA, *Continuación de la Historia de la C. de J. en Nueva España*, II (Mexico City 1889) 332-252; MARIANO CUEVAS S. I., *Tesoros documentales de México*, siglo XVIII (Mexico City 1944) 231-233. This last catalog lists only 678 as it omits the two Jesuits who were in Spain at the time.

⁵³ *Diary*, 38; the *Real Visitador* is José de Gálvez; see index of OROZCO Y BERRA, *o. c.*, IV.

journey of two hundred leagues for Veracruz, avoiding the populous centers of Mexico City and Puebla lest rioting break out in favor of the exiles. All along the route, however, the people in large numbers came to express their affection and sympathy. In the vicinity of Puebla, the crowds grew so large that additional soldiers were summoned to maintain order⁵⁵.

On February 17 they reached Veracruz where they lodged at the hospitable Franciscan Monastery until they could set sail for Spain on April 1. At this point the fragmentary diary comes to an abrupt end. The Diarist does not identify himself beyond indicating that he was one of the eighteen exiled Jesuit priests and that he had formerly been in Mexico⁵⁶.

A brief word about the manuscript. The opening paragraph, whose contents are quite foreign to the story of the expulsion, and the incomplete closing sentence point to a fuller journal. It is hoped that the editing of this fragment will encourage some scholar to give us the complete original diary. The uniform, steady handwriting seems to furnish conclusive evidence that what we now possess is a copy — a heaving sea and a tacking sail ship are hardly conducive to such careful penmanship! But the very frequent misspelling of proper names and even of the commonest words in the language proves that the copyist either had no knowledge whatever of Spanish or an extremely slight acquaintance with it. The script seems to point to the first half of the nineteenth century. To make the text more readily comprehensible, standard modern punctuation and accentuation have been introduced and the correct forms of the

⁵⁵ *Diary*, 38-41; for a chart of the route from Acapulco to Mexico City see SCHURZ, *o. c.*, p. 385; for an account of the route see the same work pp. 383-387.

⁵⁶ The only clues that we are given to identify the Diarist is that he is a priest (*Diary*, 9 «... los 18 éramos sacerdotes ») and that he had been in Mexico previously (*Diary*, 39 «... algunos montes nevados, cosa que yo no había visto desde que salí de Nueva España para Filipinas »). But the other fathers had also gone to the Philippines via Mexico since as stated in note 38 the eastern route had only recently been inaugurated. Does the fact that the Diary begins with an entry about the Manila college of San Ignacio prove that the Diarist was a member of it? The only priest from that college aboard the *San Carlos* was Father Francisco Puig. *Philipp.* 3, 375r (which erroneously lists him as Francisco Bach) states « Nació en Pio [thus for Pi] Diócesis de Urgel, a 5 de Febrero de 1720. Entró en la Compañía a 4 de Junio de 1738. Estaba de Operario en dicho colegio [i. e. San Ignacio, since that is the heading under which his name is listed] y se embarcó para el Puerto de Acapulco en la Fragata San Carlos año de 1769 ». He entered the Order in Aragón; came to the Islands in 1750 in the mission group of Father José Calvo (*Philipp.* 3, 370v) and worked among the natives since 1752 (*Philipp.* 3, 357r). On January 1, 1774, he was in exile in Bagnacavallo, Italy (*Catálogos de los regulares*, f. 674) Father Puig had caused no little disturbance in the Islands by a sermon in Manila on March 9, 1764, when he dared denounce some of the corrupt officials. His fearlessness, however, was more praiseworthy than his prudence (*FERRANDO*,

words and constructions, as far as could be determined, have been adopted; the manuscript readings are given in the critical apparatus. Words readily understood have been left unchanged. Capitalized words have been retained where special emphasis seems intended.

The diary is reproduced here by the kind permission of The Huntington Library, San Marino, California, where it is catalogued as HM 4101, and forms part of a codex 221 x 159 cm., bearing the title *Pièces diverses sur l'ancienne Californie et la Nouvelle Espagne* (HM 4092-4102). All efforts to establish the provenance of the complete codex or of this one manuscript have proved unavailing. John C. Parish informs us that this manuscript volume « is mostly concerned with the Jesuits in the first quarter of the eighteenth century. It contains copies of eleven letters and documents. According to the descriptive notes in French which accompany them, these are drawn mostly from originals or contemporaneous copies in the Real Academia de Historia in Madrid »⁵⁷. The *Diary* edited here does not seem to be one of those documents drawn from the Real Academia de Historia, as it is not listed in A. Rodríguez-Mofino's *Catálogo de los Documentos de América existentes en la Colección de Jesuitas en la Academia de la Historia*, Madrid 1949. It is due to the scholarly alertness and courtesy of Dr. Carlos E. Castañeda of Texas University that I learned of the existence of the diary. The present brief study forms part of a project made possible through a grant-in-aid of the Carnegie Foundation and Loyola University (New Orleans).

o. c., V, 9-16). — Father M. Batllori S. I. kindly calls my attention to the fact that the Diarist employs constructions, phrases and forms of words, proper to the Catalans of the eighteenth century. This would be an additional factor in identifying the writer as Father Puig, who was the only Catalan in the group. Thus, instead of writing « siendo las sales una de la principales causas », the Diarist construes « la una », (*Diary*, 11); the usual « en dicho pueblo » becomes « al dicho pueblo » (*ib.* 23); « macilentes » gives way to « macilentes » (*ib.* 25); repeatedly « dia » with the date indicated is used instead of the normal « el dia ». Most revealing of his Catalan origin would seem to be his frequent use of « a » for « e »; as, « alatargado » instead of « aletargado » (*ib.* 33). All these Catalanisms can hardly be due to the mistakes of the copyist. That he was Superior of the contingent, seems evident from the fact that he issues such orders as would hardly emanate except from one in command. Confer *Diary*, 29 and 34. In fact, another ancient manuscript copy of this same *Diary* is attributed to Father Francisco Javier Puig (Rubén VARGAS UGARTE S. I., *Manuscritos Peruanos en las Bibliotecas y Archivos de Europa y América*, V, Buenos Aires 1947, p. 49, n. 4278).

⁵⁷ J. C. PARISH, *California Books and Manuscripts in the Huntington Library*, 21-22 (reprint from *The Huntington Library Bulletin*, n. 7, April 1935).

TEXT

AÑO DE 1769

Día 8 de enero de dicho murió en nuestro Colegio un Hermano anciano, Coadjutor formado, y permitieron que lo enterrásemos en el común panteón de los nuestros, después que con jurídicas ceremonias tomaron fe y testimonio de haver muerto.

[*Attempts made to inform the Philippine Jesuits of the Decree of Expulsion*]

Al empezar este año nada sabíamos todavía de lo que pasaba a los Padres del Obispado de Zebú de las Islas Bisayas, ni sabíamos entonces todavía si habían recibido la carta, que para su prevención les había escrito el Padre Provincial desde el Puerto de San Jacinto, cuando nosotros íbamos navegando¹ el año antecedente; sólo sabíamos que antes de embar^[2]carnos nosotros, se habían en Manila interceptado^a las cartas que ellos nos escribían, sin saber nada de lo que nos pasaba a nosotros, como también fueron interceptadas las cartas que nos venían de los jesuítas de la China, que llegaron a Manila pocos días después de nuestro arresto, y las que escribían los misioneros jesuítas franceses de la costa de Coromandel y de Pundicheri^b, que unos y otros nos prevenían con la noticia de la determinación ejecutiva, y aun ejecutada ya en España, del Rey Católico, de expulsarnos de todos sus dominios.

El mismo Juez Ejecutor^c nos confesó que haver llegado pocos días más tarde el primer despacho del Rey, huviéramos nosotros antes de nuestro arresto sabido la Real determinación por las cartas que él tenía interceptadas de un jesuíta misionero de Pekín, quien decía saberla por la vía de los moscovitas que todos los años van de caravana al comercio de Pekín. No quiso Dios que lo supiéramos antes, y juzgamos que entre otros santísimos fines de esta su providencia fué el uno para que cogiéndonos desprevenidos^b [3] y cogiéndolo todo sin previa noticia nuestra, viesen con evidencia la falsedad de los decantados tesoros que imputaban [a] nuestra^c Provincia, en tal grado que el autor del Viage del Almiran-

^a interceptando *ms* || ^b cogiéndomos disperbenidos *ms* || ^c nuestra de la *ms*.

¹ *nave* was written over the first part of the word at the end of the line. Although *gando* at the beginning of the next line is clear, the first part of the word is illegible. The correction was made by a later hand. It is hard to determine whether the original had *varando*, *arribando*, *llegando* or *navegando*.

^b The *Pundicheri* of the manuscript is, of course, for the more correct *Pondicheri* of modern spelling. It is evident that throughout words are spelled according to popular pronunciation and constructions are employed that are more proper to colloquial speech.

^c This is Manuel Galhán y Ventura; see BLAIR-ROBERTSON, L, 297-299. He is also called « subdelegado juez ejecutor » in the *Diary*, 6.

te Anson ^d no dudó de estampar en su libro que la principal porción de la plata de el comercio de los españoles de Manila en Acapulco ⁴ se refundía en los almacenes de los jesuitas, y esta misma fama no fué poca parte para que los ingleses quando se apoderaron de Manila el año 62 nos cargasen la mano más pesada que a otros y nos diesen harto que padecer, y más hallando españoles que los ^e confirmasen en su opinión. Toda la plata labrada de nuestra iglesia de frontales, candeleros, blandones, lámparas etc. (menos los cáliz y demás vasos sagrados) que pesaba de 8 a 9 arrobas se llevaron, a más de algunas cantidades de pesos de legados píos, y todo eso hallaron menos ahora los españoles al expoliar aquel templo de Dios.

[*Jesuits from the outlying Missions gather at their Colegio de Manila*]

Día 28 de enero empezaron a llegar a Manila los Padres de las dichas Islas Bisayas, conforme los [4] traían arrestados, en diferentes embarcaciones, y en los meses siguientes fueron llegando los demás. Este día llegaron 11, que se hallaban en las residencias de Catbalogan y Palápág. Día 30 de marzo llegaron otros 11 de la residencia de Bohol. Día 20 de abril llegaron 18 de las residencias de Carigara, Dagami ^f y Hilongos. Día 28 de junio llegaron 8 del Colegio de Arébalo de Samboangan ⁵, y de la Isla de Negros. Día 5 de julio llegaron 13 y fueron los últimos del Colegio de Zebú, y la residencia de Dapitan. Los últimos padecieron grandes travajos en el viage; en una grande tempestad que estubieron cerca de naufragar, corrieron peligro de ser cautivos de los moros, y por los vientos contrarios hubieron de refugiarse en una ensenada despoblada de gente e invernaron en ella como cuatro meses con grande falta de víberes. Todos los dichos Padres al passo que iban llegando lo[s] encerraron con nosotros en el Colegio de Manila, que sirvió para consolarnos nuevamente.

[*The Jesuit Missionaries prepare the natives to receive their successors*]

Para nosotros fué indecible consuelo el oír de la boca de los mismos Padres cómo mediante Dios se habían ejecutado en paz y sin disturbios el arresto y expulsión de sus reverencias [5] de aquellas Islas. Más con todo no se puede negar la grande impresión que semejante hecho ha ocasionado entre aquellos indios neófitos, y aun entre las vecinas naciones de gentiles y moros, que viendo llevar presos para el destierro a los sacerdotes que les enseñaban o instruían ^g en el Christianismo, era preciso que les hiciese concebir sentimientos de menor estimación

^d Anton ms II e las ms II f Dagaras or Dagavas ms II g insturria ms.

⁴ This is a rather inexact way of referring to the trade carried on between the Philippine Islands and Mexico, of which Manila and Acapulco were the terminal ports.

^e Arévalo de Zamboanga is the modern spelling.

de la religión Católica y de sus ministros: pues no son ellos tan capaces de discernir cosas como la gente culta europea. Y si a ésta ha ocasionado impresiones de asombro el trueno de este hecho, por allí se puede echar de ver qué efecto havrá causado entre aquellas gentes in-cultas y plantas tiernas del Cristianismo. Mucho travajaron los Padres en apl[a]carlos y allanarles el camino para que recibiesen con amor los Religiosos que les sucedieran en el ministerio y les oyesen ^h su doctrina con igual estimación, pues era la misma que ellos les havían enseñado y no se diferenciaba como los hábitos. Empero con todo esto les ¹ respondían los indios, unos con ríos de lágrimas y suspiros, otros se explicaban con raras expresiones de otros sentimientos y amargo dolor, [6] pues entre ellos hay también algunos de bastante alcanze.

[*Preparations are concluded for expelling the Jesuits from the Philippines*]

Día 31 de mayo murió de repente el señor Oidor D. Manuel Galván que era el sudelegado Juez Ejecutor de nuestra expatriación. Y luego a principio de junio señaló el señor Gobernador por sucesor suyo en dicho oficio el señor Dr. D. Domingo Blas Bassárez ⁴, Oidor de dicha Real Audiencia de Manila, quien se portó, con nosotros con benignidad, cuanto le permitían las órdenes del Rey y las instrucciones del señor Conde de Aranda. Ya por junio tenía el señor Gobernador determinado el despacharnos a todos para el destierro por vía de la Nueva España, a cuyo fin havía mandado apropiar una fragata a más de la que estaba destinada para hacer este año viage a Acapulco.

Mas para proceder con toda formalidad legal, ordenó por decreto que dos médicos y dos cirujanos de la Ciudad viniessen este mes de junio al Colegio para inspeccionar ^k a los que estuviessen incapaces de semejante viage, los que por fin se quedaron en Manila que a juicio y declaración jurada de los médicos y cirujanos no podían embarcarse sin evidente próximo peligro de la muerte, y fueron 20 sujetos de la [7] Provincia del Japón ⁷. Todos los demás nos preparamos con los Santos Ejercicios de Nuestro Santo Patriarca para emprender un viage tan largo y peligroso por mar y tierra a voluntad y dirección de los

^h ollesen *ms* || i *les*] se ban *ms*; i before ban crossed out in *ms*., possibly iban respondiendo written originally || k inspencionar *ms*.

⁴ Domingo Blas Bassares, who was the oidor at the time of the expulsion of the Jesuits (BLAIR-ROBERTSON, L, 296, where his name is written Domingo Blas de Basaraz), was prosecuted by Governor Anda y Salazar for seizing anti-Jesuit books (ib., 307, 377).

⁷ The catalog found in *Philipp. 3*, 273r-387r lists twenty-one Jesuits who were forced to remain. It is not necessary to point out here that the term *la Provincia del Japón* does not refer to Japan but to the missions in Macao, Kwangtung, Kwangsi, Tonking, Cochinchina and later Siam (CARREZ, o. c., table 45). They had taken refuge in the Philippine Islands at the time of their expulsion from their missions by the Portuguese government.

que nos havían de llevar presos en cualidad de reos de estado, pues como a tales nos estrañaba de sus dominios el Rey Católico.

En esto estábamos cuando día 8 de julio aportó en la Bahía de Manila la nave de guerra del Rey llamada el Buen Consejo, después de 17 meses que había salido de Cádiz para acá, montando el Cabo de Buena Esperanza; la cual en viage que regularmente¹ se hace en cinco meses tardó por haber perdido la moción de los vientos favorables para Manila en las costas de la Isla de Sumatra, metiéndos por el estrecho de Malaca cuando havía de^m haverse metido por el de la Sonda; y por fin huvo de ir a invernar en Batavia, colonia famosa de los Holandeses en la Isla de Java, hasta que llegase el tiempo favorable.

Con esta novedad mudó de consejo el señor Gobernador, y dispusso que solos 21 jesuitas fuesen por vía de América, que ése era el número que cabía en la nave que por vía ordinaria había de hacer viage [8] para Acapulco; y que el resto fuesen por vía del Cabo de Buena Esperanza, parte en dicho navío de guerra que acababa de llegar quando regresase para Cádiz, y parte en la fragata de antemano aprontada para Acapulco para el mismo efecto de llevar jesuitas que ahora iría en combó² del dicho navío de guerra, aunque al fin ninguno jesuita fué en dicho navío no sé por qué diferencias entre su capitán y el señor Gobernador de Manila³; fueron parte en la sobredicha fragata, y parte en otra fragata del Rey que habiendo salido de Cádiz por vía del Cabo de Buena Esperanza, y [para] poder montarle^p es preciso hacerse a la vela desde mediado noviembre hasta mediados [de] febrero, que es el tiempo propio; y para este tiempo podían ya estar en Manila los Padres de las Indias Marianas (que en la ocasión eran solos dos con un Hermano Coadjutor), distantes de Manila 400 leguas, para cuyo arresto despachó el señor Gobernador de Manila un paquebot día 7 de julio; como de hecho llegaron y pudieron embarca[r]se con los demás que navegaron por aquella vía.

A fines de julio [9] señaló el Padre Viceprovincial los sujetos que habían de navegar por vía de la América en el número que había dispuesto el señor Gobernador de 21, dejando al arbitrio del Padre Viceprovincial la determinación de los individuos; y cùpome a mí el ser uno de ellos; los 18 éramos sacerdotes, y los tres Coadjutores temporales.

[*The Jesuit Exiles leave the Philippines*]

Día primero de agosto a las 4 de la mañana vino por nosotros el sobredicho Juez Ejecutor del Colegio y en coches nos llevó una legua por tierra hasta un pueblo, desde donde era más tarde y fácil de travesía para el Puerto de Cavite⁴, para donde atravesamos en botes,

¹ regularmente¹ regulamente corrected from reguramente in ms II n se ms II n Nueva ms II o Marina ms II p montante ms.

² The word *combó* is evidently for *convoy*.

³ This was known as el Colegio del puerto de Cavite (COLÍN-PASTELLS, III, 783; ASTRÁIN, VII, 744). At the time of the expulsion there were eleven fathers and

acompañados del señor oidor, y tratándonos con toda atención. En Cavite nos dejó en nuestro Colegio, y aunque estuvimos con guardia de soldados, por ser formalidad inescusable sin nota, nos dió un trato verdaderamente digno de su Christiano corazón. Día 3 a las 10 de la mañana nos vino a acompañar hasta la nave, y nos colocó en un puesto cómodo cuanto q permitía la estrechez ^r del lugar y la multitud [10] de pasajeros que iban en ella.

A los beneficios y pías providencias de este caballero debimos después de Dios el que muchos de nosotros no [nos] mare [á] ramos en un viage tan largo, llevados presos y en cualidad de reos de estado; pues sólo la primera navegación de Manila a Acapulco suele durar medio año por mares bravos y tormentosos, mudando de un extremado calor a un sumo frío, y de éste volviendo casi de repente el extremo calor, lo que suele ocasionar mortales enfermedades; o de escorbuto, o de berben¹⁰, que es un género de hidropesía de las más ejecutivas que se conocen. Ese mismo día levamos, pero soplando viento contrario, luego havíamos de dar fondo otra vez.

Día 4 a las cuatro de la mañana nos hicimos otra vez a la vela, y llegamos a la boca de la Bahía de Manila, llamada de Marivélez, donde a media noche hubimos de echar ancla por faltarnos el viento. Mas moviéndose en breve el favorable, passamos el dia 5 aquella garganta. Y después alternándose los vientos y calmas, navegamos con len[11]to curso hasta dar en el Puerto de San Jacinto, arriba mencionado, donde dimos fondo dia 13, y se hicieron las ordinarias provisiones de aguada, leña y algún rancho. Aquí nos alcanzó también [a] nosotros la caridad de un bienhechor, que en un champón¹¹ (assí llaman a unas embar[ca]-ciones hechas a la moda sínica⁸) por secreta mano nos embió tres bacas, algunos puercos y 224 gallinas, con algunas frutas del país. Mas contentóse Dios de aceptar tan buena y caritativa voluntad por premiarla, y nosotros nos contentamos también con ello; pues dentro de breve, en las primeras marajadas que se metieron en el combés se mojaron las gallinas y murieron casi todas; las bacas no permitieron embarcarlas por estar empachada la nave, y casi nos quedamos privados de la mayor parte del socorro, tanto más oportuno y aun necesario cuanto más

q cuando ms || r estrechez ms || s Sirica ms.

three brothers stationed there (*Philipp.* 3, 379v-380v). Dependent upon this colegio were the ministries of Cavite el Viejo, Mariveles (modern Corregidor) and Maragondón.

¹⁰ FRANCISCO COMBÉS S. I., *Historia de Mindanao y Joló*, new edition by Pastells and W. E. Retana (Madrid 1897) speaks of *beruen* (*berven*) on page 226 and defines it on page 783 as « Enfermedad. Conócese con el nombre de *beriberi*; fué importada de Ternate; es muy semejante a la hidropesía ».

¹¹ This was presumably the popular pronunciation of *champdn*, our *sampan*, literally « three boards ». Combés, o. c., describes it on page 787 as follows, « Embarcación sínica, grande como un patache, pero inferior al *juncu* para la navegación. De cierta cabida, eran los chamaranes los que más usaban los chinos para el comercio con Filipinas, que hacían todos los años por los meses de febrero y marzo ».

faltos nos hallábamos de rancho fresco, de modo que antes de salir de las Islas ya huvímos de empezar a comer carnes saladas, siendo las sales la una de las principales causas de las sobredichas enfermedades.

El día 18 estábamos [12] ya sobre un ancla, dudando ^t los pilotos; pero Dios les quitó la duda, porque al medio día se arrojó en el mismo puerto sobre la nave sin velas un viento tan recio y violento que la iba a trastornar a no haber caído ^u el cable que afianzaba a la ancla rompiéndose y dejando al fondo la ancla. Con eso se vieron precisados a hacer vela a toda prisa y a echa[r]se afuera por no dar en las piedras; y con el viento más favorable nos ayudaban las corrientes; después de media noche passamos con felicidad el passo crítico del embocadero de San Bernardino.

[Near the Marianas a fierce storm imperils their lives]

Día 19 ya amanecimos fuera de las gargantas de dicho embocadero, y prosiguiendo el mismo viento con frescura hasta el día 28; en este día se consideraban ya los pilotos a distancia de unas ^v 30 ó 40 leguas de las Islas Marianas sobre la latitud septentrional de 17 grados. Calmónos el viento y por la noche observamos un grande cometa que vimos por muchas noches, y discurso le huvíramos observado antes a no haber estado nublado el cielo. Por dos semanas estuvimos parte con calmas parte dando bordos ^w con vientos contrarios, sin avanzar nada; mas antes atrasándonos por las corri[13]entes, que nos llevaban ^x a los mares del Japón y China. En uno de estos bordos tubimos un competente susto por havernos hallado de improviso sobre un baxo no conocido ni demarcado en carta alguna, y, temiendo bajar, con pronta maniobra nos hicimos ^y fuera de él.

Movíase por fin un viento mediamente favorable, y con él pasamos ^z el día 14 de septiembre las Islas Marianas entre una isleta situada de 21 grados de latitud septentrional, que los españoles llaman Farallón de Pájaros por la multitud de aves rarísimas que se acojen a ella, y otra llamada Urracas, distante de la primera como 10 leguas a la banda del su[r]este. Una ^a y otra descubrimos; pero estando navegando entre las dos ese día se nos armó una tempestad de truenos y rayos ^b tan formidable que llenó de terror y espanto a todos los de la mar. Afiadíanos cuidado el ver que se nos havían cerrado todos los horizontes, abatidas las nubes hasta la superficie del mar, y amagándonos con negras cejas con otro huracán como el que havíamos padecido el año pasado, y de hecho se prepararon para ello los pilotos manda[n]do aferrar velas [14] y calar masteleros. Los vientos en lo bajo no eran excesivos, mas en lo alto parecía ^c que luchaban fuertemente, de donde se originaba que las nubes abatidas nos disparassen tan cerca los truenos y rayos que parecía salían del mismo tope ^d de los palos de la nave y

^t durando ms II u cavido ms II v 80 las ms II w brodos or broclos ms II x llamanban ms II y hiciemos ms II z pasármos ms II a Vera ms II b rallos ms II c padecia ms II d tape ms.

con tanta copia y continuación que sin ponderación podía llamarse lluvia de rayos y centellas, que caían por todo el rededor de la nave, y cruzaban por entre sus palos y vergas de modo que temíamos que nos incendiasen ^f el navío.

Por dos veces nos acometió aquel día la tempestad; la primera empezó mucho antes de amanecer y duró ^g por 4 horas, y la otra por la tarde por dos horas. Recurrimos a Dios con la oración y con los exorcismos de la santa Iglesia, conjurando el temporal con un Lignum Crucis que pudimos salvar de nuestro expolio, con la confianza en el Señor Crucificado que en el aquel día en que la santa Iglesia celebraba la Exaltación de su santa Cruz no havía de permitir que triunfase ^h de nosotros las aéreas ⁱ potestades. En efecto Dios por su misericordia nos libró de todo daño en medio de [15] tan vivo fuego como no[s] hacían aquellos nublados, y nos quiso dar este nuevo argumento de la dependencia ^k y necesidad que tenemos ^l en todas partes de su auxilio y protección Divina.

[*On a more northerly course a timely rainfall relieves a serious shortage of water*]

Día 15 de septiembre nos movió un viento sureste fresco y constante por tres semanas, con el cual navegamos con la proa de nordest con bastante ligereza; y más de las muchas leguas de longitud que grangeamos, nos pusimos con los 35 grados de latitud septentrional. Aquí empezamos a sentir grande frío con vientos tan sutiles que nos penetraban y nos hacían tanto mayor impresión quanto menos havía que havíamos dejado los calores, pues en las tres semanas havíamos hecho tránsito ^m de los 20 grados donde nos abrasábamos de calor a los 35 donde por octubre ya nos helábamos de frío, ni hallábamos abrigo que nos bastase.

Con este frío me [cesaron] ⁿ a mí los pujos de sangre con que me embarqué en Manila, pero me cargó tan grande inapetencia y repugnancia a toda comida, que durándome por dos [16] meses se hacía juicio que no llegara yo vivo de la America.

En esta navegación de Manila para la Nueva España siempre los pilotos van a buscar altura del norte, y suelen llegar hasta los 40 grados de latitud si el tiempo se los permite, porque la experiencia les ha mostrado que conforme los vientos que suelen reinar en aquel golfo, todo es necesario para poder coger el Puerto de Acapulco. Nosotros no paramos de 35 grados, donde llegamos dos o tres veces y luego nosolvían a rebatir los vientos para el Ecuador; con todo, la mayor parte de aquel vastíssimo golfo la navegamos por evitar los paralelos ^o de los 32 y 33 grados de latitud septentrional.

Cuando nos hallábamos a distancia todavía como de dos mil leguas de Acapulco nos sobrevino un nuevo y grave cuidado, y fué la falta

^e entrar *ms* ^{ll} ^f incendarsen *ms* ^{ll} ^g dudo *ms* ^{ll} ^h triunfarsen *ms* ^{ll} ⁱ arreas *ms* ^{ll} ^k dependencia *ms* ^{ll} ^l tenemos *ms* ^{ll} ^m transito *bis in ms* ^{ll} ⁿ cesaron ^{blank space for a word of 6 to 8 letters} ^{ll} ^o pardelos *ms*.

de agua, porque se hallaban no pocas pipas y toneles vacíos. Agrababa esta ¹¹ necesidad el que esta navegación no tiene escala ninguna en todo aquel golfo para remedio ¹², que es de las circunstancias que la hacen más peligrosa ¹³. Fué preciso acortar a todos la ración de agua cuando más necesitamos de ella [17] siquiera para desalar un poco la comida que toda era salada. Y acudimos a Dios, quien es el único y verdadero recurso de todas las aflicciones. De dos maneras nos socorrió su Divina Magestad: el uno fué embiéndonos algunos aguazeros, en que reconocimos más de cien barriles de agua con unos instrumentos hechos de cañas y ciertas ojas que al propósito llevan los Filipinos para semejantes lances; el otro fué embiéndonos vientos por lo común favorables para abreviar la navegación más de lo regular y librándonos de toda tormenta, lo que no es regular, de suerte que a principios de noviembre nos hallábamos ya a juicio de los pilotos a distancia de unas ¹⁴ 700 leguas de Acapulco, sobre el paralelo ¹⁵ de los 30 grados de latitud septentrional.

Aquí quiso Dios provarnos para que aviváramos nuestras oraciones, quitándonos el viento y dejándonos en calma por 20 días, en que apenas adelantamos nada. Pero cuando más desconsolada estaba la nave...

[*Land is sighted*]

Día 20 de noviembre vimos en la mar lo ¹⁶ que los españoles que navegan por aquellas carreras llaman [18] señas. Estas son unas hierbas a semejanza de cebollas, que nadan en la superficie del mar, bolteadas ¹⁷ al rebés; esto es las raíces para arriba, la hoja o cogollos para abajo; y dicha caña suele ser tan larga que puesta en el tope del juanete mayor alcanza hasta la cubierta del combés. Las llaman señas porque son las únicas ciertas (según la experiencia de 200 años ¹⁸ que los españoles navegan por aquella carrera) de no estar ya muy distante la América; pues nacen en la costa de California entre Monterey y el Cabo Mendozino, y no suelen estenderse mar afuera más de 100 leguas poco más o menos. Por donde conocimos que mientras estábamos en calma, nos cundieron algo las corrientes. Luego se entonó el Te Deum en acción de gracias, como siempre es costumbre de los españoles al descubrir dichas señas, ya que descubiertas suelen ya dar por seguro el viage.

Aumentóse el consuelo porque el día 22 de noviembre empezó a moverse viento fresco y favorable por nuestra derrota, y navegando con velocidad descubrimos el día 25 por la tarde una isla llamada de Guadalupe situada en los [19] 28 grados y algunos minutos de latitud septentrional a distancia como 50 leguas del continente de la California.

¹¹ este ms II q remedio ms II r peligroso ms II r' 80 las ms II * paradelo ms II t los ms II u bolteados ms.

¹² SCHURZ, o. c., 95: «The first of the galleons crossed the Pacific in 1565. The last one put into port in 1815».

Nueve días antes de la fiesta del Apóstol de las Indias y Príncipe del mar, San Javier, le empezamos su novena, implorando su intercesión para con Dios Nuestro Señor para que su Divina Magestad nos concediera coger en breve el Cabo de San Lucas, donde únicamente podíamos socorrernos de agua y alimentos, pues de uno y otro padecíamos ya grave necesidad, y distábamos todavía de dicho cabo más de 200 leguas. En efecto, en toda la novena fué el viento tan constante y favorable que el día 29 de dicho descubrimos el Cabo de la California llamado de San Lorenzo distante cien leguas del dicho de San Lucas, y día 2 de diciembre montamos al Cabo de San Lucas (que es la punta más al sur de todas las Californias) y ese mismo día al ponerse el sol dimos fondo en la playa del Pueblo de San José, donde hay aguada y posibilidad de algún refresco.

En los mares de las costas de las Californias vimos muchas ballenas y otros peces muy grandes y lobos marinos, de lo que hay tanta abundancia porque no van allá pescadores a inquietarlos. Empero la costa de [20] tierra desde el Cabo de San Lázaro hasta ^v el de San Lucas es tan árida y estéril que en toda ella apenas se puede descubrir un árbol ni una mata verde hasta llegar cerca la punta de dicho Cabo de San Lucas.

[Crew and passengers enjoy a brief respite at the Cabo de San Lucas]

Luego que el día 2 de diciembre dimos fondo, el Comandante de ^w la nave despachó gente a tierra para providenciar agua y comida fresca. Mas no hallaron el avío de verduras, carneros, puercos, terneras y novillos que salían otros años cuando estaban los jesuítas en las Californias, y nos havíamos de contentar todos los de la nave con solos unos pocos novillos, que fué preciso traerlos como de 30 leguas tierra adentro. Aunque las Californias son tierra tan estéril y falta de agua, con todo nuestros Padres missioneros de la Provincia de Méjico, desde que conquistaron a costa de su sangre y de inmensos trabajos aquella tierra para Jesu Christo y para el Rey, procuraron con indecibles fatigas que diese algunos frutos y ganados para su sustento y de los indios. De todo esto gran parte se hallaba ya dissipada en menos de dos años que allí faltaban dichos Padres missioneros.

Aconteció tam[21]bién que poco después que sacaron los Padres de California se encendió una epidemia pestilencial, especialmente en los pueblos de la parte del sur, que casi los despobló de indios. Con essa epidemia murieron también los astrónomos franceses que fueron a las Californias para observar el tránsito de Venus por el disco del sol, y sólo escapó con la vida un astrónomo español que iba en su comitiva, quien llevó a la Europa los papeles de sus observaciones. Aquí supimos la reciente expedición que por orden del Rey se havía hecho con dos embarcaciones para poblar el puerto de Monte Rey en la costa de ovest de la California, y nos contaron cómo la ^x una de las

^v habla *ms* ^{II} ^w a *ms* ^{II} ^x ha *ms* ^{II} y percisamente *ms*.

embarcaciones havía arribado maltratada y falta de gente por haver muerto muchos, y la otra quedava invernada en el Puerto de San Diego esperando socorro para poder proseguir al destino, y que sólo llevaba por tierra al Gobernador de Californias. Habrá de gastar muchos miles el Rey para el efecto y para su conservación, porque los españoles y mulatos de la Nueva España no gustan de desterrarse de su patria como ni otra nación alguna precisamente y por mudar de [22] temperamento, si no hallan alguno modo de establecerse con alguna conveniencia. Sólo los missioneros verdaderamente celestes y que proceden por motivos sobrenaturales tienen estómago para digerir con constancia los crudos trabajos que en semejantes regiones es preciso devorar.

La espiritual administración de los indios californios fué encargada a los Padres franciscanos observantes de un Colegio de missioneros de especial recollectión que estos Religiosos tienen en la Ciudad de Méjico, cuyo título es San Fernando, por cuya razón son llamados en toda la Nueva España Fernandinos, como por semejante razón los missioneros de otro Colegio que los mismos Religiosos tienen en Crétaro¹³, cuyo título es de la Santa Cruz, se llaman los Crucíferos; y a éstos ^z fué encargada la espiritual administración de los indios de la Sonora y Primería¹⁴. Unos y otros indios fueron afortunados en que los cupiese estos missioneros, después que perdieron a los jesuitas, pues son Religiosos de grande ejemplo, celo y prudencia, que todo es menester para que no se pierdan aquellas Christiandades.

[*Some Indians of the former Mexican Jesuit Missions come aboard*]

Con todo, no sé si por falta de Religiosos o por otro motivo pu-
[23]sieron dos clérigos en la California en el Pueblo llamada Santa Ana y en el de San José, en cuya ^a playa estábamos fondeados; vimos a ambos a dos, porque vinieron abordo de la nave, y ellos mismos confesaban que no era para ellos aquel país ni provincia. Enternecíome aquí notablemente y me hizo asomar ^b las lágrimas a los ojos lo que nos pasó con unos indios californios al dicho Pueblo de San José. Luego que ellos vieron que havía jesuitas en la nave, sin embargo de su indecible cortedad y que a ninguno de nosotros conocían y que no ignoraban que íbamos en calidad de presos, al punto se ingenaron con los marineros que les permitiesen venir a abordo de la barca o lancha en que tenían los barriles de agua. Subieron a la nave, y al ver algunos Padres que en la ocasión se hallaban en el alcázar al punto se arojaron a ellos a besarles las manos y no sabiendo esplicarse de otra suerte rompieron delante de todos en lágrimas y sollozos implacables, con admiración de la gente de la nave.

^z estas ms ll a cada ms ll b asomar ms.

¹³ Crétaro is a colloquial pronunciation for Querétaro.

¹⁴ Primertia is, of course, for Pimería.

No quise subir arriba por no dar que decir y por la cautela que para el público [24] era menester. Hice con todo que con *disimulo* bajassen donde me hallaba con [uno]^c de los Padres, y lo mismo fué ver ellos otra vez nuestras sotanas que romper en llanto otra vez. Preguntéles por qué havían venido a bordo a distancia de cerca una legua de tierra en que estábamos fondeados y por qué lloraban. Entendíome el principal de ellos, que era el *Gobernadorcillo* del pueblo, y con medias palabras castellanas que sabía, mezcladas con lágrimas, dijo:—*¿Cómo no hemos a llorar con el amargo dolor que abrasa nuestras entrañas al avivársenos* ^d, con la presencia de Padres reverendos, la tierna memoria de los Padres de nuestras almas, de quienes nos vemos privados? Ellos, tolerando nuestra rudeza, nos instruían a nosotros y nuestros hijos y nos enseñaban el camino del cielo. Ellos, a más de eso, como si fuessen nuestras madres, nos solicitaban con grande afán vestido y comida, y nos apoyaban en nuestras aficciones con entrañable amor. Empero desde que nos los *quitaron*, nos quedamos ^e como huérfanos y lleno[s] de infilicidades y miserias, que las unas se alcanzan a las otras. La peste, que apenas dejó hombre a vida en [25] nuestro pueblo, alcanzó a la hambre, y ésta nos acaba a los pocos que quedamos. Venimos, aunque a ninguno de vuestras reverencias conozcemos, y sabemos que vienen presos y no pueden aliviarnos; con todo, venimos a ver y besar las manos de lo[s] que sabemos son hermanos de los que fueron nuestros Padres amantíssimos; y yo y un compafiero que también sabe hablar un poco en lengua española, venimos también para que vuestras reverencias nos concedan el consuelo de oírnos de confesión antes que muramos, ya que tenemos^f la dicha de lograr este lance. —

Arrasarónseme los ojos, porque persuadían más aquellos indios y explicaban mejor su mente con sus lágrimas, con su desnudez y palidez de sus macilentes semblantes que con sus toscas palabras. Les consolamos en cuanto podímos; les dimos algunos trapos para cubrir sus carnes; les hize comer, aunque no querían, para que se recobraran un poco; les exorté a la paciencia, a la fidelidad con Dios ^g y con el Rey, y a la obediencia a sus superiores espirituales y temporales, y les despachamos para tierra; mas ellos no acababan ni acertaban a desprenderse de nosotros, y vol[26]vían abordo para vernos dos o tres veces que les permitieron meterse en la lancha.

[The voyage is continued to Puerto de Navidad and Acapulco]

Día 7 de diciembre por la tarde levamos para hacer la travesía de la boca del Seno ^h Califor[n]io, que es como de 70 a 100 leguas, hasta descubrir el que llaman Cabo Corrientes. Y después, metiéndose la proa al sur, fuimos costeando aquella parte de la América siempre a vista de tierra hasta que día 13 de diciembre llegamos a ponernos en

^c The context seems to demand some word like uno or alguno ^{ll} d avivársenos ms ^{ll} e con quedamos ms ^{ll} f tenemos ms ^{ll} g que con Dios ms ^{ll} h Sena ms.

frente del Puerto de Navidad. Aquí sin echar ancla, el Comandante de la nave, como es costumbre, despachó con el bote¹ pliego a tierra para el señor Virrey de Méjico; y proseguimos costeando nuestra derrota para Acapulco con la esperanza de llegar dentro de dos o tres días, pues no distábamos ya más de 100 leguas.

Pero Dios nos embió calmas que por dos o tres veces nos obligaron a dar fondo en aquella costa desierta y empezamos^k a sentir fuertes calores¹ que causaron algunas^m enfermedades a las gentes, con la quasi repentina novedad, como suele, por acabar de salir de los fríos de la altura de polo. Vimos [27] en los mares de esta costa muchedumbre grande de variedad de pezes y de tortugas grandíssimas, que la gente de mar cogían y comían a satisfacción. Pero lo que a nosotrosⁿ nos hizo mayor novedad fué el que por dos días navegando con lento curso vimos el mar sembrado de culebras pequeñas^o del largo de 3 ó 4 cuartas^p, que iban nadando en la superficie del mar, y también metidas del todo en él como si fueran pezes^q. Esto no era novedad para los antiguos en navegar por aquella costa; por lo [cual] aquel distrito lo^r llaman Mar de Culebras.

Por fin, día 25 de diciembre con la alegría de la grande festividad del Nacimiento del Señor, como al medio día dimos fondo en el Puerto de Acapulco, concluyendo este viage en cinco meses menos algunos días, pues le comenzamos día primero de agosto, cuando por lo regular suelen tardar en él medio año. Después de dar las gracias a^s Dios, las dimos también a la gente de la nave, desde el Comandante hasta el último oficial, pasajero y marinero, pues todos se portaron con nosotros con grande caridad, piedad y atención, socorri[28]éndonos en nuestras necesidades, cada uno conforme su posibilidad.

En toda la navegación tuvimos el consuelo del santo sacrificio de la Misa, menos tal cual día que el tiempo no lo permitía^t. Pudimos sacar de Manila un altar portátil con todos los paramentos; y con ese y con el suyo que nos franqueaba el Capellán de la nave decíamos en^u turno cuatro Misas los días festivos y dos los días que no eran; y no decíamos más por no ser molestos ni impedir las maniobras de la nave.

[*The dreaded Tabardillo rages at Acapulco; the Governor is nursed back to health by the Jesuit Brother Marcos*]

El mismo día 25 cuando por la mañana nos metíamos por la boca del Puerto de Acapulco, supimos de^v los guardas del haber^v Real que aquel Puerto se hallaba actualmente infestado de fiebres malignas, y que se hallaba ya en el sexto día de un maligno tavardillo y de grave peligro el señor Castellano que es allí el Superior en lo político y mi-

ⁱ tote ms II k empazamos ms II l cabres ms II m algunos ms II n nuestros ms II o paqueñas ms II p cuartos ms II q pestes ms II r la ms II s de ms II t permitan ms II u que ms II v que ms II v hacer ms.

litar. Este era D. Teodoro de Croix, ^w Cavallero profeso del orden Teutónico ^x y sobrino del actual Virey de Nueva Espafia, el Marqués de Croix ^y. Al punto por carta mia y por el Comandante de nuestra nave [29] le ofrecí la tal cual pericia en la medicina de un Hermano que venía con nosotros, y algunas medicinas que nos quedaban de las que nos havían providenciado en Manila, pues sabía yo de antemano cuán faltó suele hallarse aquel Puerto de médicos y medicinas, porque [por] su mal clima no lo havitan los españoles sino es por tres meses que suele allí perma[ne]cer la nave de China, que assí llaman a la de Filipinas.

Vino al instante admitida mi oferta, y luego antes que diéramos fondo despaché en un bote al Hermano Marcos, que era nuestro médico, con la caja de botica para tierra y con el encargo de que dijese al señor Castellano que todos nosotros estábamos a la disposición de su Señoría en cuanto pudiéramos servirle de algún alivio. Día 26 de dicho por la tarde desembarcamos, y desde la playa sin detención nos llevaron al Castillo, distante de la población del Puerto como el tercio de una milla, y situado sobre una loma; lo que hizo saltar las lágrimas de los ojos de muchos, que miraban, no sin sen[30]timiento y compasión, al ver llevar una procession de jesuítas al lugar donde fuera ^z [de] la guarnición de soldados solos se hallan los forzados y presos por sus graves delitos, y esto en circunstancias que acabá[ba]mos de llegar de una navegación ^a tan lue[n]ga y peligrosa. Mas lo que o los ojos de muchos parecía cossa tan ignominiosa, en la realidad no era sino una providencia de Dios muy benéfica para nosotros, y también del señor Castellano que assí lo dispuso por ser el Castillo sitio más sano y de ay[r]es más puros que la población del Puerto que está en lo bajo en la misma playa, donde se abrasa la gente de calor, y en la ocasión ardía en fiebres malignas.

Manifestóse más la buena intención del señor Castellano por el buen trato que mandó darnos con toda assistencia sin reparar en gastos, que allí por cualquier cosa son los precios excesivos. Dispusso que nos albergáramos ^b en las mismas piezas del castillo y que de día y de noche nos passeáramos por sus plazas y murallas cuanto nos diera la gana [31] y que entraran a visitarnos cuantos ^c españoles quisiesen; como de hecho venían todos los españoles compafieros de la navegación y demás del Puerto a vernos y a tomar el ayre fresco del castillo con nosotros.

A los tres días de estar en dicha Fuerza, el único que quedaba en pie de todos los oficiales Reales, y aun ése estaba tocado ya de la enfermedad, vino a proponerme el grave cuidado en que se hallaba su mayordomo sobre que recaían todas las providencias que devían tomarse en la actualidad relativas al gobierno y a la enfermedad del señor Castellano por estar enfermos todos los oficiales Reales; que lo que más le afigría [era] el temor de la muerte del ^d señor Castellano, cuya enfermedad pintaba ^e may mal, y se explicaba ya con profundos y mor-

^w Creix ms II ^x Aventenico ms II y Creix ms II ^z formo ms II a razong.on ms II ^b alvengaramos ms II ^c cuatro ms II ^d dh ms II ^e pintada ms

tales letargos ^f, que le ^g tenían ya del todo privado, y ninguno había tenido ánimo de intimarle a tiempo la necesidad de recibir los santos sacramentos por aquel lance; que el cura del Puerto estaba en el artículo de la muerte y el vicecura ya con las calen^[32]turas, ni havía allí otro sacerdote que lo juzgase a propósito para el caso; que ya havía despachado posta a Méjico distante cien leguas al señor Virey, dandole parte de la enfermedad de su sobrino el señor Castellano, aunque sin explicarle ^h su gravedad por no causa^[r] le gran pesadumbre, pero que ésta sería recibida^[d] despues si el caballero moría sin sacramentos. Respondile que aunque nosotros estábamos presos por el Rey y encarcelados en aquel castillo en calidad de reos de estado, expatriados y civilmente muertos e incapaces de exerzerⁱ acción alguna vital política en sus dominios y aunque [a] todo fiel vasallo de su Magestad Católica tenía vedada por la Real pragmática toda comunicación con nosotros so pena de incidir en reato de estado y en la Real indignación, con todo esso ^j que nos hallábamos allí 18 sacerdotes jesuítas dispuestos todos a servirle con gusto en cuanto pudiéramos y a socorrer con toda prontitud a la urgente necesidad en [33] que se hallaba el señor Castellano, si Dios le concedía algún intervalo de advertencia, y que convenía no perder más tiempo.

La cosa vino a parar en que al punto bajé al Puerto al Palacio del señor Castellano; hallé alatargado, sin advertencia alguna, y assí prosiguió todo el día y toda la noche. Mas el día siguiente por la mañana le concedió Dios un breve intervalo de advertencia y fuerzas, con que le intimé el peligro en que se hallaba, y sin la menor dificultad se confesó conmigo a toda satisfacción. No pudo aquel día recibir el viático, porque a poco tiempo de acabar de confesarse le sobrevino otra vez el letargo ^k, que le duró hasta el día siguiente por la mañana, cuando bolviendo en sí, se reconcilió y recibió a el Divino Señor con grande devoción, ternura, y con grande ejemplo y aun lágrimas de los circunstantes, pues generalmente era estimado de todos aquel caballero flamenco por su particular amabilidad y bellas costumbres.

Permanecí con el Hermano Marcos en su palacio [34] por quince días y noches continuas, assistiéndole no sólo en lo espiritual sino también en lo corporal, mientras los otros compañeros en el castillo le encomendaban a Dios, pidiendo por su salud si lo convenía, pues se^l confirmaron también sus criados menos el Mayordomo, que con trabajo se mantenía en pie, y no me moví hasta dejarle fuera de peligro, sin calentura, y convaleciendo con felicidad. Venía de Méjico el médico del señor Virey con medicinas, pero el mismo señor Castellano le ordenó por carta, que le cogió a mitad del camino, que se bolviese para Méjico, que ya no era menester.

Antes que partiéramos de Acapulco escribí dos cartas al señor Virey suplicándole a su Excelencia dos cosas, la una que nos hiciese la gracia

^f letargos *ms* II *g* la *ms* II *h* explicada *ms* II *i* ererzer *ms* II *j* caso *ms* II *k* letrago *ms* II *l* le *ms*.

de no comisionar por conductor nuestro a cierto sugeto, que me constaba tenía puesta la pretensión de conducirnos, no sólo por tierra hasta Veracruz, sino también de llevarnos hasta Cádiz como en triunfo y exaltación de sus méritos y servicios del Rey para con [35] seguir más fácilmente sus ascensos y preten[dido] premio. Este era un hombre de genio dominante, áspero, y de trato grozero; más a propósito para añadirnos aficción en los indispensables trabajos que para mitigarla, y cuya sola pretensión tenía ya afligidos a los Padres nuestros compañeros. La otra que se dignasse su Excelencia de mandarnos proveer alguna ropa gruesa para poder^m resistir a los rigores del frío cuando pasáramos por las cercanías de los páramos nevados, pues aunque el gobierno Real de Manila nos había despachado con ropa abundante de la que únicamente permite vestir aquel fogoso clima, no había encontrado la que necesitábamos para climas fríos. Respondióme su Excelencia, concediéndome ambas a dos cosas, de modo que la ropa nos la entregaron ⁿ a mitad del camino cuando ya la necesitábamos, y los comisarios conductores fueron tales cuales los podíamos desejar.

Todo esto lo miramos nosotros como particulares providencias de Dios porque no pereciéramos en tan dilatado [36] viage, llevados presos a dirección agena de hombres de tan diferentes dictámenes, humores y voluntades, por mar y tierra de tan opuestos climas y tan arduos caminos ^o. Como también se hizo reparable a todos, no sin admiración, la especial protección de Dios para con nosotros en la estada de este Puerto de Acapulco, sin que a ninguno de nosotros nos tocara el contagio, ni aun al Hermano Marcos ni a mí, que sin tener descanso de la navegación, ni poder reposar, ni apenas dormir de día ni de noche, estuvimos abajo en el Puerto en medio de los contagiados, assistiendo al señor Castellano, siendo así que [se] iba prendiendo el contagio en muchos de los que vinieron de Manila con nosotros en la misma nave.

Está Acapulco en los 16 grados y medio de latitud septentrional. Su Puerto es tenido por uno de los mejores que se conocen por el resguardo de las naves, por su seguro fondo que permite que los navíos se arrimen a la misma playa hasta afianzarse con los [37] cables en los árboles de ella, y por estar defendido de todos vientos. Su clima es muy ardiente, destemplado ^p y contrario a la salud. Es también muy expuesto a temblores de tierra de suerte que no tuvo día que no sacudiese la tierra, precediendo por lo común como un minuto antes un notable ruido subterráneo ^q. Experimentamos también un raro fenómeno y fué que un día a prima noche, estando el cielo del todo sereno, sin una nube, se encendió una exhalación tan grande y luminosa que por un minuto alumbró la tierra casi con tanta luz como un día claro, y remató con un grande trueno como del mayor tiro de artillería.

Aquí supimos la muerte de Clemente XIII, y la exaltación a la Tiara de Clemente XIV, y el Rey había ordenado para éste tres días de lu-

^m podre *ms* ^{ll} ⁿ entergaron *ms* ^{ll} ^o camndos *ms* ^{ll} ^p destemplaro *ms* ^{ll} ^q subturnio *ms*.

minarias en sus reinos hasta en las Américas. Nos contaron también el empeño de la casa de Borbón y de Portugal para la abolición de toda la Compañía de Jesús. Supimos también los trabajos de los jesuítas de la Pro[38]vincia de Méjico, especialmente de los missioneros, después que 18 de ellos a fuerza de trabajos y mal tratamiento perdieron sus vidas en los mismos umbrales de dichas misiones, se hallan ahora todavía los que quedaron vivos en el hospicio del Puerto de Santa María particularmente presos y cansados¹⁵.

Tampoco se nos ocultó el mal éxito de la expedición costosíssima al Rey que el Real Visitador de Nueva España havía hecho en la Sonora a fin de descubrir los decantados tesoros de las minas del Cerro Prieto, el cual se huvo de retirar sin tesoros¹⁶, sin gentes, y por poco sin vida, quedando aquella provincia más alboratada, y los infieles bárbaros más irritados, de modo que se abanzan en los partidos pacíficos, haciendo horribles estragos.

AÑO 1770.

[*The Exiles journey overland from Acapulco to Veracruz*]

Día 2 de enero de dicho, por la tarde, empezamos el viage de tierra por Vera Cruz. Es ésta [39] de 200 leguas de tierra. Lo más de ella

¹⁵ DECORME, o. c., II, 542-43 thus sums up the activity of the Order in Lower California: « En los 72 años que los Jesuitas trabajaron en California, fundaron 18 misiones y empezaron otra, aunque cuatro de ellas se suprimieron. Pasaron a la misión más de 52 misioneros cuya lista pondremos luego; murieron en ella 15 Padres y un Hermano y otros tantos Padres y un Hermano fueron desterrados... La orden de destierro no llegó a California sino a principios de 1768... Hicieronse a la vela en Loreto el 3 de Febrero 1768 ». « The remoteness of the peninsula prevented the intended enforcement of the decree there simultaneously with the rest of the Viceroyalty. It was not, in fact, promulgated there till February 8th, 1768, and the Franciscans who were assigned to succeed the Jesuits in the Missions, did not arrive until some months after » (JOHN T. DOYLE in his introduction to PALOU, o. c., I, xi-xii).

¹⁶ Jesuit treasures in Mexico seem to have had the same power and tendency to vanish as those in the Philippines. « Those (Missionary establishments) of the peninsula began to decline almost from the moment of their transfer from control of the Jesuits, their original founders, who were not only the first that succeeded in gaining any foothold among the wild tribes of that sterile country, but seem also to have been the only ones able to maintain it... But the fables of the riches of the country had again gained credence, and it came to be believed that those cunning priests had discovered in it mines of great wealth, which they concealed, and from which they amassed enormous treasures... The allurements of this fabled wealth excited the cupidity of the hungry politicos of the day, and contributed not a little to the sudden and cruel decree of February 1767, for the expulsion of the order from all the Spanish dominions. It is said that Charles III confidently expected to derive four millions of dollars from the spoliation of the Jesuits in California alone. The total of the sums found in their coffers proved to be under one hundred dollars » (Doyle, *ib.*).

montuosa, ^r áspera y quebrada, y que gran parte es menester caminarla de noche, por evitar los ardores del sol, aunque no sin riesgo de precipitarse en muy profundos barrancos, en varios pasos. Mas no por estar todo el camino comprendido en ^s la zona tórrida, dejamos de sentir mucho frío algunos días, cuando passamos por las faldas de algunos montes nevados, cosa que yo no había visto desde que salí de Nueva España para Filipinas, porque en éstas ni hay ^t nieve ni los naturales conozcan tal cosa. Comenzamos el viage a caballo, y assí lo proseguimos, menos 40 leguas en que los caminos sufren ruedas y las passamos en coches de camino. Las primeras 45 leguas las fizimos bajo la conducción de un comisionado que nos señaló el señor Castellano de Acapulco, con escolta de solos dos soldados de a caballo por la formalidad inescusable a lo público, conforme las órdenes que allí havía del Rey.

Empero tanto el comisario como los soldados se portaron con nosotros [40] con toda humanidad, solicitándonos cuanto alivio permitía la tierra, para que no nos rindieramos a las duras ^u impresiones de tantas fatigas, peregrinios y desigualdades de tiempo. Luego dimos en otro conductor comisionado del señor Virey de Méjico para que desde aquel parage nos condujera hasta Vera Cruz; el que se portó con igual humanidad con nosotros. Dispuso el señor Virey con prudencia el que desviáramos de las Ciudades de Méjico y de la Puebla de los Angeles, que son las más populosas de la Nueva España, porque es tanto el amor que el común de aquellas ^v gentes tienen a los jesuítas y tanto el dolor que les queda todavía altamente impresso ^w por la expulsión, que con razón se podía temer algun alvoroto; y cuando menos se huvieran despoblado las casas para salir a vernos al camino sólo por ver jesuítas. En ortos pueblos menos distantes de Méjico y Puebla se contentaban ^x con salir a las puertas de sus casas las familias enteras cuando nosotros passábamos por la calle, dirittiéndose [41] en lágrimas y siguiéndonos con sus ojos hasta perdernos de vista.

Por razón de los caminos fué preciso pasar por muy cerca de la Puebla de los Angeles, y por eso nos añadieron de escolta un piquete de Dragones montados con su oficial; y con todo que tomaron de providencia de que passáramos muy de mañana y a todo correr, no faltaron gentes que pretendieron arrojarse a los coches por entre los soldados para siquiera lograr el besarnos las manos con peligro de ser ^y atropellados.

Día 17 de febrero por la mañana llegamos a Vera Cruz concluyendo el viage de 200 leguas con que fizimos el tránsito de un occéano a otro.

^r montuna *ms* ^{ll} ^s comprendido en ^j comprendidos *ms* ^{ll} ^t las *ms* ^{ll} ^u rindiéramos a las duras ^j rinderamos a los duros *ms* ^{ll} ^v de *ms* ^{ll} ^w impressos *ms* ^{ll} ^x contentaban *ms*; contentaban *seems to fit the construction better than* concertaban. ^{ll} y sus *ms*.

Entramos en fila en la ciudad con soldados puestos en orden por delante, por detrás y por los lados, y nos alojaron[n] en el Convento de San Francisco, cuyos Religiosos se portaron con nosotros con una caridad verdaderamente religiosa, procurándonos cuantos alivios pudieron conseguir a nuestro favor.

Día 31 de marzo nos llevaron a una [42] urca ya por la tarde; y el día siguiente, primero de abril, al medio día levamos con viento favorable. Pero nos duró poco y empezamos....

III. - COMMENTARII BREVIORES

CORNELIS CORT A-T-IL GRAVÉ UN PORTRAIT DE SAINT IGNACE DE LOYOLA ?

par le P. EDMOND LAMALLE S. I. - Rome.

SUMMARIUM. - Quae sub nomine Cornelii Cort circumfertur S. Ignatii de Loyola aere expressa effigies, clarissimo illi neerlandico artifici adscribi non potest, vel ea sola de causa quod ex alia imagine manifeste efficta videtur, quae ab Hieronymo Wierx, et ipso optimae notae artifice, caelata est. Cum enim Cornelii Cort opera apud coetaneos plurimum valerent et lucri cupiditate editores ea saepius imitarentur, haud raro etiam aliorum caelorum fructus licet immatuos supposito eius nomine coherestare conati sunt.

Dans l'histoire de la gravure au XVI^e siècle, Cornelis Cort se présente à nous comme une figure d'une importance centrale, et pourtant décevante à plus d'un point de vue. Il s'impose à l'attention par le nombre et la qualité de ses estampes, par un talent assez souple pour interpréter les œuvres des peintres italiens et flamands les plus divers; sa vogue et son influence ont été incontestables et fort étendues. Ce qui nous le fait dire décevant, c'est, pour le critique d'art, la nature propre de son talent: la merveilleuse facilité de son burin reste du domaine de la technique, sans qu'on y sente l'inspiration du vrai génie. Pour l'historien, ce ne sont pas seulement les obscurités qui enveloppent encore plusieurs périodes de sa vie, mais surtout les délicats problèmes d'attribution soulevés par plusieurs des gravures qui circulent sous son nom¹.

Ce Hollandais, né à Hoorn en 1533, travailla d'abord douze ans aux Pays-Bas pour des éditeurs anversois. Il servit surtout la « boutique » de Jérôme Cock, cet autre Hollandais qui, établi à Anvers vers 1546, contribua comme peu d'autres à faire de cette ville un centre international de production et de diffusion de l'estampe. Cort se classe dès ses débuts parmi les graveurs d'estampes ou de reproduction²

¹ Ludw. BURKHARD, *Cornelis Cort*, dans THIEME-BECKER, *Lexikon der bildender Künstler*, t. VII (1012), pp. 475-475; A.J.J. DELEN, *Histoire de la gravure dans les anciens Pays-Bas*, vol. III, *Le XVI^e siècle, les graveurs d'estampes* (Bruxelles-Paris 1935), pp. 80-81; J.C.J. BIERENS DE HAAN, *L'œuvre gravé de Cornelis Cort, graveur hollandais, 1533-1578*, La Haye 1948. - On peut voir aussi Ugo DA COMO, *Girolamo Muziano* (Bergame 1930), pp. 101-105, 180-186. - Une des appréciations les plus équitables de C. Cort, mérites et faiblesses, nous semble celle de Jean E. BERSIER, *La gravure. Les procédés. L'histoire* (Paris 1947), pp. 121-122.

² Nous utilisons ce terme dans le sens où Mr DeLEN l'emploie pour la division même de son *Histoire*, par opposition aux graveurs illustrateurs. Le graveur d'il-

et dans le groupe des italianisants. Nombreux sont, dès cette première période, les artistes italiens aussi bien que flamands interprétés par son burin, Fr. Floris de Vriendt, Martin van Heemsterck, Michel Coxie et Lambert Lombart, mais aussi André del Sarto, Jules Romain, le Primatice, et bien d'autres. Vers 1565, on le trouve à Venise, où il devient le graveur privilégié, à tous les sens du mot, du Titien. Celui-ci, qui compte sur Cort pour la diffusion de sa gloire, lui préparera parfois lui-même des dessins spéciaux pour la gravure de ses toiles les plus difficiles. Ce contact fut d'ailleurs des plus bienfaisants pour Cort lui-même, au point de marquer pour lui le début d'une nouvelle manière, plus large et plus souple que celle de ses planches antérieures. Dès 1566, Cort s'établit à Rome, quitte à revenir quelque temps à Venise pour finir de graver l'œuvre du Titien; il mourra en 1578, deux ans après le maître vénitien. Si rien ne prouve qu'il ait fondé à Rome une école de gravure, comme on l'a dit, il est certain qu'il réunit autour de lui un certain nombre de collaborateurs: leur contribution explique en partie l'abondance de sa production et ses inégalités.

Dans le choix des pièces qu'il reproduisit, Cort fut loin de s'en tenir aux chefs d'œuvre. Ses planches ont vulgarisé Titien et Raphaël, Barocci et Carracci, mais, à côté d'eux, bien des artistes de second plan, tel ce Girolamo Muziano, un de ses préférés, dont la série des « Saints pénitents dans de grands paysages » marque une étape, grâce à lui, dans l'évolution du paysage gravé³. On regrette davantage de le voir s'attarder sur des toiles laborieuses et médiocres, comme celles, par exemple, de Federico Zuccari⁴. Plus accessibles au grand public, ces œuvres moyennes étaient sans doute plus demandées.

En effet, devenu le graveur à la mode, Cort était entré dans le grand commerce de l'estampe, organisé maintenant à Rome aussi par d'habiles négociants. Le principal d'entre eux, le Français Antoine Lafréry⁵ se fera l'éditeur d'un bon nombre de ses planches et de ses suites. Mais la vogue prolongée dont elles jouirent fit subir à ces planches, entre les mains des libraires, de multiples avatars qui font le désespoir

l'illustration exécute les planches qui accompagneront le texte de livres imprimés, d'après des dessins faits expressément pour cette fin. Le graveur d'estampes ou de reproduction se consacre à la diffusion, par l'estampe (images séparées ou suites, libres ou en albums), des œuvres de peintres ou sculpteurs, qui en principe n'existent qu'en un seul exemplaire. Avant l'invention des procédés modernes de reproduction l'estampe a été la voie principale pour étendre la connaissance des œuvres d'art. Souvent elle est seule à nous faire apprécier des originaux disparus.

³ L'expression est de Mr BIERENS DE HAAN, *op. cit.* p. 121-122.

⁴ C'est lui qui a gravé l'*Annunciation*, peinte par F. Zuccari dans l'église du Collège Romain qui précéda l'église actuelle de Saint-Ignace; nous ne connaissons plus cette fresque que par lui; BIERENS DE HAAN, p. 49, n. 26.

⁵ Les pages déjà anciennes du Cardinal Fr. EHRLE S. I. restent les meilleures sur le sujet; voir son introduction à la reproduction du plan de Rome de 1577; *Roma prima di Sisto V. La pianta di Roma Du-Pérac-Lafréry del 1577- ... Contributo alla storia del commercio delle stampe a Roma nel secolo 16^o e 17^o. Roma 1908.*

des critiques. Soumises à des tirages répétés, souvent avec de nouvelles inscriptions, surtout quand elles passent d'un éditeur à l'autre, parfois avec des retouches plus ou moins prononcées, elles furent en outre recopiées par des artistes de tout rang. Certaines pièces seront encore réimprimées par l'éditeur Carlo Levi en 1792, deux siècles après la mort de notre graveur. Il y a plus: dans cette circulation mêlée d'images et d'estampes, destinées aux touristes et aux pèlerins plus encore qu'aux artistes, des libraires ne se font pas scrupule de placer des noms ou des initiales connues sous des pièces obscures pour en faciliter la vente. A la fin du XVI^e et au début du XVII^e siècle, la signature de Cornelis Cort fut une de celles dont ils abusèrent le plus volontiers⁶. Il fallait rappeler ces circonstances pour comprendre le petit problème qui fait l'objet de la présente note.

On nous a consulté plusieurs fois à propos d'une gravure représentant saint Ignace de Loyola, en buste, dans une double bordure. Le saint porte le manteau romain et la barrette ou bonnet carré et sa physionomie suit manifestement le portrait bien connu peint à Rome en 1556, après la mort du saint, par Jacopino del Conte⁷. Sous l'image, deux lignes de texte:

P. Ignatius de Loyola author atque fundator Societatis Iesu. obiit
aº Dñi 1556. aetatis suae 65.

et la signature:

C. C. sculp. anno 1556.

On lit d'ordinaire ces initiales C. C. comme celles de Cornelis Cort et c'est sous son nom que la pièce est insérée et décrite par Mr Barcia dans le catalogue des portraits de personnages espagnols de la Bibliothèque Nationale de Madrid⁸. L'historien consciencieux de Cort, Mr J.C.J. Bierens de Haan, l'a accueillie sans objection dans son répertoire⁹, d'après une photographie reçue du collectionneur anversois P. Ferdinand Peeters S. I. († 4 janvier 1942).

⁶ DELEN, *op. cit.*, t. III, p. 65. Cort a été le graveur le plus copié après Dürer.

⁷ Cf. MHSI. *Fontes narrativi de S. Ignacio*, vol. I (Rome 1943), p. 779; P. TACCHI VENTURI, S. I. *Storia della Compagnia di Gesù in Italia*, vol. II, partie I (2^e éd. Rome 1950), pp. 353-358. - Nous ne savons où Mr BIERENS DE HAAN a pris le nom qu'il donne à l'artiste: d'après Diego de Carça (*op. cit.*, p. 191).

⁸ Angel M. de BARCIA, *Catálogo de los retratos de los personajes españoles que se conservan en la sección de estampas y de bellas artes de la Biblioteca Nacional* (Madrid 1901), p. 458, n. 1057, 1.

⁹ *Op. cit.*, p. 151 et fig. 51. Les inexactitudes qu'on relèvera dans la description s'expliquent sans doute par le fait que l'auteur n'a pu disposer que d'une photographie. Il n'a pu localiser aucun exemplaire; en fait, la photographie communiquée venait de la Bibliothèque Nationale de Paris, mais la cote indiquée sur l'épreuve photographique dans la collection Peeters étant fausse, nous n'avons pu retrouver l'original à Paris.

La reproduction que nous en donnons nous dispensera d'une longue description. D'après les auteurs que nous venons de citer, MM. Barcia et Bierens de Haan, elle présenterait une particularité fort rare, la présence d'une seconde bordure, d'un style différent, entourant comme d'un cadre le dessin d'une gravure complète avec sa propre bordure et son bord blanc. Cette bordure extérieure représente, dans la partie inférieure, saint Ignace composant à Manrèse les *Exercices Spirituels*; deux arbres se continuent, à droite et à gauche, en une ornementation végétale plus ou moins stylisée; dans la partie supérieure, la colombe du Saint-Esprit¹⁰. Quant à l'encadrement intérieur, il est d'un type usuel dans l'imagerie flamande: le buste est pris dans un cartouche ovale orné de cuirs et inscrit dans un rectangle; les angles de celui-ci sont meublés par quatre petits ovales, avec des scènes de la vie du saint.

Mais cet ensemble insolite remonte-t-il à l'auteur de l'estampe? Les photographies laissent suffisamment reconnaître un fait que les deux auteurs cités ne mentionnent pas, et que nous avons fait vérifier sur l'original conservé à Madrid¹¹: la bordure extérieure est imprimée sur un papier différent, appliquée par après à la gravure qu'elle encadre. Elle peut donc être le fait d'un éditeur postérieur et la différence de style le donnerait assez à penser¹².

Quant à l'attribution de la gravure, même réduite à sa partie centrale, à Cornelis Cort, elle ne nous paraît pas défendable. L'inscription datée: *C. C. sculpsit anno 1556*, qui voudrait la rendre intéressante, en la rapportant à l'année même de la mort du saint, est un premier motif de déflance. Si imparfaite que soit notre connaissance de la vie de Cort, il ne semble pas être venu en Italie avant 1564 ou 1565. S'il avait gravé plus tard le portrait peint en 1556 par Jacopino del Conte, aurait-il placé cette fausse date? Le procédé trahit le faussaire.

¹⁰ BIERENS DE HAAN, *loc. cit.*: la colombe eucharistique; on excusera l'auteur de n'avoir pas vu que le paysage du bas représente Manrèse.

¹¹ Réponse de Mr Ramón Paz, conservateur à la Bibl. Nationale, le 30 mai 1951, à notre confrère le P. Michel Batllori, qui avait bien voulu faire la demande pour nous.

¹² Il s'agit bien d'une édition, et non d'un simple montage accidentel, propre à l'exemplaire de Madrid, car celui de la Bibliothèque Nationale de Paris (que nous connaissons par la photographie de la collection Peeters), se présente de la même manière. En outre, deux fois des marchands d'estampes nous ont offert à Rome, ces dernières années, un exemplaire avec la double bordure, chaque fois malheureusement en piètre état. Nous avons vu deux fois des exemplaires réduits à la partie centrale, sans la bordure extérieure, mais l'étroitesse du bord blanc pouvait faire croire qu'ils l'avaient perdue. Enfin, nous connaissons des copies postérieures, fort médiocres, toujours sans la seconde bordure.

Les exemplaires qui ont passé sous nos yeux, en originaux ou en bonnes photographies, ne peuvent être de son burin, tant l'exécution est loin de la finesse et de la sûreté qui faisaient alors l'orgueil des graveurs flamands. Bien des détails — dans les plis du manteau et du col, dans les ombres du cartouche et ses têtes d'angelots, dans les figurines des médaillons d'angles — ont tout cet à peu près habituel des copies exécutées pour des fins purement commerciales; on ne retrouve le sens de leurs tailles qu'en se reportant à l'original qu'elles démarquent. C'est précisément le cas ici.

Il suffit en effet de rapprocher l'estampe attribuée à Cort d'une jolie gravure de Jérôme Wierx¹² pour conclure que nous n'avons à faire qu'à une copie assez médiocre de celle-ci (à l'exception, bien entendu, de la bordure extérieure adventice). Le texte est le même, quoique réparti différemment sur les deux lignes. Le cartouche ovale avec ses cuirs et les têtes d'anges encadrant le nom de Jésus, les quatre médaillons d'angles portant les scènes de la vie du saint, le buste lui-même, du moins le manteau avec le col et la barrette, sont identiques, mais avec combien plus de justesse, de fraîcheur et de précision chez Wierx, un virtuose des tailles fines et serrées: il suffit de comparer, pour nous borner à un exemple, les fronces de la couture du manteau au collet, détaillées par Wierx avec une minutie de primitif flamand, aux hachures plates de son copiste. Seule la physionomie a été légèrement modifiée et le motif en saute aux yeux: dans sa gravure, la première, croyons-nous, de toutes celles qu'il a consacrées à S. Ignace, Wierx donne au saint fondateur une expression savoureuse, certes, et singulièrement expressive, mais qui s'écarte par trop de la tradition iconographique romaine, fixée par le masque mortuaire et par le portrait de Jacopo del Conte. C'est précisément de ce modèle que le copiste a rapproché les traits du visage. La correction se laisse vérifier: la technique est légèrement différente dans la gravure de la tête, exprimant le modelé par des points au lieu des seules hachures.

Jérôme Wierx est né à Anvers en 1553 et mort en 1620. Enfant prodige comme son frère ainé Jean, il copiait comme lui, à douze ans, les plus belles estampes de Dürer. Nous ne savons de quand date son premier S. Ignace. L'absence du B. devant le nom du saint permet seulement d'en placer l'exécution avant l'année 1609,

¹² L. ALVIN, *Catalogue raisonné de l'œuvre des trois frères Jean, Jérôme et Antoine Wierix* (Bruxelles 1866), p. 403, n. 1936; A. HAMY S. I., *Essai sur l'iconographie de la Compagnie de Jésus* (Paris 1875), p. 121. Cette estampe de Wierx n'a rien de rare et se trouve dans les principaux cabinets d'estampes et dans de nombreuses collections. L'exemplaire ici reproduit porte la marque de la collection du P. Ferdinand Peeters S. I. à Anvers (collection passée après la mort du Père à la bibliothèque des Bollandistes).



S. IGNACE DE LOYOLA

Gravure attribuée à Cornelis Cort

(Madrid, Bibl. Nationale)



S. IGNACE DE LOYOLA

Copie anonyme trouvée en Égypte
(Rome, Institut historique S. I.)



Gravure originale de Jérôme Wierx
(Bruxelles, Bibl. des Bollandistes)

date de la béatification¹⁴. La verdeur de la physionomie, que Wierx a sensiblement atténuée dans ses portraits postérieurs de S. Ignace, nous ferait situer cette estampe relativement tôt dans son œuvre. Ce n'est donc point strictement une impossibilité chronologique, mais l'insuffisance technique de l'exécution, sans parler des invraisemblances psychologiques, qui nous ferait écarter l'hypothèse d'une copie de Wierx par Cort lui-même (mort en 1578). Quant à l'hypothèse inverse, d'une reprise par Wierx, fut-ce en l'affinant, de l'estampe signée C. C., elle ne résiste pas à l'examen: aucun critique, rapprochant les deux planches, n'hésitera un instant sur le sens de la dépendance qui les relie.

Nous concluons donc qu'il faut rayer, du catalogue de l'œuvre gravé de Cornelis Cort, le portrait de S. Ignace qu'on veut lui attribuer. L'original de celui-ci est dû à Jérôme Wierx, et il a été recopié, pour les dévots du saint, par un obscur artisan. A moins que le nom de cet inconnu ne réponde par hasard aux initiales C. C.¹⁵, cette signature et la date de 1556 doivent être le fait d'un éditeur peu scrupuleux, probablement romain, couvrant sa marchandise d'une marque avantageusement connue de sa clientèle.

Une petite trouvaille récente illustre à merveille cette vie des estampes, dont la diffusion, pour des fins de propagande religieuse ou d'intérêt commercial, s'accompagne malheureusement d'une dégradation sensible au point de vue de l'art. L'Institut historique de la Compagnie de Jésus à Rome possède une plaquette de cuivre, avec le négatif du même portrait et la signature: *C. C. sculp. anno 1556*. Acquise entre 1930 et 1935 à Tahta (Haute Egypte) par Mr le Professeur Louis Keimer, de l'Université Fouad I du Caire, cette planche fut offerte par lui, à l'occasion de l'Année Sainte 1950, au T. R. P. Jean-Baptiste Janssens, général de la Compagnie de Jésus. L'exécution en est si fruste qu'on pourrait croire la copie exécutée aux missions elles-mêmes, avec des outils de fortune; le contenu des médaillons d'angles est à peine esquisé, le rendu du manteau rudimentaire. L'expression de la figure est pourtant assez agréable. Les traits du visage et l'inscription montrent que la copie a été faite, non sur l'original de Wierx, mais sur l'adaptation retouchée, la soi-disant gravure de Cort.

¹⁴ ALVIN catalogue, sous le n. 1935, une variante de la même gravure, mais avec le texte: *S. Ignatius...* (au lieu de *P. Ignatius*), et la tête nue entourée d'une auréole, retouches qu'on peut dater de 1622, année de la canonisation, ou peu après. Alvin ne semble pas avoir vu que le type au bonnet carré représente l'état original.

¹⁵ Comme serait, par exemple, Cristoforo Cartaro, dont les œuvres ont parfois été confondues avec celles de Cort; mais aucun indice ne permet de dépasser ici la pure conjecture.

MICHAEL ACCOLTI, GOLD RUSH PADRE AND FOUNDER OF THE CALIFORNIA JESUITS

by Fr. JOHN BERNARD McGLOIN S. I. - San Francisco.

SUMMARIUM. - Occasione centesimi anni ab ingressu primorum Iesu sodalium in Californiam (1849), auctor accuratius investigavit vitam Patris Michaelis Accolti barenensis, qui fundator Societatis in illa re-gione merito est habitus. Eius priora studia in Italia, varii labores in Oregonensi Statu ac in California, itinera ut recentes institutiones Societatis in Occidentalis Americae plagis firmius solidarentur, summatim exponuntur.

It was on Saturday evening, December 8, 1849, that the Jesuit story commenced in California, when the square-rigged American vessel « O. C. Raymond »¹, stood in serenely through the Golden Gate, for on board were Michael Accolti and John Nobili, priests of the Society of Jesus. With their coming, a century of service was inaugurated here by the western sea and this first century saw its end on Thursday, December 8, 1949. Fathers Accolti and Nobili had left a handful of Jesuits behind them in the Oregon country and now, a century later, the Oregon Province of the Jesuit Order, formally erected in 1931, numbers about 600 sons of the Company; Fathers Accolti and Nobili came to a California which had never up to then known a Jesuit and now, exactly a century later, the California Province of the Jesuit Order, formally erected in 1909, numbers 708 sons of the Company; it is felt, then, that the story of how two Black Robes have had such a numerous spiritual progeny here in California might well deserve at least a general account which, in this instance, will take the form of a sketch of the interesting life and career of the Father Founder of the California Company—the Reverend Michael Accolti

¹ *Oregon Spectator* (Oregon City, Oregon Territory) June 27, 1850, p. 2, col. 2.

There are several serviceable accounts which deal with the coming of the Jesuit Order to American California in 1849; among them, we may list *The First Half Century of St. Ignatius Church and College*, by Joseph W. Riordan S. I. (San Francisco 1905); Bryan J. Clinch has an extensive account in his article *The Jesuits in American California* in the *Records of the American Catholic Historical Society*, 17 (Philadelphia 1906) 48-66, 125-43, 412-21, 445-55; Gilbert Garraghan's scholarly *The Jesuits of the Middle United States*, 3 vols. (New York 1938), has two chapters in volume II devoted to the history of « The Oregon Missions », and the second chapter brings the Fathers to California in 1849. For fuller bibliographical listings on the subject, the reader is referred to the present author's *Eloquent Indian: the Life of James Bouchard, California Jesuit* (Palo Alto, Stanford Press, 1949).

S. I. An added reason for such treatment at this time is the fact that recently the author has been able to examine some important Accolti material sent him from the Central Headquarters of the Society in Rome, which material makes it quite evident that some substantial errors have crept into the Accolti story in the course of the century which has now elapsed since his arrival here in El Dorado. With this newly acquired material as a corrective basis, therefore, the author hopes to set the record straight as a needful preparation for any critical biography of Accolti which may emerge from his present studies³.

Our story begins in sunny Italy in 1807, and ends in sunny California in 1878. It was between these years that Michael Accolti ran his race, for he was born in Conversano, near Bari, on January 29, 1807, and died at the Market Street residence of the San Francisco Jesuits on November 7, 1878. Bari was part of the Kingdom of Naples when Michael was born and, in fact, Joseph, brother of Napoleon Bonaparte, had been ruler of the Kingdom for about a year when Accolti entered the world. Young Michael bore the family name of Accolti-Gil; he dropped the last part of this name only upon his later entrance into the Jesuit Order in 1832. The Accolti-Gil family is still much in evidence in the Bari of today and they are not without a legitimate sense of pride in the memory of their Michael who did such significant things for both the Indians of Oregon and the Whites of California a century ago⁴. Michael Accolti was well-born, for both Egidio, his father, and Maria Giuseppe Martucci, his mother, were of ancient and noble families. Bereft of both of his parents at an early age, however, Michael's future was taken in hand by a devoted uncle and he had his early schooling in Conversano and near-by Monopoli.

The lad showed distinct promise, and so it was that Michael became the protégé of a certain Canon Gaetano Manerba da Terlizzi, a learned cleric and renowned sacred orator who was authorized by the government of Naples to conduct a public school of philosophy and theology. Manerba quickly became intent in for-

³ This material centers about a monograph, *Padre Michele Accolti* (Bari 1915), written by Accolti's grandnephew, Biagio Accolti-Gil fu Egidio and published as a family account by the E. Accolti-Gil and Co. of Bari. The attention of the present author was called to this precious source of Accoltiana by two Jesuit research scholars of Rome, the Rev. Frs. Edmond Lamalle and Georg Schurhammer S. I. The account, written in Italian, contains numerous references to unpublished letters preserved in family files and its importance to the student of Accolti's life can hardly be over-emphasized.

⁴ *Padre Michele Accolti*, 5-7.

warding the interests of the young man entrusted to his care, and he seems to have decided without delay that ecclesiastical preferments should be the happy destiny of Michael Accolti. To Rome one must go in search of such distinctions, thought Manerba, and to Rome, therefore, did both the mentor and his pupil go to plan a preliminary campaign for their ecclesiastical objectives. A major disappointment came to Michael, however, when in 1827 and in his twentieth year, he failed to receive a coveted appointment to the Pontifical Academy of Noble Ecclesiastics, founded by Pope Clement XI in 1701. It would seem that an unjust delation had been brought against Manerba for some allegedly pernicious doctrines which were purportedly his and with real regret, then, did Archbishop Sinibaldi, then Prefect of the elite group to which Accolti aspired, inform him that his admission would have to be postponed until he had satisfactorily established the fact that the association with Manerba had harmed neither his mental nor spiritual health.

Three years of quasi-ecclesiastical studies followed for Accolti in Rome, all of them outside the pale of his beloved Academy, however, and it must have been with real satisfaction that Michael Accolti learned, on March 31, 1830, that he had finally been cleared of all suspicion and that he had been selected for the one vacancy in the Academy available at the time. Five months later, his election to the Academy was justified when he successfully passed the not inconsiderable examinations for the degree of Bachelor in both Civil and Canon Law.

However reputable and praiseworthy this distinction rendered the future Father Founder of the California Jesuits, it will be recognized that it was no justification for according him membership in the papal entourage of Gregory XVI with the monsignorial title. For someone during the past century has thus enrolled Michael Accolti, and this distinction is recorded in all of the English accounts the present author has read. New and conclusive evidence compel us now to divest Michael Accolti of those red robes of a Monsignor which, in truth, were never his⁵.

In the light of what promised to be a successful career in papal circles in Rome (graduates of the Pontifical Academy of Noble Ecclesiastics were quickly placed in positions in the various Roman ecclesiastical Congregations from which many went on to episcopal and even cardinalatial dignity) it must have been a real surprise to Accolti's uncle

⁵ The present author is unable to solve the mystery of how Accolti's « prelacy » first entered the printed pages in various accounts which concern him. Thus, e. g. in GARRAGHAN, II, 393; RIORDAN, 228.

to receive a letter from Michael in June, 1831, informing him that he had decided not to embrace an ecclesiastical career. Not for him, wrote Michael, was either the service of the altar or a career in the Church; he thus phrased his decision: "Heaven is not calling me to the ecclesiastical life, and I am not disposed to commit a sacrilege for human and secondary goals by embracing that life against any vocation from the heart and from above. I secluded myself twice during the past years into spiritual retreats for testing the Divine Call, and everything convinces me that Heaven has not destined me for the priesthood".

But the end of this matter was not yet, for Michael made yet another spiritual retreat and, although he then took with regard to the priesthood a decision in which he never wavered, it was exactly the opposite from that which he had earlier communicated to a bewildered uncle. He once more resolved to embrace the ecclesiastical state, but, no longer was he interested in that career of preferment for which his admission into the Academy had destined him. All of this seemed now too perilous for him, and it would seem that this decision was reached as a result of his following the *Spiritual Exercises* of St. Ignatius Loyola, in the pursuit of which, as he informed a relative, he secluded himself "into a house of retreat of the so very kind and excellent Jesuit Fathers". Michael next informed his uncle that he would continue his studies for the priesthood in a Jesuit school and, on February 25, 1832, he wrote that "study and business take up all the hours of the day... The springs which push me on this way of life are the pleasure I derive from it and the thought of coming some day to do a little good in my motherland".

A further and equally significant change came in the career of Michael Accolti in March, 1832, and he thus heralded it to his uncle under date of May third of that year: "...I wish you to partake of a great gift bestowed on me by God,—the true choosing of my state of life... the Lord... has made me realize clearly the excellence and value of the religious life. I have decided to enter, therefore, the Society of Jesus where, certainly, I will be safe from the perilous storms of the world". Michael was as good as his word and, on June 11, 1832, in his twenty-fifth year, he entered upon his new life as a Jesuit novice in the famous novitiate house of Sant'Andrea in Rome.

It may be noted here that, among the accidental accretions to the legend that Michael Accolti had attained the monsignorial dignity before

⁸ *Padre Michele Accolti*, 22.

⁹ *Ibid.*, 24.

¹⁰ *Ibid.*, 28.

¹¹ *Ibid.*, 30.

his entry into the Jesuit Order, has been the assertion and common belief among those who have written of him that he entered into the Company as an ordained priest. We must now deny truth to this assertion in the face of the undeniable facts, and, note that it was not as a previously ordained priest (even though, occasionally, such are admitted to Jesuit ranks) but as a well-educated, generous and great-hearted layman that Michael Accolti inscribed his name in the roster of the Society of Jesus. Since, as already indicated, a career of distinction would easily have been his in the Church had he so willed, it is probably not in excess of the evidence to remark in passing that Italy probably lost a bishop —or, perhaps, even a cardinal—by the entrance of the one who would, over a century later, be acclaimed as the first commander of that regiment of the Company which would, one day, answer roll-call here in California.

The letters which Michael Accolti wrote as a Jesuit novice to various members of his family, serve to testify to the happiness which was his during those first years, and, indeed, it was a happiness productive of a loyalty which was never to desert him unto the end. He was a diligent and devoted novice, and a diligent and devoted Jesuit he became and remained all the forty-six years of his Jesuit life. Michael was the third member of his family to become a Jesuit, for there had been a relative on his father's side, Francesco Domenico, who had occupied some positions of importance in the Order in Italy in the seventeenth century, while yet another Michael of the Accolti family, born in Conversano in 1725, had, after joining the Society of Jesus as a youth, been forced to leave the Kingdom of Naples in 1767 when the Jesuits were expelled by Tanucci, and ceased to be a member of the Order through the general suppression in 1773.

The official Roman Jesuit records enable us to fill in the main details of the first decade of Accolti's life in the Order. Normally, his novitiate of two years duration would have been completed in June, 1834, and Accolti's grandnephew is our authority for the assertion that October of that year saw Michael engaged in a pilgrimage during the course of which, as a training in the practice of poverty, he went about « begging on foot and teaching catechism for the instruction of the lower classes »¹⁰. In November, 1834, now classed as an « approved scholastic » of the Society, Michael Accolti took up residence in the Roman College of his Order in further pursuance of his goal of ordination. September, 1835, saw his assignment as a prefect of the older students in one of the Jesuit Colleges in Rome; in the following September he was sent as one of the pioneers who were to inaugurate a Jesuit foundation in Piacenza. By February, 1837, the Piacenza Jesuit student body had

¹⁰ *Ibid.*, 37-8.

already reached the total of six hundred, and it was Accolti's responsibility to care for over one hundred of that number. To this task, we are assured, Michael « dedicated all his energy and all his time, and not only to the teaching of literature but also to the advancement in piety and to regularity of discipline » ¹¹.

The conclusion of three such busy years found Accolti, now ready to enter upon the study of theology, re-assigned to the Roman College, but the official records also serve to inform us that these important studies were not left as undisturbed as they would be today, for Accolti is listed as a Prefect for some young students and, even, as an occasional preacher in the Roman prisons! On September 24, 1842, he was ordained priest by Cardinal Patrizi, Vicar in Rome of His Holiness, in the Basilica of St. John Lateran.

The fall of 1843 found Father Accolti devoting himself to the study of French and English in preparation for service on the foreign missionary front of his Order in America. On August 24, 1843, he thus wrote to a favorite nephew, Egidio: « I hasten to write you this letter and to inform you of my assignment, not for next year, but for my whole life, short or long as it may be. On the octave day of Our Lady assumed into Heaven, and thanks to her, I was assigned by our Reverend Father Provincial to the mission of the 'Teste Piatte' (Flat Head) savage Indians who live at the extreme portion of North America on the Pacific Ocean. I am very happy for this good fortune, though I consider myself unworthy... In early October, I will leave for Belgium with two other companions. We are expected there by Father De Smet, Superior of those Missions ».

Joined, then, by the Roman John Nobili (who was destined, in 1851, to found Santa Clara College in California) and by Anthony Ravalli of Ferrara, whose name is writ large in the history of Montana and of the Northwest as missionary and physician extraordinary, Father Accolti met De Smet at Antwerp and set sail for his new world on board the brig « *Indefatigable* » on December 9, 1843. Their craft had previously been destined for Peru and Chile, but a compliant captain agreed also to sail up the Pacific Coast to Oregon and there allow his missionary passengers to disembark. The three Italian Jesuits had joined forces in Antwerp with Father Louis Vercruyse and Brother Francis Huysbrecht, as well as with a pioneer band of six Sisters of the Belgian Congregation of Notre Dame de Namur. They sailed down the Scheldt, aided by a favorable wind, and the beginning of the great adventure

¹¹ *Ibid.*, 39.

¹² *Ibid.*, 39-40.

was undoubtedly welcomed by Michael Accolti and the others of his company; Cape Horn was rounded on March 20, and the welcoming coast of Oregon came into view on July 28 while, on a day always significant in Jesuit commemoration, July thirty-first, feast of St. Ignatius Loyola, safe passage was had over the dangerous bar at the entrance to the Columbia River. On August 5, the newest recruits for the missionary field of the Northwest landed before historic Fort Vancouver on the north bank of the Columbia, a few miles above the mouth of the Willamette.

The Oregon years of the Accolti story may be quickly passed in review, since our especial interest lies in the field of his California endeavors in 1849 and afterwards. For about five years, Father Accolti was attached to the Willamette Jesuit residence of St. Francis Xavier near what is known as St. Paul, Oregon, and it will suffice to mention that his immediate Superior, Father Joseph Joset, thus wrote concerning him to Father General Roothaan in Rome in 1848: « Father Accolti is my consolation, and a man who admonishes me with great clarity and equal charity about my defects; he is a person of rare prudence and,... as soon as matters can be arranged, I intend to permit him to pronounce his [final] Vows »¹⁸.

The turning point in the career of Michael Accolti, as with so many other thousands of his fellow men, came with the discovery of gold in California on January 24, 1848. It causes no surprise to the student of Accolti to find that he was not the kind of man to languish contentedly or with resignation in Oregon when, with the publicity which finally attended the discovery of gold, all of the able-bodied persons there seemed determined to get to California and obtain their gold. However, it was not an easy thing for Accolti to persuade his Jesuit Superior that he should go to El Dorado, for there were several weighty obstacles in the path. Suffice it to say here, however, that Father Joset finally accorded the desired permission to Michael Accolti and that, by late October, 1849, he and Father Nobili, recalled from New Caledonia (British Columbia) and now assigned as Accolti's companion, awaited passage to San Francisco at Astoria. Unfavorable winds delayed their departure and it was not until December 3 (which was, auspiciously, the feast of the greatest of all Jesuit missionaries, St. Francis Xavier) that the two Fathers who were to extend the world-wide misisonary frontier of the Jesuit Order actually left for California on the

¹⁸ Joseph Joset S. I. to Very Reverend John Roothaan S. I., Sacred Heart Mission, Montana, March 16, 1848 (Latin original) in the Roman Archives of the Society of Jesus.

"Raymond" which, as we have noted, arrived in San Francisco Bay late on the evening of Saturday, December 8, 1849¹⁴.

The two Jesuits were cordially welcomed by Father Anthony Langlois, himself formerly a missioner among the Indians of the Northwest and now installed as first permanent pastor of the newly erected St. Francis Church in San Francisco; there is record of the fact that Father Accolti even lent temporary aid in instructing the children in the school which Langlois had opened in connection with this church. However, Father Accolti's first stay in San Francisco was only for a few months, and his return to Oregon in July, 1850, was occasioned by orders which reached him from Rome and by which he received appointment as Jesuit Superior in the Northwest to replace that Father Joset who had allowed him to go to California.

His second sojourn in Oregon extended to about three years¹⁵, but it is evident to one reading his correspondence during these years that California was never out of his thoughts; it is clear, too, that Accolti thought that the sun of Jesuit endeavor in the territory over which he had been called to preside had quite definitely set and that the Company would do well to devote a major portion of its men and resources to build upon the California foundation which he himself had laid. The letters which he sent to Rome on the subject finally had a desired effect when, in 1853¹⁶, he was summoned home to Italy to discuss this matter as well as numerous others pertaining both to his stewardship as well as to the general future of the Jesuit endeavors along the Pacific Coast. April, 1853, witnessed his departure from Oregon and his second arrival in California; on September 7, Father Accolti left San Francisco for New York¹⁷ and, on November 26, he embarked at the latter place for his first return voyage to that Italy he had left a decade before¹⁸.

¹⁴ The present writer has described the Jesuit trek from Oregon to California in fuller detail in his recently published *Eloquent Indian...*, chapter three, « The Jesuits in San Francisco, 1849-1861 ».

¹⁵ During at least part of 1852, Accolti, in addition to his duties as Jesuit Superior in the Northwest, acted as parish priest of the Oregon City church; he also served in the important capacity of Administrator of the archdiocese of Oregon City during that same year, when Archbishop Francis Norbert Blanchet was absent in Baltimore attending the First Plenary Council held there.

¹⁶ GARRAGHAN, II, 434-35.

¹⁷ *Padre Michele Accolti*, 55-56.

¹⁸ Accolti's expected arrival in Rome was thus mentioned by Father General Peter Beckx in a letter to William Stack Murphy S. I., Vice-Provincial of the Missouri Jesuits. Father Beckx wrote from Rome under date of December 13, 1853: «.. As regards all the rest, we are now expecting Father Accolti, with whom everything will be discussed...»: Latin original in Missouri Province Jesuit Archives, St. Louis, Mo.

The months which he spent in Rome were busy, indeed, nor were they devoid of fruit for his beloved California, for it was certainly his presentation of the case for California which was among the weighty factors causing Father General Peter Beckx, successor to Roothaan, to issue a decree on August 1, 1854, assigning the care of Jesuit endeavors in California and the Oregon country to the Turin, Italy, Province of the Order. To Michael Accolti, then, goes the added credit of having provided the necessary aid to nourish the infant Society in California—in addition to the distinction of having been the Father Founder of the Company in California.¹⁹

As regards Father Accolti's own future, we may record here that, upon his return to the United States in October, 1854, he remained engaged in the sacred ministry in New York City for about a year. In 1855²⁰, however, he returned to California and, as assistant to Father Maraschi at St. Ignatius Church on Market Street in San Francisco, Father Michael Accolti provided color and enthusiasm in this first (and, therefore, critical) year of any permanent Jesuit foundation there. To Santa Clara went Father Accolti in 1856, and September of that year saw him installed as Prefect of Studies as well as teacher in the then five year old Santa Clara College. From 1860 to 1866 Father Accolti acted as pastor of the Santa Clara Jesuit parish church and, in 1867, he was sent back to San Francisco, where he spent the last eleven years of his life in the various works of the sacred ministry.

One of his really great days in this final decade of Jesuit activity must have been Sunday, October 8, 1878, when the Father Founder was among those present at the laying of the cornerstone of the third St. Ignatius Church and College at the corner of Hayes Street and Van Ness Avenue in San Francisco. He had reached the respectable age of 71 years, and had spent 46 years in the Jesuit Order; posterity would not be entirely unmindful of the fact that it had been he who had extended the Jesuit Frontier into California almost thirty years before. Less than a month after the laying of the cornerstone referred to above, he who was the original and living cornerstone of the Jesuit Order in California went forth to meet

¹⁹ *... Finally, we seriously examined the state of the mission in California, and our final decision is that the Turin Provincial should undertake its care. He will, therefore, send some Fathers and Brothers there... Father Accolti will not be sent back to California, at least not right away... According to various bits of information, he did not give satisfaction as a superior in those missions; before he became superior, he seemed to be doing well, and he appears to be a good man; indeed, there is nothing very serious alleged against him... » Beckx to Murphy, Rome, June 30, 1854: Latin original, Missouri Archives, as above.

²⁰ Padre Michele Accolti, 58.

the Captain of the Company. Father Joseph Riordan thus describes the sequence of events and, incidentally, pays Accolti a gracious tribute in the pages of his volume on earlier Jesuit decades in San Francisco:

“ Father Michael Accolti, who had laid the foundation stone of the California mission and whose heart had throbbed exultantly as he witnessed, in the magnificent ceremony of October 20th, the crowning of his labor was, on November 7th, struck down by the hand of death. He had left the College towards evening, called to the deathbed of Mrs. John Sullivan, a penitent of his and a devoted friend of St. Ignatius, and had scarcely gone a few blocks when he felt himself unable to proceed. With much difficulty, he retraced his steps and, on entering the house, he and those around him recognized that the case was serious. He was immediately borne to his room, a confessor was summoned and, at nine p. m., he closed a useful and spotless life... Well might he die content, seeing the complete fulfillment of all that he had predicted—that California was destined to thrive and to prosper and that it would have been a serious mistake to have neglected to embrace the opportunity presented by Providence of giving the Society which he loved a home within its borders ”²¹.

The complete and critical life of Father Michael Accolti, like those of so many other of the great men and women in the American phase of the Catholic history of California, remains yet to be written. From various preliminary skirmishes with the documentary material available for such a study, as with the newspaper reports of various facets and phases of his career, it has seemed to the present writer that such a life would lack neither warm human interest or a generous measure of real historical significance.

²¹ RIORDAN, 227-229.

IV. - OPERUM IUDICIA

HUBERT JEDIN, *Storia del Concilio di Trento*. Vol. I. *La lotta per il Concilio*. — Brescia (Morcelliana) 1949, 8°, 487 p.

Rimasta troppo a lungo ancorata ad una visione polemica tramanataci da due classici del Seicento (Sarpi e Pallavicino), una storia del Concilio Tridentino « che sia qualche cosa di più che una semplice polemica di accuse e difese » è stata da tempo attesa e sollecitata dal mondo eruditò. Trecento anni sono troppi anche per un tanto evento e si possono solo spiegare se si tengono presenti le ragioni addotte dal Jedin in un altro suo dotto libro. Per quanto strano, intanto, possa sembrare, è un fatto che mentre ancora nel secolo scorso uno storico dell'autorità del Ranke reputava disperata una impresa simile per mancanza di materiali indispensabili, ai nostri giorni invece questa stessa è sembrata impossibile per essersene accumulati fin troppo. Lo storico vien infatti a trovarsi gravato di un compito assai complesso che egli non è in grado di assolvere da solo in modo adeguato, e non desta meraviglia se nel corso del suo lavoro, più di una volta chi ha preso su di se la responsabilità di narrarne le vicende, « si è lasciato cogliere dalla tentazione di abbandonare la penna. » Proprio dal Jedin il mondo degli studiosi aspettava questa storia sicuro che la sua opera non sarebbe stata frutto di facili bilanci, ma coronamento di una preparazione lunga e coscienziosa che ha fatto di lui lo storico vivente più ascoltato ed autorevole del Concilio Tridentino.

Il volume testè pubblicato sarà seguito da altri tre: il secondo, nei quale verranno esposti i due periodi del concilio compresi tra il 1545-1547 e 1551-1552 e l'intermezzo di Bologna; il terzo, che tratterà del grande concilio riformatore tenuto sotto Pio IV. L'ultimo metterà in evidenza l'influsso esercitato dal Tridentino sulla vita della Chiesa, e darà pure un riassunto sulla storiografia del concilio, oltre una serie di tabelle cronologiche e l'elenco dei partecipanti al concilio.

Il presente ci lascia appena sulla soglia delle famose assise inaugurate il 13 dicembre 1545; il resto è storia retrospettiva, è la spiegazione del perché così tardi avesse aperto le sue porte un concilio che era stato oggetto di anelito e desiderio di un secolo intero. Per rispondere a questo quesito occorre riportarsi alla metà del sec. XV, quando « venne modificandosi quel patrimonio di idee, relativo alla funzione del papato, dei concilii e della riforma della chiesa, che ha le sue radici nel tardo medio evo ». Si tratta soltanto di idee, ma che pure influirono profondamente sull'azione degli uomini del periodo tridentino, « come una corrente induttiva che faccia muovere un magnete ».

Il concetto del concilio considerato quale organo ordinario della Chiesa e insieme suprema autorità, fu una diretta conseguenza della situazione di necessità creata dallo scisma. Il papato uscì, a caro prezzo è vero, vincitore sui movimenti conciliaristi grazie alla sua posizione storico-politica, ma il suo rafforzamento interno contro Basilea si deve anche agli scritti teologici che diedero la prevalenza all'idea monarchica, additando nel concilio « un pericolo per l'unità e per la pace della chiesa » (pag. 27). Quest'ombra gettata sul conciliarismo, mai più perduta di vista sino al concilio di Trento, non fu tuttavia così forte da debellarlo e le voci più disparate provenienti dalle università, dalle celle claustrali, dalle cancellerie dei governi d'Europa o dalla scena politica (p. 34-58), provano che se la vera dottrina conciliarista va perdendo terreno, non scompare. In forza forse della teoria che la giustifica? No: la sua dinamica sta unicamente nel « collegamento evidente tra l'esigenza di un concilio e il desiderio di una riforma », esigenza diventata imperiosa alla fine del sec. XV. Contemporaneamente però « si afferma il pericolo che l'idea del concilio venga abbassata a mezzo di politica contingente e di pressione sui papi », i quali reagiscono in maniere differenti sia col proibire l'appello al concilio, sia con un politica di tergiversazione, di controprogetti sotto forma di congressi per la crociata antiturcha o di convocazione di un concilio a Roma (p. 59-70). Finanche in seno al collegio cardinalizio (71-90) la richiesta del concilio divenne motivo di lotta, silenziosa ma aspra. Accolta nelle capitolazioni elettorali dei Conclavi essa era tanto più temibile in quanto suffragata dalla dottrina canonistica del tempo circa la possibilità del diritto di devoluzione, dottrina nella quale « si riflette tutto il dramma dei papi del Rinascimento ». E che il passaggio dalla teoria ai fatti fosse breve, si vide nel tentativo del conciliabolo di Pisa del 1511 (92-104) sin da principio destinato al fallimento, solo perché decadde a mezzo di semplice pressione politica. Comunque, questa fede nella capacità riformatrice del concilio rimase; essa divenne uno dei fattori più importanti per la realizzazione del Tridentino.

I papi della restaurazione invece rifiutarono di seguire questa strada e ogni qual volta parve necessario andare incontro alla desiderata riforma, finirono per considerarla come emanazione del potere papale e vi posero mano essi stessi a partire da Martino V. Ma furono tentativi morti in sù nascere, compreso il V concilio Lateranense, ultima grande occasione perduta (106-119).

In disparte e nel silenzio, al di fuori di questi due poli (papa-concilio) la riforma maturava pure le sue gemme con la santificazione personale dei singoli, l'appello alla penitenza, il ritorno ad antichi ideali sacerdotali e monastici e la creazione di cellule di cristianesimo vissuto, tramite specialmente le numerose e molteplici manifestazioni della pietà e della carità (p. 23-140). Ma non erano ancora sbocciate quando sopraggiunse la catastrofe; il nuovo spirito non aveva avuto il tempo di conquistare il papato per potersi irradiare sulla Chiesa intiera. Perciò « bisogna evitare di considerare gli sforzi riformatori del tardo medioevo come una formidabile corrente di idee che avrebbe condotto ad una generale riforma anche senza lo sprone protestante. La riforma luterana ebbe successo perché erano andati a vuoto gli sforzi per una riforma cattolica. E la storia della riforma e idea conciliare dovrebbe insegnare che la nascita del protestantesimo « fu ben più che l'occasionale motivo che mise in moto la macchina del concilio ».

Ma occorsero venticinque anni per avviarla, poiché a Roma la si continuava a vedere come « una pericolosa avventura », mentre al punto in cui erano giunte le

cole « solo dal concilio ci si poteva attendere una decisione delle controversie da tutti riconosciuta legittima e vincolante ». E allora per arginare il protestantesimo (considerato solo come sommossa contro l'ordine vigente, dimenticando il filone della pietà genuina, anche se deviala, che vi correva parallela) (p. 174), si fece affidamento sull'opera dello Stato (editto di Worms) che non fu in grado di condurre a fondo quest'azione. L'opera della riforma, staccata dalla questione di Lutero a Worms, non tardò a ripresentarsi a Norimberga con la richiesta di un libero concilio cristiano in terra tedesca. La proposta fallì, ma contemporaneamente si faceva il nome di Trento, dove Carlo V s'impegnava a far indire dal Papa un concilio ecumenico. Le possibilità offerte da quel momento così propizio in cui la dottrina protestante non aveva ancora messo salde radici, non furono sfruttate; anzi, invece del concilio fu la guerra (p. 191-210). Responsabili a parte, circa questo nuovo disastro, che il J. cerca di districare, resta comunque l'opposizione quasi morbosa di Clemente VII contro il concilio. Di qui la sua tattica temporeggiatrice: non disse mai un no chiaro di fronte ad una richiesta del genere, qualche volta disse di sì, come fu dopo Augusta nel novembre 1530 (p. 211-223), ma essendo d'altra parte tutt'altro che deciso a realizzarlo. Così quando veniva a morte, null'altro che parole si erano avute da questo papa circa i due più scottanti problemi dell'ora: concilio e riforma.

Ondeggiante ed incerto il mediceo, fu la politica del suo successore lineare ed inflessibile, come da molti comunemente si crede? A studiarla da vicino l'azione di papa Farnese è più complicata di quanto a prima vista non appaia. Non venne mai meno alla sua persuasione iniziale circa la necessità del concilio, tuttavia non assunse mai l'energica posizione di voler il concilio ad ogni costo. E ciò perchè nel corso degli anni egli si accorse che il concilio costituiva « un male necessario ». Le lunghe trattative avevano fatto affiorare contrasti profondi tra la sua idea — troppo preservativa in fondo, che non si addiceva alle esigenze dell'epoca — e quella che se n'eran fatta l'imperatore e molti oltramontani. Di qui le infinite difficoltà nella questione della località da scegliere e nella procedura da seguirsi. Avendo allora misurato in tutta la sua estensione il pericolo a cui avrebbe prestato il fianco un concilio, senza abbandonarlo, finì per relegarlo in secondo piano e lasciarsi invece guadagnare all'iniziativa imperiale dell'unificazione. Solo quando a Ratisbona il sogno dell'unione svani e rimase sola la realtà della confusione dottrinale (298-339), il papa ritornò all'idea del concilio generale e decretò la prima convocazione a Trento (367-399) sia per impedire la minaccia di un concilio nazionale senza di lui, e sia ancora per arginare (punto questo bene lumeggiato dall'A.) la marea che minacciava anche l'Italia. Ma in tutto questo non ci fu doppio giuoco, bensì una politica magistralmente intessuta, il cui difetto fu quello di esser soltanto politica, mentre chi guida le cose di Dio non deve sempre attenersi a motivi umani. E tra questi ebbe il suo peso la politica familiare del papa dettata dal giovane Alessandro Farnese. Gli intrighi del cardinale, rimasto negli anni decisivi della riforma come estraneo alle forze innovatrici della Chiesa, contribuirono non poco ad accentuare la reciproca diffidenza tra Paolo III e Carlo V, e a perturbare la politica conciliare del papa. Senza questo fattore, forse non si sarebbe arrivati alla sospensione del concilio dopo la pri-

ma convocazione; il papa avrebbe continuato nella tattica di attesa suggerita da Morone (p. 392).

Il carattere di Paolo III traspare anche dalla sua linea di condotta circa la questione della riforma. Le attività riformatrici concepite dopo l'insuccesso della prima convocazione del concilio a Vicenza non furono una manovra calcolata per ingannare l'opinione pubblica, ma non fu neppure una pura questione di coscienza. L'acuta sensibilità di questo spirito superiore percepì l'appello dei tempi ed è suo merito imperituro l'aver fatto sì che gruppi importanti di riformatori potessero formarsi in Roma durante il suo pontificato. Ma la delicata mano aristocratica del vecchio non era abbastanza forte per tagliare i fili che legavano la sua personalità e gli interessi della curia al periodo rinascimentale. Sotto questo aspetto, « Paolo III non è il primo papa della riforma cattolica, ma è il suo precursore » (p. 358).

Nel penultimo capitolo il Jedin mette nella debita luce la costellazione favorevole che diede origine alla bolla *Laetare* per la seconda indizione del concilio a Trento (1544). Ma va subito notato che essa non portava in se la garanzia del successo. Il cammino dalla bolla di convocazione alla reale apertura fu molto più lungo di quanto non si creda. Anch'essa rasentò il completo fallimento evitato, solo perché nell'estate del '45 poté essere ristabilita l'intesa tra il papa e l'imperatore.

La lotta per il concilio era durata 25 anni e fu una immensa disgrazia questa così lunga attesa, perché nel frattempo la generazione ancora educata dal cattolicesimo si estinguiva e ne cresceva una nuova plasmata dalla propaganda protestante. Il concilio arrivò ancora in tempo per allontanare simile calamità dai paesi latini, ma giunse troppo tardi per i paesi nordici.

Le idee che determinarono il corso degli eventi agirono in uomini liberi e attraverso a loro. Ma questa contingenza del divenire toglie ogni possibilità di sfuggire alla responsabilità e lo studioso che voglia spiegare e comprendere deve commisurare l'agire degli uomini al compito storico loro toccato, deve cioè giudicare. Il Jedin lo ha fatto e se alcuni suoi giudizi potranno dar luogo a contestazioni, nessuno potrà muovergli il rimprovero di partigianeria, che esula dal suo temperamento di studioso. Le sue conclusioni affiorano dalla realtà stessa, che è terribile, tanto più che nessun tono amaro viene ad intorbidarne la visuale in chi legge. Meritano un'attenzione particolare certe pagine, come quelle dedicate ad Erasmo, a Contarini, all'Aleandro, a Carlo V. Particolarmente studiata la figura così complessa di Paolo III^o, come pure degna di considerazione la luce in cui è prospettata l'opera svolta dalla controversistica pretridentina: paragonata con quella del Lortz, la valutazione del Jedin ci sembra assai più sensibile ed aderente al dato storico. Quanto poi alla storia delle idee considerate come fattore di storia e che in questo volume hanno tanta parte, ci sembra che l'A. abbia saputo bene sfuggire agli agguati che trattazioni del genere soffrono riservare ai non smalizzati. Jedin le rivela, ma insieme le definisce, ne segue l'evoluzione e l'azione e soprattutto mantiene il contatto con la realtà che gli fa da controllo. Un solo punto può lasciare per-

plessi, là dove asserisce che la vittoria del papato sul conciliarismo si deve agli scritti teologici (p. 23). Se questi scritti sono stati tramandati in testi ancora manoscritti e non debitamente esaminati, non è la conclusione un po' affrettata? Ciò che infine dà forza e valore al volume è la sintesi. Un groviglio di idee, di uomini e di fatti popolano i densi capitoli dei due libri: altri si sarebbe smarrito dietro trattazioni marginali o di secondario interesse; Jedin invece non ha perduto mai di vista il suo scopo e costringendo sempre la materia a mantenere misure e rilievi severamente controllati, è riuscito ad imbastire un quadro dei precedenti del Tridentino, che non delude la lunga attesa del pubblico.

Roma.

M. SCADUTO S. I.

JAMES BRODRICK S. I. *The Origin of the Jesuits and The Progress of the Jesuits.* — London - New York - Toronto (Longmans, Green and Co.) 1940-1946. 2 vols. in 8°, each with frontispiece, VII-274 and VII-331 p.

— *Origines et expansion des Jésuites.* Traduit par J. Boulangé S. I. Préface de Michel Riquet S. I. — Paris (SFELT) 1950, 2 vols. in 8° each with frontispiece, 283 and 275 p.

The title of Father Brodrick's two volumes is patterned on Simon Rodrigues' *De Origine et Progressu Societatis Iesu*. The first volume takes in the years from the Founder's birth in 1491 to his death in 1556; the second continues the story to 1579, thus dealing with the generalates of Laynez, Borgia and all but the last year of that of Mercurian. Father Boulangé's translation has divided the account of the Order more equally by adding to the first volume the first two chapters of the second.

The Origin of the Jesuits we are assured « is only the first instalment of a much more extensive history of the Jesuits which the War and other contingencies have at least temporarily frustrated » (Preface, V). It is a salute to his Order on the attainment of its fourth centenary. Both studies are based on the authentic sources published in the *Monumenta Historica Societatis Iesu*. The author's extensive studies, particularly of Bellarmine and Canisius, and his at-homeness in the broader history of the sixteenth century guide him safely through the labyrinth of events in that crowded and violent period. The result is a clear picture quite unlike that of novelist and caricaturist who have created an image of the early Jesuits in their own likeness. The sympathetic and scholarly accounts of van Dyke and Sedgwick are given due recognition.

The first volume is the life of the Founder and of those first companions who cooperated most closely in the amazingly democratic formation of the Order where nought was put down without the say of each. Ignatius speaks to us through his autobiography, letters, accounts of his companions, popes, kings, enemies and other contemporaries.

His first sons are as much at home tending the plague stricken as addressing the Council of Trent or on papal missions. Through both volumes we find them among the foremost champions of the Catholic Reform against the Protestant Revolt.

Particularly welcome is the chapter on the beginnings of education by the Order; and although it is true that the 1541 draft of the Constitution omitted ordinary teaching from the scope of Jesuit ministry, still the practical norm adopted of undertaking whatever apostolate was most needed included teaching. Nadal's dictum that « Wherever there is a soul in need, there is a Jesuit's appointment » sums up the spirit of the Order and commits an army of Jesuit teachers in every generation to the drudgery of the class-room. And while the protest of the harassed provincial to the Viceroy of Goa « Sir, we cannot take on the whole world » will find an echo in the sentiments of many a superior, a generous attempt has often been made to do just that.

No organization was ever less military or less rigid than the Order in its early years; the warm friendliness of that period casts its glow upon the next quarter of a century taken up by the second volume. If Ignatius is the St. Peter of the first, Nadal is the St. Paul of the second — even to his trying and perilous peregrinations. His was the task to make certain that the Order would be formed in the spirit of the Founder. Father Brodrick has no doubt discovered since writing the first volume (p. 215) that Nadal was not unknown to the *Catholic Encyclopedia*, but is mentioned in it at least four times as is indicated in the final index and in the bibliography under the entry on the Order.

Vested interests fought the Order's attempt to establish itself in France; the anti-papal University of Paris would have nothing of these emissaries of the Roman Pontiff.

Canisius is a Catholic Reformation in himself; especially Germany, Austria, Czechoslovakia are indebted to him for preserving the Faith in a large part of their territory; yet his zeal took him to Messina, to Trent and to wherever the battle was most pressing at the moment. The sketch we are given of Laynez makes us wish for a full portrait to place along side of Canisius and Bellarmine; and in the same breath let us ask for one of Borgia and Xavier.

It would be hard to imagine a sadder story than that told in the chapter « A Woman who was a Sinner ». The woman was Mary Stuart, Queen of Scots. And yet the chapter for all its tragic and utter failure has its hero in the Dutchman de Gouda who repeatedly risks his life to win back Scotland to the Church.

The times were violent. We encounter quarrels of popes and kings, wars within Christian Europe and wars forced upon it from without, culminating but not ending with the battle and victory of Lepanto. To wars were added crime, pestilence, misery in all its myriad forms; yet these were looked upon by those early Jesuits as so many reasons for greater zeal and charity. Europe seemed to most men a large enough world to claim the energy of many times their numbers; but Ignatius was not one to identify Europe with the Faith and hence we find

so dear a son as Xavier setting out for India a few months after the first solemn approval of the Order. By 1549 the first martyr gives his life in India; that same year Xavier enters Japan and his brothers, Nóbrega and companions, are the first Jesuits to begin their apostolate in the New World through their work in Brazil. Spanish Florida is the mission field of the first Jesuits in North America.

Father Brodrick was not then on as familiar ground as in Europe. His outline would have gained in clarity by a perusal of Father Zubillaga's study (*La Florida...*); since the appearance of *The Progress of the Jesuits* valuable source material has been published in *Monumenta Floridae Antiquae* edited by the same Father Zubillaga, where the martyrs of the Rappahannock River and of Cumberland Island can be seen in clearer light.

Father Decorme's second volume on the Order in Mexico prior to its expulsion (published in 1941) would have helped Father Brodrick through the crowded and confusing events of the origins of the Mission to Mexico. It would seem that Brother Pedro, mentioned on page 219 of *The Progress of the Jesuits*, was the ninth and last Tarascan King (of Michoacán); for the last Aztec King, Cuautémoc, defended Mexico City against Cortez and was put to death by him during his expedition to Honduras in 1522.

There are tears and smiles in « Prester John's Business » but far more tears than smiles. The Kingdom — a spiritual El Dorado — must first be located, and then its ruler! When Abyssinia is localized and its ruler, little more than a tribal chieftan, is approached, then begins the long and cruel game of wait and see. What could charity and zeal — even martyrdom — effect against the wall of duplicity, intrigues and millenial prejudice?

One wonders whether the author is justified (*The Progress of the Jesuits*, p. 285) in concluding from « To this day it is not quite certain why the Jesuits of Salamanca refused him (Suarez) » to « Apparently, they did not consider him sufficiently intelligent ». Only a few lines earlier on the same page, he stated, « Poor little rich boy, he was actually put to the study of law at the University of Salamanca when he was barely thirteen years old ». Hardly a sign of insufficient intelligence on little Francisco's part, whatever one may think of those who forced him to the ordeal. Father Astráin (II, 68) hesitates to come to the same conclusion as Father Brodrick. He holds, « Pidió esta gracia (i. e. of entering the Order) a nuestros superiores, y ellos, dudando de su aptitud, tardaron en concedérsela. ¿Es que realmente no tenía entonces talento, y después se lo concedió el Señor por gracia sobrenatural, como algunos opinan? ¿Es que no estaba todavía desarrollado su ingenio por el ejercicio de los estudios? No lo sabremos determinar ». The qualification « mediocre sujeto » used by the provincial (*The Progress of the Jesuits*, p. 286) to characterize Suarez to Laynez need not carry with it the modern English connotation of inferiority any more than Horatian *mediocritas* — mediocrity. « Medioce sujeto » could signify an applicant of normal or average ability. Hesitation on the part of superiors could have been due to his poor health.

The appendix to the second volume « Troubles of a Historian » wherein is recounted the firm stand taken by Sacchini to write the history of the Order in the light of the best available sources and to publish the less edifying facts when historical integrity and accuracy demanded it, is a valuable chapter that might well serve as a Magna Carta for all historians. The French edition seems less happy in its title of the same — « Scrupules d'un historien ».

The French translation on the whole has succeeded in preserving to a remarkable degree the spirit of the original. As Father Riquet notes in his preface (vol. I, 9-10), « On saura gré au P. Boulangé de nous avoir révélé cette œuvre magistrale singulièrement appréciée du public britannique. Mieux que traduire, il a su l'adapter aux exigences de notre style, mais sans en altérer cet humour, cette bonhomie dans l'ironie, cet art de faire saillir le trait original qui font le charme de Dickens et des écrivains de sa race comme James Brodrick ». The translation, though by no means slavish, is faithful to the original. Father Boulangé has omitted quite frequently references to American and English books and translations and often replaced them by the corresponding French ones; he has added several important references of his own.

Rome.

E. J. BURRUS S. I.

FRANCISCO RODRIGUES S. I. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, IV, 1. — Porto (Livraria Apostolado da Imprensa) 1950, gr. 8º, XXII-574 p.

O vol. 1º do tomo IV, ou seja o 7º vol. desta obra, trata da primeira metade do século XVIII, e divide-o o P. Rodrigues em três livros, que consagra à *vida espiritual na metrópole, à expansão apostólica ultramarina, e ao ensino e exercício das Letras e das Ciências*.

Ao abrir o século XVIII não era fácil conjecturar a perseguição geral, de que iria ser vítima a Companhia de Jesus na segunda metade dele. Mas os germes contrários à Igreja, com o jansenismo como fermento interno, já se desenvolviam, e aglutinavam diversas formas de incredulidade ou irreligiosidade, que se exacerbavam aqui e além, e mais fora de Portugal que dentro dele.

Entretanto, os Jesuítas portugueses seguiam o seu rumo e a sua *Vida Espiritual* mantinha-se bem e até, sob alguns aspectos, se avolumava. As vocações cresciam e a estatística marca em 1754 na Província de Portugal, que abrangia então o Continente, as Ilhas Adjacentes e a Missão de Angola, 861 Religiosos (p. 5). Números altos, atenta a menor população daquele tempo. As Congregações de Nossa Senhora eram veículo de piedade e caridade prática (p. 34); e as manifestações do culto, solenes, em que a música e os cantos se guindaram a notável altura (p. 49). Assinalavam-se missões rurais desde o Minho ao Algarve e aos Açores (p. 53), e faziam-se ouvir pregadores, que arrastavam após si as multidões (p. 67). E o momento em que surge na Assistência de Portugal, o culto do Coração de Jesus (p. 77); e os Exercícios Espirituais pregavam-se por toda a parte, em particular no Norte (p. 104) e em Lisboa (p. 107). As procissões, carros triunfais, figuras decorativas e simbólicas, em várias cidades, eram deslumbrantes (p. 130); e, como agentes deste movimento, os Padres, considerados em conjunto na sua vida religiosa, davam exemplo de virtude e santidade, fechan-

do-se este primeiro livro com multiplicados testemunhos e factos, em que ela claramente se patenteia (p. 138).

As *Missões de Além-Mar* continuam vivas, dentro, é claro, das dificuldades e contrastes próprios do tempo. Além dos Colégios de Coimbra e Évora, donde saíram tantos missionários ultramarinos, fundou-se o Noviciado das Missões do Oriente, cujo primeiro donativo se deve a um zeloso sacerdote do Arcebispado de Lisboa, Dr. João Serrão; e que depois estabeleceu em bases mais sólidas a Rainha de Inglaterra, D. Catarina, filha de D. João IV. Foi o Seminário de S. Francisco Xavier, no bairro de Arroios em Lisboa, que se inaugurou em 1735, com obrigação de sustentar 12 noviços, quatro para cada uma das três Províncias da Assistência de Portugal no Oriente, Goa, Malabar e China (p. 166). Demorou muito a construção desta casa, como também ia demorar a do Almirante de Castela, João Tomás Henrique de Cabrera, que se homiziara em Portugal, por não aceitar o rei Filipe V, que considerava intruso na sua pátria. Cabrera determinara em testamento que se Filipe V fosse vencido, o Colégio das Missões ficasse em Espanha; se vencedor, em Portugal. Ficou vencedor, e portanto o Colégio em Portugal. Mas protelou-se tanto a construção com «dificuldades poderosas», que tendo já em 1715 emolumentos bastantes, o Hospício de S. Francisco de Borja só se erigiu em 1757. Donde se infere que os dois grandes Colégios de Missões continuaram a ser Évora e Coimbra, este com a mais gloriosa história missionária da Companhia, tanto por ser primeiro, como porque o foi sempre durante dois séculos. E foi movimento missionário activo e robusto até ao fim. Do porto de Lisboa, de 1730 a 1740 saíram para as Missões, 146 religiosos da Companhia; em 1751, 15; em 1752, 19; em 1754, 38 (p. 212). Dão-se em Apêndice as listas destas expedições apostólicas desde 1697 a 1754 (pp. 470-490). A grande maioria eram portugueses. Mas Portugal convidava e aceitava missionários generosos de nações fecundas, sobretudo as de língua alemã e italiana, que não possuíam missões próprias ultramarinas (a Espanha e a França tinham-nas). É um dos aspectos mais importantes deste volume, como demonstração concreta do Padroado Português, ao qual pertenciam estas missões ultramarinas. Portugal dava os filhos que podia, — e em proporção nenhuma nação deu mais —, e abria as portas aos outros, pagando-lhes as despesas de matalotagem com outras achegas e dotações, e prestigiando-os no seu apostolado muitas vezes heróico — até ao sangue — de levar o nome de Cristo às nações pagãs. E isto a começar, pelo que se refere à Companhia, em Francisco Xavier, o qual, como santo que é, o reconhece. Fecha-se este 2º. livro com as terras de Mazagão (Marrocos) e de Angola (p. 221).

O 3º. último livro denomina-o o Autor *Educação, Letras, Ciências*. Abre com uma ampla análise das Letras Humanas nos diversos Colégios (p. 255-304), cujo ensino se mantinha a boa altura, mas era objecto já de rivalidades profundas, disfarçadas umas (p. 305), descobertas outras (p. 320), sem impedir que a má vontade e a perseguição final destruísse para sempre a ilustre Universidade de Évora (p. 384). Continua o P. Rodrigues a expor as manifestações mais salientes da Teologia, Ora-

tória, Letras (p. 387) e Matemática, onde se contam numerosos sábios, que ilustraram o seu tempo (p. 402). E na Corte viviam os Padres, como confessores de reis e príncipes, sujeitos às características emulações de tão alto e perigoso ministério (p. 425).

Encerra o volume um Apêndice com 40 documentos (p. 462-552) de visível utilidade. Nas cartas deste Apêndice conviria em todo o caso, dizer sempre em cada uma, por palavras expressas, de quem é e a quem se dirige, para poupar ao leitor o esforço de o averiguar por si mesmo. Por último, os dois índices do costume.

Como se vê, é matéria vasta a deste volume, que abrange meio século da vida da Companhia de Jesus em Portugal, com as suas múltiplas actividades, adequadas ao ambiente em que se exerciam. A narrativa, bem conduzida, talvez lucrasse com mais sobriedade, quer na adjectivação, quer no comentário directo, em geral ineficaz. Porque a verdade é como o sol. Sente-se e vê-se, porque brilha. Naturalmente, os cegos não têm olhos e não vêem o sol. Mas também, por mais que se estenda o braço para o mostrar, eles continuarão a não o ver. Questão apenas de jeito pessoal do escritor, que aliás não tira nada à objectividade da narrativa. E é uma das qualidades do P. Francisco Rodrigues a consciência com que usa os documentos, sem calar as desinteligências domésticas, inevitáveis em todas as corporações de vitalidade intensa. Mas ainda isto é homenagem que se presta à verdade.

O Autor foi rematando a notícia de cada Casa e Colégio, com o que lhe sucedeu no momento da perseguição de 1759. Por isso, a história da Companhia em Portugal acha-se terminada na sua parte construtiva. Oxalá não demore o 2º. vol. do Tomo IV ou seja o 8º. e último desta grande obra; e, se é possível, com um índice geral que facilite a consulta de toda ela. Para que assim fique perfeito, como convém, tão alto serviço prestado às letras históricas não apenas da Companhia de Jesus, mas também da Nação Portuguesa.

Roma.

S. LEITE S. I.

MIGUEL NICOLAU, S. I. *Jerónimo Nadal, S. I. (1507-1580). Sus obras y sus doctrinas espirituales.*—Madrid (Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Francisco Suárez) 1949, 8º, XXXVI-567 p.

La figura del P. Nadal esperaba hace tiempo un hombre que se decidiera a trazar su fisonomía espiritual y a precisar el valor y alcance de su acción. Sólo así podría salir de la injusta semioscuridad en que yacía. Y lo ha encontrado. Ese hombre es el P. Miguel Nicolau, mallorquín de nacimiento como el mismo Nadal.

El trabajo no era fácil. Nadal ha escrito mucho y con letra casi ininteligible; ha dictaminado mucho más, a veces demasiado, y lo que todavía complica más la labor, ha dejado innumerables instrucciones llegadas hasta nosotros en muchos casos sólo a través de extractos o copias hechas por los oyentes.

El primer gran escudriñador de Nadal fué el P. Cervós. En los cuatro tomos de *Monumenta* fué acumulando un material precioso, fruto casi siempre de inmensa fatiga y sudores. Pero el P. Cervós conforme a la índole de *Monumenta* fué

exhumando los documentos nadalianos de interés para la historia, dejando de publicar, o haciéndolo parcialmente, importantes tratados que, si contenían escasos datos de valor histórico, reflejaban de modo más íntimo la personalidad ascética de Nadal. Tal es el caso, por ejemplo, de las «*Orationis observationes*» y de varias de sus pláticas e instrucciones. Pero dada la multiplicidad de extractos desparlados en diversos códices y los documentos medio publicados, medio inéditos, resultaba un verdadero laberinto internarse por las fuentes nadalianas.

El P. Nicolau, con diligencia y pericia no comunes, ha sabido extraer todos los materiales que se refieren al P. Nadal. El capítulo 2º en que pasa revista a todas las obras espirituales de nuestro autor y precisa la época de su composición, sus características, los códices en que se encuentran, se nos hace el capítulo más útil y una base imprescindible para todo el que quiera en adelante ocuparse de Nadal.

Los numerosos trozos inéditos que con muy buen acuerdo va desparlando el autor a lo largo de la obra, no son más que filones sueltos que dejan entrever la gran riqueza encerrada en esta cantera. Son estos fragmentos, a veces, bastante extensos, y casi siempre de gran valor. Por ej. págs. 299-304, acción de la gracia; 328-329: acción-contemplación; 286-287: huir de cosas extraordinarias, y sobre todo los cuatro apéndices que comprenden 60 páginas de instrucciones inéditas.

En esta clarificación de las fuentes y exhumación del fondo teológico-espiritual encerrado en ellas, con la exacta indicación de su alcance, reside para nosotros el verdadero valor de esta obra, en la que todo lo que sea manejo de documentos, conocimiento de elementos externos que se relacionen de alguna manera con Nadal, bibliografía aun secundaria, está tratado con una exactitud que raya en meticulosidad.

Nicolau ha querido estudiar a Nadal desde todos los puntos de vista. Hacer un trabajo completo. Comienza trazando una semblanza de Nadal, que prácticamente es una vida breve, pero completa en sus hitos principales. Viene después la descripción de la producción científico-práctica-espiritual nadaliana de que acabamos de hablar. Preparado de esta manera el terreno, entra en la ideología misma de Nadal, estudiando la estructura de su espiritualidad y sus características principales. Se basa aquella en la profunda teoría de la gracia particular del estado religioso, idea fecunda que penetra toda la actividad de Nadal. Sigue un estudio largo, detallado, del método de la oración, analizando sus diversas partes y comparándolo con las meditaciones de S. Francisco de Borja. Uno de los capítulos más interesantes es el sexto, en que va explanando las enseñanzas nadalianas relacionadas con la mística. Todavía van desfilando otros aspectos relacionados con la espiritualidad nadaliana: el influjo de los ejercicios, la postura de Nadal en torno al problema contemplación-acción, sus normas sobre el apostolado, la vida activa superior, la devoción al Corazón de Jesús, el teocentrismo final, acabando con un sugestivo y bello resumen de la personalidad de Nadal y de su significado dentro del campo de la espiritualidad.

En general, amontona el autor muchos textos parecidos — tal vez demasiados — para probar un aspecto concreto, textos no pocas veces de épocas distintas, que pueden suponer circunstancias diversas. Si hubiera matizado más el factor tiempo y lo hubiera proyectado sobre el fondo real de la vida de Nadal, se hubiera podido llegar más al fondo de la psicología y mentalidad nadalianas, y hubiera adquirido

la obra una palpitación y vitalidad mucho más intensas. Falta la línea evolutiva del pensamiento, la proyección de Nadal sobre la época. Es verdad que en el capítulo 12 se habla, con gran lujo de detalles y con extraordinaria erudición, de los influjos de Nadal. Pero se van considerando aisladamente los elementos; no se da su trabañón íntima, la gradación de estudios.

En el capítulo 2º en que, como ya hemos dicho, se alinean en fila las obras, no se hace cotejo alguno entre las de indole similar, y sobre todo apenas se da indicación alguna de la evolución interna de las ideas. Téngase en cuenta que en pocos autores como en Nadal se puede seguir de modo más seguro los diversos pasos de su pensamiento, dado que sus escritos están cuajados de tachaduras y frases superpuestas: no hay mejor llave para fijar las oscilaciones y evolución de su pensamiento.

Precisamente dada la abundancia de datos acumulados extraña más la ausencia de los testimonios que podrían desdorar algo el esplendor de la figura del gran jesuita mallorquín, produciéndose de este modo, en algunos momentos, la impresión más bien de un panegírico que de una historia. Se habla sí del exceso de instrucciones dadas y de la tan decantada minuciosidad, pero más bien en plan de defensa que de realizar un análisis objetivo.

En la pág. 48 para hacer ver el «aprecio que sentía de las visitas de Nadal» S. Pedro Canisio (se habla, como se ve, en términos generales, no sólo de una visita), aduce el autor literalmente el juicio elogioso que el santo da de las de 1563. En cambio se calla el tremendamente duro que emite el mismo Canisio de las de 1577 (Braunsberger, VII, 408), citando este testimonio de una manera generalísima en la pág. 65 con estas vaporosas palabras: «Canisio, celoso de que no se obscureciera en los jesuitas la luz de las antiguas virtudes del célebre Visitador, avisaba de ello al General, quien con todo estimaba que muchas cosas había que perdonarlas a los años». Esta actitud daña a la obra. Nos quedamos sin saber qué había de verdad en las mortificantes expresiones del Santo Doctor.

Al presentar Nicolau de modo tan completo todo el material nadaliano, abre una serie de interrogantes y sugiere perspectivas de sumo interés. ¿Fué puramente ignaciana la espiritualidad de Nadal? ¿Disolvió el influjo de S. Ignacio los factores anteriores? ¿Su educación anterior coloreó con una combinación especial los nuevos elementos? Y en particular su clásica trilogía en la oración: petición, acción de gracias y obsecración, ¿encaja dentro del molde ignaciano? ¿en qué punto preciso? Tal vez sea una ampliación del coloquio, que no modifica la estructura de la meditación (cf. pág. 213).

Decimos esto — y podíamos añadir nuevas interrogaciones que inquietas se agolpan a nuestra mente — porque creemos que no hay nadie mejor preparado que el P. Nicolau para tratar en ulteriores estudios estos problemas; y también para hacer ver las grandiosas perspectivas que hubiera podido tener la obra si se le hubiera dado una orientación más orgánica y sistemática.

La presentación tipográfica, muy esmerada. 16 láminas reproducen diversos grabados de las *Evangelicae historiae imagines*. El Consejo Superior de Investigaciones Científicas ha hecho un gran servicio al publicar esta obra, ya que en adelante será la base imprescindible de todo estudio sobre Nadal, y un arsenal riquísimo para todo trabajo que se relacione con la historia de la espiritualidad jesuítica y española.

Roma.

I. IPARRAGUIRRE S. I.

RAZÓN Y FE. *Al doctor eximio y piadoso Francisco Suárez en el cuarto centenario de su nacimiento*.—Madrid 1948, 8º, 512 p., 2 ilustr.

— ESTUDIOS ECLESIÁSTICOS. *Francisco Suárez en el IV centenario de su nacimiento*.—Madrid 1948, 8º, 694 p.

— PENSAMIENTO. *Suárez en el cuarto centenario de su nacimiento*.—Madrid 1948, 8º, 646 p.

Las revistas españolas *Razón y fe*, *Estudios eclesiásticos* y *Pensamiento* celebraron el cuarto centenario del nacimiento del P. Francisco Suárez (1548-1948) consagrándole sendos números extraordinarios (vid. AHSI, XVII, 1948, 276-280).

Razón y fe dedicó al Doctor Eximio el número correspondiente a los meses julio-octubre, que se puso también a la venta por separado. Después de un *Guion* en que se puntualiza la significación de Suárez en el campo teológico y se comparan sus métodos con los modernos, sigue una cronología, en cuadros sinópticos, de la vida del Eximio. El cuerpo de este tomo se divide en cuatro partes, que abarcan casi todos los aspectos de su personalidad: el *Hombre*, el *Ambiente*, la *Obra*, el *Infujo*. Bajo estos epígrafes se estudia el humanismo de Suárez, su fama de santidad, formas renacientes en su producción científica; Suárez filósofo, teólogo y jurista; la proyección sobre Europa de su gran Metafísica; el perfil teológico de Suárez y la primera generación científica de la Compañía de Jesús; el Sacro Imperio Romano-Germánico según Suárez. A esas cuatro partes sigue un quinto apartado de *Estudios especiales*, que comprende los siguientes trabajos: el « *François Suárez* » de Léon Mahieu; sobre el tránsito de la potencia al acto según Suárez; Suárez y la doctrina de la transubstanciación eucarística; precisiones del pensamiento de Suárez sobre el primer sujeto del poder y sobre la legítima forma de su transmisión al jefe del Estado. Termina este precioso número extraordinario con una bibliografía suáreciana. En este meritísimo fascículo de *Razón y fe*, junto con firmas juveniles, pero de plumas bien cortadas, aparecen las ya conocidas y valiosas de los PP. Eleuterio Elorduy, José M.º Dalmau, Ulpiano López, Joaquín Iriarte, José A. de Aldama, Ricardo G. Villoslada, Eustaquio Guerrero, José Hellín, Manuel Quera y Jesús Iturrioz.

El volumen de *Estudios eclesiásticos* no merece menos loas que el anterior. Se circunscribe al terreno teológico, aunque con cierta amplitud. Hace la *Presentación* del libro el Sr. Obispo de Madrid-Alcalá, y el primer artículo es del prelado de Calahorra sobre la *Solución de Suárez al problema de la evolución o progreso dogmático*. Los artículos que siguen son: *Evidencia y fe según el Doctor Eximio* (José M.º Alejandro), « *Error in Fide* » en la terminología teológica de Suárez (P. José A. de Aldama), *Sobre la inmensidad de Dios en Suárez* (P. José Hellín), *Suárez Mariólogo* (P. José M.º Bover), *San Agustín en la teología de la gracia del P. Francisco Suárez* (P. José M.º Dalmau), *Domingo de Soto y Francisco Suárez* (P. Severino González Rivas), *Mérit-*

tos escriturísticos del P. Francisco Suárez (P. Romualdo Galdos), *El recuerdo de Melquisedec en Suárez* (P. Félix Asensio), *La concepción suareziana de las penas «latae sententiae»* (P. Francisco Lodos), *Suárez y la perfección sacerdotal* (P. Ulpiano López), *El éxtasis natural en Suárez* (P. Eusebio Hernández).

A los artículos siguen las siguientes «Notas»: José A. de Aldama, *Un parecer inédito de Suárez sobre la doctrina agustiniana de la gracia eficaz*; Romualdo Galdos, *Interesante manuscrito suareziano*; Francisco de P. Solá, *Un trabajo inédito del P. Juan Muncunill S. I. (1848-1928)*, «*Eximius Doctor P. Suárez fidelis S. Thomae discipulus*»; José M. Dalmau, *Metafísica y Teología en Suárez*; Manuel Quera, *La contribución en la justificación según Suárez y Vázquez*; José Hellín, *Sobre la presencia eucarística en el Doctor Eximio*; Feliciano Cereceda, *Un profesor desconocido de Suárez, el biblista Martín Martínez de Cantalapiedra*; Bernardino Llorca, *Biografía de Francisco Suárez, obra del P. Raúl de Scorraille S. I.*

Termina este tomo con las menciones elogiosas de Suárez que recientemente ha hecho Pío XII en diversos mensajes y alocuciones. Síguese luego una completísima bibliografía de cuanto se escribió sobre Suárez desde el año 1917, centenario de su muerte, hasta el año del centenario de su nacimiento. Pone fin a toda la serie de tan valiosas elucubraciones una crónica suareziana de los actos y festejos en honor del Doctor Eximio organizados hasta la fecha de la publicación de *Estudios eclesiásticos*. El cuerpo de Redactores de esta revista recibió de muy altas personalidades de la ciencia teológica sinceras felicitaciones por esta publicación.

Trayectoria paralela al número extraordinario de *Estudios eclesiásticos* sigue *Pensamiento*, revista de Filosofía. La presentación es del Ministro de Educación, D. José Ibáñez Martín. El contenido puede distribuirse en tres partes, siguiendo la materia de los temas desarrollados. El primero y principal lugar, objeto al parecer de las predilecciones de los estudios de Suárez como filósofo, lo ocupa la Metafísica, que se estudia en elucubraciones valiosas y de reconocida competencia. El Dr. D. Fidel García, Obispo de Calahorra, antiguo alumno de la Universidad Pontificia de Comillas, ha conservado siempre singular cariño al P. Suárez, cuyas obras no ha dejado nunca de las manos. A él se debe el primer trabajo de este número extraordinario: *Algunos principios diferenciales de la metafísica Suáreziana frente al tomismo tradicional*. El P. Jesús Iturrioz S. I. investiga minuciosamente las *Fuentes de la metafísica de Suárez*; en el mismo tema se mantiene el P. Ramón Ceñal concretándose a averiguar qué Alejandro es el que cita Suárez a veces: el Halense o el de Alessandria, cuyas obras corrían en su tiempo como pertenecientes al anterior, *Alejandro de Alejandría: su influjo en la metafísica de Suárez*. Todavía quedan otros temas más o menos relacionados con la metafísica del Doctor Eximio: Luis Martínez Gómez, *Lo existencial en la analogía de Suárez*; Dr. Marcial Solana, *Doctrina de Suárez sobre el primer principio metafísico: novedad*

que ofrece, juicio sobre la misma; *El ente de razón en Suárez* por el Dr. Juan Francisco Yela Utrilla; *Problemática del tema de la creación en Suárez* por el Dr. D. Ignacio Alcorta; el P. Eleuterio Elorduy, principal encargado de la celebración del Centenario suareziano, presenta el trabajo *El concepto objetivo en Suárez*. Por último cierra esta serie de disertaciones metafísicas el P. José M^a Alejandro con un estudio sobre la gnoseología de Suárez, que había ya desarrollado en su tesis doctoral y sirvió de base a numerosas comunicaciones en diversos actos conmemorativos de Suárez en que intervino el autor.

La que llamaríamos segunda parte, la constituyen los temas de Ética o Derecho, materia que ha sido muy señalada en las disertaciones que durante el año conmemorativo de Suárez se tuvieron en diferentes lugares. Los temas tratados son cinco: *La naturaleza de la propiedad privada en las doctrinas de Suárez* por el Dr. D. Antonio Ferreiro; *Variaciones sobre la filosofía jurídica y política de Francisco Suárez*, por el Dr. Heinrich Rommen; *La democracia en la doctrina de Suárez* por el Dr. D. Antonio Álvarez de Linera; *Doctrina de Suárez sobre el origen y el sujeto de la autoridad civil*, por el P. Ignacio Gómez Roldedo; y finalmente, *La verdadera doctrina de Suárez sobre el derecho de guerra* por el P. Estaquio Guerrero.

Completa el tomo un trabajo independiente de los temas anteriores, y que por sí solo constituye una parte de este volumen: *Bibliografía suareziana*, preparada por el P. Jesús Iturrioz, que en 36 páginas da los títulos principales de la ingente cantidad de libros y de artículos que Suárez ha suscitado en el correr de los siglos.

S. Cugat del Vallès, Barcelona.

F. DE P. SOLÀ S. I.

ROCHUS KOHLBACH, *Der Dom zu Graz. Die fünf Rechnungsbücher der Jesuiten.* — Graz (Grazer Domverlag) [1948], 4°, IV-271 S., 113 Abbild.

Kaum zwei Jahre nach seiner Ernennung zum Dompfarrer und Domkapitular legt uns Dr. Kohlbach ein Werk vor, das in repräsentativer Ausstattung und mit vielen Illustrationen die reichen Schönheiten seiner Pfarrkirche, der ehemaligen Jesuitenkirche, erschliesst, die nach dem Urteil des Kunsthistorikers Schreiner eine so kostbare und zugleich künstlerisch bedeutende Ausstattung besitzt, wie kaum eine zweite Kirche diesseits der Alpen.

Nach den Einleitungskapiteln über die romanische Urkirche (1-6) und den gotischen Neubau (7-16) unter Kaiser Friedrich III., dem das dem hl. Aegydius geweihte Gotteshaus als Hofkirche diente, beginnt mit deren Uebergabe an die Jesuiten das eigentliche Kernstück der ebenso interessanten wie verdienstvollen Studie (29-190).

Von Erzherzog Karl II., zur Rekatholisierung der Steiermark berufen, kamen 1573 die Jesuiten in die Landeshauptstadt Graz: 5 Priester, 5 Scholastiker und 2 Laienbrüder. Als Wohnung und Schule wurde

ihnen der Stadtpfarrhof, für den Gottesdienst die Hofkirche angewiesen. Mit Feuereifer machten sich die Söhne des hl. Ignatius an die Verschönerung ihrer Ordenskirche, willig und gebefreudig steuerten die Gläubigen, gross und klein, ihr Scherflein bei. Insgesamt haben die Jesuiten, von hochherzigen Wohltätern unterstützt, über 200.000 fl. für die Verschönerung des Tempels ausgegeben, eine bedeutende Summe für jene Zeiten.

Ein gütiges Geschick fügte es, dass dem Verfasser im Domarchiv fünf handschriftliche, bisher unbeachtete Folianten in die Hände fielen, die uns 90 Jahre Barockisierungsschichte der Hofkirche authentisch vor Augen führen. Diese fünf Bände Rechnungsbücher aus der Jesuitenzeiten nebst den *Litterae Annuae* bildeten die Hauptquellen, welche es Kohlbach ermöglichten, durch eine Fülle neuer kunst- und kulturhistorischer Forschungsergebnisse das Dombild über seine Vorgänger hinaus wesentlich zu vertiefen und wertvolle Aufschlüsse über das rege Kunstschaffen in Graz und Steiermark zu bieten (vgl. S. II). An Hand dieser Rechnungsbücher führt uns der Autor von Kapelle zu Kapelle, von Altar zu Altar der ehemaligen Jesuitenkirche, angefangen von dem Renaissancehochaltar, dem Barockhochaltar — dem Glanzstück des Domes — zu der Xaveriuskapelle, dem Aloysius- und Ignatiusaltar usw. Während in der Aegydiuskirche aus der gotischen Zeit nur Laibs berühmtes Kreuzigungsbild, das Gottsplagenbild und die Reliquienschreine erhalten sind, besitzt sie trotz mancher schmerzlicher Verluste noch eine reiche Sammlung kunstvoller Ausstattungsstücke wie Monstranzen, Kelche, Paramente, Barockkanzel, Barockorgel usw.

Kohlbach hat es verstanden, seine Domgeschichte zu einem Längsschnitt durch die steirische Kunstgeschichte zu gestalten. Auf Grund seiner Quellen gelang es ihm, zu den bekannten kunsthistorischen Tatsachen eine Reihe wertvoller Einzelheiten nachzutragen, die Namen von Stiftern, Wohltätern, Künstlern und Kunsthändlern festzustellen. Auch manche kunstinnige Laienbrüder des Kollegs wirkten mit bei Ausstattung der Ordenskirche. Erwähnt seien nur Br. Georg Lindemayr (1678-1739), der die Zeichnung der Barockkanzel lieferte (S. 95), und Georg Kraxner (Jesuit 1715-1740), der als Baumeister des Barockhochaltars genannt wird (S. 122, 124).

Die Unterdrückung der Gesellschaft Jesu durch Papst Clemens XIV. hatte natürlich auch die Auflösung des Grazer Kollegs zur Folge. Die Kirche selber blieb unter der alten Leitung: Vier Grazer Exjesuiten führten den Gottesdienst im frühen Sinne weiter, bis unter Joseph II. die Uebertragung des Bischofssitzes von Seckau nach Graz erfolgte, und die vormalige Jesuitenkirche zur Domkirche erhoben wurde (1786 resp. 1787).

Zum Schluss seien einige Bemerkungen gestattet. Zu der Selbstkritik, dass sich manche hätte kürzer sagen lassen, können wir dem Verfasser nur beistimmen. Der Stil ist stellenweise etwas zu journalistisch geraten, an Austriaismen fehlt es nicht. - Das *l* in *dulcem* ist kein "Druckfehler" des Freskanten, vielmehr ist die Inschrift folgendermassen zu lesen: *Salsam [aqua]m in dulcem signo Crucis*

convertit — Salsiges [Meerwasser] verwandelt er in Süßwasser durch ein Kreuzzeichen — wie in der Lebensgeschichte des hl. Franz Xaver berichtet wird. (S. 126). — Sollte der S. 127 erwähnte Suicidor vielleicht das ehrsame Gewerbe des Schweineschlächters ausgeübt haben? — Nach dem Proprium S. 1. ist Johannes Nepomuk Patronus *minus* *principalis*; Patronus *principalis* ist der Stifter Ignatius von Loyola (146). — Dass der jesuitenfeindliche portugiesische Minister Pombal kurzerhand 3 Jesuiten habe "umlegen" lassen (186), ist eine Uebertreibung; einzige P. Malagrida wurde vorgeblich als Ketzer hingerichtet. (Vgl. Kratz, *Der Prozess Malagrida nach den Originalakten der Inquisition im Torre do Tombo in Lissabon*. *Archivum Historicum Societatis Iesu* IV, 1935, 1-43).

In der Abbildung S. 125 ist in der Unterschrift das St. vor Sanzian zu streichen. Das Wappen S. 191 ist das Wappen des Seckauer *Bistums*.

Diese kleinen Ausstellungen sollen jedoch in keiner Weise den Wert der ebenso gründlichen wie anregenden Arbeit beeinträchtigen.

Rom.

W. KRATZ S. I.

SIDNEY R. WELCH. *South Africa under King Sebastian and the Cardinal, 1557-1580.* — Cape Town - Johannesburg (Juta and Co. Ltd.) 1949, 8°, 487 S.

— *Portuguese Rule and Spanish Crown in South Africa, 1581-1640.* — Ib. 1950, 8°, 634 S.

Durch die verschiedenen Veröffentlichungen Welchs über Südafrika — es erschienen schon u. a. Werke über Südafrika unter König Manuel und Johann III. von Portugal — dürfte zum ersten Mal der Versuch gemacht worden sein, das bisher sehr zerstreut liegende Material zu einer Gesamtschau vereinigt zu haben. Die zwei vorliegenden Bände behandeln die äusserst wichtige Zeit der Könige Sebastian und Heinrich sowie der beiden spanischen Herrscher Philipp II. und III. (bezw. I. und II. von Portugal). Trotz der vielen und erbitterten Gegner gelang es Portugal, das Erworbene zum grossen Teil zu behaupten und das Missionswerk voranzutreiben. So ist es begreiflich, dass Verf. der portugiesischen Verwaltung und Methode beide Bände hindurch grosses Lob zollt und stets voll Achtung von ihren Leistungen spricht, indem er vor allem das Positive hervorhebt.

Wenn zwar im Titel nur von Südafrika die Rede ist, so behandelt Verf. tatsächlich die Probleme von fast ganz Afrika, soweit Portugal damit zu tun hatte, also auch von Abessinien. Stets wird die Geschichte in ihren Zusammenhängen mit der europäischen Entwicklung behandelt; man erfährt also ausführlich, wie sich die Ereignisse in Portugal selber, in Spanien, den Niederlanden und England, im Mittelmeerraum, ja sogar im indischen Bereich und in Indonesien gestalteten. Wenn hierin manchmal etwas zu viel des Guten geschehen ist, so werden anderseits doch wieder zahlreiche wertvolle Einblicke geboten, denn Verf. zeigt eine grosse Belesenheit nicht nur der einschlägigen Werke, sondern bekundet auch lebhaftes Interesse für Rechtsfragen, für die Gestaltung des Finanzwesens (Amsterdam und London) und für den

Fortschritt der Zivilisation durch die Berührung der Neger mit den Portugiesen.

Die katholischen Missionen und ihre Entwicklung werden wiederholt behandelt, so ist z. B. das 3. Kapitel des erstgenannten Bandes der Kirche in Südafrika gewidmet, Kap. 21 der Tätigkeit der Dominikaner nach 1571. Von den Jesuiten sind besonders zu erwähnen die Patres D. Gonçalo da Silveira (Martyrer 1561 in Monomotapa) und sein Gefährte André Fernandes, Francisco Monclaro (offizieller Begleiter Francisco Barretos nach Monomotapa, 1569-73), Bischof Oviedo († 1577) in Abessinien mit seinen Mitarbeitern, und Thomas Stevens, der wohl als erster Engländer das Kap der Guten Hoffnung umschiffte.

In der Epoche 1580-1640 wirkte sich die Personalunion mit Spanien nach dem Urteil des Verf. für Südafrika nicht nachteilig aus, da die Spanier vertragsgemäss dort nur Portugiesen zuließen und im übrigen durch ihre Weltmacht Portugal eher stärkten. Die Hauptschwierigkeit kam in diesem Zeitabschnitt von den kalvinischen Holländern und den Engländern, die seit Ende des 16. Jahrhunderts durch ihr hemmungsloses Piratentum die Meere unsicher machten und die reichbeladenen Schiffe der Portugiesen auf dem Heimweg von Brasilien oder Indien kaperten. Die neuen Mächte suchten Portugal überhaupt aus dem Osten auszuschalten, obwohl vergebens. In unserer Epoche fiel lediglich Ormuz in die Hand der Perser (mit Hilfe der Engländer!). Südafrika konnte, soweit es bisher von den Portugiesen besetzt war, durchaus gehalten werden, wenn es auch harte Arbeit kostete (Belagerungen von Moçambique). Freilich war nicht zu verhindern, dass sich Holländer bzw. Engländer in St. Helena und in Kapstadt dauernd festsetzten. Neben dem Völkerkampf spielte auch der religiöse Gegensatz eine wichtige Rolle, da die Protestanten oft mit vandalscher Wut alles zerstörten, was den Katholiken heilig war. Ausser diesen europäischen Mächten waren auch die Türken überall erbitterte Feinde der Portugiesen. In all diesem Ringen zeigt Verf. die ruhige, zielbewusste Haltung der Portugiesen und unterstreicht ihre grossen Verdienste um die Zivilisation der Neger.

Auch hier ist der Rahmen weit gespannt: die Geschicke Mombassas, der Handel im Gebiet des Sambesi, die Entwicklung von Moçambique, Zululand und Angola, die Gründung Kapstadts, die Niemandsinsel St. Helena, die Lage in Abessinien, Versuche, Madagascar zu erschliessen usw. bilden das Hauptthema. Eingestreut sind die Kämpfe der iberischen und holländischen Juristen um die Freiheit der Meere, die vielen Schiffbrüche an den afrikanischen Küsten, die Tätigkeit der Kirche (deren Hierarchie erst in neuester Zeit ausgebaut wurde) und der Orden (Dominikaner, Augustiner, Kapuziner und Jesuiten). Im einzelnen ist Kap. 9 der Missionsmethode in Südafrika gewidmet, Kap. 10 der Tätigkeit der Dominikaner und Jesuiten in Moçambique und am Sambesi, Kap. 17 der schwierigen Mission in Aethiopien (P. Páez und P. De Georgiis) sowie dem missglückten Versuch, eine Verbindung über Land zwischen Abessinien und Portugiesisch-Afrika zu finden.

In den vorliegenden Bänden sind manche sachliche Fehler und Ungenauigkeiten unterlaufen, so wird z. B. im ersten Werk gesagt, dass Juan de Albuquerque Dominikaner und Erzbischof war (S. 307), während er Bischof und Franziskaner war, dass Fr. Diego Bermúdez O. P. 1540 nach Indien kam (ebd.), dass João Bermudes Patriarch von Abessinien war (S. 107) usw. Auch die bibliographischen Angaben der Anmerkungen sind leider oft mangelhaft und ungenau. Trotz der vielen angeführten Werke vermissen wir einige wissenschaftliche Arbeiten, die mit Nutzen hätten ausgewertet werden können; es seien nur erwähnt: L. Kilger O. S. B., *Die ersten Jesuiten am Kongo und in Angola 1547-75*, in *Zeitschrift für Missionswissenschaft*, 11 (1921) 15-33; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, II/2 (Porto 1931) 542 ff. (Na África occidental e setentrional), II/2, 505-73 (Angola); ders., *Mestre João Bermudez*, Separata nº 30, *Revista de História* (Porto 1919); ders., *Uma História inédita de Angola* (Ms. do século XVI), Lisboa 1934 (vol. II, *Arquivo histórico Português*); Benno Biermann O. P., *Zur Geschichte der alten Kongo-Mission*, in *Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft*, 4 (1948) 98-104; S. Leite *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 10 Bände (Rio de Janeiro 1938-50), passim über die Beziehungen Westafrikas (bes. Angolas) mit Brasilien; A. Valignano S. I., *Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales (1542-64)*, ed. J. Wicki (Roma 1944), mehrere Kapitel über Ostafrika.

Wenn demnach auch noch manche Lücken zu ergänzen und Mängel zu beheben sind, so müssen trotzdem diese Bände Welchs als ein mutiger Versuch gewertet werden, die Geschicke Südafrikas von 1557 bis 1640 zusammenhängend und übersichtlich behandelt zu haben.

Rom.

J. WICKI S. I.

GIUSEPPE TUCCI. *Italia e Oriente*. — Milano (Garzanti) 1949, 8°, 257 S.
(= Piani, Biblioteca di studi economici sociali politici e storici, 12).

In anschaulicher Weise führt uns Verf. in die Beziehungen Italiens zur östlichen Welt seit der Römer Zeit bis zur Gegenwart ein. Der Inhalt ist klar und übersichtlich gegliedert, auf 13 Kapitel verteilt, die sich besonders mit Indien und Tibet, Persien, China und Japan befassen, während von Siam nur auf S. 255 die Rede ist und die malaiische Inselwelt ganz fehlt. Das Interesse des Verf. gilt vor allem der Kunst, den Reisen, den asiatischen Religionen und Literaturen, der Philologie, aber auch den Handelsbeziehungen.

Die ersten drei Kapitel behandeln den Zug Alexanders d. Gr. nach Indien, durch den der Westen mit dem Osten zuerst in engere Beziehung kam, die Land- und Seewege der Antike nach Indien, die Funde römischer Münzen dort und in China, die indischen Gesandtschaften zu den römischen Kaisern, die Gandhāra-Kunst sowie die geheimnisvollen « Seres ». Nach einer langen Unterbrechung, die durch die mohammedanische Sperre bedingt war, traten die Handelsstädte Genua und Venedig im ausgehenden Mittelalter wieder in Fühlung mit der Levante, während das Papsttum mit den Mongolenherrschern Asiens durch die Bettelorden Annäherung suchte. Diese Zeit ist ferner gekenn-

zeichnet durch den Fortschritt in der Kartographie, sowie durch verschiedene berühmte Reisewerke (Marco Polo, Conti).

Mit der Erschliessung des Seeweges durch die Portugiesen beginnt eine neue, sehr fruchtbare Zeit der Beziehungen mit dem Osten, die hauptsächlich durch die katholische Mission ihre Note erhält (Kap. 4-6-12). Missionare, wie Valignano, Ricci, De Nobili, Fenicio, Beschi, Desideri und Castiglione, um nur die Jesuiten zu nennen, werden hier wegen ihrer hervorragenden Verdienste um die Orientalia gebührend behandelt. Die japanischen Gesandtschaften von 1585 und 1615 bedürften allerdings noch einer gründlicheren Behandlung. Lesenswert sind die Ausführungen über die Weltreisen von Italienern und den literarischen Niederschlag in Europa (Ramusio, Pigafetta, Careri; Kap. 5), wie auch die über Venedigs Stellung zu Persien, um den gemeinsamen Feind, die Türken, zu bekämpfen (Kap. 9).

Das letzte Kapitel beschäftigt sich mit der Orientalistik des 19. und 20. Jahrhunderts, bei der die kirchlichen Kreise stark zurücktreten (beinahe als einziger wird der Jesuit A. Zottoli, Zi-ka-wei, genannt).

Mit sichtlicher Liebe ist Verf. den vielen Fäden nachgegangen, die den Westen mit dem Osten verbinden und umgekehrt. Hohes Lob zollt er den katholischen Missionaren, ohne deren Tätigkeit der Beitrag wesentlich geringer wäre. Dabei muss man noch berücksichtigen, dass die Missionstätigkeit als solche überhaupt nicht behandelt wird. So sind für Institute, wie das ehemalige orientalische Kolleg in Neapel oder das der Propaganda in Rom (als Ausbildungsstätten) nicht erwähnt. Auch die verschiedenen wertvollen Bestände der Vatikanischen Bibliothek an Orientalia werden nicht in Erinnerung gebracht. Willkommen wären auch einige Angaben über das Istituto del Medio ed Estremo Oriente in Rom.

Dass die religiöse Toleranz in Indien nicht immer so gross war und ist, bezeugt übergenug die Geschichte der christlichen Missionen. Auch mit manchem Urteil weltanschaulicher Prägung werden wohl nicht alle Leser einverstanden sein. Schon vor De Nobili und Fenicio hatten die Jesuiten ziemlich gute Kenntnisse über den Hinduismus und sogar über die Vedānta-Philosophie (zu S. 168; siehe AHSI, 14 [1946] 74-75). In manchen Einzelheiten bedürfte das Buch des Verf. einer Korrektur, so etwa wenn von Xaver gesagt wird, dass er *Portugiese* war und seinen Hauptbrief aus Japan 1550 schrieb (zu S. 128-29); ferner heisst der wiederholt zitierte Künstler *Wierz*.

Trotz dieser Aussetzungen ist Tuccis Buch durchaus lesenswert und es bietet einem weiteren Leserkreis ein lebendiges Bild, wie Italien durch zahlreiche Bände mit den Kulturen Asiens jahrhundertelang verbunden war und es noch ist.

Rom.

J. WICKI S. I.

JOSEF FRANZ SCHÜTTE S. I. *Valignanos Missionsgrundsätze für Japan.*
I. Band. *Von der Ernennung zum Visitator bis zum ersten Abschied von Japan (1573-1582).* I. Teil. *Das Problem (1573-1580).* — Roma (Edizioni di Storia e Letteratura) 1951, 8°, LVI-474 S. (= Storia e Letteratura, 36).

Das Gesamtwerk, von dem hier der erste Halbband vorliegt, soll drei Bände und die Jahre 1573-1606 umfassen. Es will keine Lebensgeschichte Valignanos und auch keine Missionsgeschichte Japans bieten, sondern nur die Entstehung und Entwicklung der persönlichen Missionsgrundsätze des grossen Visitators und Organisators für Japan darstellen. Der erste Teil des ersten Bandes umfasst zwar nur die 13 ersten Monate von Valignanos Aufenthalt im Lande der aufgehenden Sonne, aber er bietet weit mehr als der Titel ahnen lässt; auf gründlicher Quellenkenntnis aufgebaut ist er ein äusserst wertvoller Beitrag zur Geschichte seines Helden, der fernöstlichen Mission und Ostindiens überhaupt.

Zu Beginn erhalten wir eine Liste der Schriften Valignanos, 437 Nummern (S. XXIX-LVI), sowie in gedrängter Kürze eine Übersicht über sein Leben nebst einer Darstellung seines Charakters (36-50) als Einleitung zum eigentlichen Thema, das in fünf Kapiteln behandelt wird. Das erste (Die Grundlagen) schildert, immer unter besonderer Berücksichtigung der Missionsprobleme und deren Lösung, die Ernennung zum Visitator, sowie seinen Aufenthalt in Spanien und Portugal; das zweite (Die erste Entfaltung) nach einer guten Darstellung der staatlichen und kirchlichen Verwaltung des portugiesisch-ostindischen Kolonialreiches (115-150, wichtig z. B. der Abschnitt über die Fahrzeiten der Schiffe, S. 123-33), seine Tätigkeit in Indien, wobei Land und Leute, Missionsstand und Missionsprobleme zur Sprache kommen. Das dritte Kapitel enthält das Leben und Wirken seines Vorgängers in Japan, Francisco Cabral, der hier 1570-79 mit grossem Erfolge wirkte. Das vierte Kapitel (Valignanos Missionskrise) gibt die Ankunft des neuen Visitators in Japan und die schweren Probleme, die ihm die bisherige Missionsmethode Cabrals vorlegte; das fünfte den ersten Lösungsversuch im Jahre 1580.

In der Einleitung gibt Schütte eine gute Übersicht über die Druckwerke, die für unsere Zeit in Frage kommen, mit neuen Angaben z. B. über Frois und Bartoli (15-34); aber da die früheren Autoren fast nur die äussere Geschichte behandelten, stützt er sich fast ausschliesslich auf das äusserst reichhaltige ungedruckte Quellenmaterial, vor allem auf die Originalbriefe und Berichte Valignanos, die überall in den Noten genau zitiert werden. Ein Riesenstoff ist hier meisterhaft verarbeitet. Den Namen sind die chinesischen Schriftzeichen beigefügt und 17 Bilder ergänzen dem Text. Druck und Ausstattung lassen, wie dies bei dieser Sammlung von selbst versteht, nichts zu wünschen übrig.

Die chinesischen Typen sind in vielen Fällen nötig, in anderen zum mindesten nützlich; vielleicht hat der Verfasser des Guten etwas zuviel getan. So gibt er

z. B. für einen so bekannten Ort wie Nagasaki 65 mal die chinesischen Ideogramme (auch 2-3 mal auf derselben Seite), 50 mal für Bungo und ebenso oft für Kuchinotsu, und selbst bekannten Ausdrücken wie Sake, Kimono, Byōbu, Daimyō und Samurai werden diese Schriftzeichen beigefügt. Die Zitate hätte man vereinfachen können, da ja ein alphabeticches Literaturverzeichnis dem Werk vorangeht. In diesem wird unter « De Missione Legatorum » auf « SANDE » verwiesen, der aber dann vergessen wurde. Es dürfte die Leser interessieren, dass von diesem äusserst seltenen Buche 1935 in Tokio eine Faksimileausgabe in 500 Exemplaren erschien. Zur S. 224 erwähnten Gründung einer Tamildruckerei wäre zu bemerken, dass sich die beiden von ihr 1578 in Quilon und 1579 in Cochin gedruckten Tamilkatechismen erhalten haben. Vom zweiten befindet sich ein Exemplar in der Bibliothek der Sorbonne (vgl. unseres Artikels in *Die katholischen Missionen*, 58 [1930] 211-12), vom ersten tauchte Ende 1950 ein Exemplar in London auf, das 1951 von der Harvard University erworben wurde. Die « armenischen » Bischöfe (177) sind aramäische d. h. ostsyrische; die Portugiesen gebrauchten dasselbe Wort für sie und für die Armenier.

Rom.

G. SCHURHAMMER S. I.

VICENTE D. SIERRA. *Los jesuitas germanos en la conquista espiritual de Hispano-América. Siglos XVII-XVIII.* Prólogo de Ricardo W. Staudt. — Buenos Aires 1944, gr. in 8°, XV-422 S., Zahlreiche Abbildungen, 7 geographische Karten und einige Faksimiledrucke. (= Publicaciones de la Institución cultural Argentino-Germana, Nr. 15. Facultades de Filosofía y Teología, San Miguel, F. C. P., Prov. de Buenos Aires).

Reichlich spät erscheint die Besprechung des oben angezeigten Werkes. Der Weltkrieg und seine Folgeerscheinungen haben die kulturellen Beziehungen zwischen der Alten und Neuen Welt auch nach Beendigung der Feindseligkeiten noch geraume Zeit behindert. Erst im letzten Viertel des verflossenen Jahres kam das Rezensionsexemplar in die Hand des Unterzeichneten. Immerhin dürfte eine Anzeige der verdienstvollen Arbeit eines argentinischen Gelehrten auch heute noch den Missionshistorikern nicht unwillkommen sein.

Infolge der Kriegslage war es dem Verfasser versagt, von den Quellen persönlich Einsicht zu nehmen. Edle Freunde haben durch hochherziges Ueberlassen von Dokumenten, Photokopien und Abschriften aus europäischen und amerikanischen Archiven, diesem Manuskript abgeholfen. Wie das Bücherverzeichnis (S. 415-422) darstellt, wurde auch die einschlägige Literatur hinreichend herangezogen, wenn auch der Fachgelehrte das eine oder andere Werk ungern vermissen wird. Um den Verdacht eines engherzigen Nationalismus zu vermeiden, hat der Verfasser den Ausdruck germanos gewählt, indem er die Begriffe « Deutschland », « Deutscher » in dem Sinn und Umfang nahm, den sie im 17. und 18. Jahrhundert hatten. (S. XV. Vgl. auch Huonder S. 4).

Das Werk ist in 3 Bücher eingeteilt, deren jedes in mehrere Kapitel zerfällt. Nachdem der Verfasser in einem Einleitungskapitel für Amerikaner, die mit der Kirchengeschichte Deutschlands weniger vertraut sind, die Restauration des Katholizismus nach der « Reformation » kurz geschildert, und in einem zweiten Abschnitt die Anfänge der Jesuitmissionen in Amerika ebenso knapp gezeichnet

hat, berichtet er im dritten Kapitel über den Eintritt der deutschen Jesuiten in das spanisch-amerikanische Missionsfeld und über deren besondere Eignung für die schwierige und entbehrungsreiche Arbeit unter den wilden Eingeborenen. Dem durch die *Cartas de Indias* hoch gestiegenen Missionseifer stellte sich anfangs ein zweifaches Hindernis in den Weg: zunächst der Mangel an Kräften im eigenen Vaterland, dann aber das Misstrauen der spanischen Regierung gegen Zulassung von Ausländern in die Kolonien. Erst nachdem es gelungen war, die Bedenken und Widerstände von seiten des Staates zu beseitigen, begann der Zustrom deutscher Missionäre reichlicher zu fliessen (S. 3-126).

Der Nachdruck der Arbeit liegt in dem zweiten Buche (S. 127-316), wo Sierra den Beitrag der deutschen Jesuiten zur Evangelisierung und Zivilisation Spanisch-Amerikas ausführlich zur Darstellung bringt. Hohe Anerkennung zollt er den Leistungen jener Männer, die dank ihrer gründlichen wissenschaftlichen und aszeitischen Ausbildung, ihrer zähen Ausdauer, ihrer praktischen Geschicklichkeit, und Organisationsgabe wesentlich zur Blüte der spanischen Kultur im Latein-Amerika des 18. Jahrhunderts beigetragen haben. Neben ihrer Missionsarbeit im engerem Sinne haben sie als fruchtbare Forschungsreisende die Erschließung des westlichen Kontinents namhaft gefördert. Erwähnt seien nur die Namen von Eusebius Kino, Samuel Fritz und Matthias Strobel, denen wir die genauesten Beschreibungen und kartographischen Aufnahmen von Niederkalifornien, dem Amazonasgebiet und Patagonien zu verdanken haben (S. 129-229).

Dass die deutschen Jesuiten in den Heidenmissionen so gesucht waren, ist besonders ihrem praktischen Sinn für die materielle Seite des Missionswesens zuzuschreiben. Da Bekehrungsarbeit von dauerndem Erfolg unter primitiven Naturvölkern ohne Hebung der Kultur kaum möglich ist, legten die Missionare besonderen Nachdruck auf die Besserung der wirtschaftlichen Lage ihrer Pflegebefohlenen. So liess P. Haimhausen (1748) eine Anzahl Künstler und geschickter Handwerker aus den deutschen Ordensprovinzen kommen, mit deren Hilfe er auf der Hacienda von Calera bei Santiago (Chile) verschiedene Werkstätten einrichtete, aus denen Kunstwerke von Ruf hervorgingen. Wenn manche südamerikanische Missionen im Laufe des 18. Jahrhunderts eine wirtschaftlich-gewerbliche Blüte erlangten, dann kommt ein Hauptverdienst der Mitwirkung deutscher Patres und Laienbrüder zu. Als Architekten, Bildhauer, Goldschmiede, Uhrmacher schufen sie Meisterwerke, die auch heute noch die Bewunderung der Kunstkennere erregen (S. 229-251). Genossen die Jesuitenapotheke in Europa einen guten Ruf, dann noch mehr in den Kolonien, wo sie bei dem primitiven Stand des Sanitätswesens von unschätzbarem Werte waren. Die von Bruder Zeitler eingerichteten Apotheken in den Kollegien von Santiago und Concepcion in Chile waren die einzigen des Landes. Als daher 1767 die Vertreibung der Jesuiten erfolgte, hieß der Präsident von Chile—entgegen dem strengen Ausweisungsbefehl—den deutschen Bruder noch 4 Jahre im Lande zurück, „damit die Hauptstadt einer so notwendigen Anstalt nicht beraubt werde“, und Zeitler inzwischen einige Laien zu Apothekern heranbilde. Die Buchdruckerkunst kam zwar schon mit den Konquista-

doren nach der Neuen Welt (Mexiko), indes verdanken einige Staaten des südamerikanischen Kontinents die ersten Druckereien den deutschen Jesuiten.

Die Leistungen der Patres auf den Gebieten der Sprach- und Naturkunde, der Ethnologie und Kartographie finden immer noch ehrenvolle Anerkennung bei den Amerikanisten der Gegenwart. Zwar ging die Sehnsucht aller, die aus Deutschland in die Missionen gingen, auf die religiöse Betreuung der Heidenvölker hin, doch fanden verhältnismässig nicht wenige Verwendung als Professoren in den Kollegien, da man ihre Talente dort besser angebracht glaubte. Besonders auffällig ist die Tatsache, dass in den spanischen Kolonien eine nicht geringe Zahl deutscher Jesuiten hohe und ehrenvolle Ordensämter bekleideten, als Obere ganze Provinzen leiteten, als Visitatoren im Namen des Ordensgenerals den Stand der überseeischen Provinzen prüften, als Rektoren an der Spitze grosser Kollegien standen oder als Novizenmeister die Ordensjugend in den Geist und die Satzungen der Gesellschaft einführten. Bei der allgemeinen Beliebtheit und Hochschätzung, deren sich die deutschen Glaubensboten bei Eingeborenen und Kolonisten in Südamerika erfreuten, wird es nicht wundernehmen, dass sich die Missionsprokuratoren bei ihren Reisen in Europa immer wieder um Patres und Brüder aus der deutschen Assistenz bewarben.

Der arbeits- und erfolgreichen Wirksamkeit des Jesuitenordens in Latein-Amerika setzte die allgemeine Vertreibung der Gesellschaft aus den Ländern der spanischen Krone ein jähes Ende (Real Cédula vom 27. Februar 1767). Gleich ihren spanisch-amerikanischen Mitbrüdern traf auch die deutschen Jesuiten das harte Los der Verbannung. Die genaue Zahl lässt sich nicht feststellen. Nach den Verzeichnissen im Archiv von Simancas waren es gegen 230-280, die mit blutendem Herzen ihr geliebtes Arbeitsfeld verlassen mussten. Einige erlagen den Strapazen bereits auf der Reise, andere wurden von Spanien aus in ihre Heimat entlassen, andere wieder empfingen den Lohn für ihre segensreiche Kulturarbeit in jahrelanger oder gar lebenslänglicher Gefängnishaft. Eine Anklage oder ein ernstliches Verhör wurde nie erhoben. (Vgl. Mundwiler, Deutsche Jesuitenmissionäre in spanischen Gefängnissen im 18. Jahrhundert. Zeitschrift für katholische Theologie 26, 1902, 621-672).

Wohltuend berührt die Hochachtung des argentinischen Gelehrten vor den kulturellen Leistungen der deutschen Missionäre, mit deren Anerkennung er nicht kargt. Zu bedauern ist nur, dass ihm die Kenntnis der deutschen Sprache abging, wie er selber in der Vorrede bekennt. Infolge dessen haben sich zahlreiche Verstöße eingeschlichen, bzw. sind unberichtigt geblieben. Es liegt nicht in unserer Absicht, an einem für Ausländer ohnehin schwierigen Werk kleinliche Kritik zu üben. Wir beschränken uns daher auf einige Fehler hinzuweisen. Mit dem P. Javier, Provincial de Germania Superior, ist P. Franz Xaver Amrhyne gemeint (94). P. Dedelley war nicht Provincial der Germania Superior, sondern Socius des Provinzials (120). P. Ketteler war nicht Provincial der österreichischen Provinz (228). P. Stephan Raab war nicht Assistente de Alemania, sondern Socius des österreichischen Provinzials (199). S. 162 muss es heißen: Freiburg im Breisgau statt in Breslau. P. Bischof stammte aus Glatz in Schlesien, nicht aus Gratz in Bohemia (323). P. Ignaz Tiers (Tirsch) war geboren zu Comotau, das in Böhmen, nicht in Bayern liegt.

Rom.

W. KRATZ S. I.

Memoria del primer Congreso de Historiadores de México y los Estados Unidos celebrado en la ciudad de Monterrey Nuevo León, México, del 4 al 9 de septiembre de 1949: Proceedings of the First Congress of Historians from Mexico and the United States Assembled in Monterrey Nuevo Leon, Mexico, September 4-9, 1949. — México (Editorial Cultura, T. G., S. A.) 1950, 8°, 420 p. with one map.

As indicated by the bilingual title, the present publication records the First Congress of Mexican and North American Historians. More than one hundred delegates from both countries participated in it during six crowded days. The numerous papers, followed by discussions, are here published in their original language—English or Spanish—with a translated summary; in a few instances the entire contribution is translated. Such a record will of necessity embrace a wide range of subjects and even points of view on the same subject.

In the Foreword we learn that some two years of careful planning especially on the part of Drs. Zavala and Hanke preceded the Congress. The inaugural session created an atmosphere of friendliness and mutual understanding; it established a common ground on which the delegates could meet and, it is hoped, will continue to work.

Subsequent sessions discussed the teaching of history, the preservation and organization of source materials, the economic relations of the United States and Mexico, the Frontier Provinces, literary history, comparative historical development of land systems in Mexico and the United States, intellectual history or the history of ideas.

The third session has a more direct bearing on the problems of the professional Historian—the preservation and organization of source materials. Here two contributions are of special significance: those of J. Ignacio Rubio Mañé of the Archivo General de la Nación and Luther E. Evans of the Library of Congress. Dr. Rubio explained the section of the Archivo General de la Nación that has to do with the Provincias Internas (the Northern Provinces of New Spain) and the archival material at hand concerning them. The bibliography appended to his study shows what research has been done on the subject since colonial times. He notes that Dr. Bolton's well known *Guide* is still the only work of its kind for the use of Mexican archives. The Diaries of Fathers Kino and Morfi, the reports of Fathers Talamantes and Pichardo are taken from this section of History; the investigation of such scholars as Bolton, Castañeda, Fathers Dunne, Geiger and Steck owe much to this rich fund of material. Dr. Evans rises to a higher plane in his discussion—the preservation of the documentation on the History of the Americas—by insisting on the necessity of extending international co-operation among the institutions that devote themselves to the History of the Americas.

He sets forth the goal of such cooperation and the principles adopted by the Library of Congress in its regard, namely: (1) the right of each country to preserve its own documents that form a vital part of its cultural heritage, (2) the

mutual assistance that the American countries should give in order to preserve and catalog scientifically their respective sources of History, (3) the Interamerican cooperation to preserve and make accessible through microfilming rare documents, including those that are located in Europe. In discussing this last point, he stressed the program which the Library of Congress is effecting through its Microfilm Laboratory in Mexico. Important for scholars is the knowledge of what has been microfilmed; this is reported through *The Library of Congress Quarterly Journal of Current Acquisitions*.

Lucio Mendieta y Núñez of the University of Mexico had his paper read at the seventh session; its title was «The Land System of Mexico in the Nineteenth Century». We do not know what the exact content of the original contribution was, for it soon becomes evident that one thing was read to the delegates and quite another printed in the present volume. Among the charges he brought against the Church was that it owned half the land of the country; this statement was naturally challenged (pp. 259-268, especially p. 260). Seemingly appraised of this demand for proof, he deletes the charge in the printed account and substitutes it with a paragraph that ends with a rather weak claim that the Church's wealth was «considerable» («esos bienes eran cuantiosos», p. 213). How the Church was to build the schools and churches for an extensive nation, maintain numerous colleges, hospitals, orphan asylums, dispensaries for the poor sick, found missions among warlike Indians and civilize them, without a considerable capital to draw on, he does not tell us. When one large American University has a larger capital than he can claim for the entire Mexican Church, it is hard to see how the religious institutions could have monopolized the wealth of the country as he tries to prove. A simple distinction would have enabled him to study the problem objectively — was the wealth used selfishly for a few privileged individuals or for a considerable percentage of the people? The institutions mentioned above are hardly by their very nature able to benefit their administrators. Mendieta might well have pondered over the words recorded of Mr. Paul V. Murray of the Mexico City College (p. 263): «Reconoce que hay una historia oficial del siglo XIX mexicano seguida por la ponencia de Mendieta. Cree que es difícil investigar el problema de la tierra, saliéndose de esta versión, sin relacionarlo íntima y debidamente con el tema de la Iglesia y el Estado. Este campo tampoco se ha estudiado con la profundidad debida ya que se desconoce en total la situación de los propios miembros de Clero y Jerarquías, palabras que no son suficientes para explicar lo ocurrido y considerar sus intereses como opuestos a los del país.»

This report as a whole reveals the main elements that fashion the concept of history of the United States and Mexico. These delegates exchanged their thoughts in an atmosphere of friendliness and mutual understanding as we noted at the beginning of this review; as one proceeds through the report, he almost wishes that they had not always worked so harmoniously together but had dared to bring out into the open for candid discussion the ideas, problems, traditions and beliefs as well as divergent concepts of their countries' history that keep the two peoples from understanding each other. In this way the Congress might have proven even more productive of good. Will a subsequent meeting dare take such a step?

Rome.

E. J. BURRUS S. I.

ALEXANDER J. CODY S. I. *A Memoir: Richard A. Gleeson, S. I.* — San Francisco (University of San Francisco Press) 1950, 8°, 216 p. with frontispiece and 5 illust. outside the text.

The author, like Virgil, « sings of a man and arms ». The man, as the title indicates, is Father Richard Gleeson S. I. (1861-1945). Born and educated in Philadelphia, Richard volunteered for the Jesuit Mission of California, which then included the entire far west. This was to be the main field of his activity and varied apostolate for nearly seventy years. Long years of training (1877-1896), however, lay ahead of him before he could give himself wholly and uninterruptedly to the sacred ministry: Pastor in Los Gatos, San Jose, Santa Barbara, St. Ignatius in San Francisco, Blessed Sacrament in Los Angeles; Prefect of Studies in Santa Clara, President of Santa Clara; organizer and director of retreats for laymen and religious; moderator of Sodalities and other pious associations; Superior of the Province; guide, counsellor and friend to thousands.

Great and near great enter his life; some for a brief appearance, others as constant companions: Archbishop Alemany, Bishop Crimont, Fathers Dominic Giacobbi, Bernard, Kenna, Dillon, Kavanagh, Foote, Woods, Professor Montgomery, pioneer in aviation, Dr. Gerlach. Of special interest are the pages that tell of the Mexican Jesuit exiles welcomed by Father Gleeson to the California Province during the persecution that began in 1914; one of the exiles given hospitality by the Provincial was one particularly lively lad, Miguel Pro by name.

The book is a memoir not an exhaustive biography. Letters written or received are but seldom quoted even partially, except some written during a pilgrimage to Rome in 1926. The 216 pages of clear, rhythmic prose are eminently readable; charm of style is never absent, although in some sections extremely short sentences may prove disconcerting; a quiet humor brightens the pages of the book. Studious readers will welcome the excellent index. The Italian phrase on page 149 should read, « Ecco il Santo Padre ».

The author has succeeded in conveying a clear idea of the extensive activity of Father Gleeson by giving a well balanced account of it in the course of his story, but it is above all the spirit that animated it that he reveals so unmistakably to us: the spirit of the apostle, of a man who loved God and his neighbor with a love that took generosity and sacrifice for granted.

The arms Father Gleeson used to fight his successful battle are his natural and spiritual endowments; not enumerated nor described for us, but manifested in action. It is not claimed that he possessed all natural talents. The many qualities he lacked to be an eloquent orator had to be compensated for by industry and zeal.

Rome.

E. J. BURRUS S. I.

A. SIMON. *Le Cardinal Sterckx et son temps (1792-1867).* T. I. *L'Eglise et l'Etat;* T. II. *L'Eglise dans l'Etat.* — Wetteren (Editions Scaldis) 1950, gr. 8°, XX-624, 480 p.

Engelbert Sterckx, né en 1792 et élevé « au bruit des batailles », Malines, il entre cinq ans plus tard, à sa demande, dans le ministère

Malines, il entre 5 ans plus tard, à sa demande, dans le ministère pastoral et est nommé en 1821 curé à Bouchout près d'Anvers; en 1824 nous le retrouvons pléban de la cathédrale d'Anvers et doyen de Notre-Dame; il avait à peine 32 ans. Sa prudence et ses qualités de bon sens lui vaudront un rapide avancement. Pendant qu'il était encore doyen d'Anvers, le Prince de Méan, archevêque de Malines, le nomma en janvier 1827 vicaire général; le gouvernement hollandais, qui s'arrogeait ce droit, ne confirma la nomination qu'au mois d'août 1830, peu de jours avant la révolution. Lorsque le Prince de Méan mourut à Malines le 15 janvier 1831, Sterckx est élu vicaire capitulaire; le 24 février 1832 il est préconisé archevêque de Malines et est sacré le 8 avril de la même année. En septembre 1838 Grégoire XVI l'élèvera au cardinalat.

C'est à cette longue carrière de près de 40 ans d'archiépiscopat que le chanoine Simon, professeur à la faculté universitaire Saint-Louis à Bruxelles, a consacré un ouvrage considérable. Ce n'est pas sans raison qu'il intitule son livre *Le Cardinal Sterckx et son temps*. Il nous donne en effet une étude approfondie de l'époque où vécut son héros et qui repose sur une documentation qu'on peut dire complète. Pour la connaissance de la situation intérieure de la Belgique et des relations entre l'Église et l'État à cette époque, ces deux volumes sont une contribution importante dont les historiens devront tenir compte.

Les difficultés ne manqueront pas au jeune archevêque. Grâce à son optimisme et à son bon sens il saura aller de l'avant. Déjà sous le Prince de Méan Sterckx avait, comme vicaire général, joué un rôle important; c'est lui qui décida son archevêque à s'opposer à la reconnaissance du Collège philosophique de Louvain, imposé par Guillaume I, roi de Hollande, comme établissement unique pour la formation du clergé. On sait que cette opposition des catholiques ne contribua pas pour peu à la révolution qui en 1830 détacha la Belgique de la Hollande.

Dans un premier volume « L'Église et l'État » l'auteur étudie la situation particulière de l'Église belge durant cette période initiale de l'indépendance nationale où tant de choses étaient à régler et où les heurts se feront bientôt sentir.

Le Congrès national de 1830 en élaborant la Constitution Belge y avait introduit certains principes libéraux qui la rendaient suspecte à Rome. Sterckx s'en montrera partisan sincère et s'efforcera de dissiper les préventions romaines. Pour lui la Constitution n'introduisait pas de séparation complète entre l'Église et l'État. Dans la pratique l'État se soucie de l'Église, prend à sa charge les traitements du clergé; il maintient les lois relatives au temporel du culte. Sterckx ne cessera de défendre cette thèse.

Les conflits avec l'État ne manqueront pourtant pas: antériorité du mariage civil — question des cimetières que l'Église revendique pour ses fidèles — loi sur les fabriques d'église; le gouvernement consentira à ne pas intervenir dans les nominations mais exigera le contrôle des comptes — bourses d'études dont l'État s'arroge la destination sans tenir compte de la volonté des testateurs. Il y a surtout la question sco-

laire: loi de l'enseignement primaire votée en 1842, qui donnait au clergé sa place dans l'école; en 1854 loi sur l'enseignement moyen. Après de longs pourparlers les évêques, qui auraient voulu avoir en mains tout le contrôle de l'enseignement, consentirent à accorder des ecclésiastiques pour l'enseignement religieux dans les Athénées de l'État; loi sur l'enseignement supérieur et les jurys universitaires. Dans toutes ces questions le cardinal interviendra activement et souvent efficacement.

Le second volume « L'Église dans l'État » fait connaître surtout l'action pastorale du Cardinal: ce qu'il fit pour la formation de son clergé, pour l'instruction du peuple par la publication de son catéchisme. Sous lui eurent lieu les grandes missions populaires qui, pendant plusieurs années, renouvelèrent l'aspect de la Belgique au point de vue religieux.

A la fin de la carrière du Cardinal Sterckx se tinrent à Malines les grands congrès catholiques, dont le retentissement fut considérable. Ils marquèrent le commencement de l'organisation définitive du parti catholique en Belgique.

Les nombreux voyages à Rome du Cardinal sont racontés non sans humour parfois. M. Simon parlera aussi des relations de l'archevêque avec les différents nonces de Belgique, entre autres avec Pecci, le futur Léon XIII, qui sut apprécier la ténacité de son caractère, « tenace del proposito, corrispondente all'indole dei Fiamminghi » (II, 421).

Un des titres de gloire de Sterckx fut la fondation de l'Université Catholique, établie d'abord à Malines en 1834 et transférée dès 1835 à Louvain, où elle devait reprendre les traditions séculaires de l'ancienne Université Brabançonne. Le Cardinal en fut le grand promoteur et déploya toute son énergie et toute son activité à l'établir et à la développer. Elle se trouvait placée sous la dépendance exclusive des évêques de Belgique.

Un épisode pénible pour Louvain fut la condamnation du traditionalisme. Le Cardinal qui « ne s'embarrassa pas de spéculation et de théories, desquelles l'absence de longues études spéculatives l'a tenu à l'écart » (I, 198 sq.), se reposait tout entier sur Mgr De Ram, le premier Recteur de Louvain; pour les opinions libres ou estimées telles, il faisait tout crédit aux professeurs de la Faculté de théologie. Depuis longtemps l'enseignement du professeur Ubachs préoccupait l'opinion romaine. Un exposé fait par Ubachs et ses collègues et envoyé au cardinal Andrea, Préfet de la Congrégation de l'Index, avait reçu une réponse rassurante: « Ubachs n'aurait enseigné que des opinions libres ». Mais Pie IX dénia toute autorité à cette réponse qui avait tranquillisé le cardinal Sterckx (II, 186). Lorsqu'arriva la condamnation des doctrines d'Ubachs, celui-ci donna aussitôt sa démission de professeur.

M. Simon dans un chapitre qu'il intitule « Un très grave dissident » parle du conflit qui éclata entre le Cardinal et le collège N. D. de la Paix dirigé par les Jésuites à Namur. Ceux-ci avaient donné d'abord en latin, puis en français, un cours de philosophie; les élèves pouvaient se présenter devant le jury central de l'État et obtenir le diplôme de

candidat en philosophie et lettres. Mgr Sterckx y vit un danger pour l'Université de Louvain, qui voulait garder le monopole de l'enseignement de la philosophie. Les Jésuites, forts de leurs droits et encouragés par Rome et par le nonce, tinrent bon. Ils n'en voulaient nullement à l'Université de Louvain; ils envisageaient avant tout le bien de la jeunesse, d'autant plus qu'à cette époque, nous l'avons dit, la doctrine philosophique qu'on y enseignait n'était pas à l'abri de tout reproche. M. Simon le fera remarquer, les faits ont montré que l'Université de Louvain n'avait rien à craindre des Facultés de Namur. Elles n'ont cessé, tout comme la Faculté Universitaire de St-Louis confiée au clergé séculier, de diriger vers l'Alma Mater de Louvain de nombreux élèves pour les Facultés de Droit et des Sciences. Toute cette question est exposée avec sérénité.

M. Simon, qui n'a pas voulu n'entendre qu'une cloche, a eu à sa disposition de la part des Jésuites toute la documentation désirable. On ne peut néanmoins se défendre de l'impression, qu'au cours de l'ouvrage ceux-ci jouent un peu le rôle de bouc émissaire. Dans l'affaire du traditionalisme, par exemple, ils font figure d'avoir été presque les seuls promoteurs de la condamnation. Le futur cardinal Zigiara O. P., qui en fut un des agents principaux, n'est même pas cité. M. S., qui avait à sa disposition de si riches documents, n'attache-t-il pas non plus trop d'importance à de simples propos et à des « on dit » recueillis dans la correspondance?

Le Cardinal Sterckx n'était pas opposé aux religieux; il s'occupa lui-même de la rédaction des statuts de deux congrégations religieuses; mais il aurait voulu les avoir toutes entièrement sous la main. Jusqu'à la fin de sa vie il fit près du Pape Pie IX des instances pour obtenir la suppression de leurs exemptions. Rome se montra sourde à ses demandes. Il demande à Pie IX « que les religieux ne puissent ériger de nouveaux couvents... sans la permission de l'évêque » (II, 89). Déjà le Concile de Trente avait prescrit cette mesure. Ces prescriptions se trouvent maintenant dans le nouveau Droit Canon, paragr. 497. Comme le fait remarquer M. S., cette façon d'agir « est le résultat du tempérament méthodique et laborieux de Sterckx, mais également de l'action ecclésiastique fonctionnarisée par Napoléon »; « elles font comprendre qu'il ait voulu glisser sous sa mouvance spirituelle l'activité des ordres religieux » (II, 271).

On regrette que par endroits le style de l'auteur ne soit pas châtié davantage et que sa langue soit parfois incorrecte.

Ami de Pie IX et très en faveur près de Léopold I, le Cardinal Sterckx joua un rôle marquant dans l'organisation de l'Eglise de Belgique après 1830. On saura gré à Monsieur le Chanoine Simon d'avoir fait pleinement connaître et saisir cette noble figure; elle inaugure dignement la série des grands cardinaux qui depuis plus d'un siècle illustrent le siège métropolitain de Malines.

Rome.

C. VAN DE VORST S. I.

ELEANOR RUGGLES. *Gerard Manley Hopkins. A life.* — London (John Lane the Bodley Head) 1947, 8°, 247 p., with a portrait. — 10s 6d.

GEORGES CATTAIL. *Trois Poètes. Hopkins, Yeats, Eliot.* — Paris (L. U. F., Egloff) 1947, 12°, 170 p., 3 portraits h. texte.

Nueva prueba del creciente interés qua va suscitando la personalidad del P. Gerard M. Hopkins S. I., interés que tiende a igualar y aun tal vez a superar el de su poderosa obra poética, es la reciente biografía de Eleanor Ruggles.

La a. ha sabido recoger cuantos datos biográficos o ilustrativos se encuentran dispersos en los escritos del jesuita poeta, en la historia religiosa y civil de la Inglaterra victoriana, y aun en las biografías de personajes que tuvieron algún contacto con el biografiado. Y, lo que es más de apreciar, se ha esforzado por trazar un cuadro objetivo e imparcial de los diversos ambientes en que se desarrolló su vida: familia, colegio, corrientes religiosas de Oxford, vida del novicio, del escolar y del sacerdote de la Compañía de Jesús.

Es verdad que el método empleado por la a., de ir adicionando hechos, anécdotas y testimonios, sin dar relieve particular a los de mayor significación, ni agrupar los menos importantes en haces de luz que ilustren las diversas facetas del biografiado, sino poniéndolos todos casi a un mismo nivel — de ordinario en simple yuxtaposición cronológica — y aun dando a veces mayor extensión a los episodios más insignificantes — quizás por lo que tienen de entretenido o pintoresco —, desconcierta frecuentemente al lector: viendo narrado con tanta detención un hecho al parecer sin importancia, naturalmente busca uno la significación especial, que en realidad no tiene. Esta puede haber sido la causa de que algún crítico haya creído ver en el libro de Miss Ruggles insinuaciones maliciosas e ironías, que sin duda estaban lejos de la intención de la a. En cuanto a la vida jesuítica del P. Hopkins, si tenemos en cuenta la dificultad diríase insuperable para quien la mira desde fuera, más aún, desde lejos, no podemos menos de constatar con satisfacción que los esfuerzos de objetividad de la a. han sido coronados de éxito superior al que se pudiera prever.

No es, sin embargo, extraño que no haya podido penetrar en varios de los aspectos de esa vida. El mismo estado religioso lo concibe en términos naturalistas, como medio de desarrollar las propias cualidades mejor que en el clero secular (p. 72); naturalistas son también las diferencias que establece entre las varias órdenes y congregaciones religiosas (p. 73). Las páginas dedicadas al noviciado de Hopkins (pp. 78-94), a pesar de los numerosos datos en ellas acumulados, no acierto a dar el verdadero carácter y esencia del noviciado jesuítico ni el fin que en él se persigue, hasta el punto de asemejarlo a un colegio seglar, si no fuera por la penitencia corporal y la obediencia, una obediencia que no es la ignaciana (pp. 92-93). El fin que se propone el joven jesuita no es el de evitar lo personal (p. 87); ni hay que enumerar entre los triunfos personales de Hopkins «that the mind of Loyola, while shaping and decisively stamping his own mind, was never to consume it» (p. 86), pues la mentalidad o espíritu de S. Ignacio nunca ha pretendido absorber ni consumir la personalidad de ninguno de sus hijos. La

descripción de la formación teológica del jesuita toca los límites del ridículo y caricaturesco, como si todo se redujese a saber disputar y manejar el incensario (pp. 96-97, 123-124). Pero, sobre todo, la exposición psicológica del mes de Ejercicios espirituales, que ocupa cuatro páginas del libro (pp. 82-85), además de no ser completa, pues olvida por ejemplo la meditación del Rey Temporal (importantísima en Hopkins), está tan desenfocada, que tiene visos más de iniciación órfica o de terapéutica freudiana que de Ejercicios de S. Ignacio. No es, pues, de extrañar que más adelante hable la a. de « *the fearful watches, the shattering communions of the novitiate* » (!) (p. 114).

Como la a. no nos da las referencias de sus numerosas citas (fuera de la lista final de *Acknowledgments*) no sabemos dónde ha tomado unas palabras de S. Ignacio, que aduce entre comillas en la pág. 126, y que, tal como están concebidas, no expresan ciertamente un pensamiento ignaciano: no es verdad que S. Ignacio prefiriese en los candidatos « la firmeza del carácter y la habilidad en los negocios » a « la bondad natural »; lo que refiere de él el P. Ribadeneira es que prefería un temperamento activo e industrioso a otro muy quieto y mortecino (cf. MHSI, *Mon. Ign. Scripta* I, 437, 445).

Pero más graves son los errores de criterio o de interpretación histórica.

Pasando por alto el que no haya visto en la cuestión romana más que un deseo de libertad de la población de los Estados Pontificios (p. 18), ni en el Movimiento de Oxford más que un « *romantic revival* » (pp. 37 y 141), nos presenta la fe con resabios modernísticos como algo que brota internamente « *from the subliminal depths* » (p. 60), en contradicción con la razón, que ha de ser suprimida para poder creer. De aquí que hable de « *cerrar los ojos y volver a la aceptación ciega de la autoridad* » (p. 14), de « *asesinar la propia lógica* » (p. 32), de que Newman al convertirse « *renunció a la libertad de investigación y se vendó los ojos con la venda de un credo definitivo* » (p. 41), del « *éxtasis irracional* » de Savonarola (p. 50), del « *último punto de contacto con el mundo ultrarracional (beyond the rational)* » que dice era Hopkins para Mowbray Baillie (p. 230), y de que, « *mientras la conciencia de Newman se paró ante la línea que divide lo hipersensible de lo psicopático, la de Hopkins la sobrepasó* » (p. 75), frase igualmente ofensiva a los dos grandes convertidos. Ni son éstas las únicas expresiones inadmisibles.

Tal vez un deseo de imparcialidad mal entendida le ha impedido, a nuestro parecer, presentar la noble figura del P. Hopkins en toda su grandeza y aun en su genuina imagen. Al principio del último capítulo formula la a. algunas preguntas entorno a los sufrimientos internos del jesuita, cuya respuesta dice ser « *the prerogative of the individual student* » (p. 211). Sin embargo no puede decirse que la biografía de Hopkins haya sido escrita (a no ser que por biografía se entienda la mera enumeración de los hechos), hasta que esas preguntas hayan recibido una respuesta satisfactoria.

Mérito es ciertamente de Miss Ruggles el que la leyenda del conflicto entre las dos vocaciones de Hopkins, la del poeta y la del sacerdote-jesuita, no la haya seducido; aunque no ha sabido deshacerse de ella completamente (cf. p. 156 y alusiones veladas en las pp. 191-192 y 223). Creemos también que oscurece demasiado las tintas al describir las rarezas de Hopkins y sus fracasos en el púlpito y en la cátedra (v. gr. pp. 148-149, 211-212). En cuanto a éstos últimos, conviene

notar que Hopkins es el peor juez en causa propia, por su tendencia al pesimismo; la hilaridad que provocó el sermón predicado en el refectorio de St. Beuno's (p. 148-149) no prueba nada a quien conoce las circunstancias de semejantes ejercicios oratorios; y por lo que hace a su labor escolar, baste recordar el testimonio del vicecanciller Lord Emly: que la Universidad de Dublin había sufrido una gran pérdida con su muerte (cf. Lahey, *G. M. Hopkins*, Oxford 1930, p. 144).

Pero sobre todo ni la persona ni la obra poética del P. Hopkins podrán ser comprendidas en toda su realidad y su grandeza, hasta que no se haga un análisis serio y delicado de su espiritualidad; y este análisis, como no podía menos, falta completamente en el libro de Miss Ruggles. Vemos la lucha que tuvo que sostener el protagonista para ser fiel a su ideal de perfección, contra una salud quebradiza, un sistema nervioso muy debilitado, un temperamento melancólico, con la consiguiente difidencia en las propias fuerzas y el sentimiento exagerado del fracaso; y todo ello en ambientes contrarios a su finísima sensibilidad. Pero se dejan en la sombra dos aspectos importantísimos de esa lucha. Uno es la acción amrosa de Dios, que desde los primeros años en el Colegio de Highgate lo va llevando primero a una constante fidelidad al deber (« his face always set to do what was right », declara su condiscípulo Luxmoore, p. 16), después a la práctica de una vida devota y austera, y por ella a la fe, al estado religioso, a la observancia exacta de su Instituto, y finalmente a la purificación de una vida de sufrimientos internos intensísimos, causados más que nada por su mismo temperamento y debilidad nerviosa (¿ no dice S. Juan de la Cruz que la purificación pasiva del alma muchas veces es « ayudada de la melancolía u otro humor » ? *Noche Oscura*, L. I c. 9 n. 3). El otro aspecto es el de la aceptación gozosa y entusiasta de parte del mismo Hopkins de esa acción divina santificante y purificante: desde el *Deutschland*, que no es sino el canto de la sumisión voluntaria al poder y a la acción divina en el mundo — « I did say yes O at lightning and lashed rod » — hasta los llamados « sonetos terribles » — « since (seems) I kissed the rod, Hand rather, my heart lo ! lapped strength, stole joy, would laugh, cheer », « Yet the rebellious wills Of us we do bid God bend to Him even so » — por no decir nada del *Windhover*, cuyo segundo terceto — interpretése como se quiera el primero — no puede tener otra significación que la de exaltación del trabajo y del dolor abrazado voluntariamente por Dios; toda la poesía de Hopkins está inspirando esa aceptación gozosa y entusiasta, ese rendimiento alegre a la voluntad divina, la cual era para él « more than violets knee-deep » (p. 99). Aun el hindú Srinivasa Iyengar ha podido apreciar la observación del Dr. John Pick: que los que Bridges llamó « sonetos terribles » son en realidad « love's poems », cantos de amor a la única Persona de la cual confesaba Hopkins estar enamorado (p. 158), « to dearest Him that lives alas ! away ». Estos dos aspectos reales de la vida y de la espiritualidad del P. Hopkins, sin disminuir en nada lo duro y aun heroico de su lucha interna, la revisten de nimbo de martirio, y, en un nivel superior del espíritu, la inundan de gozo y de luz. Así se explica que muriese exclamando: « I am so happy, I am so happy » (p. 229). La ausencia de estos dos aspectos es sin duda la causa del efecto en extremo deprimente que produce la lectura del libro de Miss Ruggles, sobre todo de los dos últimos capítulos.

En la biografía de un poeta es posible que algún lector eche también de menos una exposición más detenida de su obra y valor literario. Miss Ruggles parece dejar este estudio a los críticos e historiadores de la literatura, y casi se limita a buscar en las poesías de Hopkins lo que tienen de significado autobiográfico (si bien, aun desde este solo punto de vista, podría haber sacado más partido de ellas). No faltan, sin embargo, certeras apreciaciones y someros análisis.

En cuanto al pensamiento hopkinsiano, habrá quien encuentre superficiales e incompletas las definiciones de *Inscape*, *Pitch* e *Instress* (pp. 108-109). Miss Ruggles cree hallar en el escotismo el origen de ese reflejo de Dios, que Hopkins está continuamente contemplando en la naturaleza; como atinadamente ha observado el P. W. Peters S. I., quien haya hecho la contemplación ignaciana « para alcanzar amor », no necesita buscar más lejos tal origen. Pero lo que es inadmisible es la afirmación de Miss Ruggles, que el sistema filosófico de santo Tomás « does not emphasize the nearness of God or His reflection in nature » (p. 107); basta remitir a la *Suma Teológica*, p. I q. 8 y q. 93. Una errónea interpretación de la meditación de « Dos Banderas » induce a la a. a ver en ella la inspiración de la tercera estrofa del *Deutschland* (p. 117), no obstante la evidente diversidad. De igual manera quiere oír en la estrofa décima de la misma oda, que es una estrofa de celo de las almas y de apostolado, un eco del « Tomad, Señor, y recibid » (p. 119). No podemos tampoco admitir el epíteto de « wholly sectarian in their purpose », con que la a. estigmatiza « two or three little presentation pieces » de Hopkins (p. 113), es decir, sin duda, las poesías marianas *Rosa Mystica* y *Ad Mariam*; apenas se podía haber escogido calificación más injusta.

Con todo esto, el libro de Eleanor Ruggles es la más completa biografía del P. Hopkins que hasta ahora haya sido escrita; y por tanto no se podrá prescindir de él hasta que se nos dé la biografía definitiva que refleje toda la grandeza de su personalidad, la santidad de su vida y la riqueza inexhaustible de su poesía.

Muy distinto es el tono del artículo que Georges Cattaui dedica al P. Hopkins en su libro *Trois Poètes*. Después de algunas consideraciones generales sobre las relaciones entre la poesía y la religión, nos da el a. en pocos rasgos una imagen bastante acertada, en su conjunto, de la personalidad del jesuita inglés, sin que falte, no obstante, alguna confusión en pormenores históricos: v. gr., supone el a. que la lectura de Escoto influyó en la conversión de Hopkins (p. 19), siendo así que éste no comenzó a leer al teólogo franciscano sino seis años más tarde; asimismo nos da como obras que « Hopkins nous a laissé » todos los libros y trabajos científicos proyectados por el poeta (p. 156 nota 7), de los cuales algunos no pasaron probablemente de meros proyectos y de los demás no nos quedan sino poco más que esbozos. La parte principal del artículo está consagrada a presentar diversos aspectos de la poesía y de la estética hopkinsiana. Abundan las comparaciones con otros poetas, especialmente franceses, y las observaciones personales. Entre éstas tal vez la más original sea la que pretende descubrir en Hopkins un nuevo barroquismo, cuya forma exuberante no sería sino « une intériorisation du poème, un dévêtement de l'âme, qui rejoint sa première nudité » (p. 28).

El segundo artículo trata de W. B. Yeats, y se detiene sobre todo en describir el carácter del poeta irlandés y de su poesía soñadora, evocando recuerdos personales del a. Más extenso y completo es el tercer artículo dedicado a T. S. Eliot. Después de presentar la personalidad del poeta de *The Waste Land*, el a. analiza algunas de sus obras, su evolución poética, sus ideas estéticas y el influjo recibido principalmente de los poetas simbolistas franceses.

Roma.

ANT. M. DE ALDAMA S. I.

P. ALFRED DELP, S. I., *Christ und Gegenwart*, eine Sammlung von Vorträgen, Aufsätzen, Ansprachen und Aufzeichnungen in drei Bänden: I. *Zur Erde entschlossen*; II. *Der mächtige Gott*; III. *Im Angesicht des Todes*; herausgegeben von P. Paul Bolkovac, S. I. — Frankfurt a. M. (Verlag Josef Knecht - Carolusdruckerei) 1949, 8°, 244, 252, 184 S. - 20,40 DM.

Am 2. Februar 1945 erlitt in Berlin, verurteilt durch das nationalsozialistische Volksgericht, P. Alfred Delp S. I. den Tod durch Erhängen. Die Motive zu dieser Tat—die christlich gesehen als ein Sterben für die Sache des Herrn und seiner Kirche betrachtet werden kann—waren keineswegs, wie ursprünglich angegeben wurde, die Verbindung des Hingerichteten mit dem Kreis um das Attentat auf Hitler am 20. Juli 1944, denn von dieser Mitwisser- und Mittäterschaft wurde P. Delp durch das Gericht ausdrücklich freigesprochen. Die Beweggründe lagen in dem, was der Pater selbst so formuliert hat: « Mein Verbrechen ist, dass ich an Deutschland glaubte auch über eine mögliche Not- und Nachtstunde hinaus... und dass ich dies tat als katholischer Christ und als Jesuit... » (III, 7). Gewiss hat er sein Wissen und Können Kreisen zur Verfügung gestellt, die mit dem Hitlerregime nicht eins gingen, aber das konnte er, wie viele andere, unabhängig von Attentatsabsichten tun. P. Delp hat nur fünf kurze Jahre nach seiner 12 jährigen Ausbildungszeit in der Gesellschaft Jesu im Weinberg des Herrn arbeiten können. Er war den « Stimmen der Zeit » zugeteilt und bearbeitete dort das Referat für Soziologie. Bekannt wurde er in Deutschland vor allem durch zwei von ihm selbst noch herausgegebene Arbeiten: « Tragische Existenz » (eine Darlegung und kritische Würdigung der Philosophie Martin Heideggers) und « Der Mensch und die Geschichte », ferner durch Vorträge in vielen Städten Deutschlands und durch Predigten, Exerzitienkurse usw. Sein Mitbruder P. Paul Bolkovac S. I. hat es unternommen, nach seinem gewaltsamen Tode (P. Delp zählte erst 37 Jahre) den geistigen Nachlass sichtend herauszugeben. Es sind drei Bände geworden. Der erste Band: « Zur Erde entschlossen » enthält Vorträge und Aufsätze; der zweite Band: « Der mächtige Gott », Ansprachen, die vornehmlich um die gedankliche Linienführung des Kirchenjahres kreisen; der dritte Band schliesslich bringt die Aufzeichnungen des Paters und trägt den bezeichnenden Titel: « Im Angesicht des Todes ».

Alle Gedanken und Ausführungen P. Delps zeichnen sich aus durch eine ungemein klare Kraft der Analyse der heutigen allseitig ineinander übergreifenden Lebensprobleme. Er bleibt allerdings die Synthese nicht schuldig und sieht sie in der schöpferischen Begegnung von Gegenwart und Christentum, das in sich die stets fruchtbaren Mächte ordnungsgemässen Aufbaus für die menschliche Gesellschaft besitzt. Als christlicher Soziologe sieht er in den extrem entgegengesetzten Lösungsversuchen des Kapitalismus und Kommunismus nur einen schmalen Ansatz, der von Anfang an zu einem Fiasko verurteilt ist, weil da entweder das Individuum gegen die Gemeinschaft oder die Gemeinschaft gegen das Individuum ausgespielt wird. So ist er der konsequent richtigen Auffassung, dass wir,

zwischen Ost und West gestellt, heute erst *unterwegs* sind zu einer neuen Sozialordnung. Die schöpferische Idee P. Delps, die er sehr liebte, ist die des « personalen Sozialismus », der richtig verstanden, ganz auf der Linie der Soziallehre der katholischen Kirche steht, seit den Tagen der berühmten Enzyklika « *Rerum Novarum* ».

Die Ansprachen des zweiten Bandes sind von reicher gedanklicher Dichte und Tiefe und können nur mit grösstem Nutzen gelesen werden von dem, der mitzudenken in der Lage ist. Ganz besonders ergreifend sind die Aufzeichnungen, die der dritte Band enthält. Geschrieben unmittelbar vor dem klar bevorstehenden Tod, stellen sie in ihrer Wahrhaftigkeit und Ehrlichkeit ein bewundernswertes Zeugnis dar für die ganz ergebene Hingabe an den ewigen Gott, an den « mächtigen » Gott, wie ihn der Pater so gerne nannte. Ihm, dem Intellektuellen, kommt im Angesicht des Todes immer wieder die Sehnsucht und die überzeugte Gewissheit in den Sinn, dass er bald « mehr », bald ganz « anders » **WISSEN** werde, als es die endliche Erde zu geben vermag.

Für die Geschichte der Gesellschaft Jesu haben diese drei Bände ihren besonderen Wert. Sie sind, neben dem, was sie für das Leben bieten, Dokumente nicht blos über das Schicksal *eines* ihrer treuen Glieder, sondern für ihre Haltung *überhaupt*, die stets auf der Linie echter Glaubens- Kirchen- und Papsttreue steht und in diesem Geist ihre Söhne formt. Dabei weiss sie selbst wie ihre Söhne, das Element des Vaterländischen zu schätzen und zu werten: ja, alles soll hineingetragen werden in die grosse Vollendung Christi. Der Rezensent selber freute sich, diese Bände P. Delps besprechen zu dürfen: war er doch in den Jahren seiner Ausbildung in der Gesellschaft Jesu durch lange Zeit mit ihm zusammen, und mit ihm gemeinsam durfte er auch die Noviziatspilgerreise antreten. Immer hat er in ihm den Geist tiefen Ernstes bewundert, gepaart mit einer gewissen Romantik des Denkens, das aber wieder nur aus reinem, keineswegs utopischen, Idealismus strömte.

Rom.

B. AMBORD S. I.

V. - BIBLIOGRAPHIA DE HISTORIA SOCIETATIS IESU

Auctore EDMUNDO LAMALLE S. I. - Roma.

Aux publications des années 1950-1951, qui en forment la base, la présente bibliographie en ajoute un certain nombre des années antérieures, surtout depuis 1947, qui nous avaient échappé jusqu'ici.

Nous tenons à remercier tous les amis et collègues qui nous ont aimablement communiqué des références ou envoyé un exemplaire de leurs articles, en particulier, les PP. Fr. de Dainville (Paris), Fr. Halkin et A. Cercel (Bruxelles), P. Mech (Lyon); à la vigilance assidue du P. J. Simon (Rome), nous devons la connaissance de nombreuses publications dispersées.

Nos dépouillements ont été arrêtés le 30 octobre 1951.

I. Bibliographies.

1. - DEHERGNE, J., S. I. *L'Église de Chine au tournant (1924-1949) : Le milieu. Les cadres. Les œuvres. L'histoire.* Bulletin de l'Université l'Aurore, série III, tome 10 (Shanghai 1949) 411-555, 655-777.

Cette bibliographie fort riche (malgré les lacunes provenant de la guerre) et bien classée concerne surtout la Chine moderne. On y trouvera pourtant beaucoup pour l'histoire des missions. Nous renvoyons aux numéros des paragraphes, avec l'indication des pages entre parenthèses.

Dans la 2^e partie, *L'organisation, les cadres*: 47) Le clergé séculier [indigène], études historiques et statistiques (pp. 488-490; 50) Quelques institutions de prêtres, 9. Les Jésuites (496-497); 54) Biographies collectives (501); 56) Notices [biographiques ou nécrologiques] individuelles (502-513); 57) Nationalité des missionnaires (513-515); 63) Liturgie (522, question de la « liturgie chinoise »).

Dans la 3^e partie, *Les travaux et les œuvres*: 83) L'action médicale, anciennes missions (pp. 542-543); 112) L'Université l'Aurore de Shanghai (687-690); 113) Les Hautes Études (690); 114) Les Musées (691-692); 115) La Bibliothèque du Pé-t'ang (692); Observatoire de mission : Zi-ka-wei (693-694); 117) Quelques sociétés scientifiques (694); 118) Recherches historiques. Les missions de Chine (694-699, la partie la plus importante à notre point de vue, avec la bibliographie des travaux qui traitent directement l'histoire des missions anciennes); 119-126) Travaux linguistiques des missionnaires (699-709, notamment le dernier §, les problèmes du vocabulaire religieux, pp. 707-709); 127) Recherches scientifiques dans des domaines autres que l'histoire et le langage (709-711); 139-140) Arts (728-729); 146) Histoire locale, par provinces (737-742; y voir aux noms des missions tenues par des Jésuites).

En appendice : 150) Les progrès de l'évangélisation au Kiangnan (pp. 736-760, statistiques).

2. - DE WILT, A., S. I. *De « Bibliotheca Scriptorum Societatis Iesu » van Ale-gambe-Bollandus.* De Gulden Passer 28 (Antwerpen 1950) 32-43; résumé en français, p. 123.

Après l'*Illustrium Scriptorum Societatis Iesu Catalogus* de Ribadeneira (Anvers 1608) et ses rééditions, la *Bibliotheca Scriptorum Soc. Iesu* du P. Philippe Alegambe (Anvers 1643) marque, dans la bibliographie de la Compagnie, un progrès très notable, en qualité comme en quantité. Qui a dû s'en servir pour des discussions critiques sait quelle valeur possèdent, malgré les inévitables exceptions, ses indications, bien plus exactes, p. ex., que celles de son successeur Southwell (1676). Le livre parut en Belgique tandis qu'Alegambe vivait à Rome à la maison professe. Le P. De Wilt souligne d'abord quelle part le P. Bollandus eut dans la publication, non seulement comme intermédiaire auprès de l'éditeur Meursius, mais encore pour la mise au point de l'ouvrage (le titre de l'article et le résumé français ne forcent-ils pourtant pas la note, en en faisant quasi un co-auteur?). Il examine ensuite l'accueil fait à la *Bibliotheca* par la critique, catholique ou hétérodoxe, et les jugements portés sur le livre par les bibliographies postérieures.

3. - DINDINGER, Johann, O. M. I. *Bibliotheca Missionum*. Bd. XV. *Afrikanische Missionsliteratur 1053-1599. n. 1-2217.* - Freiburg i. Br. (Verlag Herder), 1951, gr. 8°, 23*-719 p. (= Veröffentlichungen des Instituts für Missionswissenschaftliche Forschung).

CR. Zeitschr. f. Missionswissenschaft u. Religionswissenschaft 35 (1951) 233-234 (M. Bierbaum); l'AHSI en rendra compte prochainement.

4. - IPARRAGUIRRE, Ignacio, S. I. *Bibliografía de Ejercicios ignacianos (1949).* Manresa 23 (Madrid 1951) 219-225.

58 numéros; les nn. 4-18 concernent l'histoire, d'abord du texte, puis de la pratique des Exercices spirituels.

5. - LAMALLE, Edmundus, S. I. *Bibliographia de Historia Societatis Iesu*. AHSI 19 (1950) 329-370.
277 numéros.

6. - LAURES, Johannes, S. I. *Second Supplement to Kirishitan Bunko*. Monumenta Nipponica 7 (Tôkyô 1951) 269-299.

Le P. Laures avait publié en 1941, en opuscule, un premier supplément à son *Kirishitan Bunko, A Manual of Books and Documents on the Early Christian Missions in Japan* (Tôkyô 1940). Dans ce nouveau supplément, l'auteur s'abstient, par discréption, d'indiquer les changements de propriétaires, après la guerre, de nombreux exemplaires des ouvrages sortis des anciennes presses des Jésuites au Japon. On a trouvé un nouveau produit de ces presses, un feuillet de prières (1590 ou 1591) et quelques nouveaux exemplaires d'ouvrages déjà connus; p. 273-274, l'auteur signale qu'on a retrouvé le manuscrit, non d'une traduction japonaise, mais d'un résumé latin fait en prison par le B. Pierre-Paul Navarro de la *Maria Deipara Thronus Dei* du P. P. Ant. Spinelli. La seconde partie du supplément (pp. 274-288) complète la bibliographie des livres européens sur ces missions, présents dans des bibliothèques japonaises (en se limitant aux acquisitions de la *Sophia University* de Tôkyô). A la liste des impressions catholiques au Japon en 1865-1880 (3e partie pp. 288-289), cinq numéros seulement sont ajoutés. Une dernière partie (pp. 289-299) signale les publications parues depuis le début de la guerre sur les anciennes missions du Japon.

7. - WALTER, Frank K. and DONEOHEY, Virginia. *Jesuit Relations and Other Americana in the Library of James F. Bell*. Minneapolis (The University of Minnesota Press); London (G. Cumberledge, Oxford University Press), 1950 4°, XII-419 pp., nombreux facsimilés (ceux sur les Relations pp. 132-194).

Si Sébastien Cramoisy se distingua par la qualité de ses productions comme directeur de la typographie royale du Louvre, il fut loin d'apporter le même soin

en imprimant, dans son propre atelier, des livrets de propagande religieuse, réclamés sans doute en grande hâte, comme les *Relations de ce qui s'est passé dans la Nouvelle France*. Fautes d'impression, tirages successifs avec corrections et variantes, mélange de feuillets de tirages différents, erreurs dans les chiffres des pages et des signatures, emploi de lettres gâtées ou d'un autre style, il n'est pas de faute contre les règles typographiques qu'il n'y ait commise. Une bibliographie des *Relations*, du bibliographe américain James C. McCoy (+ 1934) et publiée à Paris en 1937 (cf. AHSI 8, 1939, 183, n° 157), distinguait soigneusement les éditions et les variantes, relevant minutieusement les particularités typographiques. Dans leur catalogue, feu Franck K. Walter et Virginia Doneghy ont repris l'examen avec plus de précision encore, plus de détails techniques et d'informations historiques, pour les exemplaires d'une des plus riches collections des *Relations* en possession d'un particulier. Dans la bibliothèque de Mr James F. Bell, sur les 41 *Relations* qui furent imprimées, il n'en manque que quatre ; la collection, avec les variantes et les pièces annexes (telle la *Relatione* du P. Bressani), compte 78 numéros. Un pareil travail n'intéressera sans doute que des spécialistes, mais à ceux-ci il apprendra beaucoup sur les usages des anciennes typographies.

Pp. 132-194, facsimilés des divers styles employés dans les *Relations* pour la page de titre, les bandeaux et ornements, les ligatures du *et*.

La seconde partie du volume, « *Americanus* » (pp. 195-412), décrit d'abord huit manuscrits (dont une lettre autographe du P. Ragueneau au P. général V. Carafa, 1649), puis 270 imprimés divers relatifs à l'Amérique, datés de 1477 à 1943, et dont beaucoup de toute rareté. Signalons parmi les « *jesuitica* » : l'*Historia canadensis* du P. Decreux, 1644 (p. 249), les *Voyages* de Thévenot, 1682, avec le premier récit des explorations du P. Marquette (p. 254), les *Mœurs des sauvages* du P. Lafitau, 1724 (p. 276), divers ouvrages du P. de Charlevoix (pp. 277, 282, 302, 304), le facsimilé de 1886 de la « *Carte des Jésuites* » de 1670-1671 (p. 393), la *Mission du Saguenay*, du P. Laure, éditée en 1889 (p. 395).

II. Histoire générale de la Compagnie.

8. - BATAILLON, Marcel. *L'Inquisite et la Beata. Premier voyage de Calisto à Mexico*. Revista de historia de América, n. 31 (México 1951) 59-75.

Calisto de Sá fut un de ces trois premiers disciples qui se groupèrent autour de S. Ignace en Espagne, à Barcelone, Alcalá et Salamanque, mais qui ne le suivirent pas à Paris et ensuite se dispersèrent. Gonçalves da Câmara rapporte (*Fontes narrativi*, t. I, p. 472-473), qu'il s'en alla une première fois en Amérique « con una certa donna spirituale », puis une seconde fois où il fit fortune. Les documents permettent de retracer en détail le premier séjour de Calisto à Mexico, pieux roman avec Catálina Hernández, une des tertiaires franciscaines appelées d'Espagne pour éduquer les petites indiennes. Si l'épisode nous éclaire sur les débuts de la vie religieuse — et de l'éducation des filles — en Nouvelle Espagne, Mr Bataillon y cherche aussi de la lumière sur l'ambiance spirituelle où est née la Compagnie de Jésus, en particulier sur les problèmes jaillissant de la rencontre entre une spiritualité remuante, à poussées illuministes, et les tâches de l'apostolat.

9. - BECHER, Hubert, [S. I.]. *Die Jesuiten. Gestalt und Geschichte des Ordens*. München (Kösel-Verlag), 1951, 8°, 438 p., planches hors texte.

L'AHSI rendra compte de ce volume.

10. - BRODRICK, James, S. I. *Origines et expansion des Jésuites*. Traduit par J. Boulangé, S. I. Préface de Michel Riquet, S. I. - Paris (Editions Sfeld), 1950, 8°, 2 vol., 281, 273 p. (= Présence de l'histoire).

Voir la recension donnée plus haut pp. 320-323 (E. J. Burrus S. I.)

III. Histoire par pays.

Allemagne.

11. - WEISSENBERG, Paulus, O. S. B. *Das Prämonstratenserstift Schussenried in Württemberg und seine Beziehungen zum Collegium Germanicum in Rom an der Wende des 17/18. Jahrhunderts*. Theologische Quartalschrift 130 (Stuttgart 1950) 79-109, 197-223, 450-473.

La revue achève ainsi, en trois parties, la publication de l'article dont nous n'avions pu indiquer que le début, AHSI 19 (1950) 331, n. 13.

Angleterre.

12. - CHADWICK, Hubert, S. I. *Paccanarists in England*. AHSI 20 (1951) 143-166.

13. - HICKS, Leo, S. I. *The Foundation of the College of St Omer* AHSI 19 (1950) 146-180.

14. - MARTINDALE, C. C., S. I. *Newman and « The Month »*. Month, N. S. 4 (1950) 365-374.

Les lettres de Newman au P. Henri Coleridge, éditeur du Month, à la veille du lancement de la nouvelle revue catholique (1864), n'étaient rien moins qu'encourageantes. Pendant un certain temps, il déconseilla d'aborder des sujets de théologie ou de controverse religieuse. Particulièrement suggestives ses remarques sur la manière de parler de Keble et de Pusey.

15. - NÉDONCELLE, Maurice. *Un moine turbulent : John Barnes († 1661), précurseur des Provinciales et œcuméniste malheureux*. Revue des sciences religieuses 24 (Strasbourg 1950) 266-300.

Une histoire triste, somme toute, que celle du Bénédictin anglais John Barnes : un grand talent et d'excellentes intentions, mais, faute d'une base théologique sûre et surtout d'un équilibre psychologique suffisant, ses plans œcuméniques lui feront finir sa vie, sur la dénonciation de ses propres confrères, entre les mains du S. Office. Pour désolidariser la morale catholique de ce qui heurtait le plus les Anglais, il attaque à fond la morale des Jésuites sur la doctrine du mensonge et de l'équivocation (pp. 278-289). Sa *Dissertatio contra æquivocationes*, Paris 1625, en français la même année, *Traicté et dispute contre les équivoques*, s'en prend surtout à Lessius, de Valentia, Parsons. Barnes s'attira des répliques féroces du polémiste jésuite Théophile Raynaud.

Autriche.

16. - Gesellschaft der Freunde der österreichischen Nationalbibliothek. *Katalog der Ausstellung Wiener Theater*, im Prunksaale der österreichischen Nationalbibliothek. - Wien (Walter Krieg Verlag), 1951, in-16, 113 p.

La brève introduction historique (pp. 7-11) est signée par le célèbre historien du théâtre mondial et directeur des collections théâtrales de Vienne, Prof. Joseph Gregor, qui a organisé cette exposition avec Mr Fr. Hadamowsky. Voir dans la section II, *Höfisches Festspiel der Renaissance, Schulspiel des Humanismus und der Jesuiten (1500 bis 1650)* la troisième partie : *Schulfestspielen der Jesuiten* (p. 23, 8 pièces exposées) ; dans la section III, *Schulfestspielen der Jesuiten, Leopoldinischen Hoftheater... (1650 bis 1710)*, la première partie : *Schulfestspielen der Jesuiten* (pp. 25-26, sept pièces exposées).

17. - KOHLBACH, Rochus. *Die gotischen Kirchen von Graz*. Graz (Grazer Domverlag), 1950, in-4^o, VIII-336 p. avec 134 gravures dans le texte + 104 planches h. texte à la fin du volume.

Mgr Kohlbach a publié en 1948 une monographie de la cathédrale actuelle de Graz, qui fut de 1573 à 1773 l'église du collège des Jésuites (cf. AHSI 19, 1949, 332, n. 17). Dans le présent volume quelques pages sont encore consacrées au même édifice (*Der Dom*, pp. 39-56). Les *Nachträge* apportent aussi divers compléments à propos des orgues, des autels, des confréries, etc. du *Dom* (pp. 289-291). Parmi les planches h. t. voir les nn. 16-25 (sculptures baroques de la cathédrale). - Une autre église gothique, Saint-Paul ou la Stiegenkirche, qui appartient successivement à divers ordres et notamment aux Augustins, est maintenant tenue par les Jésuites de la Province d'Autriche.

Belgique.

18. - *Collège Saint-Stanislas, Mons.* Album dédié au Très Révérend Père Jean-Baptiste Janssens, Général de la Compagnie de Jésus, au Révérend Père Eugène Thibaut, Provincial de la Province Méridionale de Belgique, aux Recteurs, Préfets, Professeurs religieux et laïcs, surveillants, Frères Coadjuteurs, Serviteurs du Collège, et offert à ses Anciens, Élèves et Amis. - Bruxelles (Établissements Ch. Bulens), 1951, petit in-folio, 57 p. avec de nombreuses illustrations dans le texte.

La couverture porte les deux dates : 1851-1951. L'Album s'ouvre par quelques paragraphes d'histoire : *L'Anceêtre* (pp. 5-7, sur l'ancien collège de la Compagnie à Mons, 1598-1773), *Le Collège de 1851 à 1914* (pp. 8-13), *Le Collège et les anciens pendant la guerre 1914-1918* (pp. 15-17). Plus loin : *Le Collège et les anciens pendant la guerre 1940-1945* (pp. 36-42), *Le Collège sous les bombes* (pp. 43-45). Aussi quelques notices sur des Recteurs, professeurs ou élèves remarquables : *Mgr Charles Dauvin* (pp. 22-23), *Le P. Eudore Devroye, 1889-1929* (p. 31), *Les PP. Émile Capelle, 1887-1942*, et *Valère Honnay, 1883-1949* (p. 32)...

19. - *HALKIN, Léon. Documents inédits relatifs au projet d'érection d'une Province liégeoise de la Compagnie de Jésus (1646-1650).* Bulletin de la Société d'art et d'histoire du Diocèse de Liège 35 (1949) 29-76.

CR. AHSI 19 (1950) 276-277 (E. Lamalle S. I.); Rev. d'hist. ecclésiastique 45 (Louvain 1950) 818 (S. Roisin).

20. - *HERMANS, Francis. Les Bollandistes.* Revue générale belge, n. 71 (Bruxelles 1951) 793-810.

21. - *POREYE, Raymond. Une institution nationale belge : les Bollandistes.* L'Année théologique 12 (Paris, 1951) 41-51.

22. - *ROGGEN, D. et DHANENS, E. De zeventiendeeuwse schilderijen van het Jezuïetencollege te Ieper.* Gentse bijdragen tot de kunstgeschiedenis 12 (Anvers 1950) 129-196.

CR. Rev. d'hist. ecclésiastique 46 (1951) 352 (J. Lavallee).

23. - *VAN DE VORST, Charles, S. I. Instructions pédagogiques de 1625 et 1647 pour les collèges de la Province Flandro-Belge.* AHSI 19 (1950) 181-236.

Espagne.

24. - *RODRÍGUEZ SALCEDO, S. Historia de los centros palentinos de cultura.* Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses 2 (Palencia 1949) 13-111.

D'après la Rev. d'hist. ecclésiastique (1951) 372, parle entre autres des collèges franciscains, dominicains, jésuites, etc.

25. - *SÁNCHEZ ALONSO, B[enito]. Historia de la Historiografía española. Ensayo de un examen de conjunto.* Vol. III. *De Solís al final del siglo XVIII*

con un breve epílogo sobre la historiografía posterior. Madrid (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), 1950, in-16, 312 p. (= Publicaciones de la Revista de Filología española).

Nous avons signalé jadis (AHSI 16, 1947, 216, n° 30) les indications relatives à des historiens jésuites dans le second volume de cet ouvrage (vol. II, *De Ocampo a Solís, 1543-1684*). Nous en pouvons relever de même un bon nombre, surtout pour l'histoire des missions, dans ce troisième et dernier volume. L'auteur l'a soudivisé en trois périodes. Dans la première (1684-1727), nous n'avons à noter pour l'histoire d'Espagne que l'annaliste de Navarre P. Francisco Alesón (pp. 22-25), mais pour celle des Indes les PP. Diego Luis de Montezuma (57-58), Francisco de Florencia (59-60), Juan Patricio Fernández (67), Eusebio Francisco Kino (67-68, mais il n'est pas exact que son nom original ait été Kühn), outre l'ex-jésuite Francisco Jarque (66-67). Le seconde période (1727-1781) ne nous offrira de même pour l'Espagne que deux chroniqueurs régionaux, Pablo Miguel de Elizondo pour la Navarre (91) et Manuel de Larramendi pour le pays basque (93) si on excepte un écrit du P. Andrés Marcos Burriel (111-112), mais de nouveau un groupe très fourni d'historiens des « Indes », Pedro Lozano (157-160), José Guevara (160-161), Tadeo Javier Hénis (161-162), José Cardiel (163), José Sánchez Labrador (163-164), Domingo Muñoz (164-165), Francisco Javier Alegre (165-166), Andrés Marcos Burriel (166-168), Juan Rivero (168-169), José Cassani (169-170), José Gumilla (170-171), Miguel de Olivares (171), Pedro Murillo Velarde (171-172). La troisième partie (1781-1808) est placée par l'auteur sous le signe de l'ex-jésuite Francisco Masdieu, dont il examine longuement l'œuvre critique d'histoire nationale (pp. 189-208); historien des missions, le P. José Chantre y Herrera (269-270).

États-Unis.

26. - BURNS, R. Ignatius, S. I. *The Jesuits, the Northern Indians, and the Nez Percé War of 1877.* Pacific Northwest Quarterly 42 (Seattle 1951) 40-76.

27. - MCGLOIN, John B., S. I. *The Jesuit Arrival in San Francisco in 1849.* California Historical Society Quarterly 29 (San Francisco 1950) 139-147.

28. - OWENS, Sister M. Lillian, S. L., in collaboration with Gregory Goñi, S. I., and J. M. Gonzalez, S. I. *Jesuit Beginnings in New Mexico.* El Paso (Revista Católica Press), 1950, 8^e, 176 p. (= Jesuit Studies, Southwest Series, Number I.)

France.

29. - ANCÉLY, R. *Histoire du théâtre et du spectacle à Pau sous l'ancien régime.* Bulletin de la Société des sciences, lettres et arts de Pau, 3^e série, 11 (Pau 1951) 32-53.

Voir dans le chap. I, *Les origines*, les pp. 35-39 consacrées aux pièces jouées au Collège des Jésuites; au chap. II, *Les salles de spectacle*, le paragraphe 1, *Salle de tragédie du Collège royal des Jésuites* (pp. 41-43).

30. - BLANCHET, François. *Le Collège de Blois, des origines à la Révolution.* Mémoires de la Société des sciences et des lettres de Loir-et-Cher 31 (Romorantin 1949) 9-11.

Cité d'après: Rev. d'hist. de l'Église de France 36 (1950) 276. Fondé définitivement en 1581, le collège de Blois passa aux Jésuites en 1622; il comptait 120 externes et une dizaine de pensionnaires à la fin de l'Ancien Régime.

31. - BONNO, G. *Une amitié franco-anglaise du XVII^e siècle: John Locke et l'abbé du Bos.* Revue de littérature comparée 24 (Paris 1950) 481-520.

A travers les seize lettres adressées par l'abbé du Bos, connu par sa théorie du sentiment esthétique, au philosophe anglais Locke, de 1698 à 1708, on relèvera, outre quelques informations concernant les travaux des PP. Daniel (p. 487), Le Go-bien (504), Buonanni (507, 511), Pedrusi, Serry (513), Pozzo (507), de nombreuses précisions sur les Mémoires de la Chine ou du Siam des PP. d'Orléans, Le Comte, Avril, Gouyes, Tachard (pp. 492, 495, 515) et sur l'affaire des rites chinois (pp. 500-505, 507-511, 517). [Fr. de Dainville S. I.]

32. - DAINVILLE, François de, S. I. *Les cartes anciennes de l'Assistance de France*. AHSI 19 (1950) 254-264, avec 4 planches hors texte et une carte dans le texte.

33. - Id. *Projets d'établissements des Jésuites en Bretagne sous Louis XIII*. Mémoires de la Société d'histoire et d'archéologie de Bretagne 31 (Rennes 1951) 37-47.

Pour l'historien avisé, les projets qui ne sont pas arrivés à terme sont parfois aussi instructifs que ceux qui ont abouti. Sous Louis XIII, six projets d'établissements de Jésuites en Bretagne furent proposés aux Supérieurs romains (s'ajoutant au collège de Rennes, ouvert dès 1604) ; seuls ceux pour Quimper (1620) et Vannes (1630) aboutirent, à la différence de Saint-Brieuc, Saint-Pol de Léon, Nantes et Saint-Malo (plus tard, sous Louis XIV, on aura des fondations à Brest et à Nantes). Il est intéressant de voir les raisons pour et contre exposées dans les documents, comme de rechercher les motifs des échecs.

34. - Id. *Villes de commerce et humanisme*. Études 268 (Paris 1951) 323-342.

Travail présenté au IX^e Congrès international des sciences historiques, Paris août-septembre 1950. Il est instructif de voir les motifs pour lesquelles les villes maritimes (Bayonne, Saint-Malo, Nantes, La Rochelle, Marseille...) et commerciales (Troyes...) s'opposent à l'érection d'un collège d'humanités, qui détournerait la jeunesse du négoce. Même à Lyon, Rouen, Bordeaux, où les Pères disposaient de la clientèle des lettrés et gens de robe, l'influence de la classe commerçante causa des difficultés. Des hommes d'État comme Richelieu et Colbert craignent pareillement les effets, pour la prospérité nationale, d'une extension non contrôlée des humanités.

35. - *Les Établissements des Jésuites en France depuis quatre siècles* [sous la direction du P. Pierre Delattre S. I.]. Fascicule 7. Épinay-sur-Seine - Hesdin. Enghien (Institut Supérieur de Philosophie), Wetteren (De Meester), 1951, gr. 4^o, col. 401-824.

On doit savoir gré au P. Delattre de faire suivre à bonne allure les fascicules de son « Dictionnaire », quitte à se charger, pour éviter les retards, d'une part notable de la rédaction. Dans le 7^e fascicule, l'ordre alphabétique amène les notices sur plusieurs des établissements, collèges ou scolastiques, que les Jésuites français durent ouvrir à l'étranger par suite des lois antiréligieuses : Estavayer (col. 408-511), Florennes (460-469), Fribourg en Suisse (622-630), Gemert (560-652), Hadzor (759-761), Hastings (792-808), Hernani (808-810). Pour les maisons en France, les notices plus importantes sont : Eu (col. 411-437), Évreux (440-448), Fontenay-le-Comte (470-496), Gray (663-687), Grenoble (687-728), Haguenau 761-791). Signalons aussi une série d'articles plus généraux, sur les Provinces ou l'Assistance : Flandro-belge (col. 457-460), Gallo-belge (635-649), France, Assistance (525-590), France, Province (590-607), Guyenne (736-758).

36. - GAIFFIER, Baudouin de, S. I. *Le passionnaire du Collège de Clermont conservé à la Bibliothèque royale de Copenhague*. Scriptorium 5 (Bruxelles 1951) 20-25.

Avant de décrire en détail ce manuscrit hagiographique (cité jadis par Papebroch et ensuite perdu de vue), l'auteur rappelle brièvement (pp. 20-21) l'histoire de la dispersion des livres et manuscrits des Jésuites de Paris, avec des détails intéressants sur la rédaction des catalogues qui furent alors dressés (1761-1764).

37. - GASTON-CHÉRAU, Françoise. *Pages de la vie de collège (La Flèche, 1611-1616)*. Dans : *Mélanges dédiés à la mémoire de Félix Grat* (Paris 1949), vol. II, pp. 413-443.

Des archives de famille ont gardé quelques lettres écrites à son père par le jeune Louis de la Roche-Thévenin pendant ses années de pension, et les comptes de ses menues dépenses. Le collégien lui-même n'est pour nous qu'une figure sympathique, mais fugitive (né vers 1599, † avant 1632); l'écho de ses études et de ses maladies, de ses jeux favoris, de ses études et de ses petits drames d'adolescent sont révélateurs d'un milieu. L'auteur refait, d'après les lettres et les comptes, la liste des livres scolaires, classe par classe. Pp. 422-434, texte des lettres, pp. 434-443, comptes de pension, de vêtements et de maladies. L'article est à rapprocher de celui du P. de Dainville, *Livres de comptes et histoire de la culture*, AHSI 18 (1949) 226-252. - La présente référence remplace celle qui a été donnée inexactement dans notre dernier bulletin, AHSI 19 (1950) 335, n. 39.

38. - MAHIEU, Chanoine L. *Les pensions des Jésuites après la suppression de la Compagnie dans le Nord, surtout en Flandre flamande et à Lille*. Société d'études de la Province de Cambrai. Bulletin 43 (Cambrai 1951) 20-34.

I. Liquidation, fixation des pensions. - II. Les collèges de Flandres. - III. Les Jésuites à Lille en 1765, leurs pensions.

39. - Id. *Les biens des Jésuites de Watten (d'après les Archives du Nord)*. Bulletin de la Société académique des Antiquaires de la Morinie 17 (Saint-Omer 1950) 368-381.

40. - MAISONNEUVE, Henri. *Le Collège de Fontenay-le-Comte au XVIII^e siècle*. Revue du Bas-Poitou 63 (Fontenay-le-Comte 1950) 58-71 et 96-108.

M. l'Abbé Maisonneuve, qui avait déjà consacré une étude à l'ancien collège de Fontenay-le-Comte dans la même Revue du Bas-Poitou 43 (1940) 201-215, se met principalement ici au point de vue de l'histoire économique : les difficultés financières du collège au XVIII^e siècle, les inventaires de ses biens et propriétés, etc.

41. - MOISY, Pierre. *La Chapelle des Jésuites de Fontenay-le-Comte*. Revue du Bas-Poitou 63 (Fontenay-le-Comte 1950) 114-122.

M. Moisy apporte une série d'arguments pour montrer que, contrairement à l'opinion commune, l'ancienne chapelle du collège est conservée, transformée actuellement en « salle des actes » du Lycée François Viète. Son mobilier artistique est intéressant (un des auteurs en serait le Fr. André Ledré), mais l'édifice même nous instruit sur les usages suivis par les Jésuites dans les chapelles de collèges secondaires.

42. - Id. *Le recueil des plans des Jésuites de Quimper : nouvelle étude*. Bulletin de la Société d'histoire de l'art français (Paris 1951) 70-84.

L'album conservé à la Bibl. municipale de Quimper est malheureusement très mutilé (il reste 160 feuillets sur 343). Contrairement à l'avis de H. Bourde de la Rogerie, qui l'étudia le premier en 1904, on y retrouve un plan de classement, introduit sans doute par le Fr. Charles Turmel, dont ce serait la collection personnelle. Le contenu est assez composite : avec des plans de Turmel, des dessins et relevés divers, il y a des plans de Martellange, des planches du P. Derand, un opus-

cul presque unique de Desargue, des ensembles imaginaires où s'exprime l'idéal des artistes... A côté de données précieuses pour l'histoire des édifices (noviciat et maison professe de Paris, église de l'Oratoire à Paris, chapelle de Quimper, etc.), M. Moisy souligne l'intérêt humain du document : le recueil où le vieux maître a rassemblé les souvenirs de sa carrière, projets, échecs, réussites, relations,... jette un jour sympathique sur le vie des Frères Coadjuteurs architectes.

43. - SCHMIDLIN, J. *Religiös-sittliche Verfassung und Reformbestrebungen in den neuen Orden des Elsass am Vorabend des Dreissigjährigen Krieges*. Archives de l'Église d'Alsace 2 (Strasbourg 1947-1948 [Paru en 1950]) 251-289.

Cité d'après : Rev. d'hist. de l'Église de France 36 (1950) 269. Il s'agit de l'activité des Capucins et des Jésuites.

Hollande.

44. - BARTEN, J., S. I. *De laatste Canis te Nijmegen*. Bossche Bijdragen 21 ('s-Hertogenbosch 1951) 47-51.

Le dernier paragraphe des *Litterae annuae* de 1624 de la mission de Nimègue raconte la mort édifiante, après avoir obtenu *in extremis* la conversion de sa femme au catholicisme, du bourgeois Jean Canis, neveu de S. Pierre Canisius et le dernier de ce nom qui vécut à Nimègue. Avant d'éditer le texte latin (pp. 50-51), l'auteur esquisse une notice biographique, non seulement de Jean Canis, mais encore du P. Antoine de Grefe, le rédacteur des *Annuae* (1589-1636, ancien professeur et confesseur, à Malines, de S. Jean Berchmans) et du P. Jacques Canisius S. I. (1584-1647), frère de Jean Canis.

45. - KLEIJNTJENS, J., S. I. *De laatste ex-Jezuieten in Zwolle, Enkhuizen en Leeuwarden*. Archief voor de geschiedenis van het aartsbisdom Utrecht 69 (Utrecht 1950) 71-80.

Introduit et publie le texte d'un rapport (en italien) du nonce Ghilini, 11 mars 1774, sur les ex-Jésuites qui vivaient dans les localités mentionnées.

46. - ID. *Ameland. Inventaris van het archief der Jesuitenmissie*. Archief voor de geschiedenis van het aartsbisdom Utrecht 67 (1948) 217-233.

Cité d'après : Revue d'histoire ecclésiastique 45 (1950) p. 204*, n. 3624.

Irlande.

47. - KELLY, Michael, S. I. *Matt Talbot and « Gardiner Street »*. Irish Jesuit Directory 24 (1951) 148-152.

Italie.

48. - BERNARD-MAÎTRE, Henri, S. I. *Le passage de Guillaume Postel chez les premiers Jésuites de Rome (Mars 1544 - Décembre 1545)*. Dans les : *Mélanges d'histoire littéraire de la Renaissance*, offerts à Henri Chamard, professeur honoraire à la Sorbonne (Paris 1951) pp. 227-243.

Guillaume Postel ne passa que vingt mois dans la Compagnie de Jésus. C'est par une sorte de malentendu qu'il y entra, à trente-cinq ans et déjà célèbre par son érudition et ses premiers écrits, espérant se servir du nouvel Ordre, qu'il admirait, pour la réalisation de ses grands desseins politico-religieux. Si les Jésuites fondèrent un moment de grands espoirs sur lui, notamment pour l'apostolat en Allemagne, S. Ignace dut le licencier, à cause de son attachement opiniâtre à des idées basées sur des révélations privées. Postel, qui essaya en vain de se faire admettre de nouveau sous le généralat du P. Lafénez, resta dans ses écrits un panégyriste et un apologiste de la Compagnie. Il y a là des textes curieux, qui n'avaient guère été remarqués jusqu'ici.

49. - CARACENI, Filippo. *Memorie civile e religiose di Urbisaglia*. Macerata (Stab. Tip. Bianchini), 1947, petit 8° 126 p.

Nous citons cet opuscule pour les données qu'il fournit, pp. 89-97, sur l'ancienne abbaye de « Santa Maria di Fiastra » qui, tombée en commande depuis 1457, fut donnée en 1581 par Grégoire XIII au Collège Romain pour compléter la dotation de celui-ci ; de longs procès ne permirent d'ailleurs au Collège d'en jouir qu'à partir de 1624. L'auteur reproduit (pp. 90-97) le texte d'un mémoire du P. Benoit Tavarelli S. I., mort en 1653 supérieur de la résidence de Fiastra. - Pp. 101-102, note sur l'église de S. Blaise, réédifiée en 1771 par le Collège Germanique.

50. - DALMOND, J., S. I. *A Catalogue of the Old Roman College Library and a Reference to Another*. Gregorianum 32 (Roma 1951) 103-114.

La bibliothèque nationale Vittorio Emanuele à Rome conserve un ancien catalogue de la bibliothèque du Collège Romain, en 12 vol. in-fol., dressé au milieu du XVIII^e siècle. Très soigné, ce catalogue se distingue, entre autres particularités techniques, par la multiplication des renvois ; à la liste des éditions d'un auteur ecclésiastique, p. ex., il ajoute l'indication de ses œuvres contenues dans des collections. Quelques documents conservés aux archives de l'Université Grégorienne permettent de conclure que la bibliothèque avait déjà été recataloguée un siècle plus tôt, aux environs de 1650.

51. - GOLZIO, Vincenzo. *Il Seicento e Settecento*. Torino (Unione Tipografico-Editrice Torinese), 1950, in-4°, VII-979 p., 14 planches, 955 fig. (= Storia dell'Arte Classica e Italiana, vol. IV). - Prix : 6.800 lires.

Pour ce qui concerne l'histoire artistique de la Compagnie de Jésus, voir principalement tout le § *La pittura monumentale del tardo Seicento a Roma* (pp. 425-439) ; il s'agit principalement de la peinture des voûtes des deux églises romaines du Gesù et de S. Ignace par Gauli (pp. 426-432, fig. 456-457) et le Fr. Pozzo (pp. 433-439, fig. 462-466). - En outre, de nombreuses indications éparses dans le volume. Pour l'architecture, après le rappel de l'influence du Gesù de Rome (pp. 18-19, fig. 1-4 et 8), voir : S. André du Quirinal par le Bernin (p. 83, fig. 67-69), S. Ignace à Rome (p. 137, fig. 129-130), les SS. Martyrs à Turin (p. 156, fig. 149-150), l'Assunta à Venise (p. 198), le Gesù Nuovo à Naples (p. 210, fig. 212-213). Pour la sculpture, la décoration en stuc du Gesù de Rome par Ant. Raggi (pp. 287-288, fig. 301-303). Pour la peinture, le Fr. Jacques Courtois ou Cortese (p. 442). - Pour le Settecento, mention de la décoration de l'église des Jésuites à Venise (p. 660, fig. 668), des sculptures de Phil. Valle et Pierre Bracci placées dans l'église S. Ignace à Rome (pp. 694 et 699, fig. 703 et 705-706), de celles de Pierre Legros au Gesù de Rome et à S. André au Quirinal (p. 706, fig. 711-714) ; la « guglia », sorte d'obélisque ou de colonne ornée de statues devant l'église du Gesù à Naples (p. 710, fig. 720). Dans le dernier chapitre, sur la diffusion en Europe de l'art baroque italien (pp. 911-917), quelques rapides indications sur la dépendance, à l'égard du Gesù de Rome, de l'église des SS. Pierre et Paul de Cracovie, chef de file du baroque polonais, et sur la part des influences romaines dans les églises de la Compagnie de Jésus en Belgique (p. 912).

52. - POLICASTRO, Guglielmo. *Catania nel Settecento. Costumi - Architettura - Scultura - Pittura - Musica*. Torino-Catania (Società Editrice Internazionale), 1950, gr. 8°, 379 pp. avec 7 planches hors texte. - Prix : 2.500 lires.

Voir au chap. III, *Preti, Monaci e Frati*, ce qui est dit sur les Jésuites à Catane (pp. 61-64) ; au chap. IV, *Arteiconfraternite e Congregazioni*, au sujet de la Congrégation des Nobles (pp. 69-70) ; au chap. XII, *L'architettura*, pour la reconstruction du collège par le Fr. Angelo Italia (pp. 268-269) ; au chap. XIII, *La scultura*, pour les autels et les bas-reliefs de l'église du collège (pp. 291-295) ; au

chap. XIV, *La pittura*, pour les toiles conservées dans l'église du collège (pp. 307-318, *passim*) ; le chap. XV, *La musica ed i teatri* ; qui souligne l'importance prise alors par le drame musical, se termine par un *Elenco Cronologico dei drammi rappresentati o pubblicati a Catania dal 1700 al 1800* (pp. 373-379), avec une quinzaine de pièces représentées dans l'église ou au collège des Jésuites.

53. - SCADUTO, Mario, S. I. *La corrispondenza dei primi Gesuiti e le poste italiane*. AHSI 19 (1950) 237-253, deux fac-similés.

54. - TACCHI VENTURI, Pietro, S. I. *Storia della Compagnia di Gesù in Italia*. Volume II. Parte seconda. *Dalla solenne approvazione dell'Ordine alla morte del fondatore (1540-1556)*. Roma (Edizioni « La Civiltà Cattolica »), 1951, gr. 8°, XL-717 pp., avec portrait en frontispice.

Nous avons signalé dans notre précédent bulletin (AHSI 19, 1950, 338, n. 56) la réimpression ou réédition des trois premiers tomes de cet ouvrage. Avec la publication du quatrième, encore inédit, nous avons maintenant complète la première tranche de cette histoire, comprenant la fondation de la Compagnie et le généralat de S. Ignace. Un autre auteur en prépare activement la continuation. - *L'Archivum* rendra compte prochainement de cet important volume.

55. - VAN PUYVELDE, Leo. *La peinture flamande à Rome*. Bruxelles (Éditions de la Librairie Encyclopédique), 1950, 4°, 240 p., 96 planches.

Pp. 74-75 : tableaux de Paul Brill dans la chapelle du Sacré-Cœur dans l'église du Gesù à Rome ; pp. 196-197, pl. 86 : Daniel Segers [S. I., peintre de fleurs].

Pologne.

56. - BOCHNAK, Adam, *Kościół ss. Piotra i Pawła w Krakowie i jego rzymski pierwowzór oraz architekt królewski Jan Trevano*. Prace Komisji Historii Sztuki (Polska Akademia Umiejętności) 9 (Kraków, 1948) 89-123, 23 fig. (Résumé français, pp. 123-125 : *L'église de Saint-Pierre et Saint-Paul à Cracovie, son prototype romain et l'architecte royal Jean Trevano*).

57. - JOBERT, A. *Les Polonais et le rayonnement intellectuel de Rome au temps de la Renaissance et de la Contre-Réforme*. Revue des études slaves 27 (Paris 1951), Mélanges A. Mazon, 168-183.

Après avoir étudié ces contacts de la Pologne avec Rome au XV^e siècle et à la Renaissance, l'auteur montre comment le Collège Romain a formé au XVI^e siècle une élite de clercs polonais, qui mirent au service de l'Église et de leur patrie une solide et brillante culture. [Fr. de Dainville S. I.]

58. - ZALEWSKI, Ludwik. *Katedra i Jezuici w Lublinie*. Cz. I. - Lublin (Towarzystwo przyjaciół Nauk ; druk J. Pietrykowskiego), 1947, 8°, XV-264 p. pl. et plans. (= Biblioteka Lubelska, n. 6).

L'église de l'ancien collège des Jésuites est devenue, après la suppression de la Compagnie la cathédrale Saint-Jean-Baptiste. Nous en avons ici une histoire systématique, basée sur les documents d'archives et les plans.

Portugal.

59. - GOMES DE ZURARA. *O primeiro Prémio Nobel português aluno dos Jesuitas*. Brotéria 52 (Lisboa 1951) 413-425.

Le professeur Egas Moniz, chirurgien de réputation mondiale ; dans ses souvenirs autobiographiques, il rend hommage aux maîtres qui ont formé son caractère.

60. - RODRIGUES, Francisco, S. I. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomo Quarto: *A Província Portuguesa no século XVIII (1700-1760)*. Vol. I. *Virtude, Letras, Ciências*. Porto (Livraria Apostolado da Imprensa) 8°, 578 p.

CR. AHSI 20 (1951) 323-325 (S. Leite S. I.); Brotéria 52 (Lisboa 1951) 253-255 (D. M.).

Suisse.

61. - BAUHOFER, Oskar. *Das eidgenössische Jesuiten- und Klosterverbot. Geschichte und Rechtsfrage*. Zürich (Thomas-Verlag), 1950, 8°, 71 p.

62. - CARLEN, Albert. *250 Jahre Studententheater im deutschen Wallis. 1600-1800 (1850)*. Vallesia, Bulletin annuel de la Bibliothèque et des Archives cantonales du Valais, des Musées de Valère et de la Majorie - Jahrbuch der Walliser Kantonsbibliothek, des Staatsarchivs und der Museen von Valera und Majoria 5 (Sitten 1950) 229-366. - A paru aussi séparément en forme de livre à la librairie A. Carlen, Wyss (Zug).

L'auteur avait déjà étudié, dans le *Festschrift D. Imesch*, les débuts du théâtre religieux à Sion, puis dans le *Schweizer. Archiv für Volkskunde*, 1945, le théâtre médiéval du Valais jusqu'à la fin du XVI^e siècle; il compte achever le cycle par un travail sur le théâtre populaire contemporain dans la même région.

La présente dissertation (Université de Fribourg 1947) concerne essentiellement le théâtre scolaire des collèges de Brigue et de Sion (Sitten). En voici le schéma:

I. *Questions préliminaires* (l'arrivée des Jésuites, pp. 243-244; leurs fondations dans le Valais, pp. 244-246. - Entrés en 1607 dans le Valais, ils s'établirent à Sion en 1625).

II. *Le théâtre*. But et esprit essentiellement pédagogiques (aucune pièce de polémique antiprotestante). Compositeurs et directeurs (pp. 257-265, liste de ces auteurs et directeurs, 40 Jésuites sur 54 noms cités). Une représentation solennelle (les noces de Tobie, Brigue 8 sept. 1673). La construction interne du drame et son évolution (chœurs, intermèdes). Étude détaillée de la pièce de fin d'année scolaire. Les drames de la Passion (il n'en reste rien, l'auteur base ici ses hypothèses sur des restes de crucifix articulés et truqués, qui semblent destinés à des représentations). Exercices dramatiques et représentations théâtrales à l'intérieur du collège, p. ex. pour les Congrégations mariales.

III. L'expulsion des Jésuites (1773). Quelques mots sur le théâtre moderne des Jésuites en Suisse, jusqu'en 1848.

En appendice: *Dramenverzeichnis 1600-1850* (pp. 325-356, par maison et par date; il y a 151 pièces pour Brigue et 114 pour Sion); *Theatertexte aus der Bibliothek des Priesterseminars in Sitten* (pp. 357-361).

IV. Missions.

a) *Généralités.*

63. - BECKMANN, Johannes, S. M. B. *Die Beichtbücher (Confessionaria) Quelle der Missionspastorale*. Dans: *Missionswissenschaftliche Studien. Festgabe Pr. Dr. Johannes Dindinger O. M. I.*, Director der Päpstliche Missionsbibliothek zum 70. Lebensjahr dargeboten. (Aachen 1951), pp. 136-146.

Parmi les exemples apportés, le *Confesionario para los Curas de Indios* (Lima 1585), préparé par le P. José Acosta; en Orient un manuel de confession écrit en malabare par le P. Henrique Henriques (vers 1550) resté manuscrit; le *Salvator Mundi, confessionarium*, in Coll. Iaponico Soc. Iesu (Nangasaki 1598, encore réédité en 1869); puis toute la série de manuels analogues composés en Chine, depuis Ruggieri et Ricci jusqu'à la fin de la mission (même l'astronome Verbiest en fera un).

64. - BÜCHLER, Emil, S. I. *Das Missionswerk der österreichischen Jesuiten*. Dans: *Der österreichische Anteil der Orden an Missionswerk der Kirche*, herausgegeben von P. Dr. Johannes Thauren S. V. D. (Wien, Unio Cleri pro missionibus Oesterreichs, 1950) pp. 37-40, avec portrait du P. Köffler.

Ce n'est guère, en un espace aussi restreint, qu'une rapide évocation des principaux missionnaires jésuites d'origine autrichienne. Parmi les anciens, J. Gruber, W. A. Koffler, C. Herdtreich, G. Laimbeckhoven, A. Sepp, Ch. Boranga... ; les modernes ont eu surtout trois champs d'apostolat, l'Australie (PP. M. Klingöwstrom, P. Kranewitter...), le Zambèse (J. Lindner...), de nos jours le district de Kinghsien en Chine.

65. - ECHABIDE, D., S. I. *Catecismos misioneros jesuitas en las misiones del Patronato*. España misionera 8 (Madrid 1951) 16-39.

66. - Id. *Catecismos misioneros jesuitas en las misiones del Extremo Oriente*. España misionera 8 (1951) 107-122.

Deux articles de vulgarisation, donnant une vue d'ensemble des principaux écrits des Jésuites en cette partie.

67. - RÉTİF, André, S. I. *Brève histoire des Lettres édifiantes et curieuses*. Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft 7 (Schöneck / Beckenried 1951) 37-50.

Un bon exposé sur leur origine, leur valeur, leur influence aux XVIII^e et XIX^e siècles. [Fr. de Dainville S. I.]

b) Afrique

68. - KAMMERER, Albert. *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVI^e et XVII^e siècles et la cartographie des portulans du monde oriental. Étude d'histoire et de géographie historique*. Première partie. *Abyssins et Portugais devant l'Islam (XVI^e siècle)*. Deuxième partie, *XVII^e siècle. Les Jésuites portugais et l'éphémère triomphe du catholicisme en Abyssinie (1603-1632)*. Le Caire (Société Royale de Géographie d'Égypte), 1947, in-4^o de XVI-260 p. 48 fig., 84 planches, et 1949, in-4^o de pp. 261-621, 33 fig., 54 planches (= *Mémoires de la Société Royale de Géographie d'Égypte*, t. 17).

Dans la première partie, voir spécialement pp. 37-62: chap. II. *Bermudez, pseudo-patriarche d'Abyssinie. Sa mission en Europe (1535-1539)* avec les *Addenda et corrigenda* (pp. 243-245). La seconde partie nous intéresse toute entière.

69. - RICARD, Robert. *L'aumônerie des captifs chrétiens et la mission des Jésuites portugais à Tétouan (1548)*. Dans: *Les sources inédites de l'histoire du Maroc*. Série *Portugal*, Tome IV (Paris 1951), pp. 273-285.

Un premier paragraphe sur l'action au Maroc du prêtre séculier Fernando de Contreras (1535-1546) sert d'introduction à celui qui nous intéresse directement: *La mission des Jésuites portugais à Tétouan (1548)*. Les missionnaires en cause furent les PP. Luis Gonçalves da Câmara et João Nunes Barreto, avec un Frère coadjuteur. - Voir plus loin, dans le texte des *Sources inédites*, les documents LXXXI, LXXXV-LXXXVIII et CIV.

70. - MACMAHON, B., S. I. *Northern Rhodesia - The Chikuni Mission*. Irish Jesuit Directory 24 (Dublin 1951) 133-140.

71. - WELCH, Sidney R. *South Africa under John III, 1521-1557*. Cape Town and Johannesburg (Juta and C°, [1948], 8^o, [VII]-586 p.

Voir en particulier le chap. XIII, *[John] Bermudes and the Jesuits* (pp. 228-240).

72. - Id. *South Africa under King Sebastian and the Cardinal, 1557-1580*. Cape Town and Johannesburg (Juta and C° Ltd), 1949, 8°, 487 p.

73. - Id. *Portuguese Rule and Spanish Crown in South Africa (1581-1640)*. Cape Town and Johannesburg (Juta and C°. Ltd.), 1950, 8°, VI-634 p.

Voir sur ces volumes la recension donnée plus haut, pp. 332-334 (J. Wicki S. I.)

c) *Amérique*.

74. - ANGULO IÑIGUEZ, Diego. *Historia del arte hispano-americano*. Barcelona (Salvat Editora S. A.), 1950, 4°, XVI-931 p., 835 fig., 43 pl. - (Los capítulos III, VI, IX y XII por Enrique Marco Dorta, el capítulo VII por Mario J. Buschiazza).

Nous relevons ce qui, dans ce luxueux ouvrage, concerne les anciennes églises et maisons de la Compagnie de Jésus :

Chap. III. *La arquitectura del siglo XVII en Panamá, Colombia y Venezuela* : le P. J. B. Coluccini S. I., les églises San Ignacio de Bogotá et San Ignacio de Tunja, pp. 78-82; chap. IV, *La arquitectura del siglo XVII en el Ecuador* : Quito, l'église de la Compagnie, pp. 104-108; chap. V. *La arquitectura barroca del siglo XVII en el Perú* : les églises S. I. de Lima, pp. 130-132; le baroque d'Arequipa, la « Compañía », pp. 161-166; chap. VI. *La arquitectura barroca del siglo XVII en el Perú y Bolivia* : Cuzco, les édifices postérieurs au tremblement de terre, « la Compañía », pp. 173-180; le collège de la Compagnie, pp. 103-195; Sucre, église et collège de la Compagnie, pp. 211-211; chap. VII. *La arquitectura de los siglos XVI y XVII en el Brasil* : Jésuites et Franciscains, pp. 223-326; église S. I. d'Olinda, p. 228; Bahia, collège des Jésuites, pp. 221-234; Marañón et Para 237-239; Rio de Janeiro, pp. 241-242; Victoria, São Paulo, pp. 246-249; chap. IX. *La escultura en Colombia, Venezuela, Ecuador, Perú y Bolivia* : les apôtres peints par Nicolas de Goribar à l'église S. I. de Bogotá, p. 470; les peintures du collège de Cuzco rappelant les mariages de Martin et de Beltrán de Loyola, pp. 484-487; chap. XVII. *La arquitectura en Méjico durante la primera mitad del siglo XVIII* : le baroque mexicain, « la Professa » 1714-1720, pp. 530-533; chap. XIV. *La arquitectura de mediódia del siglo XVIII en Méjico* : Saint-Martin de Tepotzotlán, pp. 574-577; le collège de Saint-Ildephonse, pp. 577-678; chap. XVI. *La arquitectura del siglo XVIII en Puebla* : l'église de la Compagnie, pp. 639-643; chap. XVII. *La arquitectura del siglo XVIII en Oaxaca y Yucatán* : église S. Philippe de Neri et de la Compagnie, pp. 685-687; S. José de Campeche, p. 702; chap. XVIII. *La arquitectura del siglo XVIII en Michoacán, Jalisco, y Querétaro* : l'église de la Compagnie à Valladolid de Michoacán, p. 217; chap. XIX. *La arquitectura del siglo XVIII en Guanajuato* : « la Compañía » p. 755-763; chap. XX. *La arquitectura del siglo XVIII en Zacatecas, San Luis, Potosí, Saltillo, Durango y Chihuahua* : l'église de la Compagnie à Zacatecas, pp. 797-798; chap. XXI. *La arquitectura hispanoamericana en los Estados Unidos* : les missions de la Pimería alta et de l'Arizona, San Javier del Bac, pp. 833-834; chap. XXII. *Retablos y sillerías de coro en Méjico* : les rétables de Saint-Martin de Tepotzotlán, pp. 880-881. - Bibliographie, pp. 901-930.

CR. Arbor 18 (Madrid 1951) 302-309 (J. M. de Azeárate).

75. - BATLLORI, Miguel. S. I. *América en el pensamiento de los Jesuitas expulsos*. Boletín de la Academia Nacional de la Historia 23 (Buenos Aires 1950) 221-223.

Résumé du discours prononcé par le P. Batllori lors de sa réception comme membre correspondant de l'Académie, Buenos Aires 20 août 1949; pp. 219-220, discours de présentation par le P. G. Furlong, membre de l'Académie.

76. - BAYLE, Constantino, S. I. *El culto del Santísimo en Indias*. Madrid (Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Santo Toribio Mogrovejo), 1951, 8^e, 296 p.
 CR. Razón y Fe 144 (Madrid 1951) 293-294 (Francisco Segura S. I.).

Argentine, Paraguay.

Nous réunissons ici les publications relatives aux localités qui appartenaient, dans l'ancienne organisation, à la Province et à la Mission du Paraguay.

77. - FASSBINDER, Maria. *Kommunistischer Jesuitenstaat in Paraguay?* Die katholischen Missionen 70 (Bonn 1951) 11-13.
 A propos du volume de Mr C. LUGON, *La République communiste chrétienne des Guaraniés*, Paris 1949.

78. - FRANKL, Victor. *Idea del imperio español y el problema jurídico-lógico de los estados-misiones en el Paraguay*. Dans : *Estudios de Historia de América* (Mexico 1948, Instituto Panamericano de Geografía e Historia, Publicación num. 90, Comisión de Historia núm. 5, Estudios de Historia I), pp.

On se souvient de la vieille querelle, bruyamment ressuscitée en 1934 par le Prof. O. Quelle : les réductions du Paraguay (et quelques autres missions des Jésuites et des Capucins en Amérique) constituaient-elles un *état*, plus ou moins autonome ou dépendant, mais avec les caractères juridiques de la souveraineté ? (cf. Otto QUELLE, *Das Problem des Jesuitenstaates Paraguay*. Ibero-amerikanisches Archiv 8, 1934, 260-282, avec la réponse du P. Lesmes FRIAS, *Las misiones de la América meridional ¿eran estados independientes?* Razón y Fe 117, 1939, 165-175; voir AHSI 5, 1936, 104, n. 113 et 9, 1940, 167, n. 81). Après avoir souligné l'opposition des thèses en présence, Mr Frankl croit trouver un élément de solution ou de conciliation dans l'analyse du concept médiéval de l'« Empire » romano-germanique, concept transmis à l'Espagne par les Habsbourg. Dans cette notion, plus élastique que la notion moderne de la souveraineté, l'autorité supérieure et en un sens unique, de l'Empire est compatible avec des formations juridiques autonomes, mais coordonnées aux fins de l'Empire à cause de la dignité supérieure de celui-ci. L'autonomie aurait été donnée en ce sens aux « états-missionnaires », à partir des missions dominicaines de las Casas au Guatemala. La lutte contre eux commençait naturellement à l'avènement au trône des Bourbons, tenants de la notion moderne, centralisée, de la souveraineté. - L'étude si érudite de Mr Frankl montre certes quelle prudence il faut garder dans l'application, d'un siècle à l'autre, de notions qui semblent claires ; elle prouve qu'on pourrait reconnaître aux réductions, dans l'esprit du XVI^e siècle (mais encore sous Philippe III et Philippe IV ?) une autonomie englobée dans une unité politique supérieure. Mais la question de fait reste intacte, à savoir si les relations concrètes entre les supérieurs des réductions et les autorités espagnoles centrales ou coloniales permettent d'appliquer aux réductions le concept de souveraineté. Personnellement, nous ne le pensons pas.

79. - MATEOS, F., S. I. *La Guerra Guaranítica y las Misiones del Paraguay. Primera Campaña (1753-1764)*. Missionalia Hispanica 8 (Madrid 1951) 241-316.

80. - PEÑA, Roberto I. *Noticia sobre la enseñanza de la filosofía en la Universidad de Córdoba durante el período jesuítico (1614-1767)*. Actas del primer Congreso nacional de Filosofía. Mendoza, Argentina (marzo 30 - abril 9, 1949). - Mendoza (Universidad nacional de Cuyo), 1950, vol. III, pp. 2103-2107.

Un beau sujet, mais sur lequel l'auteur ne dépasse guère les généralités ; quelques renseignements pourtant sur un commentaire ms. du *de anima* d'Aristote par le P. José Rufo S. I., 1766.

81. - RIBERA, Adolfo Luis, y SCHENONE, Héctor. *El arte de la imaginería en el Río de la Plata*. Buenos Aires (Universidad de Buenos Aires, Facultad de Arquitectura y Urbanismo), 1948, 4^a, 320 p., ill.

Ce livre, que nous ne connaissons que par la recension dans la *Revista de Indias* 10 (Madrid 1950) 889-890, inclut une étude sur l'imagerie religieuse, sculpture principalement, d'un réalisme accentué, dans les réductions guaranies.

82. - ZURETTI, Juan Carlos. *Algunas corrientes filosóficas en Argentina durante el periodo hispánico. La llamada filosofía moderna*. Actas del primer Congreso nacional de Filosofía. Mendoza, Argentina (marzo 30 - abril 9, 1949). - Mendoza (Universidad nacional de Cuyo), 1950, vol. III, pp. 2122-2128.

Le thomisme suarézien en Amérique, avec la *Logica mexicana* du P. Rubio, etc. Pas de trace de cartésianisme au Río de la Plata avant 1710; avertissements des PP. Généraux contre les idées cartésiennes. Rôle de deux professeurs à Córdoba, le P. Thomas Falkner qui, sans être métaphysicien ni enseigner la philosophie moderne, lui ouvre les voies, notamment en vulgarisant les idées de Wolff, et le P. Domingo Muriel qui, en commençant en 1749 son cours de logique, y supprime les subtilités vieillies pour faire place à l'exposé des questions modernes. En 1752, le chancelier de l'Université Manuel Vergara envoie au P. Général 54 propositions, qui sont censurées comme antiscolastiques. Nombreuses citations de « recentiores », Newton, Gassendi, Romer, Mayr, Nollet, Duhamel,...dans les cours de 1755-1767 (PP. José Rufo, Benito de Riva,...). Comme voie de pénétration des idées modernes, l'auteur signale les *Mémoires de Trévoux*. Après 1767, tandis que les Franciscains, formés à Córdoba par les Jésuites, se donnent à la philosophie moderne, d'autres anciens élèves des Pères, les professeurs du « Colegio Carolino » de Buenos Aires, reviennent à une scolastique plus stricte.

Brésil.

Voir aussi, parmi les biographies, aux noms de J. Anchietá (n. 154-156), Nóbrega (n. 278-279), Rodrigues (n. 296), Vieira (n. 332-334).

83. - BATILLORI, M., S. I. *L'opera dei Gesuiti nel Brasile e il contributo italiano nella « Historia » del P. Serafim Leite*. Civiltà Cattolica (1951) III, 193-202.

Article de recension, à propos de l'achèvement de l'*Historia da Companhia de Jesus no Brasil* du P. Serafim Leite (Rio de Janeiro 1938-1950, 10 vol.). A une revue générale de l'œuvre (pp. 193-198), l'auteur fait suivre un relevé des Jésuites italiens, qui furent missionnaires au Brésil des origines à 1760 et quelques mots sur l'exil en Italie des Jésuites du Brésil expulsés par Pombal.

84. - BURY, J. B. *Jesuit Architecture in Brazil*. The Month, new series 4 (London 1950) 385-408, 22 gravures et plans sur 8 planches h. texte.

Une différence sensible sépare les églises élevées par les Jésuites au Brésil de leurs constructions dans le reste de l'Amérique. Tandis qu'ailleurs on les voit suivre toute l'évolution du style baroque, au Brésil ils semblent rester, même dans leurs édifices de la fin du XVII^e siècle, sous l'influence de ce « maniériste » qui caractérise la brève période de l'architecture italienne entre la Renaissance et le baroque proprement dit. Une des principales causes de cet archaïsme est à chercher dans l'inspiration de l'art portugais contemporain. L'influence de l'architecte maniériste italien Filippo Terzi (de Bologne) se prolongea au Brésil grâce au Fr. coadjuteur Francisco Dias : celui-ci passa au Brésil en 1577, après avoir travaillé à Lisbonne avec Terzi aux plans de l'église Saint-Roch (Maison professe), et ne mourut qu'en 1632. Terzi avait mis en vogue au Portugal (église de Saint-Vincent de Fora, à

Lisbonne) un type de façade flanquée de deux hautes tours : on verra ce type l'emporter souvent au Brésil sur le type romain de la façade et de l'église sans tour (comme au Gesù). Une grande partie des anciennes églises des Jésuites au Brésil ne nous est malheureusement plus connue que par des plans ou dessins.

85. - SANTINI, Ludvino, S. I. *Mémorias do Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro, Nova Trento - Santa Catarina, Brasil*. Pela passagem do cinquentenario de sua fundação. - Brusque, Sta Catarina (Tipografia « Leão Dehon ») 1950, 8°, 66 p. grav. dans le texte et une carte h. texte.

86. - SANMARTIN, Olintho. *Bandeirantes no Sul do Brasil*. Porto Alegre (Edições A Nação), 1949, gr. 8°, 232 p., cartes h. texte.

L'auteur, connu par d'autres travaux d'histoire locale, donne ici une étude d'ensemble sur le mouvement des « bandeirantes » (ou chasseurs d'esclaves) de São Paulo dans le territoire actuel de l'état de Rio Grande do Sul. Après une étude sur la population indigène (pp. 7-35), la seconde partie, intitulée *A sombra jesuítica* (pp. 37-94), esquisse un tableau de la Compagnie de Jésus en Europe, de S. Ignace à la suppression de 1773, avant de raconter la fondation et la destruction des réductions érigées par les Jésuites dans le Rio Grande do Sul. Malgré ses bonnes intentions, l'auteur s'est trop laissé influencer par des écrivains tendancieux et sans valeur historique, comme Filippo Miller : ce morceau de bravoure n'est qu'une caricature, où aucun Jésuite ne reconnaîtra le portrait de S. Ignace et de son ordre. La troisième partie (pp. 95-150) est la discussion d'un problème topographique et toponymique, la localisation de *Patos* (dans l'état de Santa Catarina et non dans le Rio Grande d. S.) et l'origine de ce nom ; l'auteur s'y sert, entre autre, des cartes des réductions dressées par les missionnaires jésuites. La dernière partie, la plus importante (pp. 151-232), est l'histoire des invasions successives des « bandeirantes » dans le Rio Grande do Sul. Les premières, avec Antônio Raposo Tavares, André Fernandes, etc., purent saccager les missions désarmées et en razzier la population, malgré les protestations des missionnaires ; les dernières se brisèrent en 1641 à Mbororé contre la résistance victorieuse des Indiens, que les Jésuites avaient pu finalement faire pourvoir d'armes à feu.

Canada.

Voir aussi le n° 7 (bibliographies) et, parmi les biographies, aux noms de Alبانel (n. 150), Aulneau (n. 158), Brébeuf (nn. 172-174).

87. - ARS, Sœur Marie de S. Jean d' -, C. S. C. *La carte des Jésuites*. Revue d'histoire de l'Amérique française 4 (Montréal 1950) 249-217, une reproduction.

On désigne sous ce nom la carte du lac Supérieur, qui accompagne la *Relation* de 1670 et 1671. Elle aurait été dressée d'après une esquisse ou croquis du P. Dablon, et probablement par les PP. Dablon et Allouez, plutôt que par Dablon et Marquette.

88. - DELANGLEZ, Jean, S. I., *Louis Jolliet, Vie et voyages (1645-1700)*. Montréal (Éditions Granger), 1950, 8°, 435 p. (= Les Études de l'Institut d'histoire de l'Amérique française).

Adaptation française du *Life and Voyages of Louis Jolliet*, publié par l'auteur à Chicago en 1948, non sans quelques enrichissements, addition de cartes géographiques, etc. Plusieurs chapitres sont consacrés à l'examen critique des sources historiques et cartographiques relatives au voyage de Marquette et Jolliet sur le Mississippi en 1673 et au récit de celui-ci.

L'AHSI rendra compte du volume.

89. - GOULET, Gérard. *Histoire du culte de nos Saints Martyrs (La valeur religieuse des religions païennes)*. Dans : *Rapport de la troisième semaine d'études missionnaires du Canada, à Québec, 17-20 octobre 1949*. Québec (L'Union Missionnaire du Clergé), 1950, 197-216.

Cité d'après : The Canadian Historical Review 31 (Toronto 1950) 437.

90. - KENNEDY, J. H. *Jesuit and Savage in New France*. New Haven (Yale University Press), 1950, 8°, VII-206 p., doll. 3,75 (= Yale Historical Publications, n° 50).

CR. Canadian Histor. Review 32 (1951) 78-79 (J. Ch. Bonefant); Catholic Histor. Review 36 (1950/51) 470-471 (P. McNamara); Worldmission 1 (Washington 1950) 126-127 (J. Fr. Ewing S. I). Nous regrettons de ne pouvoir en parler nous-mêmes, ne l'ayant pas reçu pour recension.

91. - STANLEY, George F. G. *The First Indian « Reserves » in Canada*. Revue d'histoire de l'Amérique française 4 (Montréal 1950) 178-210.

Étude, sous cet aspect de « réserves indiennes », des missions de Saint-Joseph de Sillery, de Saint-François chez les Abenakis, de Lorette, Sault-Saint-Louis, Saint-Régis et de la mission des Sulpiciens au lac des Deux Montagnes.

92. - VIATTE, Auguste. *La littérature française d'Amérique au XVII^e et au XVIII^e siècle*. Revue de littérature comparée 25 (Paris 1951) 5-11.

Littérature française autant qu'américaine, écrite en Amérique, ou au retour d'Amérique par des voyageurs ou des missionnaires français. Les exemples, que l'auteur emprunte pour une large part aux *Relations* des Jésuites, aux écrits de Charlevoix, Lafitau, La Colombière,... montrent que ces auteurs trouvent, au Canada aussi bien qu'en France, une société polie pour les goûter et qu'ils se souviennent d'avoir fait leurs humanités. [F. de Dainville S. I.]

Chili.

Voir aussi, parmi les biographies, aux nom de M. Lacunza (n. 241), Mascardi (n. 289).

93. - GÓNGORA DEL CAMPO, Mario. *Notas para la historia de la educación universitaria colonial en Chile*. Anuario de estudios americanos 6 (Sevilla 1949) 161-230.

Pp. 187-205 : *los Jesuitas* ; avec l'indication de quelques cours manuscrits conservés dans les bibliothèques locales et quelques données sur la bibliothèque de 6.000 volumes que possédait le *Collegium Maximum* de Saint-Michel au moment de l'expulsion de la Compagnie sous Charles III.

Colombie.

94. - FORERO DURÁN, Luis, S. I. *Verdaderas causas de la expulsión de la Compañía de Jesús en tiempo de José Hilario López*. Revista Javeriana 35 (Bogotá 1951) 92-99.

Pour justifier son décret d'expulsion des Jésuites de Colombie, 18 mai 1850, le Président J. H. López en appelait à la pragmatique du roi d'Espagne Charles III, base juridique manifestement inconsistante. Quels furent les vrais motifs de sa décision ? L'auteur montre que le général López, manquant de formation intellectuelle et politique, fut à la merci d'une camarilla sectaire et maçonnique. Celle-ci, n'osant proposer une loi que le sénat aurait refusée, imposa au Président sa mesure arbitraire. L'épisode est un écho des luttes contemporaines contre la Compagnie de Jésus en Europe.

95. - HERNÁNDEZ DE ALBA, Guillermo. *La iglesia de San Ignacio de Bogotá*. Anuario de estudios americanos 5 (Sevilla 1948) 507-570.

Description enthousiaste de cette église, l'édifice le plus parfait que possède actuellement la Colombie. Commencée probablement en 1625, elle eut comme architecte le P. J. B. Coluccini, de Lucques, mais d'après un plan venu de Rome. L'auteur s'étend surtout sur le très riche mobilier, exécuté en partie par des FF. Coadjuteurs (Fr. Raphaël Ramírez, Fr. Luisynch ou Loesing): rétables, statues, autel des reliques, tableaux attribués à Murillo, Rubens, le Titien, Grégoire Vázquez de Arce... ; au trésor, la fameuse « lechuga », grand ostensorio orné de 1500 émeraudes. Pp. 523-536, illustrations (surtout pour le mobilier; pas de bonne vue pour l'architecture); pp. 540-570, appendice documentaire : 1^o) extraits du *Libro de la sacristia del Colegio de Santa Fe* (inventaires de 1619, 1625, mentions des principales acquisitions); 2^o) *Inventario de las alhajas de la Iglesia*, de 1776.

96. - PACHECO, Juan Manuel, S. I. *La Universidad Javeriana. Ecclesiastica Xaveriana* 1 (Bogotá 1951) 9-30.

Résumé de l'histoire de l'ancienne Université, de sa fondation en 1604 jusqu'à la pragmatique de Charles III expulsant les Jésuites d'Amérique. L'auteur s'étend sur les nombreux procès relatifs au droit des Jésuites à conférer les grades académiques et sur les professeurs ou écrivains plus marquants de l'Université (d'après les ouvrages récents de D. Restrepo, Abel Salazar, J. M. Rivas Sacconi).

97. - *Quema de la iglesia de Fontibón. Agosto 22 de 1619.* Revista del Archivo Nacional 6 (Bogotá 1944) 331-362.

Publication, d'après les originaux de l'Archivo Histórico Nacional, des procès-verbaux de l'enquête faite dans la « doctrina » de Fontibón après l'incendie de l'église. Les Jésuites qui interviennent dans ces actes sont les PP. Jérôme Gómez, Joseph Dadei, Jean-Baptiste Coluccini. En hors-texte, reproduction du plan fait par le P. Coluccini pour la nouvelle église, agrandie à cette occasion.

98. - *Visita de los ornamentos de la iglesia de Fontibón. Julio 14 de 1639.* Revista del Archivo Nacional 6 (Bogotá 1944) 363-369.

Publication du procès-verbal officiel, conservé dans l'Archivo Histórico Nacional. Le « cura doctrinero », qui signe avec le notaire, est le P. Joseph Hurtado.

Équateur.

99. - *Provisión y Cédulas Reales sobre fundación de un Colegio de Jesuitas en la villa de Riobamba, 1700.* Museo histórico, organo del Museo de Historia de la Ciudad de Quito 3 (Quito 1951), n. 8, 46-53.

Texte de deux actes, la requête du procureur des Jésuites et la concession royale, documents communiqués par le Dr. T. C. Mosquera Wallis, de Ibagué.

Guatemala.

100. - SCHEIFLER, José Ramón, S. I. *Riquezas de los religiosos en Santiago de los Caballeros de Guatemala.* ECA, Estudios Centro Americanos 4 (El Salvador 1950) n. 46, 8-19.

Voir pp. 9-11, la liste des « haciendas rústicas » des couvents de Santiago de los Caballeros (p. 10-11, les trois seules propriétés rurales des Jésuites); le reste de l'article fournit d'autres indications sur la situation financière difficile des Jésuites (comme de presque tous les autres religieux) de cette ville aux XVII^e-XVIII^e siècles.

Mexique.

Voir aussi, parmi les biographies, aux noms de Cuevas (n. 187), Landívar (n. 243-249), Ramírez (n. 290), Salvatierra (n. 308).

101. - *Donación de bienes a la Compañía de Jesús en el siglo XVI*. México (Editor Vargas Rea), 1947, 8^e, 62 p. (= Biblioteca Aportación histórica).

Les Jésuites étaient à peine arrivés depuis un mois à Mexico quand le riche propriétaire Alonso de Villaseca leur fit don des terrains sur lesquels fut ensuite édifié le Collège Maximum des SS. Pierre-et-Paul. Après une introduction historique sur la portée de ces donations, l'éditeur en publie l'acte (8 nov. 1572), suivi de la reconnaissance du titre de « fondateur » à Villaseca et des formules successivement envoyées de Rome pour la consécration juridique de ces dispositions (1578-1599). Analyssée mais non publiée, une convention postérieure (22 oct. 1620) entre les Supérieurs de la Compagnie au Mexique et la famille du fondateur, au sujet de l'héritage du P. Alonso Guerrero-Villaseca S. I. (1576-1639), éclaire l'histoire de la famille comme celle des débuts de la Compagnie au Mexique.

102. - DUNNE, Peter Masten, S. I. *Report on Mission Santa Rosalia*. Mid-America 33 (Chicago 1951) 43-55.

Avec, pp. 47-55, le texte, en traduction anglaise, du rapport du P. J.-B. Luyando S. I. au P. Visiteur José de Echeverría, sur la mission de Santa Rosalia, Mulegé, dans la Basse Californie, 19 janvier 1730.

103. - *Instrucciones a los Hermanos Jesuitas administradores de haciendas* (Manuscrito mexicano del siglo XVIII). Prólogo y notas de François Chevalier. - México (Universidad nacional autónoma de México, Instituto de Historia), 1950, 8^e 273 pp. (= Publicaciones del Instituto de Historia, serie I, n. 18).

CR. Hispanic American Historical Review 26 (Durham 1951) 301-302 (B. E. Bobb); Rev. d'ascétique et de mystique 27 (1951) 177-184 (R. Ricard).

104. - LARROYO, Francisco. *Historia comparada de la educación en México*. México (Editorial Porrúa S. A.), 1947, 4^e, 431 p.

Voir, dans la 2^e partie, *La educación y la enseñanza en la época colonial*, ch. VII, *Organización de la segunda enseñanza en la Nueva España por las órdenes religiosas*, la seconde section, *Los Jesuitas* (pp. 117-126), dont nous transcrivons les sommaires : 1) La Compañía de Jesús; 2) Los Jesuitas en México; 3) La obra de los Jesuitas fue importante en materia de educación; 4) El Colegio Máximo de San Pedro y San Pablo; 5) Los Colegios de San Gregorio, de San Bernardo, de San Miguel y de San Ildefonso; 6) Colegios fuera de la Ciudad de México; 7) Los Colegios transmarinos.

105. - MÉNDEZ PLANCARTE, Alfonso. *El Corazón de Jesús en la Nueva España*. México (Editorial « Buena Prensa ») 1951, 8^e, 203-[3] p., 8 planches h. texte.

Comme le sujet donne droit de s'y attendre, c'est, pour une grande partie, un chapitre de l'histoire littéraire et spirituelle des Jésuites mexicains que nous fait ici explorer un guide d'une érudition riche et sûre. Parmi les auteurs Jésuites, les PP. Juan Antonio de Mora, Juan Antonio de Oviedo, José Paredes, Juan José Arriola, Diego José Abad, ... sans parler des traductions ou adaptations des opuscules parus en Europe sur la dévotion au Sacré-Cœur.

106. - NAVARRO, Bernabé. *La introducción de la Filosofía moderna en México*. México (El Colegio de México), 1948, petit 8^e, 310 p., planches h. texte en facsimilé.

Un compte rendu sera donné prochainement de cette importante étude.

107. - RICARD, Robert. *La vie religieuse dans les « haciendas » des Jésuites mexicains au XVIII^e siècle*. Revue d'ascétique et de mystique 27 (Toulouse 1951) 177-184.

Le remarquable livret d'instructions pour les Frères Coadjuteurs mexicains, que M. François Chevalier vient de publier (cf. n. 103), est d'un intérêt considérable pour l'histoire économique. Mais écrit par un religieux pour des religieux, il contient tout un directoire pratique et appliqué sur l'observance des vœux et des règles par ces religieux en grande partie isolés et livrés à eux-mêmes. M. Ricard en relève les principales prescriptions, en soulignant l'impression de droiture et de bonhomie, le parfum quasi patriarchal, qui s'en dégagent.

108. - RICO GONZÁLEZ, Víctor. *Historiadores Mexicanos del siglo XVIII. Estudios historiográficos sobre Clavijero, Veytia, Cavo y Alegre*. México (Universidad autónoma de México, Instituto de Historia), 1949, gr. 8°, 218 p. (= Publicaciones del Instituto de Historia, Primera serie, n. 12).

Francisco Javier Clavijero, p. 11-75 (pp. 55-63 : Cartas de Clavijero ; 65-75 : bibliografia de Clavijero). - [Mariano Veytia ne nous concerne pas ici, n'étant pas jésuite]. - Andrés Cavo, pp. 101-127 (p. 127 : bibliografia de Andrés Cavo). - Francisco Javier Alegre pp. 129-208 (pp. 157-205 : apéndice à Alegre, Epístola que manda el General de la Compañía de Jesús al Provincial de la misma en Nueva España. Cartas que mediaron entre Palafox y el Provincial de la Compañía en Nueva España. Carta que manda dar Juan de Palafox al Rey ; pp. 207-208 : bibliografia de Francisco Javier Alegre).

109. - ROJAS GARCIDUEÑAS, José. *El antiguo Colegio de San Ildefonso*. México (Instituto de Investigaciones estéticas) 1951, gr. 8°, 87 p. 40 pl. h. texte et un plan.

Le Collège royal de S. Ildephonse, à Mexico, fut aux mains des Jésuites de 1588 ou 1589 jusqu'à leur expulsion en 1767, et de nouveau, pour peu de temps, en 1864-1865. Après une partie historique fort sommaire, le présent volume consacre trois chapitres à l'architecture, à la sculpture et à la peinture dans ce somptueux édifice.

Pérou.

110. - MANSO DE ZÚNIGA, G. *Los Loyola del Perú*. Boletín de la R. Sociedad Vascongada Amigos del País 7 (San Sebastián 1951) 203-212, 4 pl.

C'était un petit neveu de S. Ignace que ce Martin García de Loyola († 1598) qui réussit en 1572 à s'emparer de Tupac Amaru, épouse la petite fille du dernier souverain inca Manco Capac et devint capitaine général du Chili. Mais nous citons ici cet article parce qu'il reproduit et commente une énorme toile de l'église des Jésuites à Cuzco ; on y voit représentés, devant les effigies de S. Ignace et S. François de Borgia, les deux mariages de Martin de Loyola avec Doña Beatriz Coya Inca et de sa fille Ana María avec le fils du marquis de Alcañice.

d) Asie.

111. - PEREGRINO DA COSTA, P. J. *Medicina Portuguesa no Extremo Oriente. - Síao, Molucas, Japão, Cochinchina, Pekim e Macau (século XVI a XX)*. Boletim do Instituto Vasco de Gama, nn. 63-64 (Bastora 1948) 5-237.

A notre point de vue, il faut signaler ici le premier chapitre : *Os Portugueses pioneiros da introdução da medicina europeia no Extremo-Oriente* (pp. 5-56) : la fondation d'un hôpital par les Jésuites à Goa, la « botica » ou pharmacie de leur Collège Saint-Paul, leurs recueils de recettes ; au Japon, les fondations médicales bien connues du Fr. Luís d'Almeida (pp. 17-38) ; en Cochinchine, l'œuvre botanique du P. Jean Loureiro (pp. 38-42) ; en Chine, activité médicale multiple des missionnaires (pp. 42-56). Plus loin, à propos des médecins qui exercèrent à Macao, quelques mots sur le P. Dominique Parennin (pp. 126-127).

112. - PLATTNER, Felix Alfred, S. I. *Jesuits go East. A Record of Missionary Activity in the East*. Dublin (Clonmore and Reynolds Ltd), 1951, in-16, 283 p.
 Traduction du petit volume du P. Plattner, *Jesuiten zur See, Der Weg nach Asien*. Zürich 1946, signalé AHSI 15 (1946) 231, n. 140.
 CR. Irish Ecclesiastical Record 86 (Dublin 1951) 93-94 (G. B.); Month, new series 5 (London 1951) 250-251 (J. Brodrick S. I.).

Chine.

Voir aussi le n° 1 (bibliographie) et, parmi les biographies, aux noms de Aleni (n. 151), Bouvet (n. 170), Boym (n. 171), Henriques (n. 202).

113. - BECKMANN, Johannes, S. M. B. *Die lateinische Bildung des chinesischen Klerus im 17. und 18. Jahrhundert*. Dans: *Der Einheimische Klerus in Geschichte und Gegenwart. Festschrift P. Dr. Laurenz Kilger O. S. B. zum 60. Geburtstag dargeboten*. (Schöneck-Beckenried 1950) pp. 163-187.

114. - BOXER, C. R. *Portuguese and Spanish Rivalry in the Far East during the Seventeenth Century*. Journal of the Royal Asiatic Society (London 1946) 150-164 et (1947) 91-105.

Tandis que le premier article considère surtout les luttes politiques entre les deux couronnes, le second s'occupe principalement de la campagne du Dominicain espagnol Domingo Fernández Navarrete contre les Jésuites portugais des missions de Chine.

115. - Id. *Some Sino-European Xylographic Works, 1662-1718*. Journal of the Royal Asiatic Society (1947) 199-215, 8 facsimilés.

L'auteur publie ses recherches, concernant surtout la localisation des exemplaires, sur onze des plus importantes de ces productions: 1) La *Sapientia Sinica*, des PP. Ignace da Costa et Prosper Intorcetta, Kieng-Chang, 1662; 2) *Sinarum Scientia Politico-Moralis*, du P. Prosper Intorcetta, Canton 1667-Goa 1669; 3) *Innocentia Victrix*, du P. Antoine de Gouvea (attribuée aussi aux PP. Lubelli ou de Rougemont), Canton, 1671; 4) *Epistola P. Ferdinandi Verbiest*, Pékin, 1678; 5) *Relatio sepulturae Magno Orientis Apostola S. Francisco Xaverio erectae*, du P. Gaspar Castner, Pékin 1700; 6) *Brevis relatio eorum. quae spectant ad declarationem Sinarum imperatoris Kam-hi*, Pékin, 1701 et Canton 1702; 7) *Arte de la lengua mandarina*, du P. Francisco Varo O. P., augmentée par le P. Pedro de la Piñuela O. P., Canton, 1603; 8) *Exemplar epistolarum R. P. Fr. Dominici Navarrete S. Ord. Praed. data Cantone 29 septembbris anni 1609 ad R. P. Antonium de Gouvea S. I.*, Pékin, 1704, premier exemplaire signalé; 9) *Relacion sincera, y verdadera de la justa defension de las Regalias, y privilegios de la Corona de Portugal en la Ciudad de Macao*, Chungshan 1712; 10) *Informatio pro veritate contra iniquiorem famam sparsam per Sinas cum calumniis in PP. Societatis Iesu*, Pékin, 1718; 11) *Jornada que o Senhor Antonio de Albuquerque Coelho governador e capitán general da Cidade do Nome de Deos de Macao na China fez de Goa athe chegar a detta cidade*, Chungshan, 1718.

116. - Id. *A propósito dum livrinho xilográfico dos jesuítas de Pequim (século XVIII)*. Ensaio histórico. Macau (Imprensa Nacional), 1947, 8º, 24 p., 14 fs.

117. - CHEN, Stanislaus. *Historia tentaminum Missionarium Societatis Iesu pro Liturgia Sinica in saeculo XVII*. Dissertatio ad Lauream consequendam in Facultate Theologica apud Pont. Universitatem Urbanianam de Propaganda Fide. - Romae (Scuola tip. « Don Luigi Guanella ») 1951, gr. 8º, 189 p.

118. - GROOTAERS, Willem A., C. I. G. M. *Les deux Stèles de l'Église du Nant'ang à Pékin*. Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft 6 (Schöneck/Bekenried 1950) 246-255.

119. - MENSAERT, Georges, O. F. M. *Nouveaux documents sur le soi-disant schisme de Pékin*. Dans : *Missionswissenschaftliche Studien. Festgabe Pr. Dr. Johannes Dindinger O. M. I.* Direktor der Päpstliche Missionsbibliothek zum 70. Lebensjahr dargeboten (Aachen 1951), pp. 332-346.

L'auteur dresse le catalogue de 263 documents, presque tous inédits, qu'il a trouvés à l'Arquivo historico-colonial de Lisbonne, en les répartissant en deux groupes : I) ceux qui concernent les troubles qui se manifestèrent de 1774 à 1780, à la suite de la publication à Pékin du Bref Dominus ac Redemptor. a) documents issus par les autorités supérieures (parmi lesquels quelques lettres de Mgr Laimbeckoven S. I., évêque de Nankin); b) documents des ex-jésuites portugais (pp. 337-339, entre autres les lettres du P. Joseph d'Espinha, l'ancien supérieur des Jésuites portugais, qui fut l'auteur du « schisme »); documents des ex-jésuites français (pp. 339-340); d) documents des missionnaires de la Propagande. - II) Documents concernant la mission de Pékin de 1781 à 1784, depuis le sacre de Mgr Damascène Sallusti jusqu'à l'arrivée de Mgr Alexandre de Gouveia (parmi eux, des lettres des PP. Joseph d'Espinha, François Bourgeois, Jean de Ventavon, etc.).

120. - SZCZESNIAK, Boleslaw. *Notes on the Penetration of the Copernican Theory into China (Seventeenth-Nineteenth Centuries)*. Journal of the Royal Asiatic Society (London 1945) 30-38.

Les ouvrages scientifiques des PP. Ricci, de Ursis, Boym, etc.

121. - ID. *Note on Kepler's « Tabulae Rudolphinae » in the Library of Pei-t'ang in Pekin*. Isis 40 (Cambridge, Mass. 1949) 344-347.

Quelques mots d'abord sur les publications faites ces dernières années sur l'histoire de la bibliothèque du Pei-tang et sur leur intérêt pour l'étude des relations scientifiques entre l'Occident et la Chine. L'exemplaire des *Tabulae Rudolphinae*, de Kepler (Ulm 1627), conservé au Pei-t'ang, porte une inscription manuscrite du P. Michel Boym, datée de Macao 1646. Son analyse permet à M. Szczesniak de souligner le rôle de deux missionnaires polonais, les PP. Boym et Jean-Nicolas Smogulecki dans l'introduction en Chine des théories coperniciennes et des méthodes de Kepler.

122. - VERHAEREN, H., C. M. *Catalogue de la Bibliothèque du Pet'ang. Introduction et index*. Pékin (Imprimerie des Lazaristes), 1949, 4^e, pag. I-XXXIX et col. 1210-1334.

Les difficultés de communication avec l'Extrême-Orient ne nous ont pas permis de voir et d'analyser les trois autres fascicules, contenant le catalogue proprement dit : I, livres français, pp. I-VII et col. 1-194 (1944); II, livres latins, col. 197-918 (1947); III, autres langues, col. 921-1206 (1948).

Le fascicule d'introduction possède une valeur à part, à cause de l'*Aperçu historique de la Bibliothèque du Pet'ang*, qui en constitue le corps (pp. V-XXXIII), sous la signature du P. H. Verhaeren, des Lazaristes.

L'auteur commence par résumer l'histoire des diverses bibliothèques, dont les restes sont venus constituer la bibliothèque actuelle du Pet'ang : 1) la bibliothèque du Nant'ang ou de la mission portugaise : les livres du fondateur P. Mathieu Ricci, la bibliothèque rapportée d'Europe par le P. Trigault (de celle-ci, restent 757 ouvrages en 629 volumes ; les confrontations faites sur place permettent d'intéressantes remarques au sujet de la relation de Trigault que nous avons publiée dans l'AHSI 9, 1940, 71-75, 95-98 et passim), les développements ultérieurs ;

2) la Bibliothèque du Tongt'ang, dont il ne reste quasi rien ; 3) la Bibliothèque du Pet'ang ou des jésuites français, également détruite (on l'enterra en 1833 dans l'espoir de la sauver !) ; il reste 202 ouvrages en 290 vol. ; 4) la Bibliothèque du Sit'ang, des Lazaristes et Mineurs italiens ; 5) les livres abandonnés par le Légit Mezzabarba, quand il fut expulsé en 1721 ; on en a 51 ouvrages en 69 volumes ; 6) les Bibliothèques épiscopales de Mgr Polycarpe Souza S. I., † 1757, 93 ouvrages, 115 vol., et de Mgr Alexandre de Gouvea, † 1808, 228 ouvrages, 312 vol. ; 7) enfin des livres provenant des résidences de Tsing-nan-fou, 82 vol. ; Tchen-Kiang, 44 vol., Hang-tcheou, 35 vol., Hoai-ngan, 43 vol., Nankin 67 vol., Tchen-Ting-fou, 16 vol., Kai-fong, Shanghai, Outch'ang, Kiang-tcheou, quelques volumes.

L'auteur raconte ensuite le transfert, opéré vers 1828, de la bibliothèque à la Mission russe, non en donation ou compensation pour des avances faites, mais en simple dépôt pour motifs de sécurité. La plus grande partie fut restituée en 1860 (5.400 livres, selon un inventaire de 1862). Enfin, la dernière étape fut le transfert en 1887 de la Bibliothèque à l'emplacement qu'elle occupa jusqu'à ces dernières années.

L'Index final du catalogue est double : a) par noms d'auteurs, traducteurs, compilateurs, éditeurs, etc. ; b) par titre et matières des ouvrages.

Index.

Voir aussi, parmi les biographies, au nom de J. de Brito (n. 175).

123. - FERROLI, D., S. I. *The Jesuits in Malabar*. Vol. II. Bangalore (King and C°, The National Press), 1951, 8°, XXIII-iv-622 p.

Le premier volume, paru en 1936, racontait l'histoire de la mission du Malabar au XVII^e siècle ; celui-ci embrasse la période de 1600 à 1818, incluant donc, à la fin, l'histoire des ex-jésuites du Malabar après la suppression de la Compagnie. - L'AHSI rendra compte prochainement du volume.

124. - SILVA REGO, António da. *Documentação para a História das Missões do Padrão Português do Oriente. Índia*. 4^o vol. (1548-1550) ; 5^o vol. (1551-1554). - Lisboa (Agência Geral das Colónias), 1950-1951, 2 vol. gr. 8°, XXVII-599 et XXXI-358 p.

Comme dans le vol. III (cf. AHSI 19, 1950, 346, n. 110) une partie notable des documents publiés dans le vol. IV est simplement reproduite des volumes des MHSI, *Epistulae S. Francisci Xaverii*, des PP. Schurhammer et Wicki (1944-1945), et *Documenta Indica*. I, du P. Wicki (1948). Sur 104 documents édités, 49 ont cette provenance, ou, pour les deux années 1548-1549, 49 sur 80. Dans le vol. V, 18 documents sur 81 viennent des *Epistulae S. Franc. Xaverii* ; l'auteur n'a pu utiliser encore le second tome des *Documenta Indica* du P. Wicki (1950), qui couvrent en partie la même période.

125. - WICKI, Josef, S. I. *Der einheimische Klerus in Indien (16. Jahrhundert)*. Dans: *Der Einheimische Klerus in Geschichte und Gegenwart. Festschrift P. Dr. Laurenz Kilger OSB. zum 60. Geburtstag dargeboten*. (Schönecke-Beckenried 1950), pp. 17-72.

Indochine.

126. - SCHURHAMMER, Georg, S. I. *Annamitische Xaveriusliteratur*. Dans: *Missionswissenschaftliche Studien. Festgabe Pr. Dr. Johannes Dindinger O. M. I. Direktor der Päpstliche Missionsbibliothek zum 70. Lebensjahr dargeboten von Freunden und Schülern. Herausgegeben von Pr. Dr. Johannes Rommerskirchen O. M. I. und P. Dr. Nikolaus Kowalski O. M. I. (Aachen 1951)* pp. 300-314.

Nous classons cet article ici et pas au nom de Xavier, car le titre en restreint arbitrairement la portée. Il s'agit de la littérature chrétienne dans la mission de

Cochinchine (appelée ensuite Annam, puis Vietnam), où la province japonaise déversa ses forces après son expulsion du Japon. Après une idée générale de cette efflorescence de chants, poésies et drames chrétiens, l'auteur dresse, en se limitant aux archives de la Compagnie de Jésus et au fonds tonkinois de la Bibl. Vaticane, la notice biographique de trois auteurs, le Jésuite napolitain Jérôme Mayorica (1591-1657), le poète chrétien et martyr Jean Ketlan (1588-1663) et surtout le prêtre indigène Philippe Binh, alias Felipe do Rosario (1750-1832), un des derniers représentant de l'ancienne chrétienté sous les Jésuites, dont il espéra et invoqua ardemment le retour. Leur production contient, entre beaucoup d'autres choses, des écrits sur S. François Xavier. Pour finir quelques mots sur les biographies du même saint écrites pour cette mission au XIX^e siècle.

Japon.

Voir aussi le n. 6 (bibliographie) et, parmi les biographies, aux noms de Bernard (n. 164), Rodrigues Tçuzu (n. 297), Valignano (n. 329).

127. - BOURDON, Léon. *Rites et jeux sacrés de la Mission japonaise des Jésuites vers 1560-1565*. Dans : *Miscelânea de filologia, literatura e história cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919)*, II (Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1950), pp. 320-337.

On n'a pas retrouvé le texte des scènes sacrées que les missionnaires du Japon, comme ceux du Mexique ou du Brésil, faisaient exécuter pour l'instruction de leurs néophytes. A leur défaut, M. le Prof. Bourdon a rassemblé les renseignements succincts et dispersés, mais fort précieux, donnés dans les lettres des missionnaires de 1560-1565 et il tâche de les éclairer, tant par les usages européens de la fin du moyen-âge que par les traditions littéraires japonaises auxquelles les Pères s'efforçaient de s'adapter.

128. - BOXER, C. R. *The Christian Century in Japan 1549-1650*. Berkeley and Los Angeles (The University of California Press); London (The Cambridge University Press), 1951, in-8°, XV-535 p., 16 planches h. texte et 2 cartes géographiques.

L'AHSI en rendra prochainement compte.

129. - Id. « *Antes quebrar que torcer ou pundonor português em Nagasaki (3-6 de janeiro de 1610)* ». Instituto português de Hongkong. Boletim (Hongkong 1950) n. 3, 161-195; suivi, pp. 197-198, par un sommaire en anglais.

Le Capitaine Boxer consacre naguère un volume à l'histoire célèbre du navire portugais que son capitaine fit sauter à Nagasaki plutôt que de le laisser prendre : *The Affair of the Madre de Deus. A Chapter in the History of the Portuguese in Japan* (London 1929). Il publie ici une relation de l'épisode, qu'il a trouvée dans les Marsden MSS. du British Museum (*Add. Ms 9860*, ff. 129-135) et qu'il attribue au P. João Rodrigues Girão S. I. : *Relação da queima da nao Nossa Senhora da Graça em que veo por capitão mor da viagem André Pessoa no anno de 1609*. (pp. 190-195, intéressantes notes sur le texte). Entre autres apports neufs, citons le nom exact du navire (« Nossa Senhora da Graça » et non « A Madre de Deus ») et le fait que l'explosion laissa quelques survivants. Cette affaire est intimement liée à l'histoire des missions du Japon.

130. - CIESLIK, Hubert, S. I. *Begräbnissitten in der alten Japan-Mission*. Zeitschrift für Missionswissenschaft und Religionswissenschaft 34 (1950) 241-257.

131. - LAURES, Johannes, S. I. *Die Zahl der Christen und Martyrer im alten Japan*. Monumenta Nipponica 7 (Tôkyô 1951) 84-101.

Les écrivains, notamment au siècle passé, ont fort exagéré les chiffres des conversions faites au Japon et le nombre des martyrs. L'auteur discute les données numériques fournies par les *Relations*, *Lettres annuelles*, etc. et conclut que le nombre des baptêmes, de 1549 à 1630, a dû dépasser le million, mais que celui des chrétiens pratiquants ne dépassa jamais notablement les 300.000 (maximum atteint en 1614). Quant aux martyrs, les documents officiels japonais permettent de dire que 3.171 personnes moururent pour leur foi de la main du bourreau et 874 en prison ; en outre, plus de 35.000 périrent dans la répression du soulèvement des daymios chrétiens à Shimabara.

132. - Id. *Nobunaga und das Christentum*. Tôkyô (Sophia University), 1950, 8^e, 54 p. (= *Monumenta Nipponica Monographs*, n. 10).

133. - RADUL-ZATYKOSKIJ, J. B. *Philosopheskaja terminologija v « Dictionarium Latino-Lusitanicum et Japonicum »*. Sovetskoe Vostokovedenie 6 (Moscou-Leningrad 1945) 280-284, une fig.

Cet article en russe, publié dans la revue « Orientalisme soviétique », traite de « La terminologie philosophique dans le *Dictionarium Latino-lusitanicum et Japonicum* », publié à Amacusa « in Collegio Societatis Iesu » en 1596 ; la figure est la reproduction de la page-titre.

134. - SZCZESNIK, Bosleslaw. *The Penetration of the Copernican Theory into Feudal Japan*. Journal of the Royal Asiatic Society (London 1944) 52-61.

Par l'intermédiaire des missionnaires jésuites au Japon et, indirectement, par les écrits chinois écrits ou influencés par leurs confrères missionnaires en Chine.

135. - TUCCI, Giuseppe. *Japanese Ambassadors as Roman Patricians*. East and West 2 (Roma 1951) 65-71,

Article de vulgarisation, sans références bibliographiques, conformément au caractère de la revue. Il s'agit de l'accueil fait à Rome aux légations de princes japonais envoyés à Rome d'abord par les Jésuites à la fin du XVI^e siècle, puis par les Franciscains au début du siècle suivant.

Proche-Orient.

Voir aussi, parmi les biographies, au nom de RyHo (n. 298).

136. - GRAF, Georg. *Geschichte der christlichen arabischen Literatur*. Vierter Band. *Die Schriftsteller von der Mitte des 15. bis zum Ende des 19. Jahrhunderts. Syrer, Armenier, Kopten, Missionsliteratur, Profanliteratur*. Città del Vaticano (Biblioteca Apostolica Vaticana), 1951, in-8^e, XXXVI-342 p. (= *Studi e Testi*, n. 147).

Cf. pp. 208-241 : *Jesuiten*.

V. Activités particulières

Activités scientifiques.

137. - AMBROSETTI, Giovanni. *Il diritto naturale della Riforma Cattolica. Una giustificazione storica del sistema di Suarez*. Milano (A. Giuffrè), 1951, gr. 8^e XI-257 p. (= *Pubblicazioni dell'Istituto di Filosofia del Diritto dell'Università di Roma*, diretta da Giorgio Del Vecchio, vol. XX). - Prix : 1000 lires.

Après une première partie d'introduction générale sur l'ambiance historique (*La Riforma cattolica in Italia e in Spagna, l'Umanesimo, la Riforma*, pp. 3-44) et une seconde d'introduction spéciale au système juridique étudié (*Concezioni caratteristiche della scuola spagnola di diritto naturale*, pp. 47-86), la partie centrale est consacrée à la formulation donnée par Suarez du droit naturel de la Réforme catholique (*La sistemazione di Sudrez*, pp. 89-164). La quatrième partie

étudie brièvement le sort de cette synthèse, influence et résistance, surtout dans les pays protestants (*La filosofia dei Gesuiti di fronte al secolo XVII*, pp. 167-217), tandis que la dernière partie tire les conclusions spéculatives (*Il problema universale racchiuso nel diritto naturale della Riforma cattolica*, pp. 221-234). - M. le Prof. Ambrosetti continue ici l'étude commencée dans son ouvrage précédent: *La filosofia delle leggi di Suarez*, Roma (Studium), 1948.

138. - ATKINSON, G. *Précurseurs de Bayle et de Fontenelle. La comète de 1664-1665 et l'incredulité savante*. Revue de littérature comparée 25 (Paris 1591) 12-

Rapporte les observations ou les réactions des Jésuites de la Nouvelle-France (P. Le Mercier) et de Paris à l'occasion de la fameuse comète. [Fr. de Dainville S. I.]

139. - *Jesuit Seismological Association, 1925-1950. Twenty-fifth Anniversary. Commemorative Volume*. James Bernard Macelwane S. I. editor. - St. Louis (St. Louis University, Central Station), 1950, 4^e, XI-347 p., texte lithographié avec de nombreux portraits et illustrations.

L'AHSI rendra compte prochainement de ce volume.

140. - THORNDIKE, Lynn. *The Cursus Philosophicus before Descartes*. Archives internationales d'histoire des sciences. Nouvelle série d'Archeion 4 (Paris 1951) 19-24.

Pour donner une idée des matières traitées et des opinions défendues par les philosophes sur la physique immédiatement avant Descartes, le Prof. Thorndike examine rapidement quatre cours de philosophie; d'abord les commentaires d'Aristote, conservés mss. à la Bibl. Nationale de Paris, du Sorbonniste Yzambert (1602-1603) et du P. Boucher (1625), puis le grand *Cursus philosophicus* imprimé (Anvers 1632) de Rodrigo de Arriaga S. I. et le *Collegium physicum* du hollandais Francone Burgersdyck (Leide 1642). Au fond, malgré son attachement à la scolastique, c'est encore Arriaga qui est le plus ouvert aux idées scientifiques nouvelles.

Art.

Voir aussi les nn. 51 et 55 (Italie), 56 et 57 (Pologne), 74, 84 et 95 (art en Amérique).

141. - GALASSI PALUZZI, C. *Storia segreta dello stile dei Gesuiti*. Con un commento introduttivo del P. Pietro Tacchi Venturi S. I. - Roma (Francesco Mondini editore), 1951, in-16, 174 p.

Pédagogie.

142. - DAHL, Folke. *Gustaf II Adolf i det samtida jesuitdramat*. Ord och Bild. Illustrerad Månadsskrift 58 (Stockholm 1949) 69-74, 3 fig.

Gustave-Adolphe dans le drame jésuite contemporain.

143. - † FRANCA, Leonel, S. I. *Origens do «Ratio Studiorum»*. Verbum 8 (Rio de Janeiro 1951) 107-124.

144. - PURDIE, Edna. *Jesuit Drama*. Dans: *The Oxford Companion to the Theatre*. Edited by Phyllis Hartnoll (London, University Press, 1951), pp. 415-422.

Excellent résumé de l'histoire du théâtre scolaire dans les collèges des Jésuites, jusqu'à la suppression de la Compagnie.

Spiritualité et pastorale.

145. - *Parthenenia Sacra* by H. A., M. D. C. XXX. III. Introduction by Iain Fletcher. - Aldington, Kent (The Hand and Flower Press) 1951, petit 8^e, XXIV-286 p. avec facsimilé du frontispice, du titre et des gravures. - Prix: trois guinées.

Réimpression, avec une brève introduction, d'un livre d'emblèmes composé pour la Congrégation mariale de Saint-Omer: *Parthenenia Sacra or the Mysterious and Delicious Garden of the Sacred Parthenes. Symbolically set forth and enriched with pious devises and emblemes...* by H. A. (1633). L'ouvrage était attribué au P. Henri Hawkins S. I. (c. 1572-1646); on a proposé récemment de lire H. A.: Herbert Aston, mais l'éditeur croit plus vraisemblable l'attribution traditionnelle. - Pp. 277-286, notes explicatives.

L'AHSI en rendra compte prochainement.

146. - PINARD DE LA BOULLAYE, H., S. I. *Aux sources des Exercices. Guillaume de Saint-Thierry et Vincent Ferrier.* Revue d'ascétique et de mystique 26 (Toulouse 1950) 327-346.

147. - VAN DELFT, M., CSSR. *Ontwikkeling van de praktijk en de leer van de volksmissie in het Kerkelijk Recht.* Dissertatio ad lauream in Facultate Iuris Canonici apud Pontificium Institutum « Angelicum » de Urbe. - Nijmegen (Centrale Drukkerij N. V.), 1950, 8°, XX-143 p.

Dans cette dissertation sur « l'origine de la pratique et de la doctrine des missions populaires dans le droit canon », les missions organisées en si grand nombre par les Jésuites dès leur fondation occupent naturellement une grande place. Voir dans le chap. I (Le concept de « mission » en général), ce qui concerne le terme de « mission » aux XVI^e et XVII^e siècles (pour les Jésuites pp. 12-14); au chap. II (origine et développement des missions populaires): les débuts chez les clercs réguliers (les Jésuites, pp. 44-45), l'organisation systématique (Jésuites italiens, pp. 63-66, Segneri 66-68; en France, Le Noblez et le P. Maunoir, pp. 81-82), etc.

V. Biographies.

Biographies par groupes

148. - *Better a Day.* Edited by John P. LEARY S. I. - New York (The Macmillan Company), 1951, petit 8°, IX-341 p. - Prix : 4 dollars.

La bande dont l'éditeur entoure le volume porte un sous-titre qui en indique bien l'objet : *Lives of Fifteen Heroic Brothers of the Society of Jesus*. Les jeunes religieux du sécolasticat d'Alma College (Californie) ont réuni ici les vies de quinze Frères coadjuteurs, choisis comme spécialement représentatifs.

- 1) Webster T. PATTERSON S. I. *Little John. Brother Nicholas Owen S. I. † 1606. Declared Blessed 1929* (pp. 1-19);
- 2) Michael McHUGH S. I. *Gold is where you find it. Brother Carmelo Giordano S. I. 1860-1948* (pp. 21-34);
- 3) Jules J. PRATS S. I. *A Strong City. Brother Joseph Castiglione S. I. 1688-1766* (pp. 35-52);
- 4) Leo B. KAUFMANN S. I. *Keeper of the Books. Brother William Wuerth S. I. 1606-1938* (pp. 53-70);
- 5) Thomas J. FLYNN S. I. *Accidental Aureole. Brother James Kisai S. I. 1533-1597. Declared a Saint 1862* (pp. 71-103);
- 6) John V. MURPHY S. I. *They that sow in Tears. Brother Francis De Sadeleer, S. I., 1844-1921* (pp. 105-126);
- 7) Frank B. COSTELLO S. I. *Known but to God. Brother Joseph Mobberly S. I. 1779-1827* (pp. 127-139);
- 8) E. R. ZIMMERS S. I. *Better a Day. Brother Patrick Harrick S. I., 1829-1923* (pp. 141-155);
- 9) Edward V. WARREN S. I. « *Wherever Thou Goest* ». *Brother William Saultemouche S. I., 1557-1593. Declared Blessed 1926* (pp. 157-178);

10) Clinton E. ALBERTSON S. I. *The Glory and the Dream. Brother René Goupil S. I., 1607-1642. Declared a Saint 1930* (pp. 179-226);
 11) Neil G. McCLUSHEY S. I. *Japanese Journeyman. Brother Leonard Kimura S. I., 1575-1602. Declared Blessed 1867* (pp. 227-245);
 12) Wilfred P. SCHOENBERG S. I. *Gypsy come Home. Brother Bento de Goes S. I. 1562-1607* (pp. 247-269);
 13) John P. LEARY S. I. *Scaffolding to the Stars. Brother Frank Schroen S. I. 1853-1924* (pp. 271-287).
 14) Charles A. WOLLESEN S. I. *Broken Strands. Brother Dominic Collins S. I., 1567-1602* (pp. 289-303);
 15) Jerome F. DIEMERT S. I. *A Watch on Majorca. Brother Alphonsus Rodriguez S. I., 1531-1617. Declared a Saint 1888* (pp. 305-336);
Epilogue. The Brother Nobody Knows. ANONYMOUS (pp. 337-341).

149. - DANIEL-ROPS, [PETIOT, Henri]. *Les aventuriers de Dieu.* Paris (La Jeune Parque), 1951, in-16, 232 p., avec dessins.
 Cf. pp. 93-117, *Le pionnier de l'Asie : Saint François-Xavier*; pp. 118-142, *L'esclave des Iroquois : Saint Isaac Jogues*.

Aibanel, Charles, 1616(?)-1696.
 150. - ROUSSEAU, Jacques, et Roy, Antoine. *La mission politique du Père Albanel à la Baie d'Hudson.* Bulletin des recherches historiques 56 (Levis 1950) 71-77.
 Article précédé (pp. 68-70) de la reproduction en facsimilé de la lettre de l'intendant Talon au P. Albanel, Québec 12 août 1671, lui donnant des instructions pour la mission en question, destinée à barrer la voie aux Anglais venant du Nord.

Alegambe, Philippe, 1592-1652.
 Voir à la section des bibliographies, n° 2.

Aleni, Jules, 1587-1649.
 151. - SANTAMBROGIO, Mario. *Il Confucio dell'Occidente P. Giulio Aleni Gesuita Bresciano, missionario e scienziato in Cina (1582-1649). Memorie storiche della diocesi di Brescia* 17 (Brescia 1950) 21-32.

Allard, Paul, 1899-1950.
 152. - ALLARD, Paul, S. I. *Prière et silence. Méditations avec la Vierge.* Paris (Éditions Ouvrières), 1951, in-16, 158 p.
 Une brève introduction biographique (pp. 7-18), signée J. B., évoque discrètement le lourd calvaire que fut la vie de l'auteur, atteint depuis 1932 d'un cancer de la face et coupé finalement de tout contact avec le monde extérieur — et cette ruine humaine exerça, dès cette vie, une influence apostolique irrésistible.

Alvarez de Paz, Jacques, 1549-1619.
 153. - VAN WINGENE, H., O. Cap. *De « Exercitia Seraphicae Devotionis » van St. Fidelis van Sigmaringen en Pater Jacobus Alvarez de Paz S. I. Franciscanen leven* 33 (Tilburg 1950) 28-29.

Anchieta, José de, 1534-1597.
 154. - LEITE, Serafim, [S. I.]. *A carta de José de Anchieta aos irmãos enfermos do Colégio de Coimbra e o que tem de inédito.* S. Vicente, 20 de Março de 1555. Brotéria 53 (Lisboa 1951) 291-299.

Comparaison entre le texte courant, qu'on reprend d'ordinaire à la *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta* de S. de Vasconcelos (Lisbonne 1672) et l'autographe, un peu plus étendu, conservé aux Archives de la Compagnie de Jésus.

155. - MILLARES CARLOS, Agustín. *Mds datos sobre el Apóstol del Brasil*. Dans : *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, vol. 1 (Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1950), pp. 489-494.

Quelques mots sur les anciennes biographies d'Anchieta, maintenant toutes publiées, par Quirino Caixa, Pero Rodrigues, Simão de Vasconcelos et Antônio Franco, ainsi que sur les éditions récentes de ses lettres et de ses poésies ; l'article consacré au P. Anchieta par M. Millares Carlos dans son *Ensayo de una bibliografía de escritores naturales de las Islas Canarias* (Madrid 1932) serait à revoir d'après le matériel mis au jour ces dernières années. - Pour finir, l'auteur signale un procès de l'Inquisition des Canaries, en 1584-1585, contre un neveu d'Anchieta, document qui fournit des indications sur sa famille.

156. - ID. *Investigaciones bibliográficas iberoamericanas. Época colonial*. México, (Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Historia), 1950, 8^e, 153 p.

CR. Revista de Historia de América N. 30 (México 1950) 506-507 (S. Uribe) ; d'après cette recension, le premier des articles réunis dans le volume (publiés précédemment dans la *Revista de Filosofía y Letras*, mais revus et augmentés) concerne le P. J. de Anchieta, étudiant les quatre principaux ouvrages qui lui ont été consacrés.

Argento, Nicodème, 1832-1905.

157. - BARRELLA, Giovanni, S. I. *Un grande educatore. Vita aneddotica del P. Nicodemo Argento S. I., 1832-1905, con rapidi cenni sul Collegio da lui fondato in Lecce, 1874-1950*, pubblicata in occasione del LXXV della fondazione del Collegio stesso. - Lecce (Tipografia F. Scorrano e C.) 1951, 8^e, 93 p.

Arriaga, Rodrigue, 1592-1667.

Voir au n^o 140.

Aulneau, Jean-Pierre, 1705-1736.

158. - SHANAHAN, Emmet A. *Minnesota Forgotten Martyr*. S. l. s. a. [Crookstown, 1949], in-16, 34 p., ill.

En traversant le Lac des Bois (Lake of the Woods) en 1736 avec l'explorateur La Vérendrye, le jeune missionnaire vendéen J. P. Aulneau fut surpris et tué avec son compagnon et son escorte dans l'« île du massacre ». Le père de Jean-Baptiste La Vérendrye les fit ensevelir tous les deux dans le même cercueil au Fort St. Charles. Récit de la tragique expédition et de la découverte, en 1908, de l'emplacement du fort et des restes décapités des victimes.

Aymerich, Mathieu, 1715-1799.

159. - IGLESIES, Josep. *Mateu Aymerich, S. I. (1715-1799) i la seva « Història Geogràfica y Natural de Cataluña » seguit de la transcripció del volum dedicat al Regne Animal segons el manuscrit inèdit del Palau Reial de Madrid*. - Barcelona (Imprenta Altés S. L.), 1949, 8^e, 342 p. (= Quaderns de Geografia II).

Pp. 1-60, Introduction : *Mateu Aymerich i els seus manuscrits naturalistes* ; pp. 61-338, édition du texte du 3^e livre de l'*Història geogràfica y natural del principado de Cataluña*, intitulé : *Reyno animal* ; pp. 339-342 : index. - L'AHSI rendra compte de l'ouvrage.

Barbiano, Jean, 1604-1672.

160. - MORÁN, Apolinar, S. I. *El primer catedrático jesuita de « Prima » de teología en la antigua Universidad de Salamanca* P. Juan Barbiano. Miscelánea Comillas 14 (1950) 85-142.

Avec, pp. 128-142, un appendice: *Obras inéditas de Teología, no dadas a conocer aún, pertenecientes a los catedráticos Jesuitas de « Prima » y « Visperas » de la antigua Universidad de Salamanca.*

Bellarmin, S. Robert, 1542-1621.

161. - DELMOTTE, J. *Traditie en geloof volgens de Controversen van S. Robertus Bellarminus.* Collationes gandavenses, series secunda 1 (Gand 1950) 101-118.

« La tradition et la foi dans les Controverses de S. Robert Bellarmin, ». Tout le problème de la tradition comme il a été vu au XVI^e siècle par Bellarmin.

162. - JEDIN, Hubert. *Il tipo ideale di vescovo secondo la Riforma Cattolica.* Brescia (Morcelliana), 1950, in-16, 110 p.

Traduction italienne par E. Durini d'une étude parue en allemand dans le volume de miscellanea *Sacramentum Ordinis*, en l'honneur du Cardinal Bertram (Breslau 1942). Après plusieurs chapitres sur les mouvements d'idées et sur les figures marquantes de ce mouvement de réforme, comme Contarini, Giberti, Beccadelli, S. Charles Borromée, etc., le IX^e et dernier chapitre étudie le passage à l'époque baroque, en examinant l'*Admonitio ad episcopum Theanensem nepotem suum* de Bellarmin (pp. 104-110).

Berchmans, S. Jean, 1599-1621.

163. - VAES, [Maurice]. *Les Belges à Rome au cours des siècles.* Bruxelles (Comité national belge pour l'Année Sainte), 1950, in-16, 116 p., ill.

Pp. 110-116: *Saint Jean Berchmans à Rome* (avec deux gravures). Une note avertit que cette notice est de la main du P. Leijss S. I.

Bernard, † 1557.

164. - D'ELIA, P., S. I. *Bernardo il primo giapponese venuto a Roma (1555).* Civiltà Cattolica (1951) III, 277-287, 527-535.

Un des premiers Japonais, sinon le premier, baptisé par S. François Xavier en 1549, envoyé par lui en Europe en 1552 en suivant une suggestion de S. Ignace, Bernard le Japonais fut admis dans la Compagnie au Portugal en 1554 par le P. Nadal. Appelé à Rome en 1555 par S. Ignace, mais renvoyé au Portugal à la fin de l'année, il mourut à Coimbre au début de 1557, en laissant une grande édification.

Biner, Joseph, 1697-1766.

165. - CARLEN, Louis. *Pater Joseph Biner, 1697-1766.* Vallesia. Jahrbuch der Walliser Kantonsbibliothek, des Staatsarchivs und der Museen von Valeria und Majoria 6 (Sitten 1951) 87-110.

Regrettant qu'on ait peu écrit sur Biner, l'auteur en esquisse la carrière. Jésuite en 1715, Biner enseigna la philosophie à Dillingen (1731-1734) et Ingolstadt (1734-1737), puis la théologie à Lucerne (1737-1740); analyse (pp. 93-101) des controverses qu'il soutint, en cette dernière ville, avec des théologiens protestants, notamment avec Breitinger. Professeur ensuite de droit canon à Innsbruck (1741-1753), Dillingen (1753-1758) et Amberg (1758-1759), il laissa comme œuvre principale un *Apparatus eruditiois ad iurisprudentiam praesertim ecclesiasticam.* Il mourut recteur à Rottenbourg. Pp. 103-110, bibliographie du P. Biner (d'après Sommer vogel).

Bolgeni, Jean-Vincent, 1733-1811.

166. - QUACQUARELLI, Antonio. *La teología antigiansenista di G. V. Bolgeni (1733-1811)*. Mazara (Società Editrice Siciliana), [1950], 8^o, 138 pp.

Borgia, S. François, 1510-1572.

167. - AROCENA, Fausto. *El cuarto centenario guipuzcoano de San Francisco de Borja*. Boletín de la Real Sociedad Vascongada de Amigos del País 7 (San Sebastián 1951) 3-11, 1 fig.

168. - CERECEDA, Feliciano, S. I. (†) *Episodio inquisitorial de San Francisco de Borja*. Razón y Fe 143 (Madrid 1951) 277-291.
Continuation de l'article signalé dans notre précédente bibliographie, AHSI 19 (1950) 352, n. 153.

169. - JORGE, Enrique, S. I. *Las visitas a Avila de San Francisco de Borja*. Manresa 23 (Madrid 1951) 195-210.

Bouvet, Joachim, 1656-1730.

170. - LEMEUNIER, F. *La Province et le rayonnement manceau à l'étranger*. La Province du Maine, 2^e série, 30 (Le Mans 1950) 65-72.
Cité d'après : Rev. d'hist. de l'Église de France 36 (1950) 277. Notes, nous y dit-on, sur le Père Bouvet, missionnaire en Chine (1656-1730) et sur l'influence de Jérôme Le Royer de la Dauversière et de la Compagnie du Saint-Sacrement sur la fondation de Montréal.

Boym, Michel, 1612-1659.
Voir aussi les nn. 120-121.

171. - SZCZESNIAK, Boleslaw. *The Beginning of Chinese Lexicography in Europe with Particular Reference to the Work of Michael Boym (1612-1659)*. Journal of the American Oriental Society 67 (Baltimore 1947) 160-165.

Brébeuf, S. Jean de, 1593-1649.

172. - LATOURELLE, René, S. I. *Saint Jean de Brébeuf ethnologue*. Sciences ecclésiastiques 4 (Montréal 1951) 5-53.
I. Valeur scientifique de son témoignage. II. Témoignages sur la vie religieuse des Hurons.

173. - ID. *Saint Jean de Brébeuf, routier de la Huronie*. Revue d'Histoire de l'Amérique Française 4 (Montréal 1950) 322-345.
Extrait d'un ouvrage : *Étude sur les écrits de saint Jean de Brébeuf*, annoncé comme à paraître dans la collection des *Studio* des Facultés S. I. de Montréal.

174. - TALBOT, Francis X., S. I. *Un santo entre Hurones. Vida de Juan de Brébeuf*. Barcelona (Luis Miricle, editor), 1951, 8^o, 350 p., prix : 75 ptas.
Traduction de l'ouvrage anglais signalé AHSI 18 (1949) 325, n. 165.

Brito, S. Jean de, 1647-1693.

175. - SILVA, Marinho da. *São João de Brito mdrtrir da missão portuguesa*. Lisboa (Câmara Municipal), 1947, 8^o, 192 p. (= Publicações comemorativas do VIII centenário da tomada de Lisboa aos mouros).

Browne, Michel, 1853-1933.

176. - O'RAHILLY, Alfred. *Apostolus Apostolorum. Father Michael Browne S. I.* Studies 39 (Dublin 1945) 72-74.

A propos de la biographie du P. Browne par le P. Thomas Hurley, signalée dans notre précédent bulletin, AHSI 19 (1950) 353, n. 164.

Burriel, André Marc, 1719-1762.

177. - SIMÓN DÍAZ, José. *Un erudito español: El P. Andrés Marcos Burriel*. Revista bibliográfica y documental 3 (Madrid 1949) 5-41.

Calatayud, Pierre de, 1689-1773.

178. - FERNÁNDEZ-ANCHUELA Y COLLADO, Juan. *Tres doctrinas prácticas, integras, del venerable Padre Pedro de Calatayud y Florencia, S. I. La primera dedicada a los ayuntamientos, la segunda, a la nobleza, y la tercera sobre los fraudes a los escribanos*. Con el bosquejo biográfico de la heroica y ejemplar vida del gran misionero. 1^{re} edición. - Madrid, 1951, 8^o, 270 p.

Le caractère de cette brochure est assez indiqué dans le titre, d'une longueur toute « baroque » : « Publicanse nuevamente, por primera vez desde el siglo XVIII, por ser lectura muy recomendable a toda persona que desee alcanzar la verdadera felicidad en esta vida, y en la otra, que es eterna ». L'auteur publie les « doctrinas » I-III du XIV^e traité des *Doctrinas prácticas* du P. Calatayud, en les faisant précéder d'une biographie populaire (p. 7-92) du même orateur et en les accompagnant d'autres pièces curieuses. [M. Batillori S. I.]

Cañete, Pierre-Vincent.

179. - MARILUZ URQUIJO, J. M. *Un libro inédito del jesuita Pedro Vicente Cañete sobre Real Patronato Indiano*. Revista del Instituto de Historia del Derecho n. 2 (Buenos Aires 1950) 154-167.

Il s'agit d'un traité *Synthagma de las resoluciones prácticas quotidianas del Real Patronato de las Indias*. Nous citons d'après la bibliographie de la *Revista de Historia de América*, n. 31 (México 1951) 313, n. 11.042.

Caussade, Jean-Pierre de, 1675-1751.

180. - OLPHE-GAILLARD, Miguel, S. I. *Un maestro espiritual para nuestro tiempo, el P. Juan Pedro de Caussade* S. I. Manresa 23 (Madrid 1951) 273-288.

Pour le deuxième centenaire de la mort du P. de Caussade (1751-1951), la revue *Manresa* consacre un fascicule entier à la doctrine, dont il est le docteur classique, de l'abandon à la Providence divine. Au meilleur connaisseur français de Caussade a été confié le premier article, sur la carrière et la physionomie spirituelle de Caussade et sur les problèmes qui naissent de la publication posthume, sous une forme non prévue par lui, de son œuvre principale.

181. - OLAZARÁN, Jesús, S. I. *Fórmulas de entrega o abandono del alma a Dios*. Manresa 23 (Madrid 1951) 365-401.

Voir, parmi les formules brèves d'auteurs spirituels, celles du P. de Caussade (pp. 372-376) et, parmi les formules plus développées, l'acte d'abandon du même de Caussade (pp. 387-382). Parmi les autres formules analysées, celle du Jésuite Saint-Jure (pp. 393-398).

Cecchetti, Jean-Baptiste, 1554-1639.

182. - O'CONNOR, John V., S. I. *The Spiritual Teachings of Father John B. Cecchetti S. I. at the Roman College 1595-1639*. Excerpta ex dissertatione ad Lauream in Facultate Theologica Universitatis Gregorianae. - Romae (Typis Pontificiae Universitatis Gregorianae), 1949, 8^o, 59 p.

Claver, S. Pierre, 1581-1655.

183. - PICÓN-SALAS, Mariano. *Pedro Claver, el santo de los esclavos*. México (Fondo de Cultura económica), 1950, 8°, 210 p.

CR. Latinoamerica 3 (México 1951) 240 (J. Calderón Salazar); l'AHSI en rendra compte prochainement.

Cobo, Barnabé, 1582-1657.

184. - VÁZQUEZ DE LA TORRE, A. *El P. Bernabé Cobo, S. I. Paisaje 6* (Jaén 1949) 1672-1675.

Cité d'après: Biblioteca Hispana, sección tercera, t. VIII, (Madrid 1950) n. 41-212.

Collantes, Christophe, 1545-1611.

185. - SÁNCHEZ CANTÓN, Francisco Javier. *Un drama bajo Felipe II: la ejecución del espía don Martín de Acuña*. Boletín de la Real Academia de la Historia 125 (Madrid 1949) 187-206.

L'auteur fait connaître, d'après un ms. de la Bibl. nationale de Madrid, une relation envoyée par le P. Collantes au P. Gil González, Provincial de Tolède, sur l'exécution de Martin de Acuña. Cf. URIARTE-LECINA, *Biblioteca de escritores*, t. II (Madrid 1930) pp. 273-274, où sont indiqués plusieurs mss. de cette relation.

Coloma, Louis, 1851-1915.

186. - JEREZ, Hipólito, S. I. *Un centenario. P. Luis Coloma, S. I. - 1851-1951*. Revista Javeriana 35 (Bogotá 1951) 10-22.

Cuevas, Mariano, 1879-1949.

187. - CARRERA STAMPA, Manuel. *Misiones mexicanas en Archivos europeos*. México (Instituto Panamericano de Geografía e Historia, Comisión de Historia), 1949, 8°, X-120 p. (= Misiones Americanas en los Archivos Europeos 1). P. 57-59: *Misión de Mariano Cuevas S. I. (1912-1915 y 1926-1927)*. Brève histoire des recherches faites par le P. Cuevas en Europe et indications des principales publications où il utilise le matériel recueilli.

De Cleyn, François, 1860-1951.

188. - *In Memoriam. Le R. P. De Cleyn et le R. P. Muller*. La Vie économique et sociale 22 (Anvers 1951) 193-205.

L'organe de l'Institut Supérieur Saint-Ignace à Anvers consacre le premier de ces deux nécrologies à celui qui fut le véritable fondateur de l'Institut et le grand artisan de son développement.

Depuoz, Jean-Fidèle, 1817-1875.

189. - MONSEN, Maria Magna, O. P. *Die Ilanzer Schwesternkongregation*. [Ilanz] (Im Selbstverlag des Institutes), 1950, gr. 8°, 198 pp. avec portrait et planches h. texte.

La Congrégation suisse des Sœurs d'Ilanz, affiliée depuis 1894 à l'Ordre dominicain, avait été fondée par un ex-jésuite, le P. Jean-Fidèle Depuoz. Né à Seth dans les Grisons, entré en 1840 au noviciat de Brig, passé aux États-Unis après l'expulsion de 1847, ordonné prêtre à Louvain en 1852, le P. Depuoz exerça ensuite l'apostolat en Allemagne et en Italie, mais il demanda et obtint en 1860 sa démission de la Compagnie. Il se donna ensuite tout entier dans sa patrie à l'apostolat de la charité et de l'éducation populaire. - Cf. dans la première partie du volume:

Die Gründung des Institutes in Ilanz, le paragraphe 1: *Der Gründer Dr. Johann Fidel Depuoz; sein Leben und Wirken bis zur Gründung in Ilanz*, (pp. 39-68); aussi pp. 107-117: *Des Gründers letzte Jahre und Tod*.

Derand, François, 1588(?)-1644.

190. - MOISY, Pierre. *L'architecte François Derand, Jésuite lorrain*. Revue d'histoire de l'Église de France 36 (Paris 1950) 149-167.

Les autres architectes jésuites en France, le Fr. Turmel et surtout le Fr. Martellange, ont été l'objet de monographies ; le P. Derand attendait encore son histoire. Sa formation artistique reste obscure, d'autant que Mr Moisy rejette, à bon droit, croyons-nous, l'attribution qu'on lui faisait d'un album de la Bibl. Nationale, d'après lequel il aurait tout jeune voyagé en Italie et travaillé au château de Blérancourt. Discussion de son rôle exact dans la construction de la chapelle du collège de Rouen, puis de l'église de la maison professe de Paris. En face de son émule Martellange, l'architecte itinérant, rompu au métier, Derand nous apparaît comme un homme d'étude, un constructeur de voûtes et un décorateur. Mr Moisy nous promet une autre étude sur le problème stylistique qui opposa ces deux hommes et la question du baroque, qui est au fond de leur rivalité.

Descoqs, Pedro, 1877-1946.

191. - RACETTE, Jean. *Pourquoi le P. Descoqs a critiqué l'argument eudémonologique*. Sciences ecclésiastiques 4 (Montréal 1951) 141-171.

Donche, Louis, 1769-1857.

192. - VIAENE, A. *Pater Donche te Kortrijk (1807-1809)*. Handelingen van het Genootschap voor geschiedenis gesticht onder de benaming Société d'émulation te Brugge 87 (Brugge 1950) 176-181.

Druzbicki, Gaspar, 1590-1662.

193. - OPTAT DE VEGHEL, O. Cap. *Encore sur l'influence de Benoît de Canfield*. Études franciscaines, nouv. série (Paris 1950) 297-312.

Voir pp. 305-308, le paragraphe intitulé : *Gaspard Druzbicki*, montrant que le *Tractatus de brevissima ad perfectionem via; hoc est de perenni divinae voluntatis intentione, execuzione, apprehensione* (Posen 1686) de Druzbicki, n'est guère, si on excepte son dernier chapitre, « qu'un commentaire bref, clair et profond de la Règle de perfection » de Benoît de Canfield.

Ehrle, François, 1845-1934.

194. - PELSTER, Franciscus, S. I. *Heinrich Denifle O. P. und Franz Ehrle S. I. in ihrer Bedeutung für die Erforschung der mittelalterlichen Scholastik*. Scholastica ratione historico-critica instauranda. Acta Congressus Scholastici Internationalis Romae anno sancto MCML celebrati (Romae 1951, = Bibliotheca Pontificia Athenaei Antoniani), pp. 41-52.

Escabias, Sébastien de, c. 1569-1628.

195. - SALA BALUST, Luis. *El H. Sebastián de Escabias, S. I. autor desconocido de los « Casos notables de la ciudad de Córdoba »*. Hispania 10 (Madrid 1950) 286-296.

Les *Casos notables de la ciudad de Córdoba* ont été édités récemment comme anonymes par Mr A. González Palencia (Madrid 1949). L'auteur établit qu'ils furent rédigés, entre 1614 et 1619, par le Frère coadjuteur Sébastien de Escabias. Les données autobiographiques, assez abondantes dans la célèbre histoire anecdotique de

Cordoue, concordent parfaitement avec ce que nous savons de la vie du Frère. L'attribution est confirmée par l'étroite parenté entre divers passages des *Casos notables* et la déposition du Frère de Escabias au procès diocésain de Jaén pour la béatification de Jean d'Avila.

Favre, B. Pierre, 1508-1546.

196. - READ, William J., S. I. *The Industry in Prayer of Blessed Peter Favre. Excerpta ex dissertatione ad Lauream in Facultate Theologica Pontificiae Universitatis Gregorianae*, - Romae (Typis Pontificiae Universitatis Gregorianae), 1950, 8°, 65 p.

Fonseca, Pierre de, 1528-1599.

197. - CARVALHO, Joaquim de. *Pedro de Fonseca, precursor de Sudrez na renovação da metafísica*. Actas del primer Congreso nacional de Filosofía. Mendoza, Argentina (marzo 30 - abril 9, 1949). - Mendoza (Universidad Nacional de Cuyo), 1950, vol. III, pp. 1927-1930.

Funes, Martin de, 1560-1611.

198. - GROOTENS, P., S. I. *Een zeldzaam geworden geestelijk werkje van Antonius Sanderus*. Ons geestelijk erf 25 (Tielt 1951) 91-105.

Il s'agit d'un opuscule rare, *Idea vitae spiritualis*, publié à Bruxelles en 1663 par le prêtre gantois et érudit bien connu Antoine Sanderus (+ 1664). Celui-ci déclarait y rééditer une *Methodus practica IV librorum de Imitatione Christi* de Mello Horstius, curé de N. D. in *Pasculo* à Cologne (Cologne 1643). Mais, de son propre aveu, Horstius ne fait que reproduire un ouvrage antérieur anonyme. D'après les bibliographies de la Compagnie, et principalement d'après le consciencieux Alegambe, l'auteur de la *Methodus practica* est le Jésuite Martin de Funes, de Valladolid, professeur de théologie à Graz et à Milan, premier recteur du collège de Bogotá en Colombie, mort en 1611 à Colle près de Florence. - Sanderus termine son opuscule par un *indiculus* d'ouvrages spirituels classés par matières, liste abondante, mais peu soignée et de seconde main : pour ce qui concerne les auteurs jésuites, Sanderus a copié ses titres dans Alegambe.

Gerard, John, 1564-1637.

199. - GERARD, John, S. I. *The Autobiography of an Elizabethan*. Translated from the Latin by Philip Caraman. With an Introduction by Graham Green. - London (Longmans Green and Co), 1951, 8°, XXIV-287 p., 7 planches h. texte. Pp. 211-259, notes au texte du P. Gérard ; pp. 261-278, appendices.

Ghelinck, Adrien de, 1880-1950.

200. - DELMER, A. *Le Révérend Père Adrien de Ghellinck*. Bulletin de la Société belge d'études géographiques 19 (Louvain 1950) 19-50.
Article nécrologique sur un Jésuite, qui fut des membres fondateurs de la Société et se distingua, entre autres mérites, par ses travaux cartographiques.

Ghelinck, Joseph de, 1872-1950.

201. - MOREAU, E. de [S. I.]. *R. P. Joseph de Ghellinck d'Elseghem, 1872-1950*. Revue belge de philologie et d'histoire 28 (Bruxelles 1950) 1570-1573.

202. - Id. *Le R. P. Joseph de Ghellinck (1872-1250)*. Dans : *Mélanges Joseph de Ghellinck* (Gembloix 1951, Museum Lessianum, Section historique n. 13), tome I, p. 1-39.

203. - DEMORTIER, Roger. *Bibliographie du R. P. Joseph de Ghellinck*. Dans : *Mélanges Joseph de Ghellinck* (Gembloux 1951), tome I, pp. 41-112.

Cette bibliographie relève année par année les livres, articles et recensions, ces dernières particulièrement nombreuses (allant jusqu'à 50, 80 et même 100 en une année). Le total atteint 1328 numéros. En appendice, pp. 98-99, travaux de séminaire effectués sous la direction du P. de Ghellinck.

Gleeson, Richard A., 1861-1945.

204. - COPY, Alexander, S. I. *Richard A. Gleeson, S. I.* San Francisco (University of San Francisco Press), 1950, 8^e, 215 p.

Voir la recension donnée plus haut, p. 342 (E. J. Burrus S. I.).

Gracián, Balthasar, 1601-1650.

205. - BATLLORI, Miguel, [S. I.]. *La preparación de Gracián escritor, 1601-1635*. Revista nacional de cultura, año 13, n. 85 (Caracas 1951) 13-54 (pp. 34-54 : notas).

Étude qui est le développement des quatre pages (pp. 7-11) résumées par l'auteur dans son article : *La vida alternante de Baltasar Gracián en la Compañía de Jesús*. AHSI 18 (1949) 3-34.

206. - ID. *Los mds antiguos autógrafos de Gracián en el Archivo nacional de Santiago de Chile*. Revista Chilena de Historia y Geografía n. 117 (Santiago de Chile 1951) 13-41, 8 fac-similés.

Il s'agit de quatre documents de la main de Gracián, dont trois, antérieurs à son entrée au noviciat, nous le montrent servant d'*amanuensis* au P. Pedro Contínen, recteur du Collège de Saragosse et son futur recteur et provincial dans la Compagnie. Étude paléographique justifiant l'attribution de ces autographes.

207. - FUENTES, F. *El P. Baltasar Gracián y la familia Francés de Urrigoyti y Lerma*. Príncipe de Viana 10 (Pamplona 1949) 53-64.

208. - HAMMOND, J. Hayes. *Francisco Santos Indebtedness to Gracián*. Austin (University of Texas press), 1950, 8^e, III-102 p. (= University of Texas Hispanic Studies, vol. I).

Le second écrivain madrilène Francisco Santos († vers 1700) n'était que trop enclin à subir l'influence de ses lectures et même à en faire passer le fruit, à peine dissimulé, dans sa propre prose. Une série d'exemples (correspondant surtout à des passages du *Criticón* de Gracián, grâce à la grande édition annotée de M. Romera-Navarro) montrent ce que Santos emprunte, comme allégories et traits satiriques, à son prédécesseur jésuite. Poussé au point que fait ressortir ici la reproduction en deux colonnes, l'emprunt peut bien s'appeler plagiat.

209. - KRAUSS, Werner. *Gracián's Lebenslehre*, Frankfurt am Main (Vittorio Klostermann), 1947, in-16, 201 p.

Étude qui fut écrite en 1943 d'après les éditions dont l'auteur pouvait disposer sur place. Lorsque sa libération lui permit de reprendre contact avec l'imposante littérature du sujet, il sembla préférable de publier le travail en lui gardant son caractère original : une recherche de la pensée de Gracián, non influencée par des jugements reçus, mais jaillissant directement de la lecture des œuvres. Les notes abondantes, p. 162 ss., sont presque exclusivement des citations de Gracián ou des références à son texte.

210. - ROMERA NAVARRO, Miguel. *Cuestiones graciánas*. Dans : *Estudios dedicados a Menéndez Pidal* (Madrid, Consejo Superior de Investigaciones científicas 1950), t. I, pp. 359-372.

I. *Amistad y rompimiento entre Gracidan y Salinas* (pp. 359-362); II. *El autor de « Crítica de reflexión »* (363-368); III. *Felipe IV visto por Gracidan* (368-372).

211. - Id. *Estudios sobre Gracidan*. Austin (University of Texas Press), 1950, 8^e, 146 p. (= University of Texas Hispanic Studies, vol. II).

Neuf études ou chapitres, dont quatre (nn. VI-IX) avaient déjà paru dans l'*Hispanic Review* et trois (nn. II-IV) dans d'autres publications: I. *La interpretación del carácter de Gracidan*. (pp. 1-10). II. *Su amistad y rompimiento con Salinas* (pp. 11-14). III. *El autor de « Crítica de reflexión »* (15-20). IV. *Felipe IV visto por Gracidan* (21-26). V. *En torno a la obra maestra* (27-42). VI. *El humorismo y la sátira graciana* (43-70). VII. *Las alegorías del « Crítico »* (71-102). VIII. *La antología de Alfay* (103-128). IX. *Dos aprobaciones* (129-136).

Henriques, Antoine Diniz, 1872-1950.

212. - MARÇAL, Elias S. I. *À saudosa memória do R. P. António Diniz Henriques*, S. I. Boletim eclesiástico da diocese de Macau 48 (1950) 826-841.

Hervás, Laurent, 1735-1809.

213. - BATLLORI, Miguel, S. I. *El archivo lingüístico de Hervás en Roma y su reflejo en Wilhelm von Humboldt*. AHSI 20 (1951) 59-116.

Hofmann, Michel, 1860-1946.

214. - OESCH, Prälat Albert. *P. Michael Hofmann S. I., Regens des Theologischen Konviktes Canisianum in Innsbruck. Erinnerungen an einen Priestererzieher*. Innsbruck (Verlag Felizian Rauch), 1851, 8^e, 244 p. portrait et gravures h. texte.

L'AHSI en rendra compte prochainement.

Hopkins, Gerard Manley, 1844-1890.

215. - COOGAN, Marjorie D. *Inscape and instress: Further Analogies with Scotus*. Publications of the Modern Language Association 65 (1950) 66-74.

216. - DOYLE, Louis, F., S. I. *In the Valley of the Shadow of Hopkins*. Catholic World 160 (New York 1949) 102-108.

217. - ELLRODT, Robert. *Grandeur et misère de Gérard Manley Hopkins*. Cahiers du Sud 38 (Paris 1951) 272-289.

Hopkins est moins connu dans le monde littéraire français qu'en Angleterre, où la partie introductive de cet article semblerait sommaire ou superflue. L'auteur marque bien comment la vocation religieuse, loin d'avoir nui à la personnalité poétique de Hopkins, lui a fourni le plus profond de son inspiration. Hopkins est le « poète du particulier divinisé » par le sacrifice du Christ: « Supposez que Dieu nous ait montré d'abord le monde entier enclos dans une goutte d'eau qui laissât apparaître toutes choses avec leurs couleurs naturelles; puis qu'il nous ait montré ce même monde dans une goutte du sang du Christ, qui fit paraître chaque chose écarlate, en lui laissant néanmoins, rehaussée par l'écarlate, sa couleur propre » (Hopkins).

218. - GWYNN, Frederick L. *Hopkins' « The Windhover »: a New Simplification*. Modern Language Notes 46 (Baltimore 1951) 366-370.

219. - The Kenyon Critics. *Gerard Manley Hopkins*. London (Dennis Dobson Ltd.), 1949, 8^e, 134 p., portrait. - Prix : 7/6.

Pour le centenaire de la naissance de Hopkins, la rédaction de *The Kenyon Review* invita naguère un groupe de critiques à examiner divers aspects de l'œuvre

vre du Jésuite poète. Ce sont ces études qui réapparaissent maintenant en un mince et élégant volume, précédées d'une introduction biographique par M. A. Warren. Une huitième étude, déjà annoncée en tête du volume comme reprise de *Scrutiny*, a dû finalement être omise pour un motif de « copyright ». Voici le contenu du recueil :

1. Austin WARREN, *Gerard Manley Hopkins*, pp. 8-20;
2. Herbert Marshall McLUHAN, *The Analogical Mirrors*, pp. 21-32;
3. Harold WHITEHALL, *Sprung Rhythm*, pp. 33-57;
4. Josephine MILES, *The Sweet and Lovely Language*, pp. 58-73;
5. Austin WARREN, *Instress of Inscape*, pp. 74-89;
6. Robert LOWELL, *Hopkins' Sanctity*, pp. 90-94;
7. Arthur MIZENER, *Victorian Hopkins*, pp. 95-112.

CR. Month 190 (1950) 141 (Chr. Devlin).

220. - LEES, F. N. « *The Windhover* ». Scrutiny 17 (Cambridge 1950) 32-37.

L'auteur s'efforce surtout d'écartier les interprétations erronées auxquelles ce poème de Hopkins a donné lieu.

221. - MARY PATRICIA (Sister). *Forty Years of Criticism. A Chronological Check List of Criticism of the Work of Gerard Manley Hopkins from 1909 to 1949*. Bulletin of Bibliography 20 (1950) 38-44.

Nous citons d'après : Publications of the Modern Languages Association, 66 (1951) 73.

222. - SYMES, Gordon. *Hibbert and Contemporary Modes*. Hibbert Journal 47 (London 1949) 389-394

223. - STOBIE, Margaret R. *Patmore's Theory and Hopkins' Practice*. University of Toronto Quarterly 13 (Toronto 1949) 64-80.

La théorie de Patmore s'exprime surtout dans son *Essay on English Metric Law* (1878). Il est intéressant de revoir, à la lumière de ses considérations, la pratique de son ami Hopkins, notamment son « sprung rhythm », ses manipulations de l'accentuation secondaire, son souci de la stance.

224. - *Unpublished Journal of Fr. G. M. Hopkins'*, Month, New series 4 (London 1950) 375-384.

Extraits de trois fragments inédits du *Journal* de Hopkins pour les années 1866, 1867 et 1868, véritables notes de peintre sur les jeux de lumière et de couleurs dans les paysages. En juillet 1866, la première mention que nous ayons de sa décision de quitter l'Église d'Angleterre.

225. - VALLETTE, Jacques, *Gerard Manley Hopkins*. Mercure de France 307 (Paris 1949) 529-531.

226. - WINTERS, Yvor. *The poetry of Gerard Manley Hopkins*. Hudson Review 1 (1949) 455-476; 2 (1949) 61-93.

227. - WOODRING, Carl R. *Once more « The Windhover »*. Western Review 15 (Lawrence, Kansas, 1950) 61-60.

Nous citons ces trois derniers numéros d'après : Publications of the Modern Languages Association, 66 (1951) 73.

Hosschius, Sidronius, 1596-1653.

228. - GOURDE, Leo T. *The Influence of Jesuit Classical Education on Sidronius Hosschius, S. I., Elegiac Poet*. The American Benedictine Review 2 (Newark, N. J. 1951) 81-106.

Hugo, Herman, 1588-1629.

229. - MEEUWESSE, K. *Een teruggevonden werkje van Petrus Serarius, Eene piëtistische bewerking van Hugo's Pia Desideria.* Studia catholica 25 (Nijmegen 1950) 241-250.

Il s'agit d'un petit volume de A. Serarius, *Goddelycke andachten oft Vlammende begeerten eens boetvaardige geheylgd en lief-rycke ziele.* Amsterdam 1657, qui est en grande partie un plagiat des *Pia Desideria* du P. H. Hugo. Cf. P. GROOTENS S. I. *Literatur-overzicht*, *Ons geestelijk erf* 24 (Tielt 1950) 440-441, qui signale une édition antérieure.

Iturri, François, 1738-1822.

230. - *The Letter of Francisco Iturri, S. I. (1789). Its Importance for Hispanic-American Historiography.* (Ed.) José de Onís. - The Americas 8 (Washington, 1951) 85-90.

Jalhay, Eugène, 1891-1950.

231. - PAÇO, Afonso do. *R. P. Eugénio Jalhay, S. I. (1891-1950).* Brotéria 52 (Lisboa 1951) 65-70.

232. - PERICOT, L. P. *Eugenio Jalhay, S. I. (13 de julio de 1891 - 30 de noviembre de 1950).* Ampurias 13 (Barcelone 1951) 274.

Notice nécrologique de ce spécialiste de la préhistoire de la péninsule ibérique.

Jean Casimir de Pologne, 1600-1672.

233. - CASTELLANI, G., S. I. *Giovanni Casimiro di Polonia. Tra la porpora e la corona.* Civiltà Cattolica (1951) III, 173-182, 630-640; IV, 65-73.

Peu de vocations religieuses auront mis davantage en mouvement les chancelleries que celle du prince de Pologne Jean Casimir; les péripéties en sont ici racontées d'après les documents des archives de la Compagnie et la correspondance de l'agent du roi de Pologne Boccalini, conservée aux archives du Vatican. Reçu dans la Compagnie à Lorette le 24 septembre 1643, le prince avait fini par vaincre la vive opposition de son frère le roi Ladislas; mais l'inconstance de son caractère le porta bientôt à faire reprendre les négociations, interrompues d'abord sur ses propres instances, en vue d'une promotion au cardinalat. Celle-ci lui fut abandonnée la Compagnie (dont il ne prononça jamais les vœux), le 28 mars 1646. Rappelons qu'il renonça au chapeau cardinalice en décembre 1647, pour devenir en novembre suivant roi de Pologne; il abdiqua en 1668, quatre ans avant sa mort.

Jerphanion, Guillaume de, 1877-1948.

234. - B[ECKE]T, Th[omas], O. S. B. *A la mémoire d'un grand byzantinologue, le R. P. G. de Jerphanion.* Irenikon 24 (Chèvetogne 1951) 231-237.

L'article est surtout une recension du grand ouvrage du P. de Jerphanion, *Les églises rupestres de Cappadoce.*

235. - DUSSAUD, René. *Le R. P. Guillaume de Jerphanion (1877-1948).* Syria 27 (Paris 1950) 200-201.

236. - GOUBERT, Paul, S. I. *Missionnaire et savant: P. Guillaume de Jerphanion, membre de l'Institut de France, 1877-1948.* Byzantion 20 (Bruxelles 1950) 389-396.

Jouvancy, Joseph de, 1643-1719.

237. - DAINVILLE, François de, S. I. *La Ratio discendi et docendi de Jouvancy.* AHSI 20 (1951) 3-58, deux fac-similés.

Kircher, Athanase, 1601-1680.

238. - VAN LANSCHOOT, Arn., O. Praem. *Un précurseur d'Athanase Kircher: Thomas Obicini et la Scala Vat. Copte 71.* Louvain (Bureau du Muséon), 1948, 8°, XV-81 p, (= Bibliothèque du Muséon, 22).

Pietro della Valle acheta en Orient en 1616 et rapporta à Rome en 1616 un traité grammatical copte-arabe ou *Scala* (l'actuel Ms. *Vat. Copte 71*), qui fut confié au P. Obicini O. F. M. pour être traduit, Mais Obicini mourut en 1632 et sa traduction fut perdue. Kircher, qui publia en 1636 son *Prodromus copticus*, passe ainsi pour l'initiateur des études coptes. M. le chan. Van Lanschoot a retrouvé en 1938 le ms. de la double traduction latine et italienne d'Obicini (Ms. *Borgia latin 768*). Si le travail de Kircher garde son mérite, il n'est pas le premier à avoir entrevu l'importance de la philologie copte.

CR. *Bibliotheca orientalis* 8 (Leiden 1951) 79-80 (J. Doresse).

Kostka, S. Stanislas, 1550-1568.

239. - MAJKOWSKI, Józef, T. J. *Typologia św. Stanisława Kostki. Przegląd Powszechny* 229 (Warszawa 1950) 301-318.

Avec portrait et quatre fac-similés d'écrits du jeune saint.

240. - Id. *Psychika św. Stanisława Kostki. Przegląd Powszechny* 229 (1950) 418-423.

Lacunza, Emmanuel, 1731-1801.

241. - VAUCHER, Alfredo Félix. *Una celebridad olvidada; Manuel Lacunza y Díaz 1731-1801.* Revista chilena de historia y geografía n. 117 (Santiago de Chile 1951) 65-108 (à suivre).

Traduction du livre du Professeur Vaucher, *Une célébrité oubliée : le P. Manuel de Lacunza y Díaz (1731-1801) de la Société de Jésus, auteur de La Venue du Messie en gloire et majesté* (Collonges-sous-Salève, 1941); cf. AHSI 11 (1942) 194, n. 153. Le *Prólogo del traductor* (pp. 65-16) est signé : Héctor M. Hammerly. Il déclare avoir reçu de l'auteur quelques données nouvelles, incorporées à sa traduction.

Lainéz, Jacques, 1512-1565.

242. - CASTELLANI, Giuseppe, S. I. *Politica e religione alla conferenza di Poissy (1561).* Civiltà cattolica (1950) III, 261-271 et 516-527.

Nous classons ici cet article parce que le colloque de Poissy n'intéresse guère l'histoire de la Compagnie que par l'intervention répétée du P. Jacques Lainéz, compagnon du cardinal légat Hippolyte d'Este, contre Théodore de Bèze et Pierre Martyr : c'est d'ailleurs, nous semble-t-il, le point de vue de l'auteur même. - A l'*Assemblée* de Poissy, parallèle au *colloque*, fut votée la reconnaissance légale de la Compagnie en France, non sans de grandes restrictions ; l'auteur y fait allusion, mais sans développer ce point étranger à son sujet.

Landivar, Raphaël, 1736-1791.

243. - *Algunos documentos sobre el poeta Rafael Landivar.* Revista del Museo Nacional de Guatemala. Época III, (1947) 3-26.

CR. *Revista de Historia de América* n. 30 (México 1955) 550 (M.-R. del O.).

244. - LANDÍVAR, Rafael, [S. I.]. *Rusticatio Mexicana.* Copia facsimilar de la edición de Bolonia, 1782; precedida de una Introducción por José Mata Gavida. - Guatemala (Editorial Universitaria), 1950, 8°, 112-XXVIII-209 p.

CR. ECA, *Estudios Centro Americanos* 5 (San Salvador 1950), n. 46, 54-56 (J. R. S., S. I.); l'AHSI en parlera prochainement,

245. - MANGINI GIANCARLO, Guido. *La « Rusticatio Mexicana » de Rafael Landivar*. Revista de Indias 10 (Madrid 1950) 799-809.

246. - PÉREZ A., Manuel, S. I. *El P. Rafael Landivar, S. I.* ECA. Estudios Centro Americanos 5 (San Salvador 1950) n. 40, 24-32.
Edition d'une brève biographie inédite.
CR. Revista de Historia de América, n. 30 (México 1950) 583-584 (A. R. P.).

247. - PIGHI, G. B. *La « Rusticatio Mexicana » di Raffaele Landivar*. Bologna (Coop. Tipografica Azzoguidi), 1950, 8°, 18 p. (= Estratto dal Rendiconto delle Sessioni della Accademia delle Scienze dell'Istituto di Bologna. - Classe di Scienze morali. Serie V, vol. 3, 1949-1950).

248. - *Remains of Rafael Landivar, S. I., returned to Guatemala*. The Americas 7 (Washington 1950) 102-103.

249. - SCHEIFLER, R., S. I. *Rafael Landivar, S. I. y su « Rusticatio Mexicana »*. ECA. Estudios Centro Americanos 5 (San Salvador 1950) 32-37.
A propos de la publication indiquée au n. 244.
CR. Revista de Historia de América n. 30 (México 1950) 637-638 (A. R. P.).

Leunis, Jean, 1532-1584.

250. - WICKI, J., S. I. *Le Père Jean Leunis S. I. (1532-1584), fondateur des Congrégations mariales*. Avec la collaboration de R. Dendal, S. I. - Rome (Inst. Hist. S. I.) 1951, 8°, XXI-138 p.
CR. Civiltà cattolica (1951) III, 214-215; Mid-America 33 (Chicago 1951) 196-198 (J. A. K.); l'AHSI en rendra compte prochainement.

Loyola, S. Ignace, 1491-1556.

251. - BOEHMER, Heinrich. *Ignatius von Loyola*. Herausgegeben von Hans Leube. - Stuttgart (K. F. Koehler Verlag), [1951], 8°, 354-[4] p., 4 planches h. texte.
Le travail consciencieux de H. Boehmer (Leipzig 1914) avait été réédité en 1941 par le Prof. H. Leube chez Koehler et Amelang à Leipzig; les événements de l'après-guerre ont amené la firme Koehler à la rééditer maintenant à Stuttgart. Le travail de mise au point, légèrement accentué dans la nouvelle impression, laisse presque intact le texte même de Boehmer, mais corrige et met à jour les notes d'après la littérature récente, non sans faire des coupes dans les discussions d'érudition. Pp. 221-275, extraits des écrits de S. Ignace de Loyola et des sources contemporaines; pp. 279-342 notes; pp. 343-354, postface (Nachwort) de l'éditeur.

252. - DONOSTIA, José Antonio de. *Apuntes de folklore vasco*. Boletín de la R. Sociedad Vascongada de Amigos del País 7 (San Sebastián 1951) 25-39.
Voir le § I. *La marcha de S. Ignacio* (pp. 25-28).

253. - FAVRE-DORSAZ, André, S. I. *Calvin et Loyola*. Revue générale belge, n. 67 (Bruxelles 1951) 110-128.
Extrait d'un volume à paraître prochainement aux Presses Universitaires, à Bruxelles. - 1) Une réforme indispensable; 2) Le Basque et le Picard. - Quelle fut, devant le problème de la réforme de l'Église, l'attitude de ces deux hommes? L'extrait donné concerne surtout leur préparation.

254. - *Fontes narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Iesu initios*. Volumen II. *Narrationes scriptae annis 1557-1574*. Edidit Candidus de DALMASES S. I. - Romae (apud « Monumenta Historica Soc. Iesu »), 1951, gr. 8°, XXII-61*-631 p. (= *Monumenta Historica Societatis Iesu*, vol. 73. -

Monumenta Ignattiana, series quarta, *Scripta de S. Ignacio*, altera editio ex integro refecta . . . , tomus II, vol. II). - Prix : 4600 lires.

L'AHSI rendra compte du volume.

255. - HYMA, Albert. *The Original Version of «de imitatione Christi» by Gerard Zerbolt of Zutphen*. Archief voor de geschiedenis van het aartsbisdom Utrecht 19 (Utrecht 1950) 1-41.

Résume, pp. 8-12, toute la question de l'influence de la *Devotio moderna* sur S. Ignace, en s'appuyant sur les études existantes et sans prétendre, sur ce point, apporter du neuf.

256. - LETURIA, Pedro de, S. I. *¿Hizo San Ignacio en Montserrat o en Manresa vida solitaria?* Hispania Sacra 3 (Madrid 1950) 251-318.

257. - ID. *S. Ignacio di Loyola e l'Anno Santo 1550*. Civiltà Cattolica (1950) IV, 609-615, 726-737.

258. - ID. *San Ignacio de Loyola y el Año Santo de 1550*. Razón y Fe 142 (Madrid 1950) 521-537.

259. - LIZARRALDE, Adrián de, O. F. E. *Historia de la Virgen y del Santuario de Aránzazu*. Oñate (Editorial «Aranzazu»), 1950, 8^o, LXXI-555 pp., ill.

Voir pp. 205-213 pour l'épisode du pèlerinage fait par S. Ignace au sanctuaire d'Aránzazu, à son départ de la maison paternelle. C'est fort probablement à Aránzazu, d'après l'auteur, que le saint fit vœu de chasteté.

260. - RAHNER, Hugo, S. I. *Ignatius von Loyola und sein geistlicher Briefwechsel mit Frauen*. Geist und Leben 24 (Würzburg 1951) 176-196, 257-274.

Traduction allemande, introduite et reliée par un bref commentaire, d'un groupe de ces lettres.

261. - SUQUÍA GOICOECHEA, Angel. *La Santa Misa en la espiritualidad de San Ignacio de Loyola*. Madrid (Dirección General de Relaciones Culturales), 1950, gr. 8^o, 265 p. (= Publicaciones del Instituto Español de Estudios Eclesiásticos, Roma).

Primera parte : La Santa Misa en el ambiente que vivió San Ignacio de Loyola (pp. 14-132); Segunda parte : La Santa Misa en la espiritualidad personal de San Ignacio de Loyola (pp. 135-233).

CR. Revista de espiritualidad 10 (Madrid 1951) 364-315 (Adolfo de la Madre de Dios O. C. D.); l'AHSI en rendra compte prochainement.

262. - VICUÑA, Alejandro. *Loyola*. Santiago de Chile (Tipografía Chilena), 1950, petit 8^o, 249 p.

L'écrivain catholique chilien nous donne ici sa dix-septième biographie. Son *Loyola* s'ajoute aux autres « réformateurs » qu'il a déjà traités, S. Jean Chrysostome et S. Bernard, Savonarole et Cisneros. Ses sources principales sont ici Rihadeneira et Astrain, mais il utilise aussi la correspondance du saint (dans l'édition des *Cartas de S. Ignacio*), certains volumes des MHSI et divers travaux modernes.

Luengo, Manuel, 1735-1816.

263. - CASCÓN, M., S. I. *Manuel Luengo (1735-1816). Su diario y prólogos inéditos fuente de información para el reinado de Carlos III*. Las Ciencias 14 (1949) 519-543.

Cité d'après : Manresa 23 (Madrid 1951) 197, n. 40.

Lyonnet, Pierre, 1906-1949.

264. - LYONNET, Pierre, S. I. *Écrits spirituels*. Paris (Éditions de l'Épi), 1951, petit 8°, 320 p.

Nous avons déjà dit combien étaient attendus ces écrits posthumes (cf. AHSI 19, 1950, 360-361, n. 222) ; ils ont leur place ici pour leur intérêt biographique et parfois autobiographique. Voir en particulier l'introduction de l'éditeur anonyme sur la carrière et la physiognomie de l'auteur (pp. 7-23), puis les « Prières pour le temps de la maladie » 1937-1939 (pp. 26-49) ; les lettres (pp. 61-80) et notes de retraite, 1943 (pp. 85-94), du P. Spirituel au Collège Saint-Michel à Saint-Etienne ; les notes (pp. 95-162), le journal spirituel, 5 déc. 1945-18 mars 1946 (pp. 163-195) et les lettres (pp. 217-230) de son troisième an de probation ; enfin les écrits de sa période de rectorat à Saint-Étienne, en particulier les lettres (pp. 250-265). Pourachever le volume, on a reproduit (pp. 309-318) le récit des derniers moments du P. Lyonnet (19-23 janvier 1949), qui avait déjà paru dans la revue du collège.

265. - VARILLON, François. *Les « Écrits spirituels » du Père Pierre Lyonnet*. Études 270 (Paris 1951) 93-100.

A propos du volume indiqué au n. précédent.

Maldonado, Jean, 1534-1583.

266. - SCLAFERT, Clément. *Montaigne et Maldonat*. Bulletin de littérature ecclésiastique 52 (Toulouse 1951) 65-93, 129-146.

Maréchal, Joseph, 1878-1944.

267. - S. C., S., *Problemi della conoscenza nei « Mélanges Maréchal »*. Civiltà Cattolica (1951) II, 400-401.

Mariana, Jean de, 1536-1624.

268. - ALMELA Y VIVES, Francisco. *Historia de una « Historia »*. Cómo editó Monfort la del P. Mariana. Revista bibliográfica y documental 4 (Madrid 1959) 325-326.

Benito Monfort y Besades, le fondateur à Valence de la maison d'édition de ce nom, avait d'abord confié à Domenico Morico (ou de son vrai nom, Morisco) la direction littéraire de son édition de la *Historia de España* de Mariana. Ce ne fut toutefois qu'après la mort de Morico (+ 1782) et sous la direction de Vicente Antonio Noguera y Ramón que parurent les six premiers volumes (1783-1790) ; Benito Monfort n'en put voir que le premier. L'auteur apporte des documents sur les démarches faites auprès des autorités, surtout en 1785-1786, pour hâter la publication. Les trois derniers volumes (VII-IX), non inclus dans la souscription, parurent sans la collaboration de Noguera, remplacé par José Ortiz y Sanz, en 1791-1796.

Mascardi, Nicolas, 1624-1674.

269. - Rosso, Giuseppe. *Nicolò Mascardi, missionario gesuita, esploratore del Cile e della Patagonia (1624-1674)*. AHSI 19 (1950) 3-74, une carte dans le texte et deux planches h. texte.

Maunoir, B. Julien, 1606-1683.

270. - HÉROUVILLE, Pierre d', S. I. ; LANZ, Arnaldo M., S. I. *Il Beato Giuliano Maunoir S. I., apostolo della Bretagna (1606-1683)*. Roma (Postulazione Generale S. I.), 1951, 8°, V-186 p., portrait et 2 gravures.

Adaptation par le P. Lanz, de la biographie publiée en français par le P. d'Hérouville à Quimper en 1932.

271. - LANZ, A. M., S. I. *L'apostolo della Bretagna. Il B. Giuliano Maunoir S. I.* Civiltà Cattolica (1951) II, 475-483.

272. - RENAUD, F. *Les « Vies » de Michel Le Nobletz*. Nouvelle revue de Bretagne 3 (Rennes 1949).
Cité d'après : Rev. d'hist. de l'Église de France 36 (1950) 284. L'auteur conteste l'attribution au P. Maunoir de la *Vie de Le Nobletz* éditée en 1934 par le Chan. Perennès. Même sujet traité par E. Le Provost dans le n° de mai 1950.

273. - ROUANET, Jean, S. I. *Le Bx Julien Maunoir et les équipes sacerdotales au XVIIe siècle*. Nouvelle revue théologique 73 (Louvain 1951) 603-614.

274. - ROUQUETTE, Robert, S. I. *Les « Deux Étendards » en Basse Bretagne. Le bienheureux Julien Maunoir (1606-1683)*. Études 270 (Paris 1951) 40-59.

275. - SEGURA, Francisco, S. I. *Un apóstol de Bretaña. El P. Julidn Maunoir*. Razón y Fe 143 (Madrid 1951) 643-651.

Messina, Joseph, 1893-1951.

276. - BEA, [A. S. I.]. *Obitus R. P. Josephi Messina*. Acta Pontificii Instituti Biblicali, 5 (Roma 1951) 264-269, avec bibliographie.

Muller, Albert, 1860-1951.

277. - *In memoriam. Le R. P. De Cleyn et le R. P. Muller*. La Vie économique et sociale 22 (Anvers 1951) 193-205.
Le P. Muller fut le collaborateur le plus remarquable du P. De Cleyn dans le long effort qui assura le succès de l'Institut Supérieur de Commerce Saint-Ignace à Anvers ; il acquit en même temps une autorité reconnue en matière d'économie politique et de sociologie. Pp. 203-205, liste de ses principales publications.

Nóbrega, Manuel, 1519-1570.

278. - LEITE, Serafim [S. I.]. *Nóbrega do Brasil, « último Comendador » de S. fins do Minho (1546)*. Brotéria 53 (Lisboa 1951) 19-27.

279. - LOPES, Edmundo Correia. *O Padre Manuel da Nóbrega e a formação do Brasil*. Lisboa (Agência Geral das Colónias), 1949, 8°, 51 p. (= Colecção pelo Império N. 121).

Peeters, Paul, 1870-1950.

280. - *Concours quinquennal des Sciences historiques. (12e période : 1936-1940)*. Rapport fait, au nom du jury, à M. le Ministre de l'Istruction publique, par le professeur A. Severyns. - Bruxelles 1950, in-16, 16 p. (= Extrait du *Moniteur belge* des 18-19 décembre 1950).
Dans ce rapport, le Prof. Severyns, secrétaire du jury, insère intégralement (pp. 12-16), la note lue à la séance de celui-ci par le Prof. Henri Grégoire, sur la carrière et les mérites du P. Paul Peeters. On sait que c'est à l'éminent hollandiste que fut attribué le 12e prix quinquennal belge des sciences historiques.

281. - DEVOS, Paul, [S. I.]. *Le R. P. Paul Peeters (1870-1950), son œuvre et sa personnalité de bollandiste*. Analecta bollandiana 69 (Bruxelles 1951) I-XLVI, portrait.

282. - *Bibliographie du P. Paul Peeters*. Analecta bollandiana 69 (Bruxelles 1951) XLVIII-LIX.

283. - GARITTE, Gérard. [Nécrologie]. - *Revue d'histoire ecclésiastique* 45 (Louvain 1950) 826-827.

284. - GRÉGOIRE, Henri. *Le Père Paul Peeters, S. I. (20 septembre 1870-18 août 1950)*. La Nouvelle Clio 1-2 (Bruxelles 1950) 458-459.

285. - RYCKMANS, G. *Le Père Peeters, Bollandiste*. *Revue Générale Belge*, n° 81 (Bruxelles 1950) 111-117, portrait.

Pesch, Henri, 1854-1926.

286. - *Heinrich Pesch 1854-1926. Social Order* 4 (Saint-Louis, Mo., 1951) 145-192.

Pour commémorer le 25^e anniversaire de la mort du P. Henri Pesch, la revue *Social Order* lui consacre un fascicule entier, *Pesch Memorial Issue*, sous la direction du P. Richard E. Mulcahy. En voici le contenu : *Introduction* (pp. 145-146); Franz MUELLER, *I knew Heinrich Pesch. The Formative Influence of a Human Scholar* (pp. 147-152); Goetz BRIEFS, *Pesch and his Contemporaries. Nationalökonomie vs. Contemporary Economic Theories* (pp. 153-160); Richard E. MULCAHY S. I. *Economic Freedom in Pesch. His System Demands, but Restrains Freedom* (pp. 161-168); Jacques YENNI, S. I. *Pesch's Goal of the Economy. Economic Society Has a Single Unified Purpose* (pp. 169-176); Oswald von NELL-BREUNING S. I. *The Peschian Interest Theory. Economic Performance Justifies Interest* (pp. 177-180); Gustav GUNDLACH S. I. *Solidarist Economics. Philosophy and Socio-economic Theory in Pesch* (pp. 181-185); Richard E. MULCAHY, S. I. *The Writings of Heinrich Pesch S. I.* (bibliographie, pp. 186-192).

Pinelli, Luc, 1542-1607.

287. - SCADUTO, Mario, S. I. *La Ginevra di Teodoro Beza nei ricordi di un gesuita lucano, Luca Pinelli (1542-1607)* AHSI (1951) 117-142.

Possevino, Antoine, 1533-1611.

288. - LLORENTE, Daniel. *Das obras notables del P. Antonio Possevino : cultura de ingenios y teología catequística*. Valladolid (Imprenta y Librería Casa Martín), 1950, 8°, 190 p.

CR. Razón y Fe 143 (Madrid 1951) 211-212 (Fr. Segura).

Pozzo, André, 1643-1709.

289. - CRISTINI, Marino. *Andrea Pozzo e la chiesa di Santa Maria Maggiore a Trieste*. Studi trentini di scienze storiche 30 (Trento 1951) 99-105, 4 gravures h. texte.

Une tradition tenace, appuyée par l'historien de Trieste Pierre Kandler et par Joseph Zippel dans sa monographie de 1883 sur Pozzo, attribue au célèbre Jésuite tridentin l'architecture de l'ancienne église des Jésuites à Trieste, Sainte-Marie-Majeure (jadis l'Immaculée-Conception). Mais les dates s'y opposent : l'église fut commencé quinze ans avant la naissance du Fr. Pozzo et achevé avant que Pozzo, qui débuta dans la peinture, n'ait commencé à s'occuper d'architecture véritable. Le manque de base documentaire et des raisons de style ne permettent même pas de lui attribuer le dessin de la seule façade ou celui de l'autel de S. Ignace, élevé en 1680 aux frais de la famille Conti.

Ramirez, François, 1562-1630 (?)

290. - RAMÍREZ, Francisco, S. I. *Memorial de la Santa Vida y dichoso tránsito de El buen beneficiado Pedro Plancarte, cura de Capaquaro en el Obispado de Michoacán (1555-1657)*, compuesto por el R. P. Francisco Ramírez de la Compañía de Jesús, rector de su Colegio de Pátzcuaro : Manuscrito

de 1627 con otros documentos inéditos sobre el Insigne, Viejo, y Mayor Colegio de S. María de Todos Santos de Méjico. Estudio, edición y notas de Alfonso Méndez Plancarte. - Méjico (bajo el signo de « Abside »), [1950], petit 8°, 221 p. 4 portraits h. texte.

Voir dans l'introduction les paragraphes 2. *El viejo manuscrito y su copia actual* (pp. 11-15), 3. *La identificación del P. Ramírez* (pp. 16-19) et 4. *Los quilitates del biógrafo* (pp. 20-23), avec la note B. *El laberinto de los Padres Ramírez* (pp. 55-58).

Regatillo, Édouard F., né en 1882.

291. - MUÑOYERRO, Luis A. [arzobispo de Sión, Vicario Castrense]. *Obra jurídica y personalidad del R. P. E. F. Regatillo S. I.* Miscelánea Comillas 15 (Comillas 1951) Homenaje a los RR. PP. Lucio Rodrigo y Eduardo F. Regatillo S. I. profesores de la Universidad, en el quincuagésimo aniversario de su vida religiosa, 15-46, portrait.

292. - ROBLEDA, Olis, S. I. *Consultas resueltas en la revista « Sal terrae » por el R. P. Regatillo.* Miscelánea Comillas 15 (1951) 47-79.

Pour donner une idée de la fécondité du professeur jubilaire, on nous présente une liste chronologique — simples titres sans commentaire — de ses contributions sur des matières canoniques ou morales, parues dans la revue *Sal terrae*, de 1919 à 1950.

Reichenberger, Maximilien, 1613-1673.

293. - GALLUS, Tiburtius, S. I. *Maximilianus Reichenberg* [sic] S. I. († 1673), *defensor Corredemptoria.* Divus Thomas 54 (Piacenza 1951) 189-196.

Reproduction d'un fragment — l' « animadversio XXIV » — des *Mariani cultus vindiciae seu nonnullae animadversiones in libellum cui titulus Monita salutaria B. M. V. ad cultores suos indiscretos* (Prague 1677), écrit par le professeur de Prague contre l'écrit bien connu et si discuté d'Adam Widenfeld.

Restrepo, Félix, né en 1887.

294. - KIMSA, Antanas. *Bibliografía del R. P. Félix Restrepo S. I.* Boletín del Instituto Caro y Cuervo 5 (Bogotá 1949) 478-554.

Avec un bref prologue de Mr J. M. R[ivas] S[acconij] (pp. 478), et suivi (pp. 545-554) d'une *Explicación necesaria* par le vénéré jubilaire auquel est dédié le volume de mélanges. Ce tome V du *Boletín* porte en effet le titre: *Estudios de filología e historia literaria. Homenaje al R. P. Félix Restrepo S. I. Presidente honorario del Instituto.*

Rhodes, Alexandre de, 1591-1660.

295. - GAIDE, Médecin général. *Note complémentaire sur le P. Alexandre de Rhodes.* Mémoires de l'Académie de Vaucluse, 3^e série, 10 (Avignon 1948-1949) [1950] 107-110.

« Cette note a pour but d'apporter quelques renseignements nouveaux sur les origines de la famille de Rhodes et sur sa descendance » (p. 107). A la fin, p. 110, quelques mots sur l'iconographie du P. Alexandre de Rhodes.

Rodrigues, Vincent, 1528-1600.

296. - LEITE, Serafim. *Vicente Rodrigues, primeiro mestreescola do Brasil (1528-1600).* Brotéria 52 (Lisbon 1951) 288-300.

Rodrigues Tçuzu, Jean, 1559-1633.

297. - BOXER, C. R. *Padre João Rodriguez Tçuzu S. I. and his Japanese Grammars of 1604 and 1620*. Dans : *Miscelânea de filologia, literatura e história cultural e memória de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919)*, II (Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1950), pp. 338-363, 3 fac-similés.

L'étude de la grammaire japonaise du P. Rodrigues Tçuzu (l'interprète) est précédée par une notice biographique très poussée sur ce missionnaire.

Ryłło, Maximilien, 1802-1848.

298. - KANTAK, Kamil, *Le Père Maximilien Ryłło S. I. Un ami du Proche-Orient. L'homme aux grandes visions, mort à la peine*. Beyrouth, 1950, 8°, 128 p., un portrait et une gravure hors texte.

Le P. Maximilien Ryłło fut une des figures les plus marquantes et pittoresques de l'âge héroïque de la reprise des missions étrangères, par la nouvelle Compagnie au temps du P. Roothaan. Chargé de missions de confiance en Mésopotamie et en Syrie, il fut, par la fondation éphémère à Beyrouth d'un « collège asiatique » (1841) le précurseur de la fameuse Université Saint-Joseph dans la même ville. Apôtre de Malte, recteur à Rome du Collège Urbain de la Propagande (1844-1848), il mourut à 45 ans à Kartoum, en rouvrant la mission de la Haute-Égypte. Nature richement douée et d'un courage que rien n'arrêtait, ce religieux exemplaire eut pourtant à subir, du fait de sa forte originalité et de conjonctures politiques délicates, des contradictions et persécutions retentissantes. - Les soldats et réfugiés polonais, que la dernière guerre a conduits au Liban, y ont retrouvé la mémoire de leur grand compatriote. Tandis que la Légation polonaise faisait placer, dans le hall d'entrée de l'Université Saint-Joseph une plaque commémorative pour le centenaire de sa mort (1848-1948), M. l'abbé Kantak, doyen polonais au Liban, lui a consacré cette intéressante brochure, basée sur la biographie du P. Ryłło par le P. M. Czermiński (Cracovie, 1911-1912, 2 vol., en polonais).

Rodrigo, Lucio, né en 1885.

299. - GARCÍA MARTÍNEZ, Fidel [obispo de Calahorra], *Semblanza científica del R. P. L. Rodrigo S. I.* Miscelánea Comillas 15 (Comillas 1951) Homenaje a los RR. PP. Lucio Rodrigo y Eduardo F. Regatillo S. I., profesores de la Universidad, en el quincuagésimo aniversario de su vida religiosa, 1-13, portrait.

Sautu, Candide Julien, 1858-1938.

300. - OGARA, Florentino, S. I. *Un insigne misionero popular. Vida admirable del R. P. Cándido Julidín Sautu de la Compañía de Jesús*. Buenos Aires (Casa del Catequista), 1950, 8°, 257 p., ill.

Salerno, Jean-Baptiste, 1675-1729.

301. - FABIANO, Francesco. *Il Card. G. B. Salerno d. C. d. G. e la conversione del Principe Elettore di Sassonia Federigo Augusto III. Excepta ex dissertatione al Lauream.-Napoli, 1950, 8°, 47 pp.* (= Pontificia Facultas Teologica « S. Aloisii » ad Pausilypum, Neapoli).

Salmans, Joseph, 1873-1944.

302. - VLBERGH, Emiel. *Salmans, Joseph, S. I. Annua Nuntia Lovaniensia Falcultatum Sacrae Theologiae atque Iuris Canonici* (= *Universitas Catholica Lovaniensis*, vol. VII, 1940-1950, Louvain, Publications Univ. de Louvain, 1950), pp. 93-96.

Salvatierra, Jean M., 1648-1717,

303. - DUNNE, P. Masten, S. I. *Salvatierra's Legacy to Lower California*. The Americas 7 (Washington 1950) 31-50.
CR. Revista de Historia de América n. 30 (México 1950) 612-613 (C. H. G.).

Sánchez Labrador, José, 1717-1799.

304. - RUIZ MORENO, Aníbal. *La Medicina en «El Paraguay Natural» (1771-1776) del P. José Sánchez Labrador, S. I.* Exposición comentada del texto original - Tucumán, 1998, in-4°, 370 p., 120 ill.
CR. Revista de Historia de América n. 30 (México 1950), 533-535 (G. Somolinos d'Ardois).

Secchi, Angelo, 1818-1878.

305. - TONDELLI, Leone. *Un momento penoso nella vita di Padre Angelo Secchi*. Atti e Memoria della Dep. di St. patria per le antiche prov. modenese, 8 (1949). Cité d'après : Rivista di storia della Chiesa in Italia 4 (Roma 1950) 479, n. 299.

Späcil, Théophile, 1875-1950.

306. - SCHULTZE, B., S. I. *P. Theophilus Späcil S. I. †*. Orientalia Christiana Periodica 17 (Roma 1951) 220-223.
Article nécrologique avec, pp. 221-223, la bibliographie des écrits scientifiques (théologie et spécialement théologie orientale) du P. Späcil.

Spee, Frédéric von, 1591-1635.

307. - RUTTENAUER, Isabella. *Friedrich von Spee. 1591-1635. Ein lebendiger Martyrer*. Freiburg i. Br. (Herder), 1951, 8°, VIII-172 p., portrait. Prix: DM. 5,80.
L'AHSI en donnera prochainement la recension.

308. - VAN STOCKUM, Th. C. *Friedrich von Spee en de heksenprocessen*. Mededelingen der Koninklijke Nederlandsche Akademie van Wetenschappen, Afd. Letterkunde, Nieuwe reeks, fasc. 12, (Amsterdam 1949) 281-294.

Steuart, Robert H. I., 1874-1948.

309. - KENDALL, Katherine. *Father Steuart. A Study of his Life and Teaching*. London (Burns Oates), 1950, 8°.
CR. Irish Monthly 78 (Dublin 1950) 593-594 (J. M. Fitzgerald); The Month, new series 5 (London 1951) 253-254.

Suárez, François, 1548-1617.

Voir aussi le n° 137.

310. - ADRO XAVIER [REY STOLLE, Alejandro, S. I.] *Francisco Sudrez en la España de su época*. Madrid (Ediciones y Publicaciones E. P. E. S. A.), 1950, 8°, 332 p.

311. - ALDAMA, J. A. de, S. I. *Boletín de historia de la teología en el período 1500-1800*. Archivo teológico granadino 12 (1949) 332-377.

Ce Bulletin commence par une section I. *El IV Centenario del nacimiento del P. Francisco Sudrez*, pp. 333-361 ; il y groupe 169 références, classées méthodiquement et brièvement commentées.

312. - ANDRÉS MARCOS, Teodoro. *El superinternacionalismo de Sudrez en su tratado «de legibus», lib. II, cap. XVII-XX*. Anuario de la Asociación Francisco de Vitoria 9 (Madrid 1948-1949) 7-37.

313. - BEAU, A. E. *Begriff und Funktion des Imperium bei Francisco Sudrez.* Romanische Forschungen 61 (Frankfurt a. M. 1948) 225-266.

Cité d'après : Revue d'hist. ecclésiastique 45 (Louvain 1950) 274*, n. 4911.

314. - BERGADÁ, María Mercedes. *El aporte de Francisco Sudrez a la filosofía moderna.* Actas del primer Congreso nacional de Filosofía, Mendoza, Argentina, marzo 30 - abril 9, 1949. - Mendoza (Universidad Nacional de Cuyo), 1950, vol. III, pp. 1921-1926.

315. - CANAVAN, Francis P., S. I. *Subordination of the State to the Church according to Suárez.* Theological Studies 12 (Woodstock, Md., 1951) 354-364.

316. - CASTRO PIETO, J. *El derecho consuetudinario en Sudrez. Su doctrina e influjo. Estudio histórico-jurídico comparativo.* Revista española de derecho canónico 4 (Madrid 1949) 65-120.

Cité d'après : Rev. d'hist. ecclésiastique 45 (Louvain 1950) 274*, n. 4902.

317. - ELORDUY, Eleuterio, S. I. *Relación de la vida y costumbres del P. Sudrez por el P. Manuel de Veiga.* O Instituto 114 (Coimbra 1950) 93-110.

La longue notice biographique de Suárez par le P. Manuel de Veiga, récemment retrouvée parmi les MSS. de l'Université Grégorienne, présente une valeur exceptionnelle par le caractère immédiat de ses notations, nous révélant la vie réelle, concrète, de Suárez à Coimbre. Elle jette aussi une lumière nouvelle sur plusieurs épisodes importants de la carrière du grand théologien. Le P. Elorduy ne dit pas ici qu'il en a publié le texte dans la *Miscelánea Comillas* (cf. n. 325).

318. - GUANDIQUE, José Salvador. *Noción de Ley. Doctrina de Francisco Sudrez.* Actas del primer Congreso nacional de Filosofía. Mendoza, Argentina (marzo 30 - abril 9, 1949). - Mendoza (Universidad Nacional de Cuyo), 1950, vol. II, pp. 1293-1296.

319. - HELLÍN, José, S. I. *La gnoseología del Doctor Eximio.* Revista española de teología 10 (Madrid 1950) 565-574.

320. - LANSEROS, M. *La autoridad civil en Francisco Sudrez.* Madrid (Instituto de estudios políticos), 1949, 8°, 246 p.

Cité d'après : Revue d'hist. ecclésiastique 45 (Louvain 1950) 274*, n. 4912.

321. - MORTA FIGULS, A. *Sudrez y las leyes meramente penales.* Revista española de derecho canonico 5 (Madrid 1950) 509-599.

322. - PITA, Enrique B., S. I. *Conmemoración de Francisco Sudrez.* Actas del primer Congreso Nacional de Filosofía. Mendoza, Argentina (marzo 30 - abril 9, 1949). - Mendoza (Universidad Nacional de Cuyo), 1950, vol. I, pp. 567-574.

Discours académique dont voici la conclusion : « En la construcción de la catedral de la filosofía cristiana, Aristóteles ha aportado el *material*, Santo Tomás le ha dado el *sentido de filosofía cristiana* por su eje central de la metafísica de la creación, y Suárez ha traído el *espíritu del dinamismo vital*, por el que el tomismo perennemente se incrementa y renueva ».

323. - SOLANO, Jesús S. I. *Ideas-guiones para una Teología Misionera del P. Francisco Sudrez.* Misiones Extranjeras, 2, núm. 3 (Burgos 1949) 48-55.

324. - TEDESCO, Vincenzo. *La confessione a distanza nella dottrina del P. Francesco Suarez*. Estratto della dissertazione di laurea. - Napoli, (Tip. d'Alessandro), [1950], 8^o, 51 pp. (= Pontificia Facultas Theologica S. Aloisii ad Pausilypum Neapolii).

325. - VEIGA Manuel de, S. I. *Relación de la vida y costumbres del P. Sudrez*. Introducción y notas del R. P. Eleuterio Elorduy. - Miscelánea Comillas 14 (1950) 198-263.

Voir plus haut, n° 317.

Teschauer, Charles, 1851-1930.

326. - SPALDING, W. *O Historiador do Rio Grande do Sul (P. Carlos Teschauer, S. I. 1851-1930)*. Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, 194 (Rio Janeiro 1947) 113-116.

Cité d'après : Revista de Historia de América n. 30 (México 1950) 606, n. 10479.

Tosi, Pascal, 1837-1898.

327. - ZAVATTI, Silvio. *Missionario ed esploratore nell'Alaska. Padre Pasquale Tosi S. I.* Milano (Pontificio Istituto Missioni Estere), 1950, in-12, 62 p.

L'auteur, directeur de l'Institut italien de géographie polaire, regrette que le P. Tosi n'ait pas trouvé encore de biographe et que la rareté des documents (encore augmentée par la destruction, durant la guerre, de lettres autographes du missionnaire) rende difficile la préparation d'une biographie étendue. La présente esquisse sera surtout enchâsser le texte de trois lettres du P. Tosi, qui n'avaient encore paru que dans la collection (hors commerce) des *Lettere edificanti della Provincia Torinese* (1892 et 1893) : une lettre du 16 juillet 1891 au P. Assistant d'Italie (pp. 12-16), une du 11 mai 1892 au P. Cataldo (pp. 50-52) et surtout un rapport du 20 mai 1891, adressé au P. Cataldo après un voyage de reconnaissance le long des côtes de la mer de Behring (pp. 19-47). A la fin (pp. 61-62), une bibliographie précise du peu qu'on a écrit sur le P. Tosi.

CR. L'Universo 30 (Firenze 1950) 779-780 (U. Fabrini).

Vacquerie, François-Xavier, 1720-1808.

328. - SCHERER, Emil Clemens. *Aus Petersburger Briefen an einen Strassburger Exjesuiten (1804-1808)*. AHSI 20 (1951) 167-180.

Valignano, Alexandre, 1538-1606.

329. - SCRÜTTE, Josef Franz, S. I. *Valignanos Missionsgrundsätze für Japan*. 1. Band. *Von der Ernennung zum Visitator bis zum ersten Abschied von Japan (1573-1582)* I. Teil: *Das Problem (1573-1580)*. Roma (Edizioni di Storia e Letteratura), 1951, 8^o, LVI-474 p., ill.

CR. AHSI 20 (1951) 336-337 (G. Schurhammer S. I.); Razón y Fe 144 (Madrid 1951) 292 (J. M. Granero S. I.); Zeitschr. f. Missionswissenschaft n. Religionswissenschaft 35 (1951) 313-317 (M. Bierbaum).

Van Ginneken, Jacques, 1877-1945.

330. - WILS, J. *In memoriam. Jacques van Ginneken (21 april 1877 - 20 october 1945)*. Lingua, International Review of General Linguistic, 1 (Haarlem 1948) 133-139, portrait h. texte.

Vázquez, Denis, 1528-1589.

331. - RAMÍREZ ARAUJO, Alejandro. *El P. Dionisio Vázquez y la traducción española del « Martyrologio Romano »*. Symposium 4 (Syracuse, U. S. A., 1950) 412-414.

Cité d'après : Publications of the Modern Languages Association 65 (1951) 102.

Vieira, Antoine, 1608-1697.

332. - DURÃO, Paulo. *Um processo estilístico de Vieira*. Brotéria 52 (Lisboa 1951) 662-668.

333. - REVAH, I. S. *Petite contribution à la future édition des lettres du Père António Vieira*. Bulletin des études portugaises 11 (1947) 255-270.

334. - VIEIRA, Antonio, S. I. *Obras escolhidas*. Prefácios e notas de António Sérgio e Hernani Cidade. Volume I, *Cartas* (I) Volume II, *Cartas* (II). Volume III. *Obras varias* (I). - Lisboa (Livraria Sá da Costa), 1951, 3 vol. in-16, CVIII-254-[2], 291-[1] et XXV-287 p. (= Coleção de Clássicos Sá da Costa).

Xavier, S. François, 1506-1551.

Voir aussi le n° 126.

335. - ARTECHE, José de. *San Francisco Javier*. Zaragoza (« Hechos y Dichos »), 1951, in-16, 232 p.

Biographie alerte, plus littéraire qu'historique, comme celle que le même auteur a consacrée précédemment à S. Ignace (cf. AHSI, 11, 1942, 195, n. 163); « una biografía, écrit le P. León Lopetegui S. I. dans la préface (p. 9), que brindará más de un nuevo perfil del Apóstol de las Indias a los que traten de conocele mejor ». [M. Batllori S. I.]

336. - CAROLL, John. *St. Francis Xavier, Model of Catechists*. China Missionary Bulletin 2 (Hongkong 1950) 43-58.

337. - EGUREN, J. A., S. I. *Javier en las Indias Orientales. Aspectos jurídicos de su actuación misionera*. Misiones Extranjeras 2 (Burgos 1949) 101-124. Cité d'après : Manresa 23 (Madrid 1951) 126, n. 538.

338. - ITURGAIS, Xavier, C. SS. R. « *El Maestro Francisco se va a la India* ». El Siglo de las Misiones 38 (Bilbao 1951) 105-106, 123.

Résumé d'une monographie annoncée comme à paraître prochainement, en portugais, pour le 400 centenaire de la mort du Saint.

339. - KELLY, Hugh, S. I. *The Relic of St. Francis Xavier at Gardiner Street*. Irish Jesuit Directory 24 (Dublin 1951) 123-129.

340. - *Die Briefe des Francisco de Xavier, 1542-1552*. Ausgewählt, übertragen und kommentiert von Elisabeth Gräfin Vitzthum. Dritte, verbesserte Auflage. - München (Kösel-Verlag), 1950, gr. 8°, 365 p., avec une carte h. texte. - Relié : DM. 14.50.

341. - MÉLIDA, J. *Glosa al Centenario de San Francisco Javier*. Revista Nacional de Educación 9 (Madrid 1949) 56-62. Cité d'après : Manresa 23 (Madrid 1951) 126, n. 544.

342. - PIROU, Paul, S. I. *Xavier l'intrépide. 1506-1552*. Linos de Antoine de Vinck, - Namur (Grands Lacs), 1950, in-12, 206 p., ill. (= Collection Lavigerie, n. 35).

343. - TEIXEIRA, Manuel, S. I. *Vida del bienaventurado Padre Francisco Javier, religioso de la Compañía de Jesús*. Edición preparada por el P. Ramón Gavina S. I. - Bilbao (« El Siglo de las Misiones »), 1951, in-16, 261-[5] p. (= Héroes del Apostolado católico).

Réédition du texte publié jadis dans les MHSI, *Monumenta Xaveriana*, t. II, 1912, pp. 815-918. Mais le texte des lettres du saint, inséré par Teixeira dans sa

biographie et omis en 1912 par les éditeurs des MHSI, est ici restitué par l'éuteur, non toutefois d'après le manuscrit de Teixeira mais d'après l'édition récente des MHSI, *Epistolae S. Francisci Xaverii I-II* (Rome, 1944-1945).

Zipoli, Dominique, 1688-1725.

344. - DE RUBERTIS, Vittorio. *Dove e quando nacque e morti Domenico Zipoli. Prato 16 ottobre 1688. Fattoria di Santa Caterina (Córdoba. Argentina) 2 gennaio 1725.* Rivista musicale italiana 53 (Milano 1951) 152-157.

M. De Rubertis veut faire connaître au public musical italien la découverte de M. Lauro Ayestarán, qui a retrouvé parmi les Jésuites de la province du Paraguay le compositeur Zipoli, déjà fameux en Italie (voir l'article analysé AHSI, 11, 1942, 201, n° 217). Mais il a fait contrôler aux archives de Prato la date exacte de naissance de Zipoli et le P. Furlong lui a communiqué le lieu et la date du décès, d'après le précieux catalogue de la Province du Paraguay, dressé en Italie après l'expulsion par l'ex-jésuite D. González.

TABLE DES AUTEURS

Les chiffres renvoient, non aux pages, mais aux numéros de la bibliographie.

Adro Xavier.	310	Bourdon L.	127	Dalmases C. de	254
Albertson C. E.	148	Boxer C. R.	114-116, 128,	Dalmond J.	50
Aldama J. A. de	311		129, 297	Daniel-Rops	149
Allard P.	152	Briefs G.	236	Dehergne J.	1
Almela y Vives Fr.	268	Brodrick J.	10	Delanglez J.	88
Ambrosetti G.	137	Büchler E.	64	Delattre P.	35
Ancely R.	29	Burns R. I.	26	D'Elia P.	164
Andrés Marcos T.	312	Bury J. B.	84	Delmer A.	200
Angulo Ihiguez D.	74			Delmotte J.	161
Arocena F.	167	Canavan Fr. P.	315	Demortier R.	203
Ars M. de S. Jean d'	87	Caraceni F.	53	De Rubertis V.	344
Arteche J. de	335	Carien A.	62	Devos P.	281
Atkinson G.	138	Carlen L.	125	De Wilt A.	2
Barrella G.	157	Carrera Stampa M.	187	Diemert J. F.	148
Barten J.	44	Carvalho J. de	197	Dindinger J.	3
Bataillon M.	8	Cascón M.	263	Doneghy V.	7
Batillori M.	75, 83, 205, 206,	Castellani G.	233, 242	Donostia J. A. de	252
	213	Castro Pieto J.	316	Doyle L. F.	216
Bauhofer O.	61	Cereceda F.	168	Dumortier R.	203
Bayle C.	76	Chadwick H.	12	Dunne P. M.	102, 303
Bea A.	276	Chen St.	117	Durão P.	332
Beau A. E.	313	Chevalier Fr.	103	Dussaud R.	235
Becher H.	9	Cieslik H.	130		
Becket Th.	234	Cody A.	204	Eguren J. A.	337
Beckmann J.	63, 113	Coogan M. D.	215	Echabide D.	65, 66
Bergadá M. M.	314	Costello Fr. B.	148	Ellrodt R.	217
Bernard-Maitre H.	48	Cristini M.	289	Elorduy E.	317, 325
Blanchet Fr.	30				
Bochnak A.	56	Dahl F.	142	Fabiano Fr.	301
Boehmer H.	251	Dainville Fr. de	32, 33, 34,	Fassbinder M.	77
Bonno G.	31		237	Favre-Dorsaz A.	253

Fernandez-Anchuela y Col-
lado J. 178

Ferroli D. 123

Fletcher I. 145

Flynn Th. J. 148

Forero Durán L. 94

Franca L. 143

Frankl V. 78

Fuentes F. 207

Gaide 295

Gaiffier B. de 36

Galassi Paluzzi C. 141

Gallus T. 293

García Martínez F. 299

Garitte G. 283

Gaston-Chérau Fr. 37

Gaviña R. 343

Gerard J. 199

Golzio V. 51

Gomes de Zurara 59

Góngora del Campo M. 93

Goñi G. 28

Goubert P. 236

Goulet G. 89

Gourde L. T. 228

Graf G. 136

Grégoire H. 284

Grootaers W. A. 118

Grootens P. 198

Guandique J. S. 318

Gundlach G. 286

Gwynn F. L. 218

Halkin L. 19

Hammond J. H. 208

Hellin J. 319

Hermans Fr. 20

Hernández de Alba G. 95

Hérouville P. d' 270

Hicks L. 13

Hyma A. 255

Iglésies J. 159

Iparraguirre I. 4

Iturgais X. 338

Jedin H. 162

Jerez H. 186

Jobert A. 57

Jorge E. 169

Kammerer A. 68

Kantak K. 298

Kaufmann L. B. 148

Kelly H. 339

Kelly M. 47

Kendall K. 309

Kennedy J. H. 90

Kimsa A. 294

Kleijntjens J. 45, 46

Kohlbach R. 17

Krauss W. 209

Lamalle E. 5

Landívar R. 244

Lanseros M. 320

Lanz A. M. 270, 271

Lauroyre Fr. 104

Latourelle R. 172, 173

Laurens J. 6, 131, 132

Leary J. 148

Lees F. N. 220

Leite S. 154, 278, 296

Lemeunier F. 170

Leturia P. de 256-258

Lizarralde A. de 259

Llorente D. 288

Lopes E. C. 279

Lowell R. 219

Lyonnet P. 264

Macelwane J. B. 139

MacMahon B. 70

Mahieu L. 38, 39

Maisonneuve H. 40

Majkowski J. 239, 240

Mancini Giancarlo G. 245

Manso de Zuñiga G. 110

Marçal E. 212

Mariluz Urquijo J. M. 179

Martindale C. C. 14

Mary Patricia, Sister 221

Mateos F. 79

McClushey N. G. 148

McGloin J. B. 27

McHugh M. 148

McLuhan H. M. 219

Mélida J. 341

Méndez Plancarte A. 105, 200

Mensaert G. 119

Meeuweese K. 229

Miles J. 219

Millares Carlos A. 155, 156

Mizener A. 219

Moisy P. 41, 42, 190

Monsen M. M. 189

Morán A. 160

Moreau E. de 201, 202

Morta Figuls A. 321

Mueller Fr. 286

Mulcahy R. E. 286

Muñoyerro L. A. 291

Murphy J. V. 148

Navarro B. 106

Nédoncelle M. 15

Nell-Breuning O. von 286

O'Connor J. V. 182

Oesch A. 214

Ogara Fl. 300

Olazarán J. 181

Olphe-Gaillard M. 180

Onis J. de 230

Optat de Veghel 193

O'Rahilly A. 176

Owens M. L. 28

Pacheco J. M. 96

Paço A. do 231

Patterson W. T. 148

Pelster Fr. 194

Peña R. I. 80

Peregrino da Costa P. J. 111

Pérez A. M. 246

Pericot L. 232

Picón-Salas M. 183

Pighi G. B. 247

Pinard de la Baullaye H. 146

Piron P. 342

Pita E. B. 322

Plattner F. A. 112

Policastro G. 52

Poreye R. 21

Prats J. J. 148

Purdie E. 144

Quacquarelli A. 166

Racette J. 191

Radul-Zatykoskij J. B. 133

Rahner H. 260

Ramirez Fr. 290

Ramirez Araujo A. 331

Read W. J. 196

Renaud F. 272

Rétif A. 67

Revah I. S. 333

Rey Stolle A. 370

Ribera A. L. 81

Ricard R.	64, 107	Schütte J. Fr.	329	Varillon Fr.	265
Rico González V. . .	108	Sclafert Cl.	266	Vaucher A. F.	241
Robleda O.	292	Segura Fr.	275	Vázquez de la Torre A.	
Rodrigues Fr.	60	Shanahan E. A.	158		184
Rodríguez Salcedo S. .	24	Silva M. de.	175	Veiga M. de.	325
Roggan D.	22	Silva Rego A.	124	Verhaaren H.	122
Rojas Guarcidueñas J. .	109	Simón Diaz J.	177	Viaene A.	192
Romera - Navarro M. .	210,	Solano J.	323	Viatte A.	92
	211.	Spalding W.	326	Vicuña A.	262
Rosso G.	269	Stanley G.	91	Vieira A.	334
Rouanet J.	273	Stobie M. R.	223	Vitzthum E.	340
Rouquette R.	274	Suquia Goicoechea A. .	261	Vliebergh E.	302
Rousseau J.	150	Symes G.	222		
Roy A.	150	Szczesniak B.	120, 121,	Walter, Fr. K.	7
Ruiz Moreno A. . . .	304		134, 171.	Warren A.	219
Ruttenauer I.	307	Tacchi Venturi P. . .	54	Warren E. V.	148
Ryckmans G.	285	Talbot Fr. X.	174	Weissenberg P.	11
Sala Balust L.	195	Tedesco V.	324	Welch, S. R.	71-73
Sánchez Alonso B. . .	25	Teixeira M.	343	Whitehall H.	219
Sánchez Cantón Fr. J. .	185	Thorndike L.	140	Wicki J.	125, 250
Sanmartin O.	86	Tondelli L.	305	Winters Y.	226
Santambrogio M. . . .	151	Tucci G.	135	Wolleson Ch. A. . . .	148
Santini L.	85	Vaes M.	163	Woodring C. R. . . .	227
Scaduto M.	53, 287	Valllette J.	225	Wyls J.	330.
Scheifler J. R. . . .	100, 249	Van Delft M.	147		
Schenone H.	81	Van Landschoot A. .	238	Yenni J.	286
Scherer E. Cl.	328	Van Puyvelde L. . . .	55	Zalewski L.	58
Schmidlin J.	43	Van Stockum Th. C. .	308	Zavatti S.	327
Schoenberg W. P. . .	148	Van de Vorst Ch. . .	23	Zimmers E. R. . . .	148
Schultze B.	306	Van Wingene H. . . .	153	Zuretti J. C.	82
Schurhammer G. . . .	126				

VI. - SELECTIORES NUNTII DE HISTORIOGRAPHIA S. I.

I. - NUNTII DE INSTITUTO HISTORICO S. I.

Mense decembri 1951 *Monumentis historicis S. I.* edendis operam dant Romae PP. Candidus de Dalmases (Prov. Tarraconensis), operis moderator et director totius Instituti; Felix Zubillaga (Prov. Castellanae Orientalis), submoderator sectionis Missionum ac editor monumentorum Mexicanorum; Antonius de Egaña (Prov. Legionensis) pro Peruvianis; Seraphim Leite (Prov. Lusitanae) pro Brasiliensibus; Iosephus Fr. Schütte (Prov. Germaniae Inferioris) pro Iaponicis; Iosephus Wicki (Viceprov. Helvetiae) pro Indicis. P. Iosephus Sebes (Prov. Hungariae), de quo infra, monumenta parabit Sinica. In sectione Ignatiana laborant etiam, praeter P. de Dalmases, PP. Emmanuel Candal (Prov. Legionensis), professor Pont. Instituti Orientalis in Urbe; Iosephus Calveras (Prov. Tarraconensis), Barcinonensis Collegii Sancti Ignatii; Ignatius Iparraguirre (Prov. Castellanae Occidentalis), hoc anno professor in Collegio Maximo Oniensi; Michaël Nicolau (Prov. Toletanae), in Facultate Theologica Granatensi.

Socii Instituti historici numerantur praeterea PP. Michaël Battlori (Prov. Tarraconensis), moderator *Archivi historici S. I.*; Ernestus Iosephus Burrus (Prov. Neo-Aurelianensis), eiusdem periodici secretarius; Edmundus Lamalle (Prov. Belgicae Meridionalis), bibliothecarius, ac moderator *Bibliothecae Instituti historici S. I.*; Gulielmus Kratz (Prov. Germaniae Inferioris); Petrus Pirri (Prov. Romanae); Marius Scaduto (Prov. Siculæ), historicus Assistantiae Italicae; Georgius Schurhammer (Prov. Germaniae Superioris).

P. Felix Zubillaga, qui a. 1946 edidit *Monumenta Antiquae Floridae (1566-1572)*, longius iter instituit mense maio 1950 in Status Foederatos, Mexicum, Guatimalam, Cubam, Chile, ut praecipua archiva ibi exploraret et photographice imprimaret ea documenta quae edendis Monumentis Mexicanis apte inservire possent. Ad hunc finem sedulo scrutatus est bibliothecas Newberry, Berkeley, Huntington, Ysletensem in Statibus Unitis sitas. Fere totum annum operam dedit documentis reperiendis in Mexico, praesertim in eiusdem urbe capitali; neque bibliothecas et archiva neglexit earum urbium et missionum ubi Societatis Iesu Collegia vel Ecclesiae ante suppressionem extiterunt, uti Morelia (olim Valladolid), Pátzcuaro, Guadalajara, León, Guanajuato, San Luis Potosí, Zacatecas, Durango, Parral, Chihuahua, Tarahumara, Saltillo, Monterrey, Angelopolis (Puebla), Antequera (Oaxaca), Chiapas. An. 1951 a mense iulio ad septembrem iter suscepit per Guatimalam, Cubam, Chile; Romam tandem regressus est mense octobri 1951.

P. Iosephus Sebes se parat in sectione Orientali Universitatis Harvard ad *Monumenta Sinica* mox edenda. Thesis a commissione studiorum adprobata ad lauream consequendam sic se habet, « Western

Impact on China in the 16th and 17th Centuries ». Consiliarius eius curriculi est Professor Lien-Sheng Yang.

Libri a sociis Instituti Historicorum S. I. a. 1951 editi: P. Candidus de Dalmases: *Fontes Narrativi de S. Ignatio de Loyola*, vol. II, *Narrationes scriptae annis 1557-1574* (Romae, MHSI, 1951), 8°, XXIV-64-631 p.

P. Franciscus I. Schütte: *Valignanos Missionsgrundsätze für Japan*, I Band, *Von der Ernennung zum Visitator bis zum ersten Abschied von Japan*, I Teil: *Das Problem, 1573-1580* (Romae 1951), 8°, LVI-474 p., ill.

P. Iosephus Wicki: *Le Père Jean Leunis S. I. (1532-1584), fondateur des Congrégations Mariales*. Avec la collaboration de R. Dendal S. I. (Romae, Inst. hist. S. I., 1951), 8°, XXI-138 p.

P. Petrus Pirri: *Pio IX e Vittorio Emanuele II. Parte. II La Questione Romana, 1856-1864* (Romae 1951), 2 vol. in 8°, XVI-600 et XII-334 p. (= Misc. Hist. Pont., XVI-XVII).

II. - ALII NUNTII.

Recurrente quinto festo saeculari ex quo ortus est Christophorus Columbus, urbs Genua instituit expositionem historicam et congressum internationalem a 15 ad 17 martii 1951 (Convegno Internazionale di Studi Colombiani) cui interfuerunt historici e viginti amplius etiam dis-sitis nationibus, praesidibus Paulo Revelli et Iosepho Rosso Universitatis Genuensis professoribus. E sociis et collaboratoribus nostri Instituti adfuerunt invitati, praeter subscriptum: P. E. Lamalle, cuius commentarius de sectione americana operis MHSI, titulo *Pour l'édition systématique des rapports et des lettres des missionnaires jésuites en Amérique*, meruit ut Congressus in ipsis actis scriptis plauderet laboribus ab Instituto nostro hac in re susceptis et suscipiendis; P. S. Leite, qui adstantes fecit certiores magni momenti quod praeseferunt *As primeiras cartas dos jesuítas do Brasil para o conhecimento da América*; P. P. de Leturia, qui disseerunt *Los ideales religiosos de la carta de mayorazgo de Colón*; P. M. Batllori, qui exposuit *Les idées géographiques de R. Lulle et leur diffusion à Gênes et en Italie aux XIV^e et XV^e siècles atque etiam L'interesse americanista nell'Italia del settecento: il contributo spagnuolo e portoghese* (quae indagatio de Societate Iesu extincta tractabat). Professor I. Rosso, secretarius huius congressus, verba faciens de *La città legendaria dei Cesari e l'esplorazione del Sud America* innuit praesertim Ligurem P. Nicolaum Mascarini S. I. (cf. AHSI, XIX, 1950, 3-74); ac P. F. de Dainville, e redactione periodici « *Etudes* », exposuit *La connaissance de l'Amérique à travers les cours et les manuels des écoliers français du XVI^e et XVII^e siècles*.

Quadragesimum fundationis annum commemorarunt: Collegium Romanum die 23 februarii, Collegium Venetum post ferias paschales, Collegium Ferrariense mense iunio, Collegium Bononiense mense octobri (cf. AHSI, VI, 1937, 288).

Notus historicus, P. Petrus Tacchi Venturi S. I., nuper edidit alteram partem secundi voluminis operis, *Storia della Compagnia di Gesù in Italia*, quae agit de Societate in hac regione laborante a solemnis

eius approbatione ad mortem usque S. Ignatii (1540-1556) (Romae 1951) 8º, XXXVIII-717 (Edizioni « La Civiltà Cattolica »).

III. - NECROLOGIA SCRIPTORUM DE HISTORIA S. I.

1. AFRANIUS PEIXOTO, scriptor praeclarus Brasiliae et lector Universitatis, ortus est Lençois in Stato Baiensi die 17 decembris 1876. Strenuus et indefessus indagator, studia historica Societatem Iesu in patria attingentia maxime promovit. Obiit in urbe Fluminis Ianuarii die 12 ianuarii 1947. Eius biographus Leonidius Ribeiro 141 volumina ab eo scripta enumerat, et quibus, praeter complures orationes de nostro Ordine habitas atque prooemia variis libris de Societate tractantibus adfixa, haec notanda videntur.

PRAECIPUA DE HISTORIA S. I. SCRIPTA: *Vieira Brasileiro*, 2 vol. (Lisboa 1921). - *Os melhores Sermões de Vieira* (Rio de Janeiro 1921). - *Cartas Jesuíticas II: Cartas Avulsas*, com Introdução, sinopse histórica e notas. Edição da Academia Brasileira de Letras, Coleção « Afrânia Peixoto » (Rio de Janeiro 1931). - *Oblação à Companhia de Jesus no seu IV Centenário* (ib. 1940). Haec oratio habita est in Academia Brasiliensi, et postea in multis ephemeridibus Lusitanis et Brasilicis edita, tandem iterum inclusa in eius libro *Poeira da Estrada* (São Paulo 1944) 224-257.

2. P. ANTONIUS LEANZA S. I., ortus die 25 martii 1875 Giarre in Sicilia, ingressus est Societatem Iesu die 3 septembris 1891. Studiis perfectis collaboravit (1909-1913) in periodico « La Civiltà Cattolica ». Postquam munieribus Socii P. Provincialis (1913-1917), Rectoris Collegii S. Aloysii Birkirkensis (B'Kara in insula Melitensi) (1917-1922), et Aci-regalensis (1929-1933) functus est, ab anno 1934 ad mortem usque se dedit historiae Provinciae Siculae conscribendae. Iam antea plura opera et opuscula historica scripserat, ut ex infra indicandis patebit. Obiit in urbe Birkirkensi die 29 iulii 1949.

PRAECIPUA EIUS DE HISTORIA S. I. SCRIPTA: *I Gesuiti in Sicilia nel secolo XIX* (Palermo 1914). - *Gli ultimi giorni dei Gesuiti in Sicilia nel 1860* (Arcireale 1924). - *Nel Cinquantesimo del Collegio di Messina dei Padri della Compagnia di Gesù* (1884-1934) (Messina 1935). - *Collegium Melitense 1593-1768. Ex Alumni Societatis Iesu Melitenses et Gaudisenses*, 1935, p. 13-15. - *I Gesuiti in Malta al tempo dei Cavalieri Gerosolimitani, Conferenza...* (Malta 1934). - *La Compagnia di Gesù e la Sacra Milizia Gerosolimitana di Malta* (Roma 1939). - *Albori di fede e d'italianità in Etiopia (P. Antonio Bruno Messinese Missionario in Abissinia)* (Acireale 1938). - *P. Vincenzo Damiani (1615-1649); P. Prospero Intorcetta (1624-1696)* ap. *Florilegio Apostolico* (Venezia 1916) 137-140, 117-122.

3. RODULFUS GARCIA, notus Brasiliae historicus et Bibliothecae Nationalis director, natus est Ceará Mirim in Stato Rio Grande do Norte die 25 maii 1873 et e vita excessit die 14 novembris 1949. In fere innumeris operibus de Societate tractavit. Libris qui infra enumerantur de Societate Iesu, prooemia eruditio referta aut commentarios varios adiunxit.

PRAECIPUA EIUS DE HISTORIA S. I. SCRIPTA: *O Didrio do P. Samuel Fritz*. Re-vista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 81 (Rio de Janeiro 1917) 353-393. - *FERNÃO CARDIM, Tratados da Terra e Gente do Brasil* (Rio de Janeiro 1925). -

MANUEL DA NÓBREGA, *Cartas do Brasil* (Rio de Janeiro 1929) (= vol. I. *Cartas Jesuíticas*, edição da Academia Brasileira de Letras, Coleção « Afrâncio Peixoto »). - *História do Colégio da Capitania de Pernambuco*, Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 49 (1936) 5-54. LUIS VINCÉNCIO MAMIANI, *Catecismo da Doutrina Christã na lingua Brasilica da Nação Kiriri* (Rio de Janeiro 1942).

4. Optime de patria Mexicana meritus est indefessus et strenuus Presbyter Doctor GABRIEL MÉNDEZ PLANCARTE, qui, ortus die 24 Ianuarii 1905 Zamorae (Michoacán), e vita excessit die 16 decembris 1949. Alumnus Angelopolitani (Puebla) Collegii SS. Cordis Iesu et Pii Latini Americani in Urbe, sacerdotio est auctus die 30 octobris 1927. Summa cum laude et philosophiae laurea est redimitus iam a. 1924 et theologiae a. 1928 in Universitate Gregoriana. *Abside* periodicum quadrimestre, praecipue litterarum studia exhibens, instituit et ad mortem usque direxit. In Seminario Zamorano (1929-1932) et in Mexicano (1932-1949) philosophiam et theogiam inter alia professus est. Adscitus est Academiae Mexicanae a. 1946. Extra ditiones Mexicanas cursus litterarios tradidit in Statibus Foederatis et Canada. Poëta non mediocris et carmina ex aliis linguis in hispanam versus est et propria cecinit. Severe tamen disciplinam de rebus historicis non spernit ut testes sunt libri infra indicandi. Priora saecula regionis Novae Hispaniae, praesertim XVI-XVIII investigavit, thesaurosque inventos libris, periodicis, collationibus large pandit.

PRAECIPUA EIUS ALIQUA DE HISTORIA S. I. SCRIPTA: *Humanistas del siglo XVIII. Introducción y selección* (México 1941) (= Ediciones de la Universidad Nacional Autónoma). - *Nueve poemas inéditos del P. Juan Luis Maneiro [S. I.] (1744-1802)*. Edición crítica, introducción y notas (México 1942) (= Bajo el Signo de Abside). - Plura capita in *Horacio en México*. (México 1937) (= Ediciones de la Universidad Nacional). - Ad prelum paratum: JOSÉ MARIANO ITURRIAGA S. I.: *La Californiada, un poema latino inédito de 1740 et Antología de poetas latino-mexicanos*: hoc florilegium continet carmina plurium sodalium Iesu, ut Raphaelis Landívar, Iohannis Aloysii Maneiro, Francisci Xav. Alegre, Didaci Iosephi Abad, Vincentii López, Andreae Didaci Fuentes.

5. HYACHINTHUS JIJÓN Y CAAMAÑO. E periodico « Journal de la Société des Américanistes » 39 (1950) 252-253 certiores sumus facti notum historicum aequatoriensem Quito degentem nuper e vita excedisse.

PRAECIPUUM EIUS DE S. I. SCRIPTUM: Edidit cum premio et brevi commentario: *Historia de la Compañía de Jesús. Memorias para la historia de la provincia que tuvo la Compañía de Jesús en Nueva España. Escritas por el Padre Javier Alegre de la misma Compañía* (México 1940); manuscriptum huius operis in Italia tempore exsilii Patris Alegre (1767-1788) confectum, repertum emptumque a domino Jijón y Caamaño, est nova ac brevior redactio notissimae illius historiae ab Alegre scriptae 1763-1766 et Mexici a Carolo M. Bustamante 1841-42 [43] editae.

6. P. SIMON G. PERERA S. I., die 5 iunii 1882 natus in oppido Kalatura in insula Taprobanensi (Ceylon), nomen dedit Societati Iesu die 7 septembris 1905. Studiis feliciter peractis amplius 25 annis praesertim in Collegio S. Aloisii in urbe Galle sito docendo, concionando, scribendo indefessum apostolatum exercuit. Ad investigandam historiam S. I.

pluras bibliothecas in primis Goae, Eborae, Olisipone, Romae, Hagae Comitis, Londinii sitas exploravit. Plura scripsit de linguis patriis, edititque libros de historia ecclesiastica et generali Taprobanensi, e quibus notissimus est *A History of Ceylon for Schools* saepe saepius excussus. Obiit in urbe Galle die 19 februarii 1950.

PRAECIPUA ALIQUA EIUS DE HISTORIA S. I. SCRIPTA: FERNÃO DE QUEYROZ S. I.: *The Temporal and Spiritual Conquest of Ceylon, translated from the Portuguese*, 6 libri in 3 vol. (Colombo 1930). - *The Jesuits in Ceylon* (Colombo 1941); hic liber citatur secundum *Extract from The Aloysian* vol. VI, n. 3. - *The Jesuits in Ceylon in the 16th and 17th Centuries*, The Ceylon Antiquary Register, 1 (1915-1916) 217-226; 2 (1916-1917) 1-25, 69-90, 224-235; 3 (1917-1918) 19-35, 116-130; 4 (1918-1919) 95-101, 150-151; 5 (1919-1920) 31-41, 81-87, 125-137, 196-201. - *The 'Conquista de Ceylão' by Fernão de Queyroz S. I.*, ib., 2 (1916-1917) 158-166, 263-271. - *Historical Records of the Society of Jesus*, ib., 2 (1916-1917) 130-136; 3 (1917-1918) 49-52, 216-218; 6 (1920-1921) 69-73. - *Rev. Father J. P. D'Herde S. I.*, The Aloysian 1 (1917) 262-266. Vide sis alia plura in *The Aloysian* 3, n. 3 et 4.

7. P. DOROTHEUS SCHILLING O. F. M., natus Altenmittlau in Germania die 20 iunii 1886, ingressus est Ordinem Franciscanum die 25 aprilis 1905. Sacerdotio initiatius die 14 iulii 1912, iter suscepit in Iaponiam, ubi renuntiatus est director Seminarii Hako-date et editor periodici in singulas hebdomades emissi Kompo. Cum autem « Antonianum » sectionem missiologicam instituisset, ad Urbem est arcessitus ut Methodologiam et Scientiam Pastoralem traderet. Postea in Pontificio Collegio de Propaganda Fide etiam docuit linguam et litteras nipponicas. Romae obiit die 5 iunii 1950.

PRAECIPUA EIUS DE HISTORIA S. I. SCRIPTA: *Attività scolastica dei Gesuiti nel Giappone durante i secoli XVI e XVII*, II Pensiero Missionario, 9 (Roma 1937) 3-29. - *Das japanische Sprachstudium der Jesuiten im 16 und 17 Jahrhundert*, Thuringia Franciscana, 9 (Fulda 1929) 169-175; *Die katholischen Missionen*, 56 (München-Gladbach 1930) 42-44. - *Ju roku-shichi seiki ni okeru Jezusukwai-shi no kyoiku jigyō* (Scholae Jesuitarum in Japonia sitae), Katorikku Daijiten (Encyclopaedia Catholica) 1 (Tokio 1940) 742-751. - *Neue Funde zur « Historia de Japão » von Luis Frois, S. I.*, Zeitschrift für Missionswissenschaft und Religionswissenschaft, 23 (Münster i. W. 1933) 337-343; etiam invenitur in: *P. Luis Frois, S. I. Segunda parte da Historia de Japão, que trata das couzas que socederão nesta V. Província da Hera de 1578 por diante, començando pela conversão do rey de Bungo (1578-1582). Capítulos I a XLIII...* edidatos e anotados por João do Amaral Abrantes Pinto e Yohitomo Okamoto (Tokio 1938) pp. IV-XIII. - *Primum operis P. Frois (pp. I-III. Die Schultätigkeit der Jesuiten während des 16. und 17. Jahrhunderts*, Die katholischen Missionen, 65 (Düsseldorf 1937) 211-215, 239-243, 294-297. - *Das Schulwesen der Jesuiten in Japan (1551-1614)*. Mit zwei Karten (Leipzig 1930), thesis ad lauream consequendam, quae eodem anno in lingua nipponica est versa. - *Zur Geschichte des Martyrerberichtes des P. Luis Frois, S. I.*, AHSI, 6 (1937) 107-113. - *Omnia citantur hic secundum Archivo ibero-americano*, n. s. 11 (1951) 343-357.

8. P. PAULUS PEETERS S. I. Insignem hunc hagiographum et orientalistam, praesidem Bollandistarum, oportet hic commemorare, quippe qui etiam plura de historia S. I. scripserit. In urbe Tornaco (Tournai)

die 20 septembris 1870 ortus, Societatem Iesu est ingressus die 24 sept. 1887. Mira facilitate ediscendi linguas difficiles fuit praeditus. Dum studiis sacris se dat, tradit et linguas classicas et hebraicam. Suo marte armeniacum neconon et russiacum didicit, antequam ad theologiam est profectus. Anno 1901, una cum Ludovico fratre, ad sacerdotium est evectus. Theologia vix peracta traiecit in Syriam ad vires fractas reficiendas et linguam arabicam ediscendam. Collegio Bollandistarum a. 1905 est adscriptus ampliusque 45 annis totum se dedit arduae indagationi, et plurima opera hagiographica orientalia edidit. 1930 consultor designatus est Sacrae Congregationis Rituum in sectione historica. 1933 nominatus est socius Regalis Academiae Belgicae. 1942 Pontificia Academia Romana Archaeologiae eum inter socios adscivit. 1946 Universitas Argentoratensis eum insignivit titulo doctoris theologiae in honorem; Lovaniensis autem a. 1947, et philologiae et historiae orientalis. Praemium quinquennale scientiarum ad historiam pertinentium Patri Peeters fuit decretum a. 1950. Quanti habitus sit ab eruditis, testes sunt duo volumina (= *Analecta Bollandiana* 67-68) elucubrationibus profundis referta et Patri Peeters annum agenti octogesimum dicata (1950). Obiit Bruxellis die 18 augusti 1950.

PRAECIPUA QUAEDAM EIUS DE HISTORIA S. I. SCRIPTA: Haec omnia indicantur secundum *Analecta Bollandiana* 69, 1 (1951) p. XLVIII-LIX. *Henry Beck, de la Compagnie de Jésus missionnaire au Congo Belge* (Bruges 1898); 2^e ed. 1899; 3^a 1910; 4^a [1911]. - *L'œuvre des Bollandistes* (Bruxelles 1942) (= Mémoires de l'Académie Royale de Belgique, Classe de Lettres, collection in 8^e, 2^e série, vol. 39 n. 4, n. 24 de la collection *Subsidia hagiographica*). - *Figures bollandiennes contemporaines* (Bruxelles 1948) (= Collection *Durandal* n. 72); capita I, II, III, IV sunt novae editiones praecedentium studiorum: *Le Révérend Père Charles De Smedt, Analecta Bollandiana*, 30 (1911) 1-10, *Le Révérend Père Albert Poncelet*, ibid. 31 (1912) 129-136; *Le R. P. François Van Ortry*, ibid. 39 (1921) 5-19; *Le R. P. Hippolyte Delehaye*, ibid. 60 (1942) 1-XXXVII; capita vero III et VI, sequentium: *Le Révérend Père Van den Gheyn*, Revue des questions scientifiques, 3^e série, 23 (1913) 389-396; *Le Révérend Père Henri Bosmans S. I.*, ibid., 4^e série, 13 (1928) 201-214. - *Après un siècle: L'œuvre des Bollandistes de 1837 à 1937*, *Analecta bollandiana*, 55 (1937) V-XLIV; forma brevior eiusdem elucubrationis: *L'œuvre des Bollandistes de 1837 à 1937*, *Le Flambeau*, 20 (1937) 539-570. - *Comptrendu critique de Lucien Roure S. I. Doctrines et problèmes*, Revue des questions scientifiques, 2^e série, 17 (1900) 636-638. - *Les Missions catholiques et les langues indigènes*, Missions belges de la Compagnie de Jésus, 7 (1905) 19-39; eiusdem elucubrationis nova editio notabiliter aucta inventur in Revue des questions scientifiques, 3^e série, 7 (1905) 575-615. - *Recensio libri: Henri Dugout S. J., Atlas philologique élémentaire*, Missions belges de la C. de J., 13 (1911) 36-37. - *Necrologium: Le Révérend Père Charles De Smedt*, Revues des questions scientifiques, 3^e série, 19 (1911) 693-696. - *Le R. P. Carlos Lefèvre*, *Hauteclaire*, 4 (1934) 1-11.

9. P. Ioannes MacErlean S. I. ortus die 15 februarii 1870 Belfast in Hibernia, Societati Iesu nomen dedit die 28 septembris 1888. Ad insitam eius facilitatem linguas callendi, accessit quod in aliis provinciis magnam curriculi partem absolvere potuit, quippe qui philosophiae operam dederit in provincia Germaniae et Campaniae, tertiam autem probationem in provincia Aragoniae peregerit. Studiis feliciter peractis,

in collegio Milltownensi 1908-1915 non solum Sacram Scripturam et linguam hebraicam theologiae tradidit, sed et scriptorem egit. Ab anno vero 1917 cum redactorem periodici « Studies » adiuvaret, scriptor historiae provinciae Hiberniae est renuntiatus, neque in hoc officio desiit usque ad diem obitum 24 septembris 1950.

PRAEPIPUA EIUS DE HISTORIA S. I. SCRIPTA: *The Sodality of Our Lady in Ireland* (Dublin 1928). - *Fr. Richard Conway S. I.*, Irish Monthly 51 et 52 (1923-1924). - *Fr. Joseph Pignatelli S. I.*, ib., 61 (1933). - *Clement XIV and the Suppression of the Jesuits*, Studies 22 (1933). - Haec elucubrationes relatae sunt in annuario *The Irish Jesuit Directory: The Society of Jesus in Ireland before the Suppression* (1928). - *Superiors of the Irish Mission of the Society of Jesus 1598-1774* (1929). - *Irish Jesuits in Foreign Missions from 1574 to 1773* (1930). - *Bellarmino and Ireland* (1932). - *The Dublin Residence of the Society of Jesus 1598-1892* (1933). - *Fr. Richard Conway S. I. 1573-1626* (1931) est redactio brevior studiorum in Irish Monthly editorum.

10. P. JOSEPHUS SORRENTINO S. I., natus Neapoli die 16 martii 1886, ingressus est Societatem Iesu die 28 septembris 1903. Cum ad laborandum in missione Neapolitana in Statibus Colorado et Novi Mexici se obtulisset, a. 1906, rhetorica absoluta, missus est in Status Foederatos ut philosophiae incumberet Woodstock in Marylandia. Magisterium (1909-1911) in Mexico peregit, quo facilius linguam hispanam ediscere posset. Woodstock regressus est ut operam daret theologiae, ibique die 24 iunii 1914 sacerdotio est auctus. Studiis tandem peractis laborare incepit in parte septentrionali missionis Patribus neapolitanis commissae ad annum 1920 usque, quo in provinciam rediit. Dum autem versatur in Colorado et Novo Mexico ea documenta consulere vel colligere potuit quae postea inservierunt operi historico conscribendo, *Dalle Montagne rocciose al Rio Bravo* (Napoli s. a.). In Italiam reversus, sacris ministeriis docendo et concionando totum se dedit. Die 24 martii 1951 Neapoli vita decessit.

11. P. AEMILIUS FULVIUS CORDIGNANO S. I. natus est die 19 octobris 1887 Moggio Udinese in Italia. Societati Iesu nomen dedit die 19 maii 1905. Cum magisterium in Collegio Pontificio Scodrensi (Scutari) in Albania (1912-1917) peregisset, ortum est studium huius regionis historiae, de qua plura postea scripturus et editurus erat. Studiis absolutis, linguas italam, latinam, graecam tradidit (1924-1925) in eodem Collegio Pontificio. Iam ab anno 1926 (in residentia Scodrensi, Collegio Patavino, residentia Panormitana alibique in Italia) historiae conscribendae se dedit. Obiit Romae die 9 maii 1951.

Etsi plura volumina de lingua et historia patria scripsit, in iis tamen obiter tantum de Societate Iesu egit. Aliqua etiam de historia S. I. in Albania inedita reliquit.

PRAEPIPUM EIUS DE HISTORIA S. I. scriptum: *L'Albania a traverso l'opera e gli scritti di un grande missionario italiano il P. Domenico Pasi S. I. (1847-1914)*, 3 vol. (Roma, Istituto per l'Europa Orientale, 1933-1934).

E. J. BURRUS S. I.

INDEX

VOLUMINIS XX

I. Commentarii historici.

BATLLORI, Miguel, S. I. - El archivo lingüístico de Hervás en Roma y su reflejo en Wilhelm von Humboldt	59-116
DAINVILLE, François de, S. I. - Le Ratio discendi et docendi de Jouvancy	3-58
LEITE, Serafim, S. I. - Pintores Jesuítas do Brasil	209-230
PIRRI, Pietro, S. I. - Il « Breve compendio » di Achille Gagliardi al vaglio di teologi gesuiti	231-253

II. Textus inediti.

BURRUS, Ernest J., S. I. - A Diary of Exiled Philippine Jesuits (1769-1770)	269-299
SCADUTO, Mario, S. I. - La Ginevra di Teodoro Beza nei ricordi di un gesuita lucano, Luca Pinelli (1542-1607)	117-142
TESCHITEL, Josef, S. I. - Der Nekrolog für P. Martin Gottseer S. I., Gründer des Collegium Nordicum zu Linz (1648-1731)	254-268

III. Commentarii breviores.

CHADWICK, Hubert, S. I. - Paccanarists in England	143-166
LAMALLE, Edmond, S. I. - Cornelis Cort a-t-il gravé un portrait de Saint Ignace de Loyola?	300-305
McGLOIN, John Bernard, S. I. - Michael Accolti Gold Rush Padre and Founder of the California Jesuits	306-315
SCHERER, Dr. Emil Clemens. - Aus Petersburger Briefen an einen Strassburger Exjesuiten (1804-1808)	167-180

IV. Operum iudicia. 181-208, 316-351

(Operum, quae recensentur, auctores infra afferuntur).

V. Bibliographia de Historia S. I.

auctore Edmundo Lamalle S. I.	352-406
---------------------------------------	---------

VI. Selectiores nuntii de historiographia S. I. 407-413

Index voluminis XX	414-416
------------------------------	---------

OPERUM QUAE IUDICANTUR INDEX

	Pag.
BRODRICK, James, S. I. <i>The Origin of the Jesuits and The Progress of the Jesuits</i> . London 1940-1946. 2 vols. (E. J. Burrus)	320-323
Id. <i>Origines et expansion des Jésuites</i> . Traduit par J. Boulangé S. I. Préface de Michel Riquet S. I. Paris 1950. 2 vols. (E. J. Burrus)	323
Id. <i>Petrus Canisius 1521-1597</i> . Aus dem Englischen übersetzt von Dr. Karl Tech. (W. Kratz)	186-188
CATTAUI, Georges. <i>Trois Poètes. Hopkins, Yeats, Eliot</i> . Paris 1947. (A. M. de Aldama)	349
CODY, Alexander J., S. I. <i>A Memoir: Richard A. Gleeson S. I.</i> San Francisco 1950. (E. J. Burrus)	342
DELF, Alfred, S. I. <i>Christ und Gegenwart</i> , 3 Bände, hrsg. von P. Paul Bolkovac. Frankfurt am M. 1949. (B. Ambord)	350-351
<i>Documenta Indica</i> , II (1550-1553). Edidit Joseph Wicki S. I. Romae 1950. (J. Rommerskirchen)	193-195
ESTUDIOS ECLESIÁSTICOS. <i>Francisco Suárez en el IV centenario de su nacimiento</i> . Madrid 1948. (F. de P. Solà)	328-329
GUILTON, Georges, S. I. <i>Un charmeur. Le Père Adolphe Petit 1822-1914</i> . Paris 1950. (A. Dauchy)	206-207
HANKE, Lewis. <i>La lucha por la justicia en la conquista de América</i> . Trad. de Ramón Iglesia. Buenos Aires 1950. (A. de Egaña)	200-202
HÖFFNER, Joseph. <i>Christentum und Menschenwürde</i> . Das Anliegen der spanischen Kolonialethik im goldenen Zeitalter. Trier 1947. (A. de Egaña)	196-200
HURLEY, Thomas, S. I. <i>Father Michael Browne S. I.</i> Dublin 1949. (E. J. Burrus)	207-208
JANELLE, Pierre. <i>The Catholic Reformation</i> . Milwaukee 1949. (M. Scaduto)	181-183
JEDIN, Hubert. <i>Storia del Concilio di Trento</i> . Vol. I. <i>La lotta per il Concilio</i> . Brescia 1949. (M. Scaduto)	316-320
KOHLBACH, Rochus. <i>Der Dom zu Graz. Die fünf Rechnungsbücher der Jesuiten</i> . Graz 1948. (W. Kratz)	330-332
LANDOLT, Hanspeter. <i>Die Jesuitenkirche in Luzern</i> . Ein Beitrag zur Geschichte der Frühbarock-Architektur und Dekoration in der Schweiz. Basel 1947. (M. Batllori)	190-192
LANDOLT, Hanspeter - SEGER, Theodor. <i>Schweizer Barockkirchen</i> . Frauenfeld 1948. (M. Batllori)	190-192
LORTZ, Joseph. <i>Die Reformation als religiöses Anliegen heute. Vier Vorträge im Dienste der Una Sancta</i> . Trier 1948. (M. Scaduto)	181-183
McGLOIN, John B., S. I. <i>Eloquent Indian. The Life of James Bouchard, California Jesuit</i> . Stanford 1949. (E. J. Burrus)	204-206

	Pag.
<i>Memoria del primer Congreso de historiadores de México y los Estados Unidos celebrado en la ciudad de Monterrey, Nuevo León, México, del 4 al 9 de septiembre de 1949.</i> México 1950. (E. J. Burrus).	340-341
NICOLAU, Miguel, S. I. <i>Jerónimo Nadal S. I. (1507-1580). Sus obras y sus doctrinas espirituales.</i> Madrid 1949. (I. Iparraguirre)	325-327
PENSAMIENTO. <i>Sudres en el cuarto centenario de su nacimiento.</i> Madrid 1948. (F. de P. Solà).	329-330
RAZÓN Y FE. <i>Al doctor eximio y piadoso Francisco Suárez en el cuarto centenario de su nacimiento.</i> Madrid 1948. (F. de P. Solà).	328
REYNOLDS, Edward D., S. I. <i>Jesuits for the Negro.</i> New York 1949. (E. J. Burrus)	203-204
RODRIGUES, Francisco, S. I. <i>História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal.</i> IV, 1. Porto 1950 (S. Leite)	323-325
RUGGLES, Eleanor. <i>Gerard Manley Hopkins. A life.</i> London 1947. (A. M. de Aldama).	316-349
SCHÜTTE, Josef Franz, S. I. <i>Valignano's Missionsgrundsätze für Japan.</i> I. Band. <i>Von der Ernenntung zum Visitator bis zum ersten Abschied von Japan (1573-1582).</i> I. Teil. <i>Das Problem (1573-1580).</i> Roma 1951. (G. Schurhammer)	336-337
SIERRA, Vicente D. <i>Los Jesuitas germanos en la conquista espiritual de Hispano-América. Siglos XVII-XVIII.</i> Buenos Aires 1944. (W. Kratz).	337-339
SIMON, A. <i>Le Cardinal Sterckx et son temps (1792-1867)</i> T. I. <i>L'Église et l'État;</i> T. II. <i>L'Église dans l'État.</i> Wetteren 1950. (Ch. Van der Vost)	342-345
SOARES, José Caetano. <i>Macau e a Assistência (Panorama médico-social).</i> Lisboa 1950. (J. Wicki)	195-196
SOUTHERN, A. C. <i>Elizabethan Recusant Prose. 1559-1582.</i> London-Glasgow 1950. (L. Hicks)	188-190
TOMEK, Ernest. <i>Kirchengeschichte Österreichs.</i> 2. Teil. <i>Humanismus, Reformation und Gegenreformation.</i> Innsbruck-Wien 1949. (J. Teschitel)	183-186
TUCCI, Giuseppe. <i>Italia e Oriente.</i> Milano 1949. (J. Wicki)	334-335
WELCH, Sidney R. <i>South Africa under King Sebastian and the Cardinal, 1557-1580.</i> Cape Town-Johannesburg 1949. (J. Wicki)	332-334
ID. <i>Portuguese Rule and Spanish Crown in South Africa, 1581-1640.</i> Cape Town-Johannesburg 1950. (J. Wicki)	333 334
XAVIER, Francisco de. <i>Die Briefe des 1542-1552. Ausgewählt, übertragen und kommentiert von Elisabeth Gräfin Vitzthum.</i> Dritte verbesserte Auflage. München 1950. (J. Wicki)	192-193

APPROBANTIBUS SUPERIORIBUS ECCLESIASTICIS

P. GIUSEPPE CASTELLANI S. I. Responsabile

Tip. Edit. M. PISANI - ISOLA DEL LIRI (Frosinone)

PRINTED IN ITALY

OPERA DIVERSA AD REDACTIONEM MISSA

Seriem hic damus operum quae ab auctoribus vel editoribus ad redactionem nostram vario titulo missa sunt, et de quibus in ipso periodico loqui non possumus, quippe quae specialem illius ambitum (historiam scilicet Societatis Iesu) non attingunt. Ideoque hic non indicantur publicationes quae in iam editis vel proxime edendis commentariis bibliographicis de Ordinis historia suum locum habent.

AGUILERA, Miguel. *La enseñanza de la Historia en Colombia*. — México (Editorial Cultura) 1951, 8º, viii-167 p. (= Instituto Panamericano de Geografía e Historia. Comisión de Historia, 26. Memorias sobre la Enseñanza de la Historia, V).

ALONSO, Dámaso. *La lengua poética de Góngora* (Parte primera, corregida). — Madrid (C. S. I. C., Inst. Mig. de Cervantes) 1950, 8º, 228 p.

Annuaire de l'Académie Royale de Belgique. 1951. CXVII. *Jaarboek van Koninklijke Belgische Academie*. — Bruxelles (Palais des Académies) 1951, 8º, 285 p.

ARGENSOLA, Lupercio y Bartolomé L. de. *Rimas*. Edición, prólogo y notas por J. M. Blecua. 2 vol. — Zaragoza (C. S. I. C., Inst. Mig. de Cervantes) 1951, cxxi-324, lviii-740 p.

ARROYO, Luis, O. F. M. *Comisarios generales del Perú*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Sto. Toribio de Mogrovejo) 1950, 8º, xxi-594 p.

AYALA, F. Javier de. *Ideas políticas de Juan de Solórzano*. — Madrid-Sevilla (C. S. I. C., Escuela de Estudios Hispano-Americanos) 1946, xiii-583 p.

BARÓN CASTRO, Rodolfo. *La población de El Salvador. Estudio acerca de su desenvolvimiento desde la época prehispánica hasta nuestros días*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Fernández de Oviedo) 1942, 8º, 644 p.

BENÍTEZ, Fernando. *La Ruta de Hernán Cortés* — México (Fondo de Cultura Económica) 1950, 8º, 257 p., ilustr.

CABALLERO, Valentín, Sch. P. *Aportaciones pedagógicas de las Escuelas Pías*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. S. José de Calasanz) 1950, 8º, viii-299 p.

CABALLERO, Valentín, Sch. P. *Orientaciones pedagógicas de San José de Calasanz*. Segunda edición. — Madrid C. S. I. C., Inst. S. José de Calasanz) 1945, 8º, 607 p.

CALVETE DE ESTRELLA, Juan Cristóbal. *De rebus Indicis*. Traducción, estudio, notas y prólogo de José López de Toro. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Fernández de Oviedo) 1950, 8º, 2 vol., lxxvi-644 p.

CARO, Miguel Antonio. *Poesías latinas*. Edición dirigida por José Manuel Rivas Sacconi. — Bogotá 1951, 8º, lvi-250 p. (= Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, VI).

CARO, Miguel Antonio. *Versiones latinas*. Edición dirigida por José Manuel Rivas Sacconi. — Bogotá 1951, 8º, 529 p. (= Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, VII).

CARRERES Y DE CALATAYUD, Francisco de A. *Las fiestas valencianas y su expresión poética (siglos XVI-XVIII)*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Jerónimo Zurita) 1949, 8º, 495 p., ill.

Catálogo de los fondos del Consejo de Administración de la Isla de Cuba. Tomo I. A-Ch. — La Habana 1948, 8º, ix-247 p. (= Publicaciones del Archivo Nacional de Cuba, XX).

Colección de diarios y relaciones para la historia de los viajes y descubrimientos: V. Esteban Rodríguez, 1564-1565... Madrid (C. S. I. C., Inst. histórico de Marina) 1947, 8º, 174 p.

Contribuciones a la historia municipal de América, por Rafael Altamira y Crevea. Manuel Carrera Stampa, Francisco Domínguez y Company, Agustín Millares Carlo, Erwin Walter Palm. — México (Editorial Cultura) 1951, 8º, xiii 298 p. (Instituto Panamericano de Geografía e Historia. Comisión de Historia, 14. Estudios de Historia, II).

DARQUENNES, A., S. I. *De Juridische Structuur van de Kerk volgens Sint Thomas van Aquino* (avec un résumé en français). Vorrrede door Prof. Dr. É. Lousse. — Leuven (N. V. De Vlaamse Drukkerij) 1949, 8º, 225 p.

DEL ALAMO, Mateo, y PÉREZ DE URBEL, Justo. *Viaje a Galicia de Fray Martín Sarmiento (1754-1755)*. — Santiago de Compostela (C. S. I. C., Inst. P. Sarmiento) 1950. 8º, 138 p.

DOMÍNGUEZ BERRUETA, Juan. *Filosofía mística española*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Luis Vives) 1947, 8º, 171 p.

EGUIARA Y EGUREN, Juan José de. *Prólogos a la Biblioteca Mexicana*. Nota preliminar por Federico Gómez de Orozco. Versión española... por Agustín Millares Carlo. — México (Fondo de Cultura Económica) 1944, 8º, 302 p.

ELÍAS DE TEJADA, Francisco. *Las doctrinas políticas de Jerónimo Osorio*. Madrid 1945, 8º, 52 p. (= Edición especial del Anuario de Historia del Derecho Español, t. XVI).

FERNÁNDEZ CONDE, Manuel. *España y los Seminarios tridentinos*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Enrique Flórez) 1948, 8º, 93 p.

FLÓREZ, Luis. *La pronunciación del español en Bogotá*. — Bogotá (Ministerio de Educación Nacional) 1951, 8º, 390 p.

GARCÍA FRANCO, Salvador. *Historia del arte y ciencia de navegar. 2 vol.* — Madrid (C. S. I. C., Inst. histórico de Marina) 1947, 8º, 390, 211 p.

GÓMEZ DEL CAMPILLO, Miguel. *Relaciones diplomáticas entre España y los Estados Unidos según los documentos del Archivo Histórico Nacional. 2 vol.* — Madrid (C. S. I. C., Inst. Fernández de Oviedo) 1944-1946, 8º, cxv-558, 665 p.

GOMIS, Juan Bautista, O. F. M. *Criterio social de Luis Vives*. — Madrid (C. S. I. C., Instituto Balmes) 1946, 16º, 372 p.

GONZÁLEZ PALENCIA, Ángel. *Gonzalo Pérez secretario de Felipe Segundo*. 2 vol. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Jerónimo Zurita) 1946, 8º, xiv-668 p.

GRAF, Pablo. *Luis Vives como apologeta. Contribución a la historia de la apologética*. Traducción directa del alemán por José M. Millás Vallencrosa. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Francisco Suárez) 1943, 8º, 158 p.

HANKE, Lewis. *Las Casas historiador. Estudio preliminar a la Historia de las Indias*. — México - Buenos Aires (Fondo de Cultura Económica) 1951, 8º, lxxxi p.

HERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Emilio. *Las ideas pedagógicas del doctor Pedro López de Montoya*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. S. José de Calasanz) 1947, 8º, 419 p.

HERRÁEZ S. DE ESCARICHE, Julia. *Beneficencia de España en Indias. (Avance para su estudio)*. - Madrid-Sevilla (C. S. I. C., Escuela de Estudios Hispano-Americanos) 1949, 8º, 180.

HERRERA ORIA, Enrique, S. I. *Felipe II y el Marqués de Santa Cruz en la empresa de Inglaterra según los documentos del Archivo de Simancas*. Madrid (C. S. I. C., Inst. histórico de Marina) 1946, 8º, 175 p..

Índice de revistas extranjeras. Madrid (Patronato de la Biblioteca Nacional) 1950, 12º, 55 p.

IRIARTE, Mauricio de, S. I. *El Doctor Huarte de San Juan y su «Examen de ingenios»*. Contribución a la historia de la psicología diferencial. 2 ed. — Madrid (C. S. I. C.) 1949, 8º, 425 p.

JIMÉNEZ SALAS, María. *Vida y obras de D. Juan Pablo Forner y Segarra*. — Madrid (C. S. I. C., Instituto Nicolás Antonio) 1944, 8º, 618 p.

LEO, Federico. *Literatura romana*. Traducción castellana directa del alemán anotada y provista de adiciones bibliográficas y de varios índices alfabéticos por U. C. González de la Callé. — Bogotá (Ministerio de Educación Nacional) 1950, 8º, ix-292 p.

LOHMANN VILLENA, Guillermo. *El Conde de Lemos, virrey del Perú*. — Madrid-Sevilla (C. S. I. C., Escuela de Estudios Hispano-Americanos) 1946, 8º, xiv-472 p.

LOHMANN VILLENA, Guillermo. *Las minas de Huancavelica en los siglos XVI y XVII*. — Madrid-Sevilla (C. S. I. C., Escuela de Estudios Hispano-Americanos) 1949, 8º, xiv-465 p.

LÓPEZ, Duarte - PIGAFETTA, Filippo. *Relação do reino de Congo e das terras circunvizinhas*. Tradução de Rosa Capeans. — Lisboa (Agência Geral do Ultramar) 1951, 8º, 148 p.

LOSADA, Angel. *Juan Ginés de Sepúlveda a través de su epistolario y nuevos documentos*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Francisco de Vitoria) 1949, 8º, 681 p.

MALDONADO DE GUEVARA, Francisco. *La Maiestas Cesárea en el Quijote*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Mig. de Cervantes) 1948, 8º, 102 p.

MIRANDA JUNCO, Agustín. *Leyes coloniales*. — Madrid (Imprenta Sucesores de Rivadeneira) 1945, 8º, 1944 col.

MOLINA ARGÜELLO, Carlos. *El Gobernador de Nicaragua en el siglo XVI*. — Madrid-Sevilla (C. S. I. C., Escuela de Estudios Hispano-Americanos) 1949, 8º, ix-251 p.

MORREALE DE CASTRO, Margherita. *Pedro Simón Abril*. Madrid (C. S. I. C., Inst. Miguel de Cervantes) 1949, 8º, 329 p.

MUÑOZ IGLESIAS, Salvador. *Fray Luis de León, teólogo*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Francisco Suárez) 1950, 8º, ix-284 p.

MÚZQUIZ DE MIGUEL, José Luis. *El Conde de Chinchón, virrey del Perú*. — Madrid-Sevilla (C. S. I. C., Escuela de Estudios Hispano-Americanos) 1945, 8º, 334 p.

OLIVEIRA MARTINS, F. A. *Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens*. Vol. I. *Documentos*. Lisboa (Agência Geral das Colónias) 1951, 8º, v-364 p.

OLMOS Y CANALDA, Elías. *Los prelados valentinos*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Jerónimo Zurita) 1949, 8º, 427 p.

OTS CAPDEQUÍ, J. M. *El Estado Español en las Indias*. — México (Fondo e Cultura Económica) 1946, 8º, 242 p.

PALACIO ATARD, Vicente. *El tercer pacto de familia*. Prólogo de V. Rodríguez Casado. — Madrid-Sevilla (C. S. I. C., Escuela de Estudios Hispano-Americanos) 1945, 8º, xv-377 p.

PALMA CHAGUACEDA, Antonio. *El historiador Gonzalo Argote de Molina*. Madrid (C. S. I. C., Inst. Jerónimo Zurita) 1949, 8º, 178 p.

PASTOR Y SANTOS, E. *Territorios de soberanía española en Oceanía*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. de Estudios Africanos) 1950, 8º, 151 p.

URMENETA, Fermín de, *La doctrina psicológica y pedagógica de Luis Vives*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. S. José de Calasanz) 1949, 136 p.

VILANOVA, Antonio. *Erasmo y Cervantes*. — Barcelona (C. S. I. C., Inst. Mig. de Cervantes) 1949, 12º, 62 p.

VIÑAS Y MEY, Carmelo, y PAZ, Ramón. *Relaciones histórico-geográfico-estadísticas de los pueblos de España hechas por iniciativa de Felipe II. Provincia de Madrid*. — Madrid (C. S. I. C., Inst. Balmes) 1949, 8º xvii-784 p.

VIVÓ, Jorge A. *Geografía de México*. — México - Buenos Aires (Fondo de Cultura Económica) 1949, 8º, 325 p. ill.

ARCHIVUM HISTORICUM SOCIETATIS IESU

primo semestri anni 1952 Deo favente in lucem edet:

INDICEM GENERALEM VIGINTI PRIORUM VOLUMINUM

nomina et res praecipuas cum commentariorum
tum «Bibliographiae de historia S. I.» recensentem.

Huiusmodi fasciculus mittetur singulis subscriptoribus qui ante diem
15 mensis martii 1952 ipsum expressis verbis scriptis non repulerint.
Illis quidem solis dempta erit quinta pars pretii huius Indicis (20%).
Pretium ita diminutum addetur solitae subscriptioni pro anno 1952.

Institutionibus et periodicis quibuscum mutua libellorum permutatione
Archivum historicum S. I. utitur, Indicem generalem, nostro Archivo scriptis praemonito, permutare licebit, vel cum ipsorum Indicibus,
si forte habeantur ac Institutum historicum S. I. iis careat, vel cum aliis
operibus historicis aequi momenti.

MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU

Corpus eiusmodi Monumentis edendis libenter emet vel cum aliis
permutabit volumina exhausta, quae sunt:

IO. AL. DE POLANCO *Vita Ignatii Loiolae et rerum Societatis historia seu Chronicon Polanci*, tt. I-VI.

S. IGNATII DE LOYOLA *Epistolae et instructiones seu Monumenta ignatiana*,
ser. I, tt. I-XII.

EIUSDEM *Exercitia spiritualia et eorum Directoria seu Monumenta ignatiana*, ser. II.

Scripta de S. Ignatio de Loiola seu Monumenta ignatiana, ser. IV, tt. I-II.
Monumenta Xaveriana, tt. I-II.

Fabri monumenta.

Lainii monumenta, tt. I-VIII.

Epistolae P. Alph. Salmeronis S. I., t. I-II.

Epistolae PP. P. Broet, Cl. Iaui, I. Coduri et S. Rodericli.

Bobadillae monumenta.

Sanctus Franciscus Borgia, tt. I, III-V.

Polanci complementa, tt. I-II.

Ribadeneira, tt. I-II.

Monumenta paedagogica S. I.

Litterae quadrimestres, tt. V-VI.

DESIDERATA QUAEDAM SPECIALIA: Fasciculi MHSI mensium ianuarii
1904; novembris 1918; septembris, octobris et novembris 1919; martii
et aprilis 1920; iulii-decembris 1920.

EDIZIONI DI STORIA E LETTERATURA

Roma - Via Lancellotti, 18 - Tel. 50.556

È uscito, presso le Edizioni di Storia e Letteratura, il primo volume dell'

ARCHIVIO ITALIANO PER LA STORIA DELLA PIETÀ'

Pagine LXXVI - 484 in 4° grande

Questa pubblicazione, che ha un periodicità libera, si propone di raccogliere, come in un *corpus*, testi originali della pietà, non soltanto cristiana, così dell'oriente come dell'occidente, così antichi come moderni; e, in via d'eccezione, ricerche relative alla pubblicazione futura di simili testi.

I volumi saranno di preferenza dedicati ciascuno a un singolo tema. Il primo è miscellaneo, e miscellaneo sarà anche il secondo, il quale è già in stampa e continuerà con testi che vanno dal secolo XV ai nostri giorni.

SOMMARIO: GIUSEPPE DE LUCA, *Introduzione*, pp. XI-LXXVI. — FRANCESCO DI CAPUÀ, *Preghiere liturgiche, poesia ed eloquenza*, pp. 1-24. — FRANZ PELSTER, *Die Quaestio Heinrichs von Harclay über die zweite Ankunft Christi und die Erwartung des baldigen Weltendes zu Anfang des XIV. Jahrhunderts*, pp. 25-82. — AMÉDÉE TEETAERT, *Quatre questions inédites de Gérard d'Abbeville pour la défense de la supériorité du clergé séculier*, pp. 83-178. — FERDINAND-MARIE DELORME, *Textes franciscains: I. L'explication littérale du 'Pater' selon Pierre-Jean Olivi; II. Lettre à deux novices du monastère cistercien de Chiaravalle près Milan; III. Lettre de S. Bonaventura Innominato Magistro*, pp. 179-218. — GIUSEPPE DE LUCA, *Un formulario della cancelleria francescana e altri formulari tra il XIII e il XIV secolo*, pp. 219-393. — MIQUEL BATLLORI, *Les versions italiennes médiévales d'obres religieuses de Mestre Arnau de Vilanova*, pp. 395-462. — TOMMASO KAEPPELI, *Iacopo da Benevento O. P.*, pp. 463-478.

TIRATURA E PREZZI: Trecentoventi esemplari in carta vergata, di cui venti avanti numero fuori commercio e trecento numerati da 1 a 300. Lit. 15.000. — Cinquanta esemplari in carta Duraflex numerati da I a L. Lit. 50.000. — Ventiquattro esemplari in carta Duraflex contrassegnati con le lettere dell'alfabeto greco e con due acqueforti originali di Giacomo Manzù numerate e firmate dall'autore. Lit. 100.000. — Inoltre, di ogni articolo sono stati tirati cinquanta esemplari in fascicoli separati, il cui prezzo, commisurato al numero delle pagine, viene a essere il seguente: GIUSEPPE DE LUCA, *Introduzione*: Lit. 1.850; FRANCESCO DI CAPUA, *Preghiere liturgiche, poesia ed eloquenza*: Lit. 650; FRANZ PELSTER, *Die Quaestio Heinrichs...*: Lit. 1.650; AMÉDÉE TEETAERT, *Quatre questions inédites...*: Lit. 2.700; FERDINAND-MARIE DELORME, *Textes franciscains...*: Lit. 1.100; GIUSEPPE DE LUCA, *Un formulario della cancelleria...*: Lit. 4.900; MIQUEL BATLLORI, *Les versions italiennes...*: Lit. 1.950; TOMMASO KAEPPELI, *Iacopo da Benevento O. P.*: Lit. 450.

Per le rimesse si prega di servirsi del conto corrente postale N. 1-9059 intestato alle Edizioni di Storia e Letteratura (Roma - Via Lancellotti, 18).

